

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

IARANI AUGUSTA GALUCIO ROCHA LAUXEN

**POR DETRÁS DO MURO CINZA: CONTRIBUIÇÕES
DA ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NO TRATAMENTO PENAL**

São Leopoldo

2018

IARANI AUGUSTA GALUCIO ROCHA LAUXEN

POR DETRÁS DO MURO CINZA: CONTRIBUIÇÕES
DA ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NO TRATAMENTO PENAL

Tese de Doutorado
Para obtenção do grau de
Doutora em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de concentração: Teologia Prática
Linha de pesquisa: Práxis Teológica no
Contexto Pluralista Sócio-Religioso

Orientadora: Gisela Isolde Waechter Streck

São Leopoldo

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L391p Lauxen, Iarani Augusta Galucio Rocha

Por detrás do muro cinza: contribuições da assistência religiosa no tratamento penal/ Iarani Augusta Galucio Rocha Lauxen ; orientadora Gisela Isolde Waechter Streck. – São Leopoldo : EST/PPG, 2018.

256 p. : il. ; 31 cm

Tese (Doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2018.

1. Prisioneiros. 2. Prisão (Direito penal). 3. Assistência social da Igreja. 4. Obras da igreja junto aos presidiários. I. Streck, Gisela I. W. (Gisela Isolde Waechter), orientadora. II. Título.

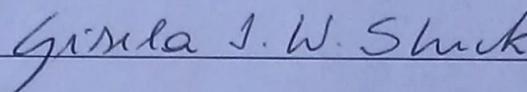
IARANI AUGUSTA GALUCIO ROCHA LAUXEN

**POR DETRÁS DO MURO CINZA: CONTRIBUIÇÕES DA ASSISTÊNCIA
RELIGIOSA NO TRATAMENTO PENAL**

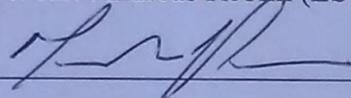
Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutora em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 14 de dezembro de 2018

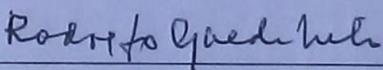
Prof.^a Dr.^a Gisela Isolde Waechter Streck (Presidente)



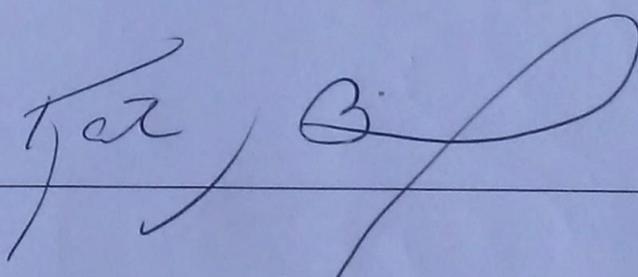
Prof. Dr. Iuri Andréas Reblin (EST)



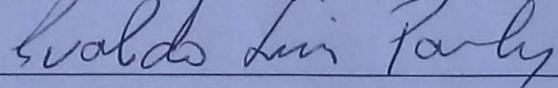
Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto (EST)



Prof.^a Dr.^a Kátia Andrade Biehl (ISEI)



Prof. Dr. Evaldo Luis Pauly (UNILASALLE)



RESUMO

A Constituição Federal em vigor, no seu Art.5º inciso VII, “assegura, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva” e a Lei 7.210/84, mais conhecida como Lei de Execução Penal (LEP), no seu Art.10 versa a "assistência ao preso e ao internado" como um dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade. Dentre as assistências previstas a pessoa privada de liberdade, estão a assistência a saúde, social, material, educacional, jurídica e religiosa. A assistência religiosa por sua vez assume um viés importante e desafiador no bojo do projeto de tratamento penal e embora esteja contemplada na LEP desde 1984, ainda hoje é pouco legitimada no sistema prisional. Diante disso, essa pesquisa buscou investigar, através do estudo de caso, como tem se dado a assistência religiosa às pessoas privadas de liberdade, no cumprimento do regime Semiaberto no Instituto Penal de São Leopoldo (IPSL), Estado do Rio Grande do Sul, e neste íterim as contribuições desta no processo de "ressocialização" e reinserção social em observância ao cuidado com a dimensão da espiritualidade humana no tratamento penal. Os questionários aplicados junto aos privados de liberdade se deu por adesão voluntária, assim como as entrevistas prestadas pela direção do Departamento de Tratamento Penal da Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul, Delegado Penitenciário Regional da 1ª Região Penitenciária, onde está localizado o Instituto Penal de São Leopoldo (IPSL), local do estudo, Administrador do Estabelecimento Prisional, representantes das quatro denominações religiosas que prestam assistência no IPSL, dentre elas a Igreja Universal, Assembleia de Deus, Igreja Evangélica Luterana do Brasil - IELB, Pastoral Carcerária da Igreja Católica, uma pessoa privada de liberdade convertida ao Evangelho na prisão e um egresso do Sistema Prisional. Os dados coletados nas entrevistas aparecem no texto dialogando com os conceitos apresentados na tríade assistência religiosa, pessoas em privação de liberdade e tratamento penal. A sistematização e interpretação dos dados coletados através da aplicação dos questionários e das entrevistas, foram realizadas por meio da análise de conteúdo e do diálogo com os dados da pesquisa bibliográfica, visando a socialização dos resultados finais. O estudo relacionou os dados coletados com o referencial teórico, esperando alcançar os objetivos da pesquisa e atestar a hipótese apresentada no início da investigação. Constatou-se, neste grupo específico, que pessoas que tem acesso a assistência religiosa podem refletir melhor sobre sua condição de aprisionamento e ressignificar novos caminhos e atitudes que os devolvam a sua essência humana, estimulando para um desenvolvimento espiritual e pessoal. Pensar em uma assistência espiritual para além da assistência religiosa, poderia contribuir para a superação de diálogos fundamentalistas ainda muito presentes na sociedade, inclusive dentro do sistema prisional. Pensar em um desenvolvimento espiritual e humano é resgatar a ideia de essência, amor e vida em abundância para todas as pessoas.

Palavras-chave: Assistência Religiosa. Pessoas privadas de liberdade. Tratamento Penal.

ABSTRACT

The Federal Constitution, currently in force, in its Art. 5 subsection VII, “ensures, within the terms of the law, provision of religious assistance in civil and military entities of collective internment” and Law 7,210/84, better known as the Penal Application Law (LEP), in its Art. 10, dictates “assistance to the imprisoned” as a duty of the State, with the goal of preventing crime and orientating the return to conviviality in society. Within the foreseen assistance to persons deprived of liberty, are health, social, material, educational, legal and religious assistance. Religious assistance, in turn, takes on an important and challenging perspective in the scope of criminal treatment and, although it is contemplated in the LEP since 1984, it is still, today, not often legitimated in the prison system. Confronted with this, this research sought to investigate through case studies, how religious assistance has been granted to people deprived of liberty, in their carrying out the Semi-open regime in the Penal Institute of São Leopoldo (IPSL), state of Rio Grande do Sul, and within this context, its contributions in the process of “re-socialization” and social reinsertion in observance of care with the dimension of human spirituality in the criminal treatment. The questionnaires applied with those deprived of liberty took place through voluntary adhesion, as also the interviews done with the directors of the Department of Criminal Treatment of the Superintendency of Penitentiary Services of Rio Grande do Sul, Regional Penitentiary Police Chief of the the 1st Penitentiary Region, where the Criminal Institute of São Leopoldo (IPSL) is located, Administrator of the Prison Establishment, representatives of the four religious denominations which provide assistance in the IPSL, among them the Universal Church, the Assembly of God, the Evangelical Lutheran Church of Brazil - IELB, the Prison Ministry of the Catholic Church, a person deprived of liberty who converted to the Gospel in prison and an ex-prisoner of the Prison System. The data collected in the interviews appear in the text dialoguing with the concepts presented in the triad religious assistance, people deprived of liberty and criminal treatment. The systematization and interpretation of the data collected through the application of the questionnaires and the interviews, were carried out through content analysis and dialog with the data of the bibliographic research, aiming at the socialization of the final results. The study related the collected data with the theoretical referential, hoping to fulfill the goals of the research and attest the hypothesis presented in the beginning of the investigation. It was observed in this specific group, that people with access to religious assistance can better reflect about their condition of imprisonment and re-signify new paths and attitudes which return to them their human essence, stimulating a spiritual and personal development. To think a spiritual assistance beyond the religious assistance could contribute to overcoming fundamentalist dialogs still very much present in society, including within the prison system. To think a spiritual and human development is to recover the idea of essence, love and life in abundance for all people.

Keywords: Religious Assistance. People deprived of liberty. Criminal treatment.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Faixa etária dos privados de liberdade do IPSL.....	69
Tabela 2 - Tempo total de reclusão.....	71
Tabela 3 - Igreja/religião frequentada	72
Tabela 4 - Frequência a Igreja antes da reclusão	72
Tabela 5 - Recebimento de assistência religiosa regime fechado	73
Tabela 6 - Recebimento de assistência religiosa regime semiaberto	73
Tabela 7 - Considera importante assistência religiosa na reclusão?	121
Tabela 8 - Interesse em receber assistência religiosa	122
Tabela 9 - Participação em atividades religiosas no Estabelecimento Penal ..	151
Tabela 10 - Frequência de participação em atividades religiosas	151
Tabela 11 - Interesse em receber assistência religiosa	152

LISTA DE ABREVIações

AADQE	Associação de Assistência ao Dependente Químico e Encarcerados
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS AD	Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas
CGAP	Coordenação-Geral de Assistências nas Penitenciárias
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNPCP	Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária
DEPEN	Departamento Penitenciário Nacional
DISPF	Diretoria do Sistema Penitenciário Federal
DPN	Departamento Penitenciário Nacional
DTP	Desenvolvimento Humano do Departamento de Tratamento Penal
ENESSO	Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social
EP	Estabelecimento Penal
ES.PE.RE	Escolas de Perdão e Reconciliação
ESP	Escola de Serviço Penitenciários da SUSEPE
ESP RS	Escola do Serviço Penitenciário do Rio Grande do Sul
FTIP	Força Tarefa de Intervenção Penitenciária
FUNPEN	Fundo Penitenciário Nacional
IELB	Igreja Evangélica Luterana do Brasil
INFOPEN	Sistema de Informações Estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro
IPSL	Instituto Penal de São Leopoldo
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
LEP	Lei de Execução Penal

PAD	Procedimentos Administrativos Disciplinares
PCr	Pastoral Carcerária
SPF	Sistema Penitenciário Federal
SUSEPE	Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul
SUSIPE	Superintendência do Sistema Penitenciário do Pará
TFD	Programa de Tratamento Fora e Domicílio
UNP	Universal nas Prisões

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 O SURGIMENTO DO APRISIONAMENTO E DA ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NAS PRISÕES	37
2.1 Breve histórico do aprisionamento na história, na tradição bíblico-teológica e na contemporaneidade	39
2.2 O Sistema Penitenciário Brasileiro, a Lei de Execução Penal (LEP) e interface com a Assistência Religiosa	46
<i>2.2.1 Considerações sobre a Assistência Religiosa no Sistema Penitenciário Gaúcho</i>	<i>59</i>
<i>2.2.2 Perspectivas sobre a Assistência Religiosa no Instituto Penal de São Leopoldo - estudo de caso.....</i>	<i>68</i>
3 O ESTUDO DE CASO SOBRE A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NO INSTITUTO PENAL DE SÃO LEOPOLDO (IPSL)	79
3.1 As igrejas, os grupos religiosos e a assistência religiosa no IPSL	79
3.2 A Universal nas Prisões (UNP): a assistência religiosa prestada pela Igreja Universal do Reino de Deus	83
3.3 Esperança no Cárcere: a assistência religiosa da Congregação Veneza da Igreja Assembleia de Deus	89
3.4 Pastoral Carcerária do Brasil: a assistência religiosa da Igreja Católica.....	98
3.5 Seminário Concórdia: experiências sobre o Estágio de Capelania Prisional da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB)	104
4 A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA E A CONTRIBUIÇÃO PARA A DIMENSÃO DA ESPIRITUALIDADE HUMANA DAS PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE	113
4.1 A importância da Assistência Religiosa no tratamento penal	114
<i>4.1.1 A premissa da gestão penitenciária</i>	<i>115</i>
<i>4.1.2 A premissa das pessoas privadas de liberdade</i>	<i>120</i>
<i>4.1.3 A premissa dos representantes dos grupos religiosos</i>	<i>122</i>
4.2 A importância do cuidado com a dimensão da Espiritualidade Humana no tratamento penal	133
<i>4.2.1 Conceitos teóricos sobre a espiritualidade humana</i>	<i>133</i>

4.2.3 *Pressupostos dos grupos religiosos sobre a dimensão da espiritualidade humana nas prisões* 139

5 DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NO SISTEMA PENITENCIÁRIO..... 149

5.1 Dificuldades e dilemas da Assistência Religiosa nas prisões 149

5.2 Perspectivas e Contribuições à efetivação da assistência religiosa no tratamento penal..... 160

5.3 (E) Feitos da assistência religiosa no tratamento penal e na reinserção social 168

5.3.1 Relato de um privado de liberdade sobre sua experiência com assistência religiosa no tratamento penal..... 168

5.3.2 Relato de um egresso do sistema penitenciário sobre a influência da assistência religiosa no seu tratamento penal e reinserção social 173

6 CONCLUSÃO..... 181

REFERÊNCIAS 193

ANEXO I – ENTREVISTA COM O DELEGADO PENITENCIÁRIO REGIONAL, LUÍS BENHUR N. CALDERON..... 201

ANEXO II – ENTREVISTA COM a VICE-DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE TRATAMENTO PENAL, ROSANE LAZZAROTTO GARCÊZ 203

ANEXO III – ENTREVISTA COM O REPRESENTANTE/DIRETOR DO INSTITUTO PENAL DE SÃO LEOPOLDO, ALLAN JONES..... 207

ANEXO IV – ENTREVISTA COM O REPRESENTANTE DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS..... 219

ANEXO V – ENTREVISTA COM O REPRESENTANTE DA PASTORAL CARCERÁRIA..... 225

ANEXO VI – ENTREVISTA COM O REPRESENTANTE DOS SEMINARISTAS DO SEMINÁRIO CONCÓRDIA DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA (ielb) 231

ANEXO VII – ENTREVISTA COM O REPRESENTANTE DA IGREJA UNIVERSAL DO reino de deus (iurd)..... 239

ANEXO VIII – ENTREVISTA COM O PRIVADO DE LIBERDADE CONVERTIDO, DAVI 245

ANEXO IX – ENTREVISTA DO PRIVADO DE LIBERDADE CONVERTIDO, VANDERLEI ABADI..... 251

1 INTRODUÇÃO

A questão da assistência religiosa é um tema que está presente na minha trajetória acadêmica há algum tempo. Para compreender a razão da escolha desse assunto é importante fazer uma retrospectiva, pois uma pesquisa nasce de toda uma história pessoal, acadêmica e profissional, partindo de uma inquietação ou problematização de uma dada realidade, e da qual emerge um olhar crítico para a pesquisa e para possíveis proposições, mesmo que seja para fundamentar a égide de uma discussão necessária e que aponta para mais aprofundamentos.

A construção de valores constituídos ao longo da minha formação familiar, cristã e profissional fortaleceu o meu comprometimento pela busca do conhecimento e do aprimoramento intelectual, na perspectiva da capacitação humana e da competência profissional pela defesa intransigente dos direitos humanos, considerando que o conhecimento precisa alcançar a todos os indivíduos das mais diversas formas.

Partindo da perspectiva de que todas as pessoas são cidadãs de direitos, entende-se que a produção de conhecimento, por meio da pesquisa, da fundamentação teórica, dos indicadores sociais levantados e das proposições apresentadas, pode contribuir na consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda sociedade. Portanto, tarefa nossa.

A busca pelo conhecimento tornou-se ainda mais latente e necessária, quando da tomada de consciência enquanto ser humano e profissional, da responsabilidade que temos pela construção de uma sociedade mais justa e mais humana. Contudo, a intenção está no reconhecimento da liberdade como um valor ético, na universalidade de acesso relativo a políticas públicas, combatendo preconceitos e considerando as dimensões do ser humano.

Minha trajetória escolar iniciou-se aos três anos de idade, na cidade de Santarém-Pará, onde nasci, quando fui inserida na vida escolar, em uma escolinha particular chamada “Menino Jesus”. Minha mãe dizia que eu não gostava de faltar às aulas e que estava sempre disposta para as atividades escolares, que inclusive chorava para ir à escola. Aos sete anos de idade iniciei o ensino fundamental (antigo primeiro grau) na Escola Barão do Tapajós, onde permaneci até a quarta série. A escola era localizada num bairro distante de onde morávamos e costumava me

deslocar de transporte público (ônibus). Depois cursei a quinta série na Escola Aluizio Martins, localizada em um bairro mais próximo, mas lembro de que fazia uma caminhada entre terrenos baldios, em caminhos estreitos no meio do mato, pois pouco era habitada aquela região na década de 90. Da sexta a oitava série cursei na Escola Ubaldo Corrêa, uma escola recentemente inaugurada na época, localizada a margem da Av. Everaldo Martins, com melhor acesso, onde me tornei presidente de turma e me inseri em grêmio estudantil. Desde esta época, meu envolvimento com os movimentos estudantis e logo depois com os movimentos sociais, me inclinavam para a busca de direitos coletivos, pela valorização da educação, como base para superação das tantas situações de vulnerabilidade que vivíamos naquelas escolas de periferia, em meio aos conflitos de gangs¹ rivais, drogas na porta da escola, atitudes discriminatórias entre estudantes por raça, poder aquisitivo, opção sexual e tantas outras questões do universo da escola pública, ainda vistos atualmente.

A vontade de contribuir na construção de um espaço de convivência mais saudável entre as pessoas, onde houvesse respeito, paz e novas perspectivas de futuro, nasceu fortemente em mim. Assim a docência começou a aflorar, pois entendia que sendo professora eu teria um espaço de fala e poderia mudar algo no mundo. Então fui cursar o Ensino Normal, antigo magistério², com duração de quatro anos de formação, na Escola Onésima Pereira de Barros, onde conclui o Ensino Médio. Passei por inúmeros estágios de observação e regências nas escolas da periferia, nos bairros do Maracanã e Santarenzinho, região onde havia cursado meu ensino fundamental. Estagiei também na escola onde eu estudava, a qual também ofertava a educação infantil, sendo uma experiência extraordinária de estudo e formação profissional integralmente no ensino público. Tive a oportunidade de plantar uma semente, de falar sobre educação como opção para uma vida sem drogas, sem violências, sem preconceitos e com melhores perspectivas de futuro.

Eu poderia ter seguido somente a profissão de professora, mas a participação nos movimentos sociais da Igreja Católica, da Comunidade N. Sra. Do Rosário, no bairro Santarenzinho onde me criei, nas ações sociais por direitos apreendidas nas

¹ Grupos rivais, que se identificam por facções criminosas, geralmente relacionada ao tráfico de drogas.

² Magistério, nome dado ao curso de formação de professores para o ensino fundamental. Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, recomende a formação de professores em nível superior, o curso de Magistério, de nível médio, ainda é aceito na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

pastorais³ (saúde, social, carcerária, entre outras) e a participação nas Comunidades Eclesiais de Base⁴, me fizeram ir além.

Minha formação superior foi realizada na Universidade da Amazônia (UNAMA), localizada em Belém, capital do Estado do Pará, onde tive oportunidade de compor a Diretoria do Centro Acadêmico de Serviço Social e representar a 1ª Região na Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO).⁵ Ainda acadêmica, ingressei como estagiária no Juizado da Infância e Juventude de Belém, onde trabalhei no acompanhamento a Medidas Socioeducativas⁶, aproximando-me da problemática vivenciada por adolescentes em conflito com a lei e em drogadição, resultando na pesquisa de conclusão de curso, intitulada: “Medida Socioeducativa de semiliberdade: garantia de direitos ao adolescente autor de ato infracional.”⁷ No ano de 2007, ao concluir o curso de Serviço Social⁸ tornei-me assistente social, profissão destinada à defesa das liberdades democráticas e dos direitos sociais.

³ Pastoral, conhecida também como Ação Pastoral, é a ação/trabalho da Igreja Católica no mundo ou o conjunto de atividades realizadas pela igreja através da sua missão de continuar a ação de Jesus Cristo junto a diferentes grupos e realidades. Informações disponíveis em: <<http://www.cnbb.org.br/pastorais/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁴ “Comunidade eclesial de base, mais conhecida como CEB, são grupos de cristãos leigos, que se reúnem regularmente, nas casas de famílias ou em centros comunitários, a fim de ouvir e aprofundar a Palavra de Deus, alimentar a comunhão fraterna e assumir o compromisso cristão no mundo. Comunidades no sentido de estarem em “casa”, porque são grupos formados por pessoas a partir do lugar onde moram, nos bairros, periferias, centro, morros, zona rural; Eclesiais, por se tratar de grupos de seguidores dos exemplos de Jesus, dos apóstolos, em comunhão com a Igreja. E de Base porque está presente desde o começo da Igreja com os Primeiros Cristãos e também porque é vivida pelo povo que está na base humana e cristã, gente pobre ou pessoas que se colocam ao lado dos pobres.” Disponível em: <http://comunidade-cebs.blogspot.com/p/blog-page_9263.html>. Acesso em: 30 set. 2018.

⁵ “A ENESSO se baseia em seis eixos que devem ser como ferramentas para que consigamos desenvolver nossas proposições, conhecimentos e lutas de forma mais organizada. São eles: conjuntura, universidade, movimento estudantil, formação profissional, combate às opressões e cultura.” Disponível em: <<https://enessooficial.wordpress.com/enesso/>>. Acesso em: 01 set. 2018.

⁶ Medidas socioeducativas são medidas aplicáveis a adolescentes autores de atos infracionais e estão previstas no art. 112 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Apesar de configurarem resposta à prática de um delito, apresentam um caráter predominantemente educativo. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/cidadaos/infancia-e-juventude/informacoes/medidas-socioeducativas-1>>. Acesso em: 30 set. 2018.

⁷ Título do trabalho de conclusão de curso de graduação, na Universidade da Amazônia-UNAMA, que teve como objetivo estudar as garantias de direitos dos adolescentes em conflito com a lei, em semiliberdade, prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente, e os desdobramentos para a reinserção na sociedade. GALÚCIO, Iarani Augusta Soares: **Medida socioeducativa de semiliberdade**: garantia de direitos para o adolescente autor de ato infracional. 2007. 33 f. Trabalho (Conclusão de curso de Graduação em Serviço Social) – Universidade da Amazônia, Belém, 2007.

⁸ Curso de Graduação com foco na coletividade e integração do indivíduo na sociedade. “O profissional dessa área é chamado de Assistente Social e atua no combate às desigualdades da sociedade, analisando, acompanhando e propondo soluções para melhorar as condições de vida tanto de crianças e adolescentes quanto de adultos.” Disponível em: <<https://www.guiadacarreira.com.br/guia-das-profissoes/servico-social/>>. Acesso em: 30 set. 2018.

Após a formação e tendo retornado à minha cidade de origem, Santarém, atuei por dois anos e meio como Assistente Social na Secretaria Municipal de Saúde, onde trabalhei no Programa de Tratamento Fora e Domicílio (TFD) e no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD). Tendo iniciado a especialização, fui convidada algumas vezes por estudantes e colegas assistentes sociais para contribuir com palestras e oficinas em eventos do Curso de Serviço Social do Centro Universitário Luterano de Santarém (CEULS/ULBRA). Os motivos para o convite foram o conhecimento acerca do movimento estudantil no Serviço Social adquirido na academia, o fato de ter sido representante regional da ENESSO⁹, exercida durante a graduação e a experiência no Serviço Social Penitenciário, adquirido enquanto assistente social concursada da Superintendência do Sistema Penitenciário do Pará (SUSIPE) desde 2008. Assim me aproximei novamente da docência.

Ao retornar a Santarém, após a conclusão do curso de Serviço Social, realizei então a especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2010), área destinada a trabalhar com pessoas em dificuldades de aprendizagem, com o objetivo de resgatar a profissão de docente na educação infantil, o que não ocorreu. Nesta especialização apresentei como artigo de conclusão de curso o estudo sobre “A importância da intervenção psicopedagógica clínica e institucional no processo de aprendizagem escolar”.¹⁰

Em 2010, fui aprovada na seleção docente do Centro Universitário Luterano de Santarém (CEULS/ULBRA) para o curso de Serviço Social, tendo ingressado no corpo docente da instituição, onde permaneci até o ano de 2013. Particpei da formação da primeira turma de Serviço Social do Oeste do Pará, o que muito me orgulha, pelo fato de fazer parte da história da profissão naquela região. Durante a minha atividade docente no CEULS, tive a oportunidade de participar da gestão administrativa do curso, quando fui convidada a assumir a Coordenação Adjunta do Curso de Serviço Social presencial, onde desempenhei também o papel de

⁹ A ENESSO se organiza a nível nacional e regional através de suas coordenações. As instâncias de deliberações máximas são os encontros nacionais e regionais. Atualmente a ENESSO está dividida em sete regiões, dentre elas a Região I, a qual representava, que compreende os Estados do Pará, Maranhão, Piauí, Amazonas, Acre, Amapá, Rondônia e Roraima. Disponível em: <<https://enessooficial.wordpress.com/enesso/>>. Acesso em: 01 set. 2018.

¹⁰ Título do trabalho de conclusão da especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional na Faculdade Internacional de Curitiba, apresentado no ano de 2010. O trabalho teve como objetivo apontar a importância do/a profissional psicopedagogo/a na escola, não apenas para o diagnóstico das dificuldades de aprendizagens advindas dos fatores cognitivos/ comportamentais, mas que poderiam ser apresentados por fatores externos, como vulnerabilidades socioassistenciais.

coordenadora de estágios, ambos no ano de 2012. Nesta ocasião, vários projetos de pesquisa e também de extensão estavam relacionados ao Serviço Social Penitenciário, pois era meu campo de trabalho como assistente social, tendo resultado em vários ensaios de pesquisa sobre esta temática na cidade de Santarém-Pa. Foram atividades desafiadoras para uma jovem docente, e a busca de conhecimentos para atender as novas demandas da formação profissional no Ensino Superior Santareno, favoreceram meu crescimento pessoal e profissional no âmbito acadêmico.

A prática docente aflorou a necessidade de buscar mais conhecimento e a paixão pela docência tomou conta do meu fazer profissional. Na busca pela qualificação e titulação docente, ingressei no ano de 2012 no Mestrado Profissional em Teologia na Faculdades EST (EST), no Rio Grande do Sul. A escolha por esta modalidade se deu inicialmente em decorrência de não poder dedicar-me ao mestrado acadêmico, na época, ofertado somente na Capital do Estado, não podendo me ausentar do exercício profissional público e da docência, optando pelo estudo nos módulos de janeiro e julho ofertados pela EST.

A partir daí minha sede pela pesquisa acadêmica aumentou ainda mais, assim como o desejo de continuar investigando os contextos de adolescentes e jovens em vulnerabilidade social. Determinada a estudar as expressões da questão social e contribuir teoricamente através das minhas pesquisas, em 2013 fixei residência na cidade de São Leopoldo-RS, hoje meu domicílio, para concluir a dissertação de mestrado, intitulada: “Dependência química na adolescência e políticas públicas: um olhar sobre a problemática no município de Santarém-PA”¹¹, resultando no meu

¹¹ Título da dissertação de Mestrado Profissional em Teologia na Faculdade EST. A situação de adolescentes dependentes químicos no Município de Santarém- PA, observando os indicadores institucionais apontados pelo Centro de Atendimento Psicossocial Álcool e Drogas - CAPS Ad e pelo Centro Socioeducativo do Baixo Amazonas (CESEBA), quanto aos casos de adolescentes adictos registrados, dialogando com a proposta das Políticas Públicas existentes no Brasil para o enfrentamento desta problemática, na perspectiva de se avaliar a sua efetividade na garantia do direito, a promoção da saúde mental ao adolescente em uso indevido de drogas, no que tange a implantação, efetivação e melhoria de programas, ações e atividades que assegurem a prevenção, tratamento, recuperação e reinserção social destes adolescentes. LAUXEN, Iarani Augusta Galúcio. **Dependência química na adolescência e políticas públicas: um olhar sobre a problemática no Município de Santarém-PA.** 2013. p. 74. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/433/1/lauxen_iag_tmp297.pdf>. Acesso em: 04 set. 2018.

primeiro livro, publicado pela Fonte Editorial no ano de 2016, intitulado “Adolescentes, dependência química e políticas públicas”.¹²

Ao fixar residência no Rio Grande do Sul, fui transferida para a unidade ULBRA/Canoas, permanecendo na prática docente no Curso de Serviço Social à distância-EAD, até o final do ano letivo de 2016. No ano de 2014, fui convidada a ministrar por dois semestres a disciplina “Formulação, implementação e avaliação de políticas públicas” no Curso de Especialização em Gestão de Políticas Sociais, do CEULS/ULBRA, na cidade de Santarém-PA. No ano de 2016 assumi com muita alegria a maternidade e a sobrecarga de demandas, entre estudos, trabalho e as tarefas domésticas e maternais me tencionaram a pedir licença da docência para dedicação à pesquisa. Em 2018, após o período de dezoito meses de licença não remunerada, a instituição optou pelo meu desligamento. Contudo, a experiência que a pesquisa acadêmica me proporcionou até hoje e as dificuldades vivenciadas ao longo da formação, me permitiram crescer intelectualmente e também ressignificar a vida e a razão para a conclusão deste doutoramento.

No final do ano de 2014, ingressei através de concurso público, como Assistente Social, na Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul (SUSEPE). Inicialmente ingressei nas atividades de tratamento penal na função de Técnica Superior Penitenciária (TSP)¹³ e atualmente desempenho a função de Coordenadora Técnica da 1ª Região Penitenciária, atendendo quinze estabelecimentos prisionais. Tive a oportunidade de realizar especialização em Gestão da Segurança Pública e Privada, atendendo demandas da minha atuação profissional no Serviço Penitenciário Gaúcho e como trabalho final desta pós-graduação apresentei um estudo sobre “A gestão penitenciária na qualidade de vida profissional do Técnico Superior Penitenciário - TSP no tratamento penal”.¹⁴ Logo em

¹² O livro é resultado da pesquisa realizada para a conclusão do Mestrado Profissional em Teologia pelas Faculdades EST. LAUXEN, Iarani Augusta Galúcio. **Adolescentes, dependência química e políticas públicas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. 94 p.

¹³ Descrição Sintética da função de Técnica Penitenciária: Realizar atividade de Nível Superior, de alta complexidade, envolvendo atendimento, assistência e orientação a presos nos estabelecimentos prisionais na execução das penas privativas de liberdade, das medidas de segurança e restritivas de direitos, operacionalizando sua avaliação e o acompanhamento dos processos de socialização, bem como planejamento, coordenação, execução, estudos e pesquisas em matérias inerentes à área penitenciária e correlatas. Trabalho realizado com risco de vida. Disponível em: <http://www.susepe.rs.gov.br/upload/1331312344_Edital>. Acesso em: 20 set. 2018.

¹⁴ Título do artigo de conclusão da especialização em Gestão da Segurança Pública e Privada, realizada no ano de 2016, na Universidade Luterana do Brasil. O artigo teve como objetivo refletir sobre os possíveis fatores de risco no trabalho do/a Servidor/a Penitenciário/a, no tocante ao tratamento penal e as perspectivas da gestão penitenciária para qualidade de vida profissional do

seguida, ingressei no programa de Doutorado em Teologia na Faculdades EST, sendo pesquisadora financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O projeto de pesquisa foi sendo aperfeiçoado a partir das leituras supervisionadas, do levantamento bibliográfico, da pesquisa exploratória e das comunicações em encontros e congressos científicos, além das experiências vivenciadas na prática profissional como Assistente Social do Serviço Penitenciário Paraense e Gaúcho. As novas demandas que surgiram ao longo do percurso desses anos de doutorado, especialmente o momento do exame de qualificação, mostraram a pertinência e a necessidade de estudar a contribuição e importância da assistência religiosa nos Estabelecimentos Prisionais, tema esse que considera também a observância da dimensão da espiritualidade humana no tratamento penal e a via da reinserção social de egressos do sistema prisional, dignificando e ressignificando a prática da assistência religiosa existente nas prisões há muito tempo, porém ainda pouco compreendida, algumas vezes despercebida e considerada como uma mera prática caritativa, facultativa para pessoa privada de liberdade. Aproveitando o ensejo dado a essa temática na conjuntura institucional, a qual vem ganhando enfoque, não pude perder a chance de contribuir nesta construção histórica, a partir da significativa oportunidade do doutorado ofertado pela Faculdades EST, através da CAPES.

No estudo realizado no Mestrado Profissional o assunto de pesquisa foi a garantia de direitos para aqueles que cometeram atos considerados ilícitos, como a situação de jovens dependentes químicos, mostrando não apenas os prejuízos biopsicossociais da dependência química como também a sutil e estreita relação que pode haver entre a violência, a drogadição e a criminalidade. Prova disto foram os resultados da pesquisa, que apontaram também um número significativo de jovens que cometeram ato infracional, em cumprimento de medida socioeducativa em uma

trabalhador. O universo penitenciário por sua natureza pode apresentar um ambiente de hostilidades, sofrimento humano, conflitos interpessoais e impactos dos limites institucionais para o exercício profissional, por se tratar de uma instituição total, onde a natureza das suas características pode afetar a todos que convivem neste universo. Os resultados encontrados ressaltam para o papel da gestão penitenciária na garantia de espaços de trabalho que promovam saúde e reduzam riscos psicossociais e vulnerabilidades no trabalho penitenciário, visto que a saúde e a qualidade de vida do trabalhador penitenciário não dependem exclusivamente da sua condição como indivíduo ou mesmo das condições desfavoráveis disponibilizadas pela instituição. Depende, sim, de um jogo movimentado na relação e na forma como um e outro fator integram o espaço organizacional, repercutindo no bom tratamento penal as pessoas privadas de liberdade. Informações disponíveis em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/download/880/pdf_85>. Acesso em: 20 ago. 2018.

Unidade para adolescentes na cidade de Santarém-PA, e que se declaravam usuários ou dependentes de drogas ilícitas, anterior à internação.¹⁵ Foram dados como esses, ao longo de dez anos de estudos e experiência como Assistente Social no Sistema Penitenciário do Pará e do Rio Grande do Sul, que instigaram a investigação da situação de jovens em situação de prisão e as garantias de direitos para o cumprimento digno e eficaz de uma pena privativa de liberdade.

Nos estudos de doutoramento, o olhar foi se ampliando e um dos direitos previstos na Lei de Execução Penal, o da Assistência Religiosa, pouco era comentado ou colocado em pauta nos programas de tratamento penal e quando apresentado sofria resistências. Este fenômeno revelou-se, assim, como um tema importante a ser pesquisado, pois as denominações religiosas, representadas por seus fiéis, membros, seminaristas, pastorais ou presbíteros, estão dentro das prisões, cumprindo a missão de evangelizar sobre a Palavra de Deus, exercendo a práxis social da igreja, e com isso garantindo o direito à assistência religiosa.

Por fim, a pesquisa sobre a assistência religiosa nas prisões e os impactos no processo de reinserção social passou a ser o foco principal deste estudo, resultando no projeto de pesquisa intitulado: “Por detrás do Muro cinza: contribuição da assistência religiosa no tratamento penal.”¹⁶ Por “detrás do muro cinza” foi o termo utilizado pela Subcomissão da Situação Carcerária do Rio Grande do Sul, ao refletir na síntese do Relatório do ano de 2011 “[...] as mazelas sociais que se escondem por detrás dos muros cinzas das penitenciárias”.¹⁷ Esta Subcomissão, foi criada pelos deputados participantes da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Antes de iniciar a pesquisa, atuando como Assistente Social dentro do sistema penitenciário do Estado do Pará e do Rio Grande do Sul há dez anos, pude constatar a tímida participação de grupos religiosos dentro do sistema prisional, em contradição ao que prevê a lei, que afirma ser um dever do Estado e um direito da pessoa presa o acesso à assistência religiosa, ou seja, o acesso de grupos religiosos nos ambientes

¹⁵ A pesquisa comprova através de dados que há uma considerável ligação entre o consumo de drogas e a violência, onde adolescentes afirmaram que faziam uso de drogas ilícitas ou já eram dependentes químicos antes de cometer ato infracional e serem internados nos locais direcionados para adolescentes em conflito com a lei.

¹⁶ Tema definido para o projeto de pesquisa de Doutorado, voltado para o estudo sobre a assistência religiosa dentro do sistema penitenciário gaúcho.

¹⁷ ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Subcomissão da situação Carcerária. Síntese do Relatório. Porto Alegre: CORAG, 2011. p. 9.

prisoinais. A Constituição Federal no seu Art.5º inciso VII “assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva” e a Lei 7210/84, mais conhecida como Lei de Execução Penal (LEP), no seu Art.10 versa a “assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade. A assistência estende-se ao egresso.”

Assim, a pesquisa traz como assunto principal a assistência religiosa no tratamento penal, prevendo contemplar um estudo de caso da situação de pessoas privadas de liberdade no Regime Semiaberto, custodiadas no Instituto Penal de São Leopoldo (IPSL), Estado do Rio Grande do Sul. Buscou-se estudar a política penitenciária vigente no Brasil, no que concerne ao modelo de ressocialização proposto no tratamento penal gaúcho, vislumbrando identificar a operacionalidade da assistência religiosa como um direito da pessoa presa, prevista na Lei de Execução Penal, e neste interim considerar o cuidado com a dimensão da espiritualidade humana no tratamento penal. Por fim, desvelar a contribuição da assistência religiosa no processo de ressocialização, reinserção social e a possível prevenção à reincidência criminal.

O projeto de pesquisa teve como principal objetivo, analisar a aplicabilidade e a contribuição da assistência religiosa no processo de ressocialização dos privados de liberdade e o trato com a dimensão da espiritualidade humana no Tratamento Penal. Dentro desta ótica, os objetivos específicos buscaram definir os conceitos de religiosidade e de espiritualidade como dimensão humana, a partir de conceitos já estudados na literatura teológica e por estudiosos de outras áreas, verificar como tem se dado a operacionalização da assistência religiosa a pessoa presa¹⁸ e o trato com a dimensão da espiritualidade humana nos Estabelecimentos prisionais do Rio Grande do Sul. Objetivou ainda, identificar a efetividade do direito à assistência religiosa, o exercício da espiritualidade no processo de Tratamento Penal e as contribuições no processo de ressocialização e reinserção social para prevenção a reincidência criminal.

Neste íterim, restou investigar as contribuições da assistência religiosa no processo de ressocialização e reinserção social da população carcerária em regime

¹⁸ A pesquisa teve como público alvo, pessoas do gênero masculino privados de liberdade, condenados e em cumprimento do regime semiaberto no Instituto Penal de São Leopoldo-RS.

semiaberto, avaliando a possibilidade de propor investimentos em novos modelos de tratamento penal, que considerem a dimensão da espiritualidade humana.

A pesquisa trouxe em seu bojo ainda, a necessidade de apontar indicadores que possibilitem a efetivação e/ou reformulações de políticas penitenciárias que considerem a assistência religiosa e o cuidado com a dimensão da espiritualidade humana como extensão do Tratamento Penal. Para se justificar a relevância do trabalho, foi necessário fundamentar através de dados e estudos, aspectos relacionados à questão penitenciária e assim poder compreender a emergente necessidade de falar sobre o fenômeno do aumento da população privada de liberdade nos últimos anos, e assim discutir políticas concernentes ao tratamento integral destas pessoas durante o período de reclusão, além da contribuição da assistência religiosa neste contexto.

As mais diversas denominações religiosas têm se organizado para prestar assistência religiosa nas prisões, contribuindo na evangelização, na ressocialização e no resgate de valores humanos, por ora fragilizados devido à condição de prisão. A partir do conhecimento sobre espiritualidade como uma dimensão humana, oportunizada através dos estudos realizados no Mestrado Profissional e Doutorado em Teologia da Faculdades EST, e da experiência de dez anos de trabalho técnico como assistente social no Sistema Penitenciário Paraense e Gaúcho, percebeu-se a necessidade de estudar o trato com a dimensão da espiritualidade de pessoas privadas de liberdade no regime semiaberto, considerando estarem em preparação para o regime aberto ou a liberdade condicional, assim como a contribuição das denominações religiosas no ambiente prisional, para responder alguns questionamentos sobre a aplicabilidade, efetividade e eficácia da assistência religiosa nas prisões no processo de ressocialização e reinserção social, contribuindo na prevenção à reincidência criminal.

A pesquisa pautou-se pela busca de respostas a alguns questionamentos, possibilitando a problematização do assunto. A pergunta central se ocupou em questionar como tem se dado a operacionalização da assistência religiosa no Instituto Penal de São Leopoldo e o trato com a dimensão da espiritualidade humana no processo de ressocialização e reinserção social de pessoas em tratamento penal, abrindo espaço para outras perguntas: O que significa o termo ressocialização no tratamento penal? Qual a importância da assistência religiosa para a população carcerária do IPSL? A assistência religiosa a pessoas privadas

de liberdade, prevista na Lei de Execução Penal (LEP) e nas políticas penitenciárias como um direito, tem sido efetivada? A dimensão da espiritualidade humana tem sido considerada no processo de tratamento Penal? A hipótese considerou que a assistência religiosa para a pessoa presa e o exercício de sua espiritualidade, durante o tratamento penal, poderiam contribuir no processo de ressocialização, reinserção social e prevenção à reincidência criminal.

Para o alcance desta proposta de pesquisa foi necessário encontrar um método que possibilitasse o levantamento de dados que pudessem responder aos questionamentos apontados na problematização. Para tal, metodologicamente a pesquisa foi definida como estudo de caso, pois no decorrer do estudo surgiram muitos porquês, características dessa metodologia, que visa compreender o evento em estudo e ao mesmo tempo desenvolver teorias mais genéricas a respeito do fenômeno observado. O objetivo do estudo de caso vai além de descrever os fatos ou situações, senão que busca proporcionar conhecimento acerca do fenômeno estudado e comprovar ou constatar relações evidenciadas no caso, ele busca mais precisamente explorar, descrever, explicar, avaliar e/ou transformar, o que vem a se adequar na pesquisa, pois o objetivo do trabalho é aprofundar o assunto de assistência religiosa dentro do Instituto Penal de São Leopoldo, como se dá, como é recebido tanto pelos servidores da SUSEPE quanto para as pessoas privadas de liberdade e essas respostas só poderiam ser obtidas através de entrevistas feitas com pessoas que vivem o dilema do contexto prisional, para assim levantar questionamentos e comparar com o estudo teórico, o qual resultaria em um trabalho mais completo e por consequência mais convincente. O estudo de caso permite uma investigação que possa “preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real, como os ciclos da vida, processos organizacionais e administrativos”¹⁹ apresentadas pela situação de pessoas presas que recebem assistência religiosa nas prisões.²⁰

Inicialmente, para a realização do estudo de caso, foram definidos os instrumentos de coleta de dados, dentre eles a pesquisa documental, quando possível, a observação participante das atividades religiosas, a aplicação de questionários e a realização de entrevistas. Porém, durante a execução da

¹⁹ YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. p. 21.

²⁰ YIN, 2001, p. 23.

pesquisa de campo, decidiu-se pelo não cumprimento da observação participante, por recomendação do Setor de Segurança da Delegacia Penitenciária e pelas considerações do Administrador do Estabelecimento Prisional, pois o fato de ser servidora da Superintendência dos Serviços Penitenciários - SUSEPE, a própria condição de ser mulher em um presídio masculino, poderia me colocar em risco diante da massa carcerária, que não me veria apenas como uma pesquisadora, neutra do contexto prisional. O administrador do Estabelecimento prisional, inclusive recomendou, caso acontecesse a observação participante, que ela ocorresse depois da aplicação dos questionários, pois a minha exposição primeira ao grupo, poderia influenciar nas respostas dos mesmos posteriormente. Contudo, em comum acordo com a orientadora, decidiu-se pela não realização da observação participante, chegando à conclusão de que a ausência deste instrumental, não implicaria no resultado da pesquisa, pois o objetivo central não estava em estudar os passos de cada denominação religiosa na execução das suas atividades, mas sim nas questões relacionadas à operacionalidade do trabalho das diferentes denominações religiosas no estabelecimento prisional seriam abordadas durante as entrevistas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade EST e da Escola do Serviço Penitenciário do Rio Grande do Sul (ESP RS).

A pesquisa social foi realizada no Instituto Penal de São Leopoldo (IPSL), localizado na 1ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul e foi dividida em dois momentos. No primeiro momento, pensou-se aplicar questionários junto à população total presa em cumprimento do regime semiaberto naquele estabelecimento prisional, na época correspondendo a um universo de cento e sessenta (160)²¹ pessoas, que teriam livre adesão ao questionário. Porém, na ocasião da realização da aplicação dos questionários, somente foi possível realizar a coleta de dados junto ao grupo de presos

²¹ Informações repassadas pela administração do Estabelecimento Penal, em 10 de novembro de 2017. Esse número pode variar para mais ou para menos homens presos, de acordo com o efetivo carcerário do dia da aplicação do questionário. O projeto estava finalizado em dezembro de 2017, porém a Escola de Serviço Penitenciários da SUSEPE-ESP recebeu a pesquisa para análise apenas em março de 2018, pois o período de recebimento de projetos de pesquisa tinha se encerrado em novembro de 2017. Porém, até este mês, a pesquisa estava em avaliação pelo Comitê de Ética da EST. A ESP somente liberou a pesquisa em 30 de maio de 2018, permitindo a aplicação dos instrumentais apenas no mês de junho de 2018.

internos²², na época compreendendo um universo de 52 privados de liberdade, e destes, 36²³ se apresentaram espontaneamente para participar da pesquisa. Os resultados quantitativos do levantamento serão apresentados em tabelas, através de análise descritiva.

A aplicação do questionário objetivou a identificação do grupo, a fim de identificar sua relação com a religiosidade ou não, anterior ao cárcere e durante a reclusão. O questionário pautou-se inicialmente na identificação, representada pelos dados básicos de idade, tempo total de reclusão, incidência criminal e frequência de visitas de familiares. As perguntas abertas e fechadas questionaram o seguinte: Se você iniciou a reclusão no regime fechado, informe se recebeu assistência religiosa no estabelecimento penal em que esteve: () sim () não. Recebe assistência religiosa no regime semiaberto do IPSL? () sim () não. Se você respondeu sim, considera importante receber assistência religiosa na reclusão? () sim () não. Se você respondeu não, responda por quê? Tem interesse em receber? () sim () não. É filiado à alguma igreja? sim () não (). A qual igreja que está filiado? Antes da reclusão, você frequentou alguma igreja? () sim () não. Na reclusão recebe assistência religiosa ou participa da igreja na qual é filiado? () sim () não. Se não, responda por quê? Você participa das celebrações que são oferecidas no Estabelecimento Penal? () sim () não. Se respondeu sim, diga qual frequência: () todos os dias da semana () uma vez por semana, na minha igreja () uma vez por semana numa igreja que simpatizo, mas não sou filiado () uma vez por mês () somente em datas religiosas ou comemorativas () uma vez por ano.

No segundo momento, havia a pretensão de realizar entrevistas gravadas com uma amostragem²⁴ específica do grupo de presos que recebe assistência

²² Grupo de pessoas privadas de liberdade que não possuem trabalho externo, permanecendo no interior do estabelecimento prisional em horário integral. O regime semiaberto permite, via autorização judicial, a liberação para estudo, com devida comprovação e para o trabalho prisional externo por meio de carta de emprego concedida por pessoa jurídica.

²³ Ao ser apresentado o questionário aos participantes voluntários, os mesmos tomaram conhecimento do termo de consentimento livre e esclarecido, cientes que não receberiam qualquer remuneração para tal e que poderiam a qualquer momento recusar a participação, tendo ocorrido algumas desistências. Foi informado ainda, que o questionário fazia parte de uma pesquisa acadêmica e que os resultados seriam utilizados de forma confidencial, portanto não era necessário assiná-lo. Foi frisada a importância de que os questionários fossem respondidos com sinceridade e responsabilidade, pois iriam possivelmente contribuir na formulação de políticas que qualifiquem e efetivem a assistência religiosa no tratamento Penal. Os dados dos questionários serão apresentados no trabalho em forma de tabelas.

²⁴ Os critérios de inclusão para a realização das entrevistas seriam os seguintes: até oito (oito) pessoas privadas de liberdade que recebiam assistência religiosa no ambiente prisional e participavam voluntariamente pelo menos três vezes por mês nas atividades religiosas. Como

religiosa no Estabelecimento Penal (EP), para fins de registro da sua experiência de vida na reclusão e a contribuição da assistência religiosa no seu processo de ressocialização. Faz-se importante esclarecer que para gravação das entrevistas foi necessário liberação e autorização, não só da Direção do Estabelecimento Prisional, assim como do Gabinete do Superintendente da SUSEPE. Contudo, durante a aplicação dos questionários, percebeu-se a partir de comentários informais das pessoas privadas de liberdade, a dificuldade em uma assiduidade nas atividades religiosas, pois aqueles que não se intitulavam “irmãos”²⁵, pertencentes ao grupo que possui uma rotina nas atividades religiosas, não assumiam um compromisso em participar. Assim, optou-se pela realização da entrevista apenas com um dos representantes do grupo que se intitula “irmãos”, pois este é o único que se manteve interno durante o dia, no estabelecimento prisional, por ocasião do período em que ocorreu a pesquisa.

Foram entrevistados o administrador do Estabelecimento Prisional os representantes dos quatro (4) grupos religiosos que prestam assistência religiosa no Instituto Penal de São Leopoldo: Igreja Assembleia de Deus, Pastoral Carcerária da Igreja Católica, Seminário Concórdia da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB)²⁶ e Universal nas Prisões (UNP) da Igreja Universal do Reino de Deus²⁷, e também um dos privados de liberdade do grupo dos “irmãos” e um egresso do Sistema Penitenciário do Estado do Rio Grande do Sul. As entrevistas tiveram como objetivo responder questões relacionadas à operacionalização e a contribuição da assistência religiosa nas prisões no processo de reinserção social dos privados de liberdade.

critérios de exclusão, seriam dispensadas da entrevista pessoas presas que não participam das atividades religiosas com frequência. Por fim, a entrevista ocorreu com apenas um privado de liberdade e um egresso do sistema prisional.

²⁵ O termo “irmãos”, foi criado pela massa carcerária como uma intitulação das pessoas privadas de liberdade que se converteram ao cristianismo, que não se identificam com facções criminosas e optam por, durante o cumprimento da pena, conviver com os seus iguais, estabelecendo novas rotinas de convivência e se comprometendo a desenvolver a religiosidade no ambiente prisional. Geralmente, este público está ligado nas atividades laborais internas.

²⁶ Participaram da entrevista três seminaristas do Seminário Concórdia, vinculado a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).

²⁷ Entidades religiosas que prestavam o serviço de assistência religiosa no Instituto Penal de São Leopoldo, no período de realização do estudo, ocorrido no mês de junho de 2018. Quando o projeto foi finalizado, existiam seis (6) denominações religiosas prestando assistência religiosa as pessoas presas no Instituto Penal de São Leopoldo. Dentre elas: Igreja Assembléia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Assembléia de Deus de Estância Velha da Congregação Veneza, Igreja Evangélica Pentecostal Heróis da Fé, Igreja Católica e Seminário Concórdia. (Informações repassadas pela administração do Estabelecimento Penal, em 10 de novembro de 2017).

As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente. O nome dos entrevistados não será divulgado, sendo identificados respectivamente como: Diretor do estabelecimento prisional, Representante da Igreja Assembleia de Deus, Representante da Pastoral Carcerária, quando se referir a assistência religiosa prestada pela Igreja Católica, Representante da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), quando se referir a assistência religiosa prestada através do estágio de capelania pelos seminaristas do Seminário Concórdia e Representante da Igreja Universal, representada pelo coordenador da Universal nas Prisões (UNP), grupo da Igreja Universal do Reino de Deus. Quando o texto referir a entrevista da Pessoa Privada de Liberdade (PPL), em cumprimento do regime semiaberto, que se intitula do grupo de "irmãos", ele será representado pelo nome fictício de Davi. Quando o texto se referir a entrevista realizada com o egresso do sistema penitenciário, será identificado pelo nome próprio de Vanderlei, pois o mesmo autorizou a publicação da sua identidade, por encontrar-se em liberdade. A pesquisa atende as recomendações éticas de preservação da identidade dos/as entrevistados/as, conforme termo de consentimento livre e esclarecido.

O roteiro de entrevista junto ao Diretor do Estabelecimento Prisional iniciou com a informação do tempo de trabalho no Sistema Penitenciário e as funções desempenhadas, formação acadêmica e tempo de trabalho como administrador penitenciário, especificamente no Instituto Penal de São Leopoldo. O roteiro de entrevista teve as seguintes perguntas: 1) Como você vê a assistência religiosa no Serviço Penitenciário? 2) Como você vê a assistência religiosa oferecida no Instituto Penal? 3) Descreva como acontece a assistência religiosa no Estabelecimento Penal que administra. 4) Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação de presos? Por quê? 5) Você acredita que a dimensão da espiritualidade humana é considerada no tratamento Penal? Porquê? 6) Você acha importante considerar a dimensão da espiritualidade humana no tratamento Penal? Porquê? 7) Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que recebeu durante a reclusão? Poderia compartilhar? 8) Você considera que as denominações religiosas contribuem em outros aspectos além da assistência religiosa no tratamento penal? Em quais? 9) Acredita que o Sistema Penitenciário está preparado para acolher a assistência religiosa no interior das prisões? 10) Quais as dificuldades encontradas para a efetividade da assistência

religiosa nas prisões? 11) Quais sugestões você teria para melhorar a prestação da assistência religiosa no Serviço Penitenciário?

As entrevistas com os representantes dos grupos religiosos iniciaram pela identificação da denominação religiosa a qual representavam no momento da pesquisa, tempo de trabalho com assistência religiosa no sistema penitenciário e sua função na igreja. O roteiro de entrevista direcionou as seguintes perguntas: 1) Como a sua denominação religiosa vê a assistência religiosa no serviço Penitenciário? 2) Como você vê a assistência religiosa oferecida no Instituto Penal? 3) Descreva como acontece a assistência religiosa que é dada por sua Denominação no Instituto Penal de São Leopoldo. 4) Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação de presos? Por quê? 5) Você acredita que a dimensão da espiritualidade humana é considerada no tratamento Penal? Porquê? 6) Você acha importante considerar a dimensão da espiritualidade humana no tratamento Penal? Porquê? 7) Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que poderia compartilhar? 8) Sua denominação religiosa acompanha a vida de pessoas que já saíram do sistema penitenciário? 9) Acredita que o Sistema Penitenciário está preparado para acolher a assistência religiosa no interior das prisões? 10) Quais as dificuldades encontradas para a efetividade da assistência religiosa nas prisões? 11) Quais sugestões você teria para melhorar a assistência religiosa no Serviço Penitenciário?

A entrevista é voltada para a pessoa privada de liberdade, a qual possui um histórico de não vínculo com denominação religiosa antes do aprisionamento e que hoje se encontra participando de um grupo que se identifica como "irmãos", por procurar exercer uma religiosidade durante o cumprimento de pena, permitiu trazer informações acerca da contribuição da assistência religiosa no seu tratamento penal. A entrevista iniciou-se a partir da identificação do entrevistado, levantando idade, estado civil, número de filhos, motivo da prisão, tempo de cumprimento de pena e denominação religiosa a qual está vinculado atualmente e relação com a religiosidade antes e depois da prisão. Na entrevista, o mesmo falou da sua experiência enquanto recluso e enquanto evangélico na prisão, descrevendo sua rotina e sua tarefa missionária a frente de um grupo religioso que coordena dentro do IPSL, no qual ele se intitula fundador. O roteiro de entrevista partiu de perguntas abertas que foram se desenvolvendo no decorrer do diálogo e que foi orientado por um roteiro semiestruturado, que além das perguntas citadas acima,

se ocupou com perguntas sobre as atividades desenvolvidas pelos grupos religiosos dentro do IPSL, como: forma de organização do espaço onde ocorrem as atividades religiosas, sobre se a infraestrutura destinada especificamente à prática das atividades religiosas se é adequada e permite boa acomodação dos participantes, frequência das igrejas, número aproximado de participantes e sobre a postura dos membros das denominações religiosas responsáveis pela realização das atividades, no que se refere ao acolhimento, respeito e igualdade em relação aos participantes (os privados de liberdade).

A entrevista realizada com o egresso possibilitou responder à pergunta central da pesquisa, voltada para a contribuição da assistência religiosa no processo de tratamento penal e reinserção social. Esta entrevista possibilitou trazer considerações de uma pessoa que passou pela privação de liberdade, recebeu assistência religiosa durante o cumprimento de pena, e se valeu dela para a construção de um novo projeto de vida na sua reinserção social, refletido hoje na sua atuação na igreja como presbítero e também nas relações familiares e profissionais. Os relatos de ambos foram coletados através de uma única entrevista semiestruturada com cada um. A primeira história foi coletada nas dependências do Instituto Penal de São Leopoldo e a segunda na residência do entrevistado, junto a sua família, com base em uma investigação explicativa de abordagem qualitativa. As entrevistas foram gravadas com a autorização dos participantes e transcritas integralmente na sequência.

O planejamento dos passos da pesquisa foi detalhadamente previstos, mas o universo carcerário é muito diverso, apresenta rotatividade por se tratar de um regime semiaberto²⁸, onde as pessoas podem não ser encontradas no dia seguinte, em decorrência de uma esperada progressão de regime²⁹ ou liberação judicial para trabalho externo. Contudo, durante a realização da entrevista com o representante da Igreja Assembleia de Deus, o mesmo revelou ser egresso do sistema penitenciário e que sua experiência com a assistência religiosa durante a reclusão colaborou significativamente com sua reinserção social, possibilitando hoje sua manutenção na

²⁸ Regime semiaberto é aplicado quando a pena é superior a quatro anos e não superior a oito anos de prisão, se não for reincidente, deve iniciar o cumprimento de pena no regime semiaberto, em colônia agrícola ou estabelecimento similar. Nessa condição, ele é autorizado a deixar a unidade penitenciária durante o dia para trabalhar, devendo retornar à noite. Informações disponíveis em: <<http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/62364-entenda-os-diferentes-regimes-de-cumprimento-de-pena>>. Acesso em: 30 set. 2018.

²⁹ A progressão de regime para quem encontra-se em regime semiaberto, pode ocorrer para o regime aberto (não privativo de liberdade), por uso de tornozeleira eletrônica, para prisão domiciliar por decisão judicial ou para a liberdade condicional.

igreja, na família e no trabalho lícito, sem reincidir no crime. Esta entrevista permitiu um grande ganho para a pesquisa, pois este indivíduo trouxe a possibilidade de conhecer a história de quem encontra-se em liberdade e volta à prisão para prestar assistência religiosa, que outrora, havia recebido quando era preso. O mesmo ofereceu entrevista como egresso, afim de contribuir ainda mais com a pesquisa. Assim, ao todo foram realizadas oito (8) entrevistas, com o objetivo de responder questões relacionadas à operacionalização e à contribuição da assistência religiosa nas prisões e no processo de reinserção social.

A sistematização e interpretação dos dados coletados através da aplicação dos questionários e das entrevistas, foram realizadas por meio da análise de conteúdo e do diálogo com os dados da pesquisa bibliográfica, visando à socialização dos resultados finais. Claudinei José Gomes Campos e Egberto Ribeiro Turato consideram a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de organização de comunicações/informações, diante dos dados qualitativos para fazer emergir temas/tópicos e conceitos/conhecimentos.³⁰ O estudo relacionou as falas do Diretor do IPSL, dos representantes das denominações religiosas, da pessoa privada de liberdade e do egresso do sistema prisional com o referencial teórico, esperando poder alcançar os objetivos da pesquisa e atestar a hipótese apresentada no início da investigação.

Contudo, espera-se que este trabalho possa contribuir para ampliar as discussões e reflexões sobre a importância da assistência religiosa no tratamento penal, e da atenção ao cuidado com a dimensão da espiritualidade humana, sem pretender esgotar todos os aspectos concernentes à temática, que aos poucos vem ganhando espaço no âmbito público e institucional. A partir disto, poder evidenciar a importância da intervenção e contribuições das igrejas na assistência religiosa, espiritual e social à pessoa privada de liberdade e do reconhecimento da dimensão da espiritualidade como uma dimensão humana a ser considerada no escopo do programa de tratamento penal. Pretende-se compartilhar os resultados da pesquisa com os participantes, os/as servidores da SUSEPE e também com a comunidade através de um Seminário Temático.

³⁰ CAMPOS, Claudinei José Gomes; TURATO, Egberto Ribeiro. Análise de conteúdo em pesquisas que utilizam metodologia clínico-qualitativa: aplicação e perspectivas. **Revista Latino-Americano de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 259-264, abr. 2009. p. 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692009000200019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 out. 2018.

Os dados sistematizados da pesquisa social serão apresentados no transcorrer dos capítulos, de acordo com a estruturação e organização dos temas que compõe cada parte do trabalho. Primeiramente, o trabalho buscou através da introdução conduzir o leitor ao aprofundamento de como se chegou ao tema principal da pesquisa, onde a pesquisadora enfatiza sua vida acadêmica desde os primeiros anos de estudos até o doutoramento. Ao mesmo tempo, supõe-se que poderiam existir princípios em comum entre as instituições por onde passou, herdados de concepções tanto na vida acadêmica quanto da vida pessoal, realçando a importância da escolha do tema para a vida social humana.

O segundo capítulo começa a se relacionar diretamente com o texto da tese, pois foca basicamente em aspectos referentes à história do aprisionamento e o surgimento da assistência religiosa nas prisões, primeiro como prática missionária ou caritativa e muito depois como direito previsto em lei. Abrange também os dados e a análise da pesquisa de campo, como trechos das entrevistas realizadas com a Diretora Adjunta do Departamento de Tratamento Penal (DTP/SUSEPE), Diretor do Instituto Penal de São Leopoldo, e Delegado da 1ª Região Penitenciária, os quais descrevem sobre como o tema da assistência religiosa no sistema penitenciário gaúcho tem sido abordado. As contribuições destes entrevistados voltam a aparecer no decorrer dos capítulos. Assim, o capítulo dois traz uma breve abordagem histórica sobre o aprisionamento na história, na tradição bíblica teológica e na contemporaneidade, fazendo um passeio sobre o Sistema Penitenciário Brasileiro e a interface com a assistência religiosa. Neste interim, discute o conceito da tão criticada Ressocialização e aspectos sobre o Tratamento Penal. Na sequência apresenta reflexões acerca da assistência religiosa como um direito das pessoas privadas de liberdade, remetendo-se ao que prevê a Lei de Execução Penal (LEP). É neste capítulo que se apresenta como o Sistema Penitenciário Gaúcho tem se organizado e revela sua interface com a assistência religiosa, chegando as perspectivas sobre a assistência religiosa no Instituto Penal de São Leopoldo (IPSL), local onde foi realizado o estudo de caso.

Para a elaboração do terceiro capítulo da dissertação, houve a necessidade de aprofundar no estudo de caso, trazendo aspectos concernentes a operacionalização da assistência religiosa no Instituto Penal de São Leopoldo - IPSL. Para tal, apresentará o resultado das entrevistas realizadas com os representantes das denominações religiosas que prestam assistência religiosa no IPSL, dentre elas

a Igreja Assembleia de Deus, A Pastoral Carcerária da Igreja Católica, a Igreja Universal e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), através do Seminário Concórdia. Este capítulo está dividido em as seguintes seções: As igrejas, os grupos religiosos e a assistência religiosa no IPSL; a Universal nas Prisões (UNP), apresentando a assistência religiosa da Igreja Universal do Reino de Deus, Esperança no cárcere: a assistência religiosa da Congregação Veneza da Igreja Assembleia de Deus, Pastoral Carcerária do Brasil: a assistência religiosa da Igreja Católica e Seminário Concórdia: experiências sobre o estágio de capelania prisional da IELB.

Considerando a assistência religiosa e a sua possível contribuição para a dimensão da espiritualidade humana das pessoas privadas de liberdade, é que se fundamenta o quarto capítulo, contando com as reflexões teóricas acerca da relevância do trabalho assistencial religioso, realizado pelas denominações religiosas nas prisões. Nele pode-se refletir sobre a importância da assistência religiosa no tratamento penal, a partir da premissa da gestão penitenciária, das pessoas privadas de liberdade e dos grupos religiosos que realizam assistência no IPSL. Por fim, neste capítulo se abriu discussão acerca da dimensão da espiritualidade humana e a importância do cuidado com esta dimensão no tratamento penal, partindo do pressuposto de atenção integral a pessoa privada de liberdade. Assim, pautou-se na conceituação teórica sobre a religiosidade e a espiritualidade humana, considerando os pressupostos da gestão penitenciária e dos grupos religiosos sobre o que se pensa a respeito da dimensão da espiritualidade humana nas prisões.

O quinto e último capítulo intitulado o impacto da assistência religiosa nos privados de liberdade, aponta as maiores dificuldades e dilemas para a efetivação da assistência religiosa nas prisões, especialmente no IPSL, trazidos pela gestão, representantes dos grupos religiosos, uma das pessoas privadas de liberdade do IPSL e um egresso do sistema prisional gaúcho. Para, além disto, apresentam também reflexões sobre as perspectivas e contribuições possíveis à efetivação da assistência religiosa no tratamento penal. Para finalizar este capítulo, a última seção se ocupou de apresentar os (e) feitos da assistência religiosa no tratamento penal e na reinserção social, através dos relatos de um privado de liberdade e de um egresso do sistema prisional, retratando o impacto positivo que a assistência religiosa tem na vida deles.

Ao final da tese, são retomadas as hipóteses e, à medida que elas são confrontadas com os dados da pesquisa, através do estudo de caso e com o

referencial teórico, buscou-se apreciar de forma crítica as discussões de modo a elucidar as conclusões mais relevantes.

2 O SURGIMENTO DO APRISIONAMENTO E DA ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NAS PRISÕES

Este capítulo pretende trabalhar como a Bíblia vê o aprisionamento tanto no Antigo, quanto no Novo Testamento. Há muitos textos dos teólogos que trabalham a realidade do sistema prisional, reconhecendo textos bíblicos que tratem de personagens presos como foi o caso de Paulo e João e mesmo a condenação sumária de Jesus.

A ideia foi pesquisar a relação das igrejas e da fé cristã com o Império Romano, sendo capaz de identificar como eram tratados os presos daquela época e o fato de muitos cristãos acabarem sendo presos e executados. Seguindo a orientação do evangelho, como os cristãos e cristãs lidaram com a aprisionamento e, principalmente, como tratavam pessoas encarceradas.

Na sequência, o texto apresentará como se dava o aprisionamento na Idade Média, os tipos de punições e das penas. O purgatório como um tipo de prisão, que poderia ser remida através de valores monetários, aparece como um tipo de reflexão que desencadeou a Reforma Protestante, sendo possível identificar como eram as prisões durante a Reforma e como se dava o aprisionamento ao longo deste período até fins do século XVI e início do século XVII. Era comum prender dissidentes religiosos e uma das punições muito comuns deste período era o desterro.

Não é distante saber, que o surgimento da Questão Social e suas consequências deu-se com a expulsão dos pequenos agregados das grandes propriedades feudais, e a consequente ida destas pessoas para os grandes centros urbanos, que estavam construindo fábricas, as quais necessitavam de mão de obra, surgindo também neste contexto a criminalidade. Aliado este período às guerras, é neste contexto que surgem as prisões como punição àqueles que iam de encontro com a ordem social, surgindo neste período os primeiros trabalhos de assistência religiosa.

É a partir deste apanhado histórico que o trabalho entrará no contexto brasileiro, identificando o aprisionamento e as formas de punição havidas durante o período colonial e do período Imperial, finalizando a abordagem a partir da contextualização do novo sistema penitenciário formulado ao longo do século XX.

Para uma melhor compreensão desse capítulo há a necessidade de criar um aparato histórico dos primeiros assuntos relacionados ao aprisionamento, como também da religiosidade dentro desses sistemas, é necessário verificar quais os aspectos históricos que foram decisivos tanto nos processos de implementação quanto naqueles que deram continuidade e transformaram a forma de ser dessas instituições ao longo de sua existência no contexto brasileiro.

Ao mesmo tempo, o presente capítulo busca ao longo do texto, traçar a relação que ambas exercem sobre a vida daquele privado de liberdade, uma com o dever de punir e a outra com o intuito de proporcionar uma vida nova ao indivíduo que foi punido.

A prisão é muito antiga, mas não como lugar onde se cumpre uma sentença, ou se busca reabilitar o criminoso para reinseri-lo na sociedade. Essa função, ela começou a ter, no Ocidente, com a reforma prisional a partir do final do século XVIII, nos contextos revolucionários da Europa e dos Estados Unidos. Para Fernando Picó, o antes e o depois da reforma prisional diferencia o estar preso, e o ser preso. Segundo o autor, até a segunda metade do século XVIII a pessoa privada de liberdade não fazia parte constituinte da sociedade, era um ser “inexistente”, alguém que nunca fez parte da sociedade, o que hoje é diferente, qualquer privado de liberdade é pertencente a sociedade, porém há a necessidade da reinserção do mesmo.³¹ Esse pensamento era comum pois nessa mesma época a pessoa ficava encarcerada até que fosse punida exemplarmente, executada ou açoitada, que quitasse sua dívida com a sociedade, o Estado, a religião ou outros indivíduos membros da comunidade. Somente após a reforma prisional, a prisão passou a existir da maneira como a concebemos atualmente. Começaria a era da penitenciária, que até hoje é utilizada como maneira de punir quem cometeu algum delito. Com a construção das penitenciárias, os privados de liberdade foram afastados do olhar do público, onde antes eles conviviam, assistindo aos castigos em praça pública como se fosse um espetáculo.³²

Com as penitenciárias foi surgindo os problemas de convivência, infraestrutura, superlotação, em outras palavras o tratamento desumano dentro das

³¹ Fernando Picó, El día menos pensado: **História de los presidiarios em Puerto Rico**, Local, Ediciones Huracán. 1994. p. 31.

³² Sobre o imaginário popular e o interesse pelas histórias de presos e prisões no início do século XX no Rio de Janeiro, ver BRETAS, M. L., MAIA, C. N., Sá Neto, F., COSTA, M. **História das Prisões no Brasil**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 101-122.

casas prisionais. Diante desse cenário surgiram as intervenções relativas aos direitos humanos, e as primeiras legislações que estabeleceram tratados para o cuidado, e atenção as pessoas privadas de liberdade, por meio da garantia de direitos básicos como a saúde, educação, assistências jurídicas, sociais e também assistência religiosa, a serem ofertadas dentro dos estabelecimentos prisionais. Hoje, a Lei de Execução Penal Brasileira se ocupa desta prerrogativa e torna a assistência religiosa um direito da pessoa privada de liberdade.

2.1 Breve histórico do aprisionamento na história, na tradição bíblico-teológica e na contemporaneidade

Com o passar do tempo, a pena para quem cometesse algum crime foi mudando. Nicola Abbagnano cita um código no qual foram criadas Leis, no início da história antiga, em relação ao “castigo”, para quem viesse cometer alguma desobediência:

O Código de Hamurábi foi a primeira compilação de leis escritas que se tem conhecimento na História. Foi proposto pelo rei Hamurábi da Babilônia, por volta do ano de 1750 a.C. Seus princípios eram fundamentados na lei de talião (do latim *lex talionis*: *lex*= lei e *talis*= tal, parêlo), que é uma ‘forma de justiça segundo a qual o ofensor deve sofrer o mesmo mal que causou ao ofendido’.³³

Para Cezar Roberto Bitencourt³⁴, Platão já assinalava as duas ideias históricas de privação de liberdade existentes até hoje: prisão-custódia e prisão-pena. Das duas, a antiguidade só conheceu a prisão com finalidade de custódia. Entre os locais usados para custodiar o acusado, até a celebração do seu julgamento, estavam os calabouços, aposentos, frequentemente em ruínas ou insalubres, de castelos, torres, conventos abandonados e outros edifícios. Tais espaços eram uma espécie de antessala de suplícios e tinha o único fim de deter a pessoa, supostamente, culpada. A expiação daquele que violou as normas de convivência era um sentimento comum na antiguidade.

A primeira menção de cárcere e presos que temos na Bíblia aparece no livro do Gênesis, na estória de José do Egito. Vendido por seus irmãos e comprado por

³³ ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. v. 5. 4. ed. Trad. Nuno Valadas e Antonio Ramos Rosa. Lisboa: Editora Presença, 2000. p. 171.

³⁴ BITENCOURT, Cezar Roberto. **Falência da pena de prisão**: causas e alternativas. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2001. p. 9.

Putifar, é preso por causa da calúnia da mulher do seu patrão. No cárcere, ganha as boas graças do carcereiro e obtém regalias (Gn 39, 20-23).³⁵ Ainda no cárcere, desvenda sonhos dos colegas e, depois, do Faraó, sendo enfim libertado e exaltado (Gn 40 e 41). No livro do Êxodo, os capítulos 1 a 15 descrevem a experiência da Páscoa, que é uma experiência particularíssima de libertação: o povo hebreu, escravizado no Egito, clama a Javé, até que este “desce” para fazer o seu povo “subir”, para a terra da Promessa, liberto da escravidão. É evidente aí, no Êxodo, o paradigma da libertação, e uma libertação efetiva, que tanto fala aos presos. No livro do Levítico, temos um caso de “prisão preventiva” cujo desenlace, infelizmente, é a condenação à morte do jovem hebreu que fora ouvido blasfemando contra Deus (Lv 24, 10-16).

No livro dos Juízes tem-se o caso de Sansão, aprisionado pelos filisteus que, no cárcere, teve vazados os olhos, obrigado a girar o moinho (Jz 16, 21). O primeiro livro dos Reis descreve o aprisionamento do profeta Miquéias Bem-Jemla, esbofetado e condenado a pão e água pelo rei Acab da Samaria, por ter ousado falar-lhe a dura verdade (1Rs 22, 27-28); episódio narrado também em (2Cr 18, 25-27). Caso semelhante se dá com o vidente Hanani, aprisionado por ordem do rei Asa, de Judá, também por ter ousado repreendê-lo: ver 2Cr 16, 10. Ainda o segundo livro dos Reis menciona a prisão, com grilhões, do rei Oséias da Samaria, por ordem de Salmanassar V da Assíria, em castigo por sua traição (2Rs 17, 4). O livro de Neemias, pós-exílio, alude a um ponto conhecido da cidade de Jerusalém, chamado “pátio do cárcere” (Ne. 3, 25), sinal de que ali havia uma prisão. E o livro de Esdras, da mesma época, transcreve o final de Artaxerxes a Esdras, no qual a Lei de Deus, a Torá, adquire o status de “lei do Rei” (da Pérsia), sua transgressão acarretando sanções severas: “morte, desterro, multa, prisão” (Ed 7, 26).

No capítulo 24 do livro de Isaías, no início do chamado “Grande Apocalipse”, anuncia-se que os reis da terra, no Juízo, “serão reunidos como um bando de prisioneiros destinados ao cárcere; serão encerrados no calabouço e, depois de longo tempo, serão chamados às contas” (Is 24, 22). É sabido como Jeremias passa repetidamente pela experiência da prisão e dos maus tratos correspondentes: em Jr 37, 13-21 descreve-se como o profeta é açoitado e posto no cárcere; no c. 38, 4-13, Jeremias é lançado à cisterna, onde se atola no lodo; no capítulo 40, 1 lê-se como o

³⁵ As citações bíblicas no decorrer da Tese seguirão a seguinte versão: **BÍBLIA**, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

profeta é acorrentado junto com os prisioneiros que iam ser deportados para Babilônia, sendo, no entanto, depois liberado. Ainda em Jr 52, 11 lê-se que ao rei Zedequias, de Judá, são vazados os olhos, depois que é preso na fuga, e o conduzem até Babilônia, condenado ao cárcere até a morte. No mesmo contexto do Exílio, o livro das Lamentações chora as “virgens e moços, e até as crianças”, levadas para o cativeiro: Lm 1, 18. Também a oração inspirada dos Salmos reflete a situação da prisão, partindo, quer do simbolismo, quer da realidade do cárcere. Assim, o Sl 142, que poderia ser chamado de “salmo do preso”, e cujo título se atribui a “Davi, quando estava na caverna”, fugindo de Saul, no seu último versículo diz, textualmente.

Faze-me sair da minha prisão,
Para que eu celebre teu Nome!
E os justos se ajuntarão ao meu redor,
Por causa do bem que me fizeste (Sl 142).

Salmos também fazem menção à situação de pessoas privadas de liberdade. Vê-se na confiante proclamação do Sl 69: “Pois o Senhor escuta os pobres. E não rejeita os seus, quando estão presos”. No Sl 79, a súplica comovedora “Chegue à tua presença o gemido dos prisioneiros! Pela força do teu braço, deixa viver os convidados à morte, reforça a necessidade última de uma libertação associada à escuta do clamor a Deus.” De todos os episódios de prisões encontrados na Bíblia, a prisão de Jesus é um evento central relatado nos evangelhos canônicos que antecede à sua crucificação. Os Evangelhos³⁶ de Mateus, Marcos, Lucas e João, trazem o relato sobre a prisão de Jesus, uma prisão arbitrária, que levou Jesus ao sofrimento e depois foi glorificado, pela remissão dos pecados do povo sofredor. Para quem crê no cristianismo, Jesus é a esperança de vida eterna, a luz que ilumina a escuridão, que são as mazelas do mundo, dito como o caminho, a verdade e a vida.

As coisas devidamente reveladas, que se encerram por escrito e se manifestam na Sagrada Escritura, foram consignadas sob inspiração do

³⁶ FERREIRA, Kleber; FERREIRA Laureci. Com aprovação do Conselho Nacional do Encontro de Casais com Cristo. **Refletindo sobre as verdades da fé**. Temário nº 2. Gráfica Diplomata. Cúria de Porto Alegre, 1992. A palavra “Evangelho” significa boa notícia, “boa nova”. O Evangelho é o nome dado aos livros do novo testamento, escritos pela igreja primitiva que descrevem as ações e ensinamentos de Jesus. São Mateus escreveu para os Judeus e quer provar que Jesus é Filho de Deus, o Messias prometido, anunciado e esperado. São Marcos escreveu para os pagãos. No seu Evangelho dá muita ênfase à Universalidade da salvação, ao perdão dos pecados, à oração, à perseverança. São João escreveu para os cristãos em Antioquia ou em Éfeso. Apresenta Cristo, Filho de Deus, sofredor e glorificado como “água viva de Vida Eterna”, “pão vivo descido do céu”, “luz do mundo, bom pastor”, “caminho, verdade e vida”. Diz quem é Jesus para quem crê.

Espírito Santo. Por isso, a Bíblia é também útil para ensinar, para arguir, para corrigir, para instruir na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda obra boa. Os evangelhos gozam de merecida primazia, uma vez que constituem o principal testemunho sobre a vida e doutrina de Jesus Cristo, nosso Salvador.³⁷

A história de Jesus, que revela sofrimento e glorificação, apresenta-se como um exemplo de salvação para a humanidade e os textos bíblicos traduzem a realidade de um tempo remoto, não tão distante do tempo atual, em que o povo sofrido, “encarcerado”, clama pela liberdade, pela remissão dos pecados e pela salvação. Esta necessidade, quando apresentada, é revelada pela busca de Deus, através do exercício da Palavra Sagrada, pois os evangelhos surgem como a fonte de revelação da mensagem de Jesus Cristo: “E conhecereis a *verdade e a verdade vos libertará*” (Jo 8, 32).

Diante disso, pode-se afirmar que o conceito de prisões vem sendo formado desde os tempos de Cristo, assim como também ao longo do Antigo Testamento há muitos relatos, que se enquadram nesse contexto. Naquela época a prisão era apenas uma forma de o infrator aguardar sua pena, como conta no livro de Levíticos (Lv 24, 10-16), onde “[...] aparece a situação de prisão preventiva cujo desenlace, infelizmente, é a condenação à morte do jovem hebreu que fora ouvido blasfemando contra o Nome”.

Liyoiiti Matsunaga, em seus estudos sobre a tradição bíblico-teológica, destaca que “[...] toda sociedade constituída proclama valores em razão dos quais existe e é fundada.”³⁸ Refere que a Igreja Católica apresenta o propósito de comunicar os valores de fé e de salvação eterna, constituindo uma fusão do humano com o divino, dispondo de meios, através das leis e sanções, e de modo coercitivo o cumprimento da tarefa a salvaguardar a ordem.

Na Idade Média, a Igreja era uma das principais instituições de controle das condutas humanas e tinha influência sobre todos os setores da sociedade, tornando-se muito poderosa. Embora houvesse a predominância do Direito Germânico, o código de Direito Canônico passa a ganhar espaço. Nesse período, as penas mais aplicadas, ainda, eram as composições³⁹ e as prisões continuavam tendo apenas a

³⁷ CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática**. “Dei Verbum, nº 1126”.

³⁸ MATSUNAGA, Liyoiiti. Sanções penais na Igreja. **Revista de Cultura Teológica**, [S.l.], n. 60, p. 155-176, jun. 2013. p. 156. ISSN 2317-4307. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15660>>. Acesso em: 23 out. 2018.

³⁹ ZAFFARONI, Eugenio Raúl; PIERANGELI, José Henrique. **Manual de direito penal brasileiro**. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002. p. 263.

finalidade de custódia. Mas, para Dario Melossi e Massimo Pavarini⁴⁰, a experiência da prisão como pena já se fazia presente.

O cárcere recoloca, em escala reduzida, o *modelo ideal* (ou seja, a ideia abstrata de como as relações de classe e de produção deveriam organizar-se no ‘mercado livre’) da sociedade burguesa do primeiro capitalismo. O trabalho não deve ser necessariamente produtivo, mas sim instrumental do projeto então hegemônico, da vontade de ‘transformar’ o criminoso em ser subordinado. O modelo virtual de “ser subordinado” que a execução penitenciária fundada no *solitary confinement* propõe é aquele do trabalhador ocupado numa produção ainda de tipo artesanal, numa oficina, numa manufatura. Para esta finalidade, a educação para o trabalho deve se dar através de um processo produtivo essencialmente manual, onde o peso do capital fixo é quase nenhum.⁴¹

Armida B. Miotto⁴² afirma, que a Igreja não admitindo entre as suas penas, a de morte, teve, desde tempos remotos, locais de recolhimento para quem desejava aperfeiçoar-se, neles se retirando a fim de fazer penitência, eram essas as penitenciárias, de cuja evolução resultariam as prisões para cumprimento de pena. As penitenciárias, denominação essa que foi adotada pela Justiça secular quando adotou a privação de liberdade, com recolhimento a estabelecimento adequado, como pena.

Para Michel Foucault, o suplício⁴³ se inseriu tão fortemente na prática judicial, porque é revelador da verdade e agente do poder.⁴⁴ Ele promove a articulação do escrito com o oral, do secreto com o público, do processo de inquérito com a operação de confissão; permite que o crime seja reproduzido e voltado contra o corpo visível do criminoso, faz com que o crime, no mesmo horror, se manifeste e anule.

Foucault fornece uma entrevista que toma o aprisionamento como a forma mais eficaz de combater a criminalidade, baseado na obra “Microfísica do Poder” (1980):

Tomemos o exemplo do aprisionamento, dispositivo que fez com que em determinado momento as medidas de detenção tivessem aparecido como o instrumento mais eficaz, mais racional que se podia aplicar ao fenômeno da criminalidade. O que isto produziu? Um efeito que não estava de modo algum previsto de antemão, que nada tinha a ver com uma astúcia estratégica

⁴⁰ MELOSSI, Dario; PAVARINI, Massimo. **Cárcere e fábrica**: as origens do sistema penitenciário (séculos XVI-XIX). Trad. Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

⁴¹ MELOSSI; PAVARINI, 2006, p. 198-199.

⁴² MIOTTO, Armida B. **Temas penitenciários**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1992. p. 25.

⁴³ O Suplício correspondia ao sofrimento, a parte dolorosa por pagar tudo o que fez, que é o tipo de ferimento físico a partir de sua pena, se sua pena for uma das piores, o castigo também vai ser um dos piores chegando até a matar. Informações disponíveis em <<http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,o-suplicio-e-a-tortura,48666.html>>. Acesso em: 27 set. 2018.

⁴⁴ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. p. 73.

produzida por uma figura meta ou trans-histórica que o teria percebido e desejado. Este efeito foi a constituição de um meio delinquente, muito diferente daquela espécie de viveiro de práticas e indivíduos ilegalistas que se podia encontrar na sociedade setecentista. O que aconteceu? A prisão funcionou como filtro, concentração, profissionalização, isolamento de um meio delinquente.⁴⁵

Em outras palavras, Foucault analisa o aprisionamento como um dispositivo complexo, porém o método mais eficaz que se pudesse aplicar à criminalidade, mas naquela época esse processo era visto como algo justo, entretanto necessário para tal delinquência.

Com o início da Revolução Industrial do século XIX e o surgimento das máquinas a vapor, o trabalho manual perdeu o seu valor e o índice de desemprego teve um aumento assustador. Diante da abundância de força de trabalho livre, os trabalhos forçados e as casas de trabalho foram perdendo o propósito de sua existência, estando fora de questão sustentar um sistema remunerativo dentro da prisão, transformando o trabalho penitenciário em técnicas de tortura.⁴⁶

Nesse contexto, no período da industrialização estão as origens da assistência religiosa moderna, pois com o aumento da população carcerária, as maneiras de se punir vão mudando, como consequência do surgimento da penalidade de detenção, fazendo com que o cárcere fosse a principal forma de punição no mundo, sendo aplicado de forma gradual, de acordo com a gravidade do crime cometido e a posição social do autor. A história remete a um período que se caracteriza por uma administração penitenciária ineficaz e defeituosa, sob a qual os prisioneiros eram submetidos ao açoite, fome, e trabalho duro. Assim, Zaffaroni e Pierangeli⁴⁷, não hesitam em afirmar que quando um cidadão não paga uma indenização devida, como resultado da violação de um contrato, é forçado a dar algo de valor em troca, mas os homens dessa massa criminalizada nada possuíam. O que eles tinham? A única coisa que podiam oferecer no mercado: sua capacidade de trabalho, sua liberdade.

Segundo Foucault, no século XX há o surgimento de ideias ressocializadoras, transformando a pena de prisão em um objeto de reeducação e ressocialização da pessoa privada de liberdade, que, em tese, deveria ser imposta observando-se sete princípios básicos da boa condição penitenciária⁴⁸, dentre eles: 1.princípio da

⁴⁵ FOUCAULT, M. **Microfísica del poder**. Madrid: Ed. La Piqueta, 1980. p. 137-138.

⁴⁶ MELOSSI; PAVARINI, 2006. p. 69-81 e p. 83.

⁴⁷ ZAFFARONI; PIERANGELI, 2002, p. 263.

⁴⁸ FOUCAULT, 1999, p. 237-238.

correção, 2.princípio da classificação, 3.princípio da modulação das penas, 4.princípio do trabalho como obrigação e direito, 5.princípio da educação penitenciária, 6.princípio do controle técnico da detenção, e, 7.princípio das instituições anexas. São esses os sete princípios da teoria penitenciária, permanentemente reativados e igualmente destinados ao fracasso:

- a) “princípio da correção”: a detenção penal deve ter por função essencial a transformação do comportamento do indivíduo, visando sua recuperação e reeducação, ressocializando o condenado;
- b) “princípio da classificação”: os detentos devem ser isolados ou repartidos de acordo com a gravidade penal do seu ato, mas principalmente segundo sua idade, disposições, as técnicas de correção que se pretende aplicar neles e as fases de sua transformação;
- c) “princípio da modulação das penas”: elas poderão ser moduladas de acordo com seu desenrolar no ambiente institucional, a individualidade dos detentos, a partir dos resultados obtidos e os progressos ou as recaídas constatadas. Trata-se de uma personalização da técnica penitenciária;
- d) “princípio do trabalho penal como obrigação e direito”: peça fundamental no processo de transformação e socialização progressiva dos detentos, com função essencialmente disciplinar;
- e) “princípio da educação penitenciária”: a educação do detento, sua instrução geral e profissional são consideradas fundamentais para sua melhora;
- f) “princípio do controle técnico da detenção”: o regime institucional da prisão deve ser, pelo menos em parte, controlado e assumido por um pessoal especializado que possua as capacidades morais e técnicas de zelar pela boa formação dos indivíduos, tais como médicos, assistentes sociais, psicólogos, psiquiatras, professores, pedagogos, padres etc.;
- g) “princípio das instituições anexas”: o encarceramento deve ser acompanhado por medidas de controle e de assistência até a readaptação definitiva do antigo detento, visando vigiá-lo até sua saída da prisão, prestar-lhe apoio e ajuda, buscando sua reinserção social adequada.⁴⁹

O aprisionamento, conforme concebido, não está obedecendo as suas funções. Não acrescenta categoricamente nada; e sim o oposto, destrói, dilapida a personalidade daquele que, por algum delito cometido, a experimentou de perto. A gravidade atual está voltada para situação em que se vive no momento, carência de reflexões de como é feita a execução penal no Brasil. Resultado da repetição de velhos procedimentos e práticas de gestão prisional que já nasceram antiquadas.

Com o advento da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, outros instrumentos legais foram elaborados, com o intuito de atingir todo o ser humano, independentemente da situação adversa em que estava inserido. No âmbito dos direitos para a população privada de liberdade, encontram-se as regras mínimas

⁴⁹ FOUCAULT, 1999, p. 224.

para o tratamento de prisioneiro, e com ela a perspectiva de um tratamento penal individualizado e mais humanizado, porém demorou décadas ainda para que novos documentos legais reafirmassem essa necessidade.

O sistema prisional, utilizou-se por muito tempo da criminologia positivista no paradigma etiológico do delito. Esse conceito acaba reforçando a prática de um sistema mais punitivo e menos social. Por outro lado, se confronta com a nova lógica de ressocialização, que propõe foco no indivíduo e não no crime, como era previsto deste a antiguidade. A reação da prisão às críticas no século XX consistia em “[...] recrudescer os princípios da técnica penitenciária, visando reparar seu fracasso permanente e intensificando a realização do seu projeto corretivo como único método para superar a impossibilidade de torná-lo realidade.”⁵⁰

2.2 O Sistema Penitenciário Brasileiro, a Lei de Execução Penal (LEP) e interface com a Assistência Religiosa

Durante o Brasil Colônia, quando os crimes eram cometidos, eram julgados a partir de duas dimensões, na esfera civil e na esfera religiosa, sendo que o crime era equivalente ao pecado e o pecado ao crime, ambos passíveis de punição. Existia uma desigualdade no julgamento e na aplicabilidade da pena, que estava implicada na condição de classe social: “[...] o juiz aplicava penas segundo a gravidade do caso e a qualidade da pessoa: assim, via de regra, os nobres eram punidos com multas; já os das classes inferiores, os castigos eram mais pesados e humilhantes.”⁵¹

Segundo Selson Garutti e Rita de Cássia da Silva Oliveira a população naquela época era controlada por meio do poder do perdão do Rei, o qual contava com o “*ius puniendi*”, um ilimitado poder e direito de perdoar, equivalente hoje, no Brasil República, ao indulto dado pelo Presidente da República, que seria o perdão da pena. A história conta ainda que, a igreja tinha forte influência nos julgamentos, pois se confundia o pecado com o delito, valendo-se a Igreja do Direito penal para preservar o seu poder, pois ela detinha um “[...] expressivo conceito do que seria

⁵⁰ FOUCAULT, 1999, p. 224.

⁵¹ GARUTTI, Selson; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **A prisão e o sistema penitenciário – uma visão histórica**. Seminário de Pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá, 2012. p. 18.

justiça criminal, bem como, sobre a adoção da tortura como meio “legal” de obtenção de provas”.⁵²

A tão comentada Assistência Religiosa nos presídios surgiu em 1934 com a primeira Constituição do Brasil a tratar do assunto, que, em seu artigo 113, item 6, dispunha:

Sempre que solicitada, será permitida a assistência religiosa nas expedições militares, nos hospitais, nas penitenciárias e em outros estabelecimentos oficiais, sem ônus para os cofres públicos, nem constrangimento ou coação dos assistidos. Nas expedições militares a assistência religiosa só poderá ser exercida por sacerdotes brasileiros natos.

Na próxima Constituição, a de 1946, constou, no art. 141, § 9º, que

Sem constrangimento dos favorecidos, será prestada por brasileiro (art. 129, nºs I e II) [nato] assistência religiosa às forças armadas e, quando solicitada pelos interessados ou seus representantes legais, também nos estabelecimentos de internação coletiva.

Entre algumas constituições, somente em 1934, na ordem jurídica máxima, foi “liberada” a assistência religiosa. De início se tratava apenas de uma permissão estatal, e não de asseguração, o que viabiliza inferir que o Estado, à época, não a caracterizava como algo de relevância ímpar. Além disso, por ter sido promulgada pouco depois da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), e visando resguardar o patriotismo nas expedições militares, nesse caso a assistência deveria ser “exercida por sacerdotes brasileiros natos”. E, frise-se, por sacerdotes, o que se entende que apenas a pessoa com formação eclesiástica teria permissão para exercê-la. Por fim, a assistência não poderia acarretar ônus para os cofres públicos.

Depois da Constituição de 1937 deixar uma série de dúvidas quanto à pertinência e abrangência desse direito, a de 1946 excluiu a obrigatoriedade de a assistência ser feita por sacerdote, desde que continuasse a valer que tal feito prestado por brasileiros natos.

Já as modificações introduzidas pela Carta de 1967, e pela Emenda de 1969 viabilizaram que brasileiros naturalizados também prestassem a assistência, atribuindo à lei a regulamentação desse direito. Noutro passo, a atual ordem constitucional, inaugurada em 1988, não só “permite” a assistência religiosa, como também “assegura”, revelando o reconhecimento de sua importância. Demais disso,

⁵² GARUTTI; OLIVEIRA, 2012, p. 18.

mantém o não constrangimento, pois toda pessoa tem garantida a inviolabilidade de consciência e crença (art. 5º, VI).

Atualmente, vigora a Resolução nº 8 do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCCP), que visa “estabelecer [...] diretrizes para a assistência religiosa nos estabelecimentos prisionais”.

Entrando na situação presos versus assistência religiosa, vem em questão a situação atual do sistema penitenciário no Brasil, pois não é de hoje que esse passa por contrariedade, se tornando fator constante de conflito social, que pode ser demonstrado pela falência de uma metodologia penitenciária superada. Surge então a necessidade de o sistema prisional ser revisto. Soluções devem ser pensadas.

O primeiro dos órgãos da execução penal é o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, com sede na Capital da República e subordinado ao Ministro da Justiça. Já existente quando da vigência da lei (foi instalado em junho de 1980), o Conselho tem proporcionado, segundo consta da exposição de motivos, valioso contingente de informações, de análises, de deliberações e de estímulo intelectual e material às atividades de prevenção da criminalidade. Preconiza-se para esse Órgão a implementação, em todo o território nacional, de uma nova política criminal e principalmente penitenciária a partir de periódicas avaliações do sistema criminal, criminológico e penitenciário, bem como a execução de planos nacionais de desenvolvimento quanto às metas e prioridades da política a ser executada.⁵³

A realidade prisional brasileira apresenta-se distante daquilo que é necessário para fazer cumprir as funções de ressocialização, e algo que ilustra isso é, o fato de que diversos estudos sobre os efeitos da cadeia na vida criminal têm invalidado amplamente a hipótese da ressocialização do delinquente através da prisão.⁵⁴

De início, cabe discutir se a ideia de ressocialização⁵⁵ é compatível com a imposição e execução da sanção penal. A teoria da socialização, em sua linha mais

⁵³ BRASIL. DEPEN. **Departamento Penitenciário Nacional**. Disponível em: <<http://depen.gov.br/DEPEN/depen/cnccp/historico-1>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

⁵⁴ Em relação aos estudos que analisam a realidade do sistema penitenciário no país, lançando um olhar para o interior e cotidiano dos estabelecimentos prisionais e suas transformações, vale destacar os trabalhos de Ramalho (1979), Coelho (1986) e Adorno (1991).

⁵⁵ Esta pesquisa opta por utilizar tanto o termo “ressocialização” quanto a terminologia “tratamento penal”, pois os dois conceitos têm sido utilizados no universo penitenciário. Embora o termo ressocialização esteja em discussão para desuso, ainda tem sido muito utilizado pelos servidores do sistema prisional, pelos grupos religiosos e pelas pessoas privadas de liberdade, como será visto nas falas apresentadas nas entrevistas. O termo tratamento penal, mais atual, é o que tem sido apresentado no novo modelo de humanização no cuidado as pessoas que estão presas, utilizados tanto nos documentos do DEPEN quanto da SUSEPE/RS.

abrangente, vê o delito como déficit ou carência no processo de socialização, devendo a intervenção punitiva integrar o delinquente no mundo dos seus co-cidadãos, ou seja, a pena como instrumento de adaptação funcional à coletividade.⁵⁶ O termo ressocializar traz em seu bojo, a ideia de fazer com que o ser humano se torne novamente social (ou sócio). Isto porque, deve-se ressocializar aquele que foi dessocializado.⁵⁷ Por outro lado, estudiosos das ciências sociais tem apresentado crítica a esta ideia de ressocialização, pois não se pode afirmar que a pena é ressocializadora, e esta jamais pode carregar tal tarefa, já que ela própria dessocializa. De acordo com Alessandro Baratta, não se pode, ao mesmo tempo, excluir e incluir⁵⁸, fazendo importante pensar em uma única sociedade, tanto dos que vivem livres ou privados de liberdade, responsável pela construção de um espaço de convivência não violento, onde de fato todos possam sentir-se incluídos.

Para comprovar essa afirmação, de que o crime não dessocializa, basta um olhar superficial na sociedade, eis que dessa leitura restará comprovado que o traficante do morro não está dessocializado, nem mesmo o infrator de colarinho branco que fraudou o sistema financeiro, e muito menos o sujeito que comete pequenos e ocasionais furtos. Não existe, pois, uma correlação absoluta entre delinquência e ressocialização. Enfim, o que dessocializa é o cumprimento da sanção penal, sendo a privativa de liberdade seu grande expoente de dessocialização.⁵⁹ É o que difere o ser humano livre do privado de liberdade.

Já argumentava Heleno Cláudio Fragoso: “A consequência natural da falência da prisão é o entendimento de que ela deve ser usada o menos possível, como último recurso, no caso de delinquentes perigosos, para os quais não haja outra solução.”⁶⁰ Resumindo as palavras de Fragoso, para que não ocorra a dessocialização é necessário diminuir a incidência da pena de prisão, substituindo por outras espécies de sanção penal, como solução para menos aprisionamento sem a garantia do devido tratamento penal. Arrisca-se em dizer que a prevenção a criminalidade pelo

⁵⁶ MOLINA, Antonio García-Pablos de; GOMES, Luiz Flávio. **Criminologia**. 6. ed. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 2008. p. 424.

⁵⁷ VOLPE FILHO, Cloves Alberto. **Ressocializar ou não-dessocializar, eis a questão**. 2009. Disponível em: <<https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/5081/Ressocializar-ou-nao-dessocializar-eis-a-questao>>. Acesso em: 10 out. 2018.

⁵⁸ BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do Direito Penal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002. p. 186.

⁵⁹ VOLPE FILHO, 2009 (não paginado).

⁶⁰ FRAGOSO, Heleno Cláudio. **Lições de Direito Penal**. 15. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1994. p. 288.

investimento de políticas públicas includentes e efetivas poderia preservar o futuro da nação. Diante disso, pode-se afirmar que a ressocialização poderia ser evitada se houvesse a dessocialização, pois o indivíduo não seria exposto a tais situações que o sistema penitenciário oferece, situações essas que desfavorecem o comportamento do preso para com a sociedade.

O termo tratamento penal, atualmente, tem sido utilizado pelo sistema penitenciário para designar o trabalho de atendimento especializado às pessoas privadas de liberdade, porém reflexões da subcomissão para análise do tratamento penal no sistema penitenciário do RS considera um termo inapropriado para a complexidade que possui. Assim como no relatório da subcomissão, ao longo deste trabalho o termo foi mantido pela familiaridade como o mesmo é referido na SUSEPE pelo Departamento de Tratamento Penal que orienta e define as ações de atenção aos privados de liberdade.⁶¹ Para esta comissão o termo “tratamento penal” utilizado pelo sistema penitenciário atual, não é considerado adequado pela maioria dos servidores que foram consultados durante a pesquisa realizada por eles, pelo fato deste “remeter a questão do crime e da criminalidade a uma concepção médica”⁶², uma ideia segundo a comissão “essencialista de modelagem do comportamento que descontextualiza aspectos sociais envolvidos na ação delituosa.”⁶³

Os resultados apontados na pesquisa da subcomissão referem que a transformação do quadro da criminalidade está condicionada a reformulação e fortalecimento das políticas públicas trabalhadas na instituição, na cultura e na sociedade. Portanto, diante da considerável complexidade do trabalho oferecido às pessoas privadas de liberdade, emerge uma denominação apropriada que contemple o amplo conceito de direitos, remetendo-se sempre a importância da integralidade, sugerindo que talvez o termo “**Atenção Integral à pessoa privada de liberdade**”, seria o mais adequado para o trabalho desenvolvido neste contexto.⁶⁴ Sendo assim, e por entendimento comum, o termo foi utilizado em alguns momentos ao longo deste estudo, no intuito de poder ir adotando um novo olhar ao atendimento a ser garantido

⁶¹ Relatório Final da **Subcomissão para análise do tratamento penal no sistema penitenciário do RS**. Porto Alegre, 2017.

⁶² Manual de Tratamento Penitenciário Integrado para o Sistema Penitenciário Federal, p. 5. Disponível em: <<http://bit.ly/2yUz3Yf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁶³ Relatório Final da **Subcomissão para análise do tratamento penal no sistema penitenciário do RS**. Porto Alegre, 2017.

⁶⁴ Relatório Final da **Subcomissão para análise do tratamento penal no sistema penitenciário do RS**. Porto Alegre, 2017.

aos privados de liberdade. Ressalta-se que a reflexão ainda precoce sobre o termo “Atenção Integral à pessoa privada de liberdade” seja uma boa iniciativa, ainda assim, não se localizou nela referência à dimensão religiosa neste universo de garantias de direitos, necessitando ser inserida nesta discussão.

Considerar as particularidades de cada pessoa privada de liberdade, respeitando as diferenças seja pela cor da pele, etnia, credo ou gênero, estando o ser humano acima do crime que cometeu, apresenta-se como um importante instrumento para superação da violência antes, durante e depois da prisão, suprimindo o estigma do “cárcere” carregado por aqueles que passaram por este contexto, ditos “ex-presidiários”. Para que isto possa acontecer efetivamente, faz-se necessário tratar os diferentes como iguais e os iguais diferentes. O que isto significa? Reconhecer que todos possuem uma individualidade e uma história de vida anterior ao episódio do crime cometido e da condição de prisão, garantindo os direitos a todos sem distinções, preservando aqueles mais fundamentais: a dignidade da pessoa humana, mesmo ela privada de sua liberdade.

No entanto, a “instituição prisão” ainda persiste como ‘os loci’ por excelência de confinamento dos indivíduos punidos pela justiça penal nas sociedades contemporâneas, ou seja, “[...] conhecem-se todos os inconvenientes da prisão, e sabe-se que é perigosa, quando não inútil. E entretanto não ‘vemos’ o que pôr em seu lugar. Ela é a detestável solução, de que não se pode abrir mão.”⁶⁵ Nesse aspecto, compreende-se que, por não cumprir o objetivo a que lhe foi destinado – a recuperação dos criminosos – além de não diminuir as taxas de criminalidade e provocar a reincidência, a instituição é caracterizada pelo seu pretensão fracasso.

A dificuldade de controle do poder público sobre a população carcerária, o pouco apoio ao egresso como forma de reinserir-se na sociedade, a falta de preparo dos agentes penitenciários, além do descaso do Estado quanto aos direitos dos presos, afasta boa parte da sociedade da realidade prisional, porém outro movimento, em sentido oposto, vem sendo desenvolvido dentro do cárcere. Tal movimento diz não apostar na transformação do ser humano nem pela sujeição disciplinar do corpo⁶⁶, nem pela capacidade de inaugurar feitos inteiramente novos e de irromper no mundo de forma inédita, saindo do refúgio da vida privada e apresentando-se no espaço

⁶⁵ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 218.

⁶⁶ FOUCAULT, 2012, p. 218.

público.⁶⁷ Supõe-se que a saída aqui enfocada é a salvação religiosa, que tem por objetivo promover uma transformação na realidade social das prisões através da evangelização.

A realidade do sistema carcerário brasileiro é uma situação que precisa ser revista pela sociedade do país. Segundo aponta o Ministério da Justiça, a população carcerária aumenta cerca de 7% ao ano. De acordo com as pesquisas realizadas e atualizadas pelo Sistema de Informações Estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro (INFOPEN), o Brasil conta com 1.424 unidades prisionais, quatro desses estabelecimentos são penitenciárias federais, as demais unidades são estabelecimentos estaduais, totalizando 376.669 vagas; em contrapartida os ocupantes totais das 1.424 unidades são mais de 607.731 detentos, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, Rússia e China. Dentro desse quadro, São Paulo lidera o ranking do país com mais de 200 mil presos, a Bahia segue em décimo com mais de 15 mil presos.⁶⁸

Outra grande inquietação nos presídios está na forma como os indivíduos são distribuídos no cárcere. Na Lei de Execução Penal em sua seção I, que trata das disposições gerais, elenca um rol de atribuições que devem ser efetivadas pelo Estado. No seu artigo 10 dispõe que: “A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado”.⁶⁹

Os órgãos de administração penitenciária dos Estados em todo o Brasil são orientados pelas Diretrizes do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), que é o “[...] órgão executivo que acompanha e controla a aplicação da Lei de Execução Penal e das diretrizes da Política Penitenciária Nacional, emanadas, principalmente, pelo Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCC).”⁷⁰ Este departamento é também responsável pela gestão do Fundo Penitenciário Nacional (FUNPEN), criado pela Lei Complementar n. 79, de 07 de janeiro de 1994 e regulamentado pelo Decreto n. 1.093, de 23 de março de 1994. Este Fundo auxilia todos os Estabelecimentos Penais Brasileiros a gerirem suas demandas.

⁶⁷ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 8.

⁶⁸ Levantamento Nacional de informações penitenciárias - INFOPEN – jun. 2014.

⁶⁹ SILVA, Silas Sousa. **Sistema prisional brasileiro, uma organização a ser revisada**. 2015. Disponível em: <<https://sinfrons.jusbrasil.com.br/artigos/254556328/sistema-prisional-brasileiro-uma-organizacao-a-ser-revisada>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

⁷⁰ BRASIL. DEPEN - Departamento Penitenciário Nacional. Disponível em: <<http://depen.gov.br/DEPEN>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

Faz-se importante fixar que o DEPEN tem contribuído de forma significativa no aprimoramento da execução penal, atuando em três grandes eixos: alternativas ao encarceramento; modernização do sistema prisional e promoção da cidadania. O que mais chamou atenção no auge da pesquisa foram os aspectos relacionados à promoção da cidadania, que contempla a execução penal humanizada e que esteja associada com as políticas públicas sociais Inter setoriais. Esta lógica torna-se um tanto desafiadora, pois ainda caminha lentamente a proposta que supera o modelo de punição da pena, para o que vise à preparação da pessoa privada de liberdade ao convívio social, aos moldes do que versa o Art. 10 da Lei de Execução Penal (LEP): “[...] é dever do Estado a assistência ao preso e ao internado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade”.⁷¹ A LEP vem sendo um dispositivo fundamental para o Estado se responsabilizar nas garantias assistenciais previstas como um direito à pessoa privada de liberdade, que consistem em um conjunto de intervenções técnicas, políticas e gerenciais executadas durante e após o cumprimento das penas ou medidas de segurança, com o objetivo de “[...] criar uma aproximação entre Estado, Comunidade e as pessoas privadas de liberdade, como forma de lhes reduzir a vulnerabilidade frente ao sistema prisional.”⁷²

A Lei de Execução Penal assegura à pessoa privada de liberdade todas as condições necessárias para sua harmônica integração social, garantidas por meio da reeducação e da preservação de sua dignidade humana. A assistência à pessoa presa, como referida na Lei de Execução Penal, deve ser garantida de forma primordial, assim como as demais citadas. São os primeiros artigos do capítulo II que definem:

Art. 10 - A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade.

Parágrafo único - A assistência estende-se ao egresso.

Art. 11 - A assistência será:

- I - material;
- II - à saúde;
- III - jurídica;
- IV - educacional;

⁷¹ BRASIL. **Constituição Federal**. Código Penal. Lei de Execução Penal (LEP): Lei 7.210 de 11 de julho de 1984, Art. 10.

⁷² BRASIL. DEPEN. **Departamento Penitenciário Nacional**. Disponível em: <<http://depen.gov.br/DEPEN/dirpp/cgpc>>. Acesso em: 26 set. 2018.

V - social;

VI - religiosa.⁷³

São os direitos assegurados pela LEP que vislumbram a garantia de assistência à pessoa privada de liberdade, possibilitando o acesso a bens e serviços básicos para manutenção da sua cidadania, orientando o retorno ao convívio social e auxiliando na prevenção ao crime. Neste íterim depara-se com a perspectiva religiosa, onde a LEP considera ser um elemento essencial no tratamento penal, estando no rol das assistências fundamentais ao preso na prevenção ao crime e orientando o retorno à convivência em sociedade. A seção VII da assistência religiosa define alguns pressupostos:

Art. 24 - A assistência religiosa, com liberdade de culto, será prestada aos presos e aos internados, permitindo-se lhes a participação nos serviços organizados no estabelecimento penal, bem como a posse de livros de instrução religiosa.

§ 1º - No estabelecimento haverá local apropriado para os cultos religiosos.

§ 2º - Nenhum preso ou internado poderá ser obrigado a participar de atividade religiosa.⁷⁴

A atividade religiosa tem sido considerada fundamental no processo de preparação da pessoa privada de liberdade para o retorno à sociedade, além de ser considerado um direito de todas as pessoas exercerem seu livre culto religioso, não obstante estejam livres ou presas. O Ministério da Justiça, através do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, datada em 10 de novembro de 2011, publicou diretrizes para a assistência religiosa nos estabelecimentos prisionais. Este documento vem contemplar as previsões contidas na Constituição Federal, quanto ao Brasil ser um Estado laico, assegurando a inviolabilidade da liberdade de consciência e de crença, o livre exercício de cultos religiosos e a prestação de assistência religiosa nas unidades civis e militares de internação coletiva.

Considera ainda, as previsões da Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas e as Regras Mínimas da Organização das Nações Unidas para o Tratamento de Reclusos/as que preveem o direito à liberdade de pensamento, crença, culto e religião, ensino e prática, de forma isolada ou coletiva, em público ou particular, além de prever a assistência religiosa nos estabelecimentos penais, garantindo a presença de representantes religiosos para a oferta de serviços

⁷³ BRASIL, 1984, Art. 10-11.

⁷⁴ BRASIL, 1984, Art. 24.

litúrgicos, visitas pastorais; além do que dispõe as recomendações contidas no documento “Princípios Básicos: Religião no Cárcere”, apresentado no Congresso das Nações Unidas sobre Prevenção do Delito e Justiça Criminal, realizado no Brasil em 2010; obedecendo ao Plano Nacional de Política Criminal e Penitenciária de 26 de abril de 2011, recomendando respeito pelos diferentes públicos.

As diretrizes deste documento vêm garantir à pessoa presa os direitos constitucionais de liberdade de consciência, de crença e expressão religiosa, seguindo os seguintes princípios:

I - Será garantido o direito de profecia de todas as religiões, e o de consciência aos agnósticos e adeptos de filosofias não religiosas;

II - Será assegurada a atuação de diferentes confissões religiosas em igualdades de condições, majoritárias ou minoritárias, vedado o proselitismo religioso e qualquer forma de discriminação ou estigmatização;

III - a assistência religiosa não será instrumentalizada para fins de disciplina, correccionais ou para estabelecer qualquer tipo de regalia, benefício ou privilégio, e será garantida mesmo à pessoa presa submetida a sanção disciplinar;

IV - À pessoa presa será assegurado o direito à expressão de sua consciência, filosofia ou prática de sua religião de forma individual ou coletiva, devendo ser respeitada a sua vontade de participação, ou de abster-se de participar de atividades de cunho religioso;

V - Será garantido à pessoa presa o direito de mudar de religião, consciência ou filosofia, a qualquer tempo, sem prejuízo da sua situação prisional;

VI - O conteúdo da prática religiosa deverá ser definido pelo grupo religioso e pelas pessoas presas.⁷⁵

O documento empreitado vem regulamentar a assistência religiosa nos ambientes prisionais e efetivar políticas mundiais e nacionais, direcionadas para a garantia desta assistência às pessoas privadas de liberdade. Além disso, vem fundamentar o trabalho já realizado por igrejas e denominações religiosas nos Estabelecimentos Penais, garantindo assim os requisitos necessários para o pleno desenvolvimento da atividade religiosa sem que comprometa a rotina e o programa de tratamento penal, considerando ser esse também uma extensão do processo de ressocialização.

A questão da assistência religiosa, embora prevista na LEP desde 1984, e contando com a publicação das Diretrizes para a assistência religiosa nos estabelecimentos prisionais em 2011, esteve ganhando força somente no final desta

⁷⁵ BRASIL. Ministério da Justiça. **Diretrizes para a assistência religiosa nos estabelecimentos prisionais**. Resolução nº. 8 de 2011.

última década, quando timidamente grupos religiosos passaram a tencionar o tema no âmbito prisional.

As novas práticas adotadas pelas políticas penitenciárias, pautadas na cidadania e na humanização do cumprimento da pena, incidem na superação dos ciclos de violências, imbricados historicamente no contexto das prisões no Brasil para se alcançar a garantia das condições mínimas de custódia desses indivíduos, de modo a garantir-lhes um tratamento penal que promova direitos, resgate dos vínculos sociais e a condição de reinserção social e profissional. Alguns dos benefícios de um sistema prisional que promova a cidadania e a dignidade humana já foram atestados através dos estudos realizados pelo DEPEN:

Auxilia na construção de um novo projeto de vida para as pessoas privadas de liberdade; previne a reincidência, contribui para a prevenção de delitos e reduz a taxa de criminalidade; reduz o déficit carcerário, pela remição da pena e pela redução da reincidência; diminui o índice de violência carcerária, pois o uso da força passa a ser pontual; deixa a unidade e segura, por diminuir a tensão; previne fugas e rebeliões; diminui as infrações disciplinares nas unidades.⁷⁶

Benefícios como esses foram atestados ao longo da pesquisa empírica advindos da assistência religiosa, como a redução dos índices de violência carcerária, deixando o ambiente prisional mais tranquilo e harmonioso, diminuindo as tensões, podendo repercutir na redução de fugas e rebeliões, nas infrações disciplinares, assim como na construção de novos projetos de vida pós-cárcere, quando do alcance a liberdade condicional.

Dentre as estratégias utilizadas para a Promoção da Cidadania está a inclusão das pessoas privadas de liberdade, egressos e familiares nas políticas públicas existentes, possibilitando seu reconhecimento e inclusão em programas, projetos, ações e atividades setoriais de reintegração social dentre as quais destacam-se as políticas de saúde, educação, qualificação profissional, cultura, esporte, trabalho, assistência social e religiosa, sempre reconhecendo as diversidades e as necessidades advindas do gênero.⁷⁷

Contudo, a Coordenação Geral de promoção à cidadania do DEPEN, considera também a assistência religiosa um viés importante no processo de ressocialização, logo na promoção da cidadania da pessoa privada de liberdade. Com o advento da Lei de Execução Penal de 1984, o cumprimento das penas privativas de liberdade sofreu modificações, permitindo as regressões e progressões de regimes

⁷⁶ BRASIL. DEPEN, 2018.

⁷⁷ BRASIL. DEPEN. Departamento Penitenciário Nacional. **Coordenação Geral de promoção da cidadania**. Disponível em: <<http://depen.gov.br/DEPEN/dirpp/cgpc>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

definidos pelo lapso do cumprimento da pena previsto no Código Penal, a conduta carcerária e as avaliações psicossociais quando demandadas pelo judiciário, sabendo que cada regime passou a ser cumprido de acordo com o tipo de estabelecimento penal.

Algumas ações na área da assistência religiosa nos estabelecimentos prisionais brasileiros, foram identificadas durante a pesquisa bibliográfica e dentre elas se fez destaque daquelas ocorridas por projetos do Rio Grande do Sul em outros Estados, realizadas no próprio Estado e especialmente na primeira região penitenciária, onde está localizada o Instituto Penal de São Leopoldo-RS (IPSL), local onde foi realizado o estudo de caso. Nas publicações do DEPEN sobre o tema, foi possível identificar a ação realizada em abril de 2017 em Alcaçuz-RN, organizada pela Coordenação-Geral de Assistências nas Penitenciárias (CGAP) da Diretoria do Sistema Penitenciário Federal (DISPF), juntamente com a Associação de Assistência ao Dependente Químico e Encarcerados (AADQE), de Porto Alegre/RS, promoveu o serviço de assistência religiosa a aproximadamente 800 pessoas privadas de liberdade, que pela primeira vez receberam essa assistência após a rebelião ocorrida em janeiro de 2017. O coordenador da Força Tarefa de Intervenção Penitenciária (FTIP), André Fernandes, ressaltou que este tipo de ação se faz necessário, pois se deve garantir todos os direitos e assistências para as pessoas privadas de liberdade, ressaltando: “Visamos primeiro à segurança da sociedade, dos agentes e trabalhadores das penitenciárias e dos presos. No entanto, é imprescindível também preservar os direitos dos presos [...]”⁷⁸, um discurso humanizador que possibilita novas perspectivas para o tratamento penal brasileiro.

A participação da AADQE deu-se por meio do Sistema Penitenciário Federal (SPF), que convidou os integrantes da associação pela experiência que possuem nesse atendimento no Estado do Rio Grande do Sul, atuando em 103 penitenciárias estaduais e ainda pela referência do seu presidente Lacir Moraes Ramos⁷⁹, egresso do Sistema Penitenciário Gaúcho e que realiza esse trabalho de assistência religiosa há 28 anos, sendo que 18 anos foram durante o cumprimento de sua pena. Em sua entrevista ao setor de comunicação do DEPEN, declarou que a “[...] espiritualidade

⁷⁸ FERNANDES, André. **DEPEN promove assistência religiosa em Alcaçuz-RN**. Disponível em: <depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/depen-promove-assistencia-religiosa-em-alcacuz-rn>. Acesso em: 20 mar. 2018.

⁷⁹ Bandido que aterrorizou o Rio Grande do Sul na década de 1980 se converteu a Jesus Cristo e fez da sua prisão uma ponte para a liberdade de muitos presos, aos quais pregou a salvação.

causa impacto positivo no processo de ressocialização do preso [...]”⁸⁰, fala daquele que após sair da prisão publicou o livro “Um milagre na Escola do Crime”.⁸¹

Observou-se que o DEPEN tem estado aberto a receber as ações de parceiros que visem à garantia da assistência religiosa nas prisões, fazendo destaque a algumas ações que têm ocorrido nas penitenciárias federais. O SPF está direcionado ao rigor da segurança nos estabelecimentos penais, por outro lado tem demonstrado seu comprometimento com a atenção às assistências aos internos, conforme a previsão legal. Em julho de 2017 o DEPEN lançou, em parceria firmada com a Igreja Universal, um projeto pioneiro na Penitenciária Federal de Porto Velho (PFPV), possibilitando a instalação de uma Rádio Gospel, transmitindo mensagens de fé para os internos e servidores e servidoras.

O chefe de Segurança da Penitenciária Federal, Alessandro Souza, destacou em sua fala a importância da assistência religiosa como ferramenta efetiva de ressocialização. O diretor da PFPV, Cristiano Torquato, explica que o projeto foi idealizado para ampliar a assistência religiosa que era fornecida aos internos, sem afetar o rigor na segurança. Além das transmissões semanais da Rádio Gospel, os presos poderão ainda ter contato com ministros de outras congregações nos fins de semana, como já acontecia. Para a administração das prisões federais, essas assistências podem contribuir para reduzir problemas comportamentais.⁸²

A esse respeito, o Serviço de Comunicação Social do DEPEN publicou no site deste Departamento a ocorrência da I Reunião Técnica sobre Assistência Religiosa no Sistema Prisional. A reunião ocorreu na sede do DEPEN em 18 de dezembro de 2017 com o objetivo de “[...] subsidiar o produto da consultoria PNUD, que tem como finalidade a produção de um manual com diretrizes e procedimentos para promoção

⁸⁰ RAMOS, Lacir Moraes. **DEPEN promove assistência religiosa em Alcaçuz-RN**. Disponível em: <depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/depen-promove-assistencia-religiosa-em-alcacuz-rn>. Acesso em: 20 mar. 2018.

⁸¹ O livro narra a história de vida de Lacir Moraes, ex-bandido e ex-presidiário que praticou inúmeros delitos, que o levaram ao fundo do poço. Com uma condenação de 200 anos de reclusão, ele pensava não ter mais solução, mas foi alcançado pelas mãos feridas do Senhor Jesus. A história dele é mudada completamente. De escravo de Satanás, torna-se agora um verdadeiro discípulo de Cristo; das prisões escuras do inferno para a liberdade e para a luz gloriosa de Jesus. Uma nova vida foi alcançada e os pecados foram purificados pelo poder do sangue de Cristo. O sacrifício de Jesus na cruz do Calvário tem poder para resgatar a todos que, com um coração sincero, se chegam a ele em busca de perdão e regeneração. Sinopse do livro, disponível em: <https://www.livrariapaoda vida.com.br/livro-um-milagre-na-escola-do-crime-lacir-moraes-ramos>. Acesso em 20 set. 2018.

⁸² DEPEN. **Penitenciária Federal de Porto Velho lança projeto inédito para ampliar assistência religiosa**. Disponível em: <http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/penitenciaria-federal-de-porto-velho-lanca-projeto-inedito-para-ampliar-assistencia-religiosa>. Acesso em: 20 mar. 2018.

da diversidade da assistência religiosa.”⁸³ O DEPEN, conta com uma divisão específica para tratar da Assistência Religiosa, divisão esta não identificada no organograma da SUSEPE/RS, embora esse assunto esteja sendo tratado por um estagiário, conforme informado pelo Departamento de Tratamento Penal. O encontro contou com pesquisadores, gestores prisionais e representantes de diferentes matrizes religiosas, para refletir a respeito do assunto. Rodrigo Lopes, chefe da divisão de Assistência Social do DEPEN, discutiu neste primeiro encontro a importância de se colocar a temática em pauta afirmando que

[...] nesse sentido, com o compromisso firmado entre DEPEN e Ministério de Direitos Humanos, por meio do Comitê Gestor Nacional de Diversidade Religiosa, espera-se que a Assistência Religiosa seja reconhecida como mais um direito preconizado pela Lei de Execução Penal. Também, é preciso que o Estado tenha um papel ativo na defesa da oferta da diversidade religiosa dentro do sistema prisional.⁸⁴

Embora os projetos de assistência religiosa nas prisões estejam ganhando espaço lentamente, o Estado, através de seus gestores, avista resultados significativos na proposta de “ressocialização” prevista nas políticas penitenciárias brasileiras, contribuindo na garantia da cidadania, na humanização e na construção de novas perspectivas pós-encarceramento. Porém sinalizam a necessidade de estudo e acompanhamento acerca do cuidado na prestação da assistência religiosa nas prisões, para que estas não se findem em fins estritamente proselitistas. A esse respeito, será possível constatar na percepção dos gestores da Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE), através do Setor de Desenvolvimento Humano do Departamento de Tratamento Penal (DTP) e especificamente do gestor do Instituto Penal de São Leopoldo (IPSL), onde foi realizado o estudo de caso.

2.2.1 Considerações sobre a Assistência Religiosa no Sistema Penitenciário Gaúcho

A regulamentação da assistência religiosa em presídios e hospitais do Rio Grande do Sul foi aprovada em 2012, assegurando aos evangelizadores de todas

⁸³ SERVIÇO de Comunicação Social do DEPEN. Disponível em: <<http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/i-encontro-de-assistencia-religiosa-e-promovido-e-sua-politica-e-fortalecida>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

⁸⁴ LOPES, Rodrigo. **Assistência Religiosa**. Disponível em: <<http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/i-encontro-de-assistencia-religiosa-e-promovido-e-sua-politica-e-fortalecida>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

as denominações religiosas o acesso às instituições hospitalares públicas e privadas e nos estabelecimentos prisionais civis e militares do Estado.⁸⁵

Art. 1.º Assegura-se, aos religiosos de todas as confissões, o acesso aos hospitais das redes pública e privada, bem como aos estabelecimentos prisionais civis ou militares, para prestar atendimento religioso aos internados e aos presos que o desejarem, no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul.⁸⁶

A proposição do deputado Carlos Gomes (PRB) previu que o atendimento seja realizado de acordo com as determinações legais e as regras de cada entidade. A regulamentação desses serviços resguarda o direito dos cidadãos e cidadãs de decidir por receber assistência religiosa ou não, além de impedir o ingresso de falsos voluntários, que tentam entrar nas instituições com outros interesses.

O deputado também destaca que a assistência religiosa busca levar uma mensagem de esperança para aqueles que enfrentam momentos de dor e sofrimento. A prática tem reconhecido papel na ressocialização de apenados e na cura de enfermos.⁸⁷

A discussão sobre a assistência religiosa e a presença das tradições religiosas dentro das prisões tem ganhado enfoque. Na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul se constituiu uma comissão especial, para tratar da função social das igrejas nos presídios e centros de recuperação de drogadição do Estado. O relatório final, de abril de 2017, apontou algumas questões pertinentes a esta temática, resultado de uma audiência pública realizada especialmente para este fim, fundamentada em três situações:

[...] o alto índice de reincidência no crime por parte dos egressos do sistema prisional gaúcho; a porcentagem considerável de reinserção social entre a parcela de apenados que recebem auxílio espiritual e entre os pacientes em tratamento de dependência química; e os entraves encontrados pelos voluntários para o desenvolvimento do trabalho nas casas prisionais e nos centros de recuperação de drogadição. Em alguns locais, por obstáculos ao acesso, e em outros, por falta de estrutura mínima para o atendimento.⁸⁸

⁸⁵ ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Comissão Especial para tratar da função social das igrejas nos presídios e hospitais gaúchos. Disponível em: <<https://al-rs.jusbrasil.com.br/noticias/100212668/aprovada-a-regulamentacao-da-assistencia-religiosa-em-presidios-e-hospitais-gauchos>>. Acesso em: 20 jul.2018.

⁸⁶ LEI Nº 14.159, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2012. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/14.159.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁸⁷ ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2018.

⁸⁸ ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Comissão Especial para tratar da função social das igrejas nos presídios e centros de recuperação de drogadição. **Relatório Final**. Porto Alegre: ALRS, 2017. p. 5.

Esta comissão abriu espaço para reflexões acerca da dimensão da espiritualidade humana, pois consideram que ela pode ser estimulada a partir das vivências das tradições religiosas ofertadas nas prisões, pelo exercício da espiritualidade e pelos valores construídos ao longo da história de vida de cada indivíduo, considerando que:

O auxílio espiritual não traz ônus ao Estado e que este exercício é um trabalho essencial à ressocialização, que hoje o poder público não consegue alcançar. Também executam, em paralelo, assistência social e espiritual às famílias visando ao resgate de valores, com a convicção de que a drogadição e a criminalidade têm suas raízes no próprio lar, ou na falta dele.⁸⁹

Ao longo do trabalho desta comissão especial, muitos depoimentos, experiências, relatos e testemunhos de diferentes atores sociais e políticos, envolvidos no tema da segurança pública e dos direitos humanos, foram colhidos, a fim de fundamentar a importância de se criar um instrumento que regulasse esse serviço.

A conclusão dos especialistas e religiosos é de que o trabalho de assistência espiritual se constitui numa ferramenta fundamental para o processo de ressocialização da massa carcerária. Quando esta se converte a uma religião, ouve com atenção a palavra de Deus e se transforma a partir de novos valores éticos e morais. Uma vez que este trabalho ajuda uma parte desta população de detentos e detentas, o desafio passa a ser o de ampliar e socializar as práticas religiosas – através de cultos e palestras - dentro das casas prisionais e centros de drogadição.⁹⁰

A SUSEPE, por sua vez, é um órgão do governo do Rio Grande do Sul, está vinculada à Secretaria da Segurança Pública e é a responsável pela administração penitenciária neste Estado. A SUSEPE foi estruturada através da Lei n. 5.745, de 28 de dezembro de 1968, passando a ser responsável pelo planejamento e execução da política penitenciária do Estado, vinda a substituir os extintos Departamentos dos Institutos Penais, após a desvinculação administrativa das prisões da Polícia Civil, como efeito do movimento nacional de criminalistas, penitenciaristas e defensores da execução das penas privativas de liberdade de forma humanizada, vislumbrando a

⁸⁹ ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2017, p. 5.

⁹⁰ O governo do estado do Rio Grande do Sul através do ex-deputado Estadual, Missionário Volnei, junto com uma comissão especial para Tratar da Função Social das Igrejas nos Presídios e Centros de Recuperação de Drogadição no RS, apoiaram o trabalho da assistência religiosa nos presídios, fazendo com que a entrada dessas entidades fosse menos burocrática e mais produtivas. Informações disponíveis em: <http://proweb.procergs.com.br/ANEXOS/ANEXO_PR_0004_2017_1.PDF>. Acesso em: 25 set. 2018.

ressocialização dos presos, fato esse pioneiro no Brasil. A proposta do novo modelo de ressocialização visava à superação da ideia de punição, alcançando o previsto constitucional de direitos a toda pessoa privada de liberdade.⁹¹

Segundo o Departamento Penitenciário Nacional (DPN), órgão gestor do Sistema Penitenciário no Brasil, os estabelecimentos penais estão classificados pelos seguintes: albergues; penitenciárias; presídios; colônias penais. A rede prisional administrada pela SUSEPE compreende unidades classificadas por albergues, penitenciárias, presídios e colônias penais⁹², acolhendo presos dos regimes fechado, semiaberto e aberto.⁹³ No Estado do Rio Grande do Sul, é nos Institutos Penais que o regime semiaberto tem sido cumprido.

A operacionalidade dos estabelecimentos penais é atribuição dos/as servidor/as e gestores/as ligados à Superintendência dos Serviços Penitenciários, os/as quais são designados/as a gerir com comprometimento a Instituição e atender às necessidades dos que cumprem pena, intituladas Pessoas Privadas de Liberdade (PPL), colocando-se à disposição para contribuir para a reforma do Sistema Penitenciário Brasileiro, visando a interesse comum de promover a ressocialização. Na SUSEPE o quadro de servidores/as com as novas nomenclaturas, Agente Penitenciário, Agente Penitenciário Administrativo e Técnico de Nível Superior (advogados/as, psicólogos/as e assistentes sociais), foi consolidada através da Lei Complementar n. 13.259, de 2009. O Decreto n. 48.728, publicado no Diário Oficial do Estado no dia 25 de agosto de 2011, e dispõe sobre a estrutura básica da SUSEPE, representada no organograma abaixo.

⁹¹ BRASIL. DEPEN. Departamento Penitenciário Nacional. Disponível em: <[Http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod_menu=185](http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod_menu=185)>. Acesso em: 22 jan. 2018.

⁹² A penitenciária destina-se ao condenado à pena de reclusão, em regime fechado. O condenado será alojado em cela individual que conterà dormitório, aparelho sanitário e lavatório; A Colônia Agrícola, Industrial ou Similar destina-se ao cumprimento da pena em regime semiaberto. O condenado poderá ser alojado em compartimento coletivo, observados os critérios de salubridade do ambiente pela concorrência dos fatores de aeração, insolação e condicionamento térmico adequado à existência humana; A Casa do Albergado destina-se ao cumprimento de pena privativa de liberdade, em regime aberto, e da pena de limitação de fim de semana. O prédio deverá situar-se em centro urbano, separado dos demais estabelecimentos, e caracterizar-se pela ausência de obstáculos físicos contra a fuga. A segurança, nesse caso, resume-se à responsabilidade do condenado, que deverá desempenhar seus afazeres durante o dia e a ela se recolher à noite e nos dias de folga. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14117>. Acesso em: 22 set. 2017.

⁹³ Regime fechado: a execução da pena em estabelecimento de segurança máxima ou média; Regime semiaberto: a execução da pena em colônia agrícola, industrial ou estabelecimento similar; Regime aberto: a execução da pena em casa de albergado ou estabelecimento adequado. SUSEPE. **Tipos de Regime**. Disponível em: <http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod_menu=136>. Acesso em: 30 set. 2018.



Figura 1 - Divisão de Tecnologia da Informação/ SUSEPE-RS

Fonte: Departamento de Planejamento da SUSEPE

O Departamento de Tratamento Penal está organizado por divisões, as quais são responsáveis pela efetivação das políticas penitenciárias no que concerne à promoção da cidadania, valorização humana e ressocialização das pessoas privadas de liberdade. Trabalham para a garantia dos direitos as divisões de saúde, educação, trabalho prisional, divisão técnica (psicossocial e jurídica) e desenvolvimento humano.⁹⁴ A assistência religiosa tem sido regulada por este Departamento através da divisão de desenvolvimento humano, a qual fica responsável pela coleta de dados e informações sobre a temática junto aos Estabelecimentos Prisionais, análise da expressão da assistência religiosa nas prisões realizada por grupos religiosos, vinculados a alguma denominação religiosa, fomentar a participação de outras igrejas e o convênio com a Sociedade Bíblica do Brasil, a qual disponibiliza livros, Bíblias e cursos teológicos de forma gratuita nas prisões gaúchas. Teoricamente, observa-se ainda tímida a organização e o gerenciamento da operacionalização e dos resultados da assistência religiosas no tratamento penal do Rio Grande do Sul.

Dentro do Estado do Rio Grande do Sul, observou-se que a forma mais evidente de registro das atividades realizadas pelos grupos religiosos e suas igrejas nos estabelecimentos prisionais, tem sido realizada através da publicação de

⁹⁴ A Divisão de Desenvolvimento Humano, entre outras atividades, está voltado para o trabalho de políticas específicas na SUSEPE, relacionada à população prisional negra, feminina, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros - LGBT e demais identificações de gênero.

matérias, da imprensa interna, na intranet da SUSEPE e eventualmente no site institucional. Seguem abaixo, as atividades mais expressivas de assistência religiosa realizadas nos últimos quatro anos nos estabelecimentos prisionais gaúchos.

Quadro 1 - Registro das ações mais expressivas sobre assistência religiosa no sistema prisional noticiado pela imprensa da SUSEPE nos últimos anos

Título da matéria	Data	Estabelecimento	Denominação religiosa	Atividade realizada
Sociedade bíblica e 2ª Delegacia Penitenciária Regional promovem treinamento para assistência religiosa nos presídios	13/10/2014	Auditório da SEST/SENAT	Assembleia de Deus	Treinamento para multiplicadores de assistência religiosa
PEC promove assistência religiosa para apenados	17/03/2015	PEC	Igreja Universal do Reino de Deus	Assistência religiosa para presos
PEAR e pastoral carcerário promovem assistência religiosa	26/03/2015	PEAR	Pastoral carcerária	Assistência religiosa para presos
Colônia penal agrícola recebe doações da igreja universal e afirma parceria para curso de informática	20/10/2017	Colônia Penal Agrícola	Igreja Universal do Reino de Deus	Doação de kits de higiene
Superintendente recebe visita dos pastores da Igreja Universal	15/03/2018	Órgão central	Igreja Universal do Reino de Deus	Superintendente recebe coordenador do Programa Universal nas prisões
Presídios recebem doações da Igreja Universal - Reino de Deus	24/04/2018		Igreja Universal do Reino de Deus	
Batismo de apenados na PEC	14/06/2018	PEC	Assembleia de Deus - Ministério Restauração	Batismo de presos
Igreja universal realiza evento no Presídio de Cacequi	28/06/2018	Presídio de Cacequi	Igreja Universal do Reino de Deus	Culto inaugural
Apenadas do PEFG recebem kits de higiene pessoal	17/08/2018	PEFG	Igreja Universal do Reino de Deus	Recebimento de kits de higiene pessoal
Projeto "Caminho a Escolher" em Campo Bom	Mês abril/2018	Ginásio da Cidade	Assembleia de Deus	Seminário com alunos da rede pública. Servidores penitenciários foram palestrantes
Projeto "Caminho a Escolher" em Caxias do Sul	17/08/2018	Auditório em Caxias do Sul	Assembleia de Deus	Seminário com alunos da rede pública. Servidores penitenciários foram palestrantes

Fonte: LAUXEN, 2018 (banco de dados da pesquisa).

O quadro acima demonstra algumas das atividades realizadas pelas denominações religiosas através dos seus representantes, realizando ações junto as pessoas privadas de liberdade. As ações são de assistência religiosa e assistência material, além de projetos que visam atender a família dos privados de liberdade e também a prevenção a criminalidade junto a adolescentes, como é o caso do projeto "Caminho a Escolher", que conta com o apoio da Secretaria de Missões da Igreja Assembleia de Deus do Rio Grande do Sul (SEMADERS).

Tratando-se da assistência religiosa no Estado do Rio Grande do Sul, o Departamento de Tratamento Penal através de entrevista, relatou que as denominações religiosas cadastradas mais frequentes são “Religião Evangélica, incluindo Testemunhas de Jeová, Religião Católica, Religião Espírita e com bem pouco acesso a Religião de Matriz Africana em especial a Umbanda”⁹⁵, porém as mais atuantes são as igrejas Católica e Evangélicas.

De acordo com a Diretora do DTP, a assistência religiosa realizada nos estabelecimentos prisionais do Estado é gerenciada pelo “Departamento de Tratamento Penal, mais especificamente no Setor de Desenvolvimento Humano e Medidas Alternativas”. Afirma que este setor tem feito o controle dos grupos religiosos que prestam assistência aos estabelecimentos prisionais, “mas não é este setor que tem determinado a operacionalização das atividades”⁹⁶, pois elas são organizadas pelos próprios estabelecimentos. Segundo ela, a assistência religiosa é organizada de acordo com o espaço físico de cada estabelecimento e mediante autorização dos seus administradores⁹⁷, pois não existe nas instalações espaço específico para realização de atividades religiosas, ocorrendo geralmente “nas próprias galerias e nos pátios”, conforme os relatórios institucionais.⁹⁸

Sobre o registro de ações sociais realizadas pelas denominações religiosas nos estabelecimentos prisionais do Estado que pudesse compartilhar, respondeu:

Temos conhecimento da Sociedade Bíblica do Brasil, que tem levado materiais religiosos para os Estabelecimentos, mas as Denominações Religiosas se realizam algo, não foi informado para este Setor, acredito que estes combinados ocorram diretamente com os Estabelecimentos Penitenciários.⁹⁹

⁹⁵ Entrevista com a Vice-Diretora do Departamento de Tratamento Penal, em resposta à pergunta: Denominações religiosas que estão cadastradas para assistência religiosa no Estado do Rio Grande do Sul? LAUXEN, 2018.

⁹⁶ Entrevista com a Vice-Diretora do Departamento de Tratamento Penal, em resposta à pergunta: Existência de um setor específico para administração da operacionalização da assistência religiosa nos estabelecimentos penais. LAUXEN, 2018.

⁹⁷ Entrevista com a Vice-Diretora do Departamento de Tratamento Penal, em resposta à pergunta: Os Estabelecimentos Penais do Estado possuem espaço na sua engenharia, específico para a assistência Inter-religiosa? LAUXEN, 2018.

⁹⁸ Entrevista com a Vice-Diretora do Departamento de Tratamento Penal, em resposta à pergunta: Locais onde normalmente tem ocorrido a prestação da assistência Inter-religiosa nos EPs do Estado? LAUXEN, 2018.

⁹⁹ Entrevista com a Vice-Diretora do Departamento de Tratamento Penal, em resposta à pergunta: Possuem registros de ações sociais realizadas pelas denominações religiosas nos EPs do Estado? Podem compartilhar as do último ano? LAUXEN, 2018.

Os cadastros para entrada nos estabelecimentos prisionais ocorrem diretamente junto à administração do local, não tendo o órgão central, através do Departamento de Tratamento Penal (DTP), gerencia sobre os mesmos. Somente as informações relativas às ações realizadas pela Sociedade Bíblica do Brasil, ocorrem via DTP, pelo convênio realizado com a SUSEPE. Refere que os cadastros dos grupos religiosos nos estabelecimentos prisionais do Estado estão condicionados as normas da Portaria Geral de visitas, fundamentada na Resolução 08/2011 DEPEN.¹⁰⁰ A SUSEPE não possui portaria específica para entrada de grupos religiosos.

Quanto à existência de proposta de projetos para atenção a dimensão religiosa nos estabelecimentos penais, o DTP informou que no momento não possui, mas estará participando no mês de novembro de 2018, em Brasília, em reunião no Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), sobre esta matéria.¹⁰¹

Sobre possíveis registros de algum caso de privados/as de liberdade ou egressos/as que relatam de forma positiva a contribuição da assistência religiosa recebida durante a reclusão, no seu processo de ressocialização e reinserção social, respondeu que desconhece algum relato nesse âmbito. “Acredito que essa resposta seja mais provável de ser obtida diretamente com as pessoas privadas de liberdade através de entrevistas com os mesmos”¹⁰², o que foi possível fazer mais tarde por ocasião do estudo de caso no IPSL.

Por outro lado, em entrevista realizada com o Delegado Penitenciário da 1ª Região Penitenciária, onde está localizado o IPSL, estabelecimento prisional onde foi realizado o estudo de caso, foi possível identificar como tem se dado a operacionalização da assistência religiosa na região.

O Delegado Penitenciário fala de forma geral sobre a assistência religiosa na Região, que compreende os estabelecimentos prisionais de Canoas, Montenegro, Taquara, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Osório e Torres, referindo que “todas as casas recebem assistência religiosa”¹⁰³, sendo os evangélicos os mais presentes na

¹⁰⁰ Existência de documentação específica que regulamenta a assistência religiosa nas prisões gaúchas.

¹⁰¹ Existência de proposta de projetos nesta área para os estabelecimentos penais.

¹⁰² Entrevista com a Vice-Diretora do Departamento de Tratamento Penal, em resposta à pergunta: A SUSEPE possui registro de algum caso de privados/as de liberdade ou egressos/as que relatam de forma positiva a contribuição da assistência religiosa, recebida durante a reclusão, no seu processo de ressocialização e reinserção social? Poderia compartilhar? LAUXEN, 2018.

¹⁰³ Entrevista com entrevista com Delegado Penitenciário da 1ª Região Penitenciária. Quais os Estabelecimentos Penais da 1ª Região Penitenciária que recebem assistência religiosa? LAUXEN, 2018.

da Portaria 160/14 - Regulamento para Ingresso de Visitas e Materiais da SUSEPE prestação desse tipo de assistência.¹⁰⁴ De acordo com ele, a visita de grupos religiosos é prevista e concedida através, baseada nos dispositivos do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCCP).¹⁰⁵

Ao realizar a pesquisa houve interesse em identificar os grupos religiosos mais presentes dentro dos estabelecimentos prisionais da 1ª região penitenciária, demonstrados a seguir:

Quadro 2 - Igrejas presentes na 1ª Região Penitenciária

INSTITUTO PENAL DE MONTENEGRO	INSTITUTO PENAL DE SÃO LEOPOLDO	INSTITUTO PENAL DE NOVO HAMBURGO	PRESDIO FEMININO DE TORRES	PRESDIO ESTADUAL DE TAQUARA	INSTITUTO PENAL DE CANOAS	PENITENCIARIA ESTADUAL MODULADA DE OSÓRIO	PENITENCIARIA ESTADUAL MODULADA DE MONTENEGRO
Igreja Universal	Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Estância Velha	Igreja Assembleia de Deus	Igreja Adventista do Sétimo Dia.	Pastoral carcerária-Igreja católica	Igreja do Senhor Jesus Cristo	Assembleia de Deus – Gideões Missionários	Pastoral Carcerária
Centro Espírita Cacique de Barro	Pastoral carcerária-Igreja Católica	Pastoral Carcerária	Pastoral carcerária Paróquia São Domingos	Igreja Universal do Reino de Deus	Pastoral Carcerária-Igreja Católica	Pastoral Carcerária	Igreja Evangélica Assembleia de Deus
Assembleia de Deus restauração	Igreja Universal do Reino de Deus	Igreja Universal do Reino de Deus	Igreja Evangélica - Assembleia de Deus	Igreja Assembleia de Deus	Igreja Universal do Reino de Deus	Igreja Universal do Reino de Deus	Igreja Universal do Reino de Deus
Pastoral carcerária católica	Seminário Concórdia - Igreja Evangélica Luterana do Brasil- IELB	Centro Espírita Caminheiros do Bem	Igreja Universal do Reino de Deus	-	Igreja Assembleia de Deus	Igreja Adventista do 7º dia Pastoral	
-		Testemunhas de Jeová	Centro Espírita-Caminho de Deus	-			

Fonte: LAUXEN, 2018 (banco de dados da pesquisa).

O quadro acima pode dar um parâmetro dos grupos religiosos mais frequentes nos estabelecimentos penitenciários da 1ª região, sendo possível identificar que as Igrejas Universal e Católica, através da Pastoral Carcerária são as denominações religiosas que estão presentes em todos os oito estabelecimentos prisionais da região. Na sequência, estão a Igreja Assembleia de Deus e depois a Religião Espírita.

Segundo o Delegado Penitenciário, o monitoramento das atividades e ações da assistência religiosa nos estabelecimentos prisionais da 1ª Região, tem sido realizado pelo setor técnico¹⁰⁶ de cada estabelecimento prisional, composto por

¹⁰⁴ Denominações religiosas mais frequentes em cada estabelecimento penal da região

¹⁰⁵ Existência de documentação específica que regulamente a assistência religiosa na Região?

¹⁰⁶ Monitoramento das atividades e ações da assistência religiosa nos Estabelecimentos Penais da 1ª Região.

advogados, psicólogos e assistentes sociais, sob coordenação dos administradores de cada unidade.¹⁰⁷

Pela ocasião da entrevista informa que possuem muitos registros de ações sociais realizadas pelas denominações religiosas na região, porém não as relacionou.¹⁰⁸ Apresenta como proposta de projetos nesta área, a “ampliação e reforma de espaços ecumênicos”, que possam receber os grupos religiosos e garantir a assistência religiosa a todos.¹⁰⁹

Observa-se ainda, um tímido envolvimento da gestão penitenciário estadual e regional acerca da organização e operacionalização da assistência religiosa na sua jurisdição, embora sinalizem grande interesse de dar mais atenção a esta frente de trabalho, que é a garantia do direito à assistência religiosa à pessoa privada de liberdade, cientes da previsão legal e da existência destes grupos religiosos que, de fato, estão presentes nestes espaços independentes de uma gestão voltada para esta matéria. Por fim, foi possível identificar na fala do Delegado que a assistência religiosa é “indispensável no tratamento penal”, ressaltando que a mesma tem tido boa aceitação pelas pessoas privadas de liberdade¹¹⁰, considerando que anterior à gestão penitenciária regional, atuou como agente penitenciário em vários estabelecimentos prisionais da região, podendo comprovar isto.

2.2.2 Perspectivas sobre a Assistência Religiosa no Instituto Penal de São Leopoldo - estudo de caso

O Instituto Penal de São Leopoldo (IPSL) foi construído na década de 40 e está localizado na Av. Theodomiro Porto da Fonseca, número 642, no Centro do Município de São Leopoldo, na 1ª Região Penitenciária, que tem sua Delegacia Regional situada na cidade de Canoas-RS. É dirigido pelo Administrador, Allan Jones Rocha Marques e o Chefe de Segurança, Rafael de Oliveira Jardim. Atualmente o IPSL conta com dezessete servidores penitenciários, onde onze destes, são agentes penitenciários de segurança, que desenvolvem suas atividades em regime de plantão, dois deles estão no setor administrativo, um na atividade de segurança e disciplina e

¹⁰⁷ Existência de um setor específico para administração da assistência religiosa nos estabelecimentos penais na Região

¹⁰⁸ Existência do registro de ações sociais realizadas pelas denominações religiosas na Região.

¹⁰⁹ Existência de proposta de projetos nesta área para os estabelecimentos penais da Região?

¹¹⁰ Repercussões da assistência religiosa no tratamento penal dos Estabelecimentos da 1ª Região.

um na administração. A equipe técnica é composta por dois técnicos superiores penitenciários, sendo uma assistente social e um psicólogo. Assim, são quinze agentes penitenciários e dois técnicos penitenciários. A capacidade de engenharia do IPSL é de 176 homens privados de liberdade, mas atualmente encontra-se com 168 apenados em regime semiaberto e 12 em regime aberto, totalizando 180 presos. Desses, 127 realizam atividades externas, por meio de carta de emprego e 53 permanecem recolhidos.¹¹¹

A tabela abaixo demonstra a faixa etária dos privados de liberdade no Instituto Penal de São Leopoldo (IPSL).¹¹²

Tabela 1 - Faixa etária dos privados de liberdade do IPSL

IDADE	Nº	%
19 a 23 anos	10	5,7
24 a 29 anos	42	23,9
30 a 39 anos	74	42
40 a 49 anos	39	22,2
50 a 59 anos	09	5,1
60 anos ou mais	02	1,1

Fonte: LAUXEN, 2018 (banco de dados da pesquisa).

Considerando dados da pesquisa¹¹³, a faixa etária das pessoas privadas de liberdade no IPSL, aponta uma média de pessoas jovens ou que acabaram de sair da juventude para a idade adulta. Para Cleusa Sakomoto, esta fase da juventude, nos dias atuais, exerce importante função social, mas sua influência sobre o plano das relações sociais tem sido de outra ordem. A postura de agente crítico e mobilizador de amplas mudanças, cedeu lugar ao papel de reprodutor de comportamentos cotidianos e de protagonista nas decisões de consumo, influenciando a dinâmica comportamental da sociedade. Para a autora, o papel dos jovens está cada vez mais relacionado aos hábitos individualizados, produzidos em massa e cada vez menos relacionado a novas formas de pensar, à condição de porta-voz de demandas existenciais, na busca de melhorias da coletividade.¹¹⁴

Estudos realizados no Sistema Penitenciário Gaúcho em 2012 apontaram crescentes índices de violência urbana, principalmente entre jovens nas periferias, resultando na juvenilização da população carcerária. Esses estudos apontaram que

¹¹¹ SUSEPE. Mapa Carcerário, SETEMBRO/2018.

¹¹² Levantamento realizado em 17 de setembro 2018 de um total de 176 privados de liberdade.

¹¹³ Questionário aplicado aos privados de liberdade do Instituto Prisional de São Leopoldo - IPSL.

¹¹⁴ SAKOMOTO, Cleusa. **A fase da Juventude**. Disponível em: <<http://www.vidapastoral.com.br/educacao/a-fase-da-juventude/>>. Acesso em: 14 set. 2018.

cerca de 50% da população carcerária do Rio Grande do Sul, naquele ano, possuía entre 18 e 29 anos de idade.¹¹⁵ Na Cadeia Pública de Porto Alegre, maior presídio do Estado, de cada 10 pessoas que ingressavam diariamente, 6 a 7 delas eram jovens, geralmente envolvidos com o consumo de drogas ilícitas, o que os tornam mais vulneráveis ao envolvimento com o crime. Dados como estes instigam a pensar a efetividade de políticas de prevenção ao crime, que não chegam à pessoa jovem com a mesma rapidez que as drogas, a violência e a criminalidade, e por isso, podem os ter condenado a uma abstrata prisão perpétua, representada pelos riscos de reincidência criminal.

Além dos dados apresentados pelo IPSL acerca da faixa etária do grupo de pessoas presas naquele estabelecimento prisional, o mais alarmante tem sido os dados recentes de encarceramento no Estado do Rio Grande do Sul, os quais indicam ainda um número considerável de jovens presos, em comparação aos dados de 2012. A SUSEPE registra uma população carcerária de 37.655 homens e 2.402 mulheres, ou seja, mais de 40 mil pessoas presas.¹¹⁶ A última atualização quanto a faixa etária da população prisional no Rio Grande do Sul, apontou que compreende a 44%, quase a metade dela ainda está representada por jovens.¹¹⁷ Marques, Cerqueira-Santos e Dell'Aglio referem que a construção da identidade positiva nesta fase da vida torna-se importante para as "relações, competências, oportunidades e valores que ajudam a guiar" os adolescente e jovens para longe dos comportamentos de risco e também para as situações de vulnerabilidade, auxiliando no fomento e promoção da resiliência, assim como na prevenção a reincidência criminal¹¹⁸, pois acreditam que a religiosidade pode contribuir na construção desta identidade positiva.

Entende-se, portanto, que jovens que infracionaram podem não ter desenvolvido uma identidade positiva, pois segundo as autoras, ela "está localizada nos ativos internos e é caracterizada por força pessoal, onde o/a jovem sente que possui controle sobre as coisas que acontecem para ele, sua autoestima, senso de

¹¹⁵ Superintendência dos Serviços Penitenciários - SUSEPE, 2012.

¹¹⁶ SUSEPE. **Dados do Departamento de Segurança e Execução Penal**. Disponível em: <<http://www.susepe.rs.gov.br>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

¹¹⁷ SUSEPE, dados atualizados em 08/12/2017. Acesso em: 30 ago. 2018.

¹¹⁸ MARQUES, L. F.; CERQUEIRA-SANTOS, E.; DELL'AGLIO, D. D. Religiosidade e identidade positiva na adolescência. In: DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Sílvia Helena (Orgs.). **Adolescência e Juventude: Vulnerabilidade e Contextos de Proteção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 84.

propósito, compreendendo que a vida possui um sentido, assim, vindo a desenvolver uma visão positiva do futuro pessoal, sendo otimista sobre o seu futuro.¹¹⁹

Deste grupo populacional, privado de liberdade, no Instituto Penal de São Leopoldo, 34 pessoas participaram do estudo de caso, respondendo a um questionário que investigou a situação dos mesmos em reclusão e sua relação com a assistência religiosa antes e durante a reclusão.

A tabela a seguir, por exemplo, aponta o tempo médio de reclusão deste grupo de 34 privados de liberdade.

Tabela 2 - Tempo total de reclusão

	N	%
≤ 1 ano	2	5,9
1-4 anos	13	38,2
5-9 anos	12	35,2
10-19 anos	5	14,7
≥ 20 anos	2	5,9
Total	34	100,0

Fonte: LAUXEN, 2018 (banco de dados da pesquisa).

O resultado indicou que a maioria deles cumprem de 1 a 4 anos de reclusão e de 5 a 9 anos de reclusão. Este segundo resultado, que representa 35,2% deles demonstra que os mesmos tiveram penas consideráveis altas e que provavelmente vieram do regime fechado.

A Tabela a seguir indica a qual denominação religiosa os privados de liberdade foram batizados ou frequentavam anterior à reclusão.

¹¹⁹ MARQUES; CERQUEIRA; DELL'AGLIO, 2011, p. 84.

Tabela 3 - Igreja/religião frequentada

	N	%
Igreja Católica	8	23,53
Assembleia de Deus	6	17,65
Universal	2	5,88
Restauração	2	5,88
Testemunhas de Jeová	1	2,94
O Brasil para Cristo	1	2,94
Espírita	1	2,94
Deus é Amor	1	2,94
Seara de Jesus	1	2,94
Mais de uma	1	2,94
Não sabe informar	6	17,65
Nenhuma	3	8,82
Não Respondeu	1	2,94
Total	34	100,0

Fonte: LAUXEN, 2018 (banco de dados da pesquisa).

A maioria deles, representando um percentual de 23,53% se declarou da religião católica, 17,65 %, se declarou pertencer a Igreja Assembleia de Deus. O mais expressivo, foi 17,65% não saber informar a que denominação religiosa pertencia, o que provavelmente sinaliza a não filiação a uma determinada denominação religiosa, a participação em várias religiões ou a não participação em nenhuma atividade religiosa anterior a prisão. Porém, a tabela 6 a seguir, mostra que grande parte dos privados de liberdade do IPSL eram frequentadores de atividades religiosas em igrejas de sua preferência. Em comparação com a tabela 2, referente as denominações religiosas credenciadas e mais frequentes nos estabelecimentos prisionais da região, alguns privados de liberdade deixam de ser contemplados pela assistência religiosa de sua afeição, por estes grupos não estão presentes com a prestação desta assistência no contexto prisional.

Tabela 4 - Frequência a Igreja antes da reclusão

	n	%
S	29	85,29
N	4	11,76
NR	1	2,95
Total	34	100,0

Fonte: LAUXEN, 2018 (banco de dados da pesquisa).

Contudo, a tabela acima, demonstrou que 85,29% dos privados de liberdade, declararam frequentar alguma igreja anterior a reclusão, sinalizando vínculo com uma comunidade de fé.

Como sinalizado anteriormente pela tabela 3, um grupo considerável de privados de liberdade que hoje estão cumprindo o regime semiaberto no IPSL, pode ter progredido do regime fechado. A tabela a seguir demonstra o percentual daqueles que receberam assistência religiosa durante o cumprimento de pena em regime totalmente fechado.

Tabela 5 - Recebimento de assistência religiosa regime fechado

	n	%
S	24	72,7
N	7	21,2
NR	2	6,1
Total	33*	100,0

Fonte: LAUXEN, 2018 (banco de dados da pesquisa - *Obs.: um dos entrevistados iniciou o cumprimento da pena no regime semiaberto).

Contudo, a tabela 7 confirma que a maioria dos privados de liberdade é proveniente do regime fechado, com exceção de um apenas que iniciou seu regime em semiaberto. Esta maioria, cerca de quase 73% dos privados de liberdade afirmou ter recebido assistência religiosa ainda no regime fechado.

A próxima tabela demonstra o número de privados de liberdade do IPSL, que declaram ter recebido assistência religiosa já durante o regime semiaberto.

Tabela 6 - Recebimento de assistência religiosa regime semiaberto

	n	%
S	24	70,59
N	10	29,41
NR	0	0
Total	34	100,0

Fonte: LAUXEN, 2018 (banco de dados da pesquisa).

Sendo que, embora a tabela 5 tivesse demonstrado que o percentual significativo dos privados de liberdade, não tivesse vínculo com alguma denominação religiosa ou participado de atividades religiosas anteriores à prisão, durante a reclusão, em cumprimento de pena no regime semiaberto, a maioria optou por continuar recebendo assistência religiosa, perfazendo um percentual de 70,59%.

Os dados acima elencados trazem um pouco do perfil dos privados de liberdade do IPSL acerca da sua relação com a religiosidade anterior a reclusão e também no decorrer do cumprimento da pena, demonstrando que estão divididos, entre ter e não ter associação com uma denominação religiosa, e que se inclina a receber assistência religiosa durante a reclusão, tanto no regime fechado, que seria no início do cumprimento da pena, quanto no regime semiaberto, fase de conclusão

da pena privativa de liberdade, auxiliando no seu tratamento penal. Vale ressaltar que as pessoas que participaram da aplicação dos questionários foram detentos, convidados a participar, onde tinham a opção de se negar, porém aceitaram espontaneamente contribuir com a pesquisa, sabendo que alguma delas não se identifica como “irmão” no contexto de aprisionamento.

Dando continuidade ao estudo de caso, realizou-se entrevista com o administrador do IPSL, acerca da organização da assistência religiosa naquele estabelecimento prisional e sua percepção como gestor penitenciário sobre a temática abordada. O administrador fazia parte do quadro da guarda, fazendo a segurança do estabelecimento prisional e depois foi exercer a função de chefe de segurança do estabelecimento prisional, até receber o convite para assumir a direção da casa, encontrando-se há dez meses na administração do IPSL.¹²⁰

O administrador do Instituto Penal de São Leopoldo ao iniciar a entrevista referiu-se sobre a organização da assistência religiosa naquele estabelecimento prisional, referindo que a organização que se tem hoje difere da anterior à sua gestão. Isto porque, acredita que a questão da organização da unidade prisional sofre influências de acordo com o gestor do momento e que a visitação de algumas denominações religiosas, para a prestação do serviço de assistência religiosa, já acontecia em outras gestões, porém considera que, não tão ampla e nem com a regularidade que se tem hoje exatamente.¹²¹ Na república, o serviço público é atividade técnica exercida pela burocracia estatal que não está sujeita ao livre-arbítrio do governante eleito, ou seja, do gestor do momento, portanto, entende-se que por se tratar de um estado laico, a garantia constitucional da assistência religiosa deveria acontecer em conformidade a previsão. Faz-se importante citar que o administrador percebe que existem algumas peculiaridades na permanência de determinados grupos religiosos e também na frequência a eles, citando que a presença mais forte neste estabelecimento é da Igreja Assembleia de Deus.

Outras religiões também estão presentes no IPSL, porém se é possível compreender que grande parte delas se mantém por existir um grupo isolado de pessoas comprometidas com a prestação da assistência religiosa, representando sua

¹²⁰ Entrevista realizada com o administrador do Instituto Prisional de São Leopoldo (IPSL), em junho/2018. LAUXEN, 2018.

¹²¹ O administrador se referiu ao mês de junho/2018, mês em que estava sendo realizada a entrevista para o estudo de caso.

igreja, mas também comprometida em realizar esta missão como um desejo pessoal, pois é uma atividade voluntária.

Eu como gestor tenho o princípio da imparcialidade e da impessoalidade e entendo de que a questão da assistência ela pertence à Constituição Federal a partir do momento que a gente é laico – todas as entidades religiosas que se enquadrem dentro dos critérios da casa têm direito a frequentar, até porque nós temos apenados ali que são gremistas, que são colorados que são do candomblé, que são do católico, que são da Universal, que são da Assembleia e a gente tem que respeitar.¹²²

Quando o administrador fala que “a gente é laico”, se refere ao Estado, onde os servidores são seus representantes. Reforça que o estabelecimento prisional está aberto a receber qualquer denominação religiosa, cristã ou não: “ela se apresentando – querendo exercer o seu trabalho - tendo horários e dias disponíveis, ela se enquadrando no perfil, ela vai fazer parte também da assistência religiosa”.¹²³ O administrador também acrescenta que vê a assistência religiosa como forma do preso se “abrir” e buscar algum auxílio junto à igreja, porque a igreja alimenta a alma das pessoas privadas de liberdade, como também um espaço para falar dos problemas advindos com a prisão, do contexto onde vive ou mesmo de situações sofridas por seus familiares, assuntos que muitas vezes, segundo o administrador, não seriam trazidos em um atendimento psicológico da SUSEPE, pois a pessoa presa “vê aquele profissional como um representante do Estado, não como alguém que irá ajudá-lo.”¹²⁴

Ainda sobre a organização de grupos religiosos no IPSL, o administrador afirmou que o controle da frequência destes e de seus membros, foi implantado com a sua gestão e se deu principalmente a partir da necessidade de poder manter e efetivar tal atividade, pois, segundo ele, não se tinha o acompanhamento da frequência dos grupos religiosos, dos membros que estavam ligados a cada grupo, dos dias em que desempenhavam suas atividades, se ainda estavam efetivos, considerando que isso precisa ser controlado. O administrador refere que tem procurado acompanhar estas questões e se algum grupo religioso deixar de

¹²² Entrevista com o administrador do IPSL, se referindo sobre a existência da assistência religiosa no estabelecimento prisional onde ocorreu o estudo de caso. LAUXEN, 2018.

¹²³ Entrevista com o administrador do IPSL, se referindo sobre as igrejas que desejam realizar assistência religiosa no IPSL. LAUXEN, 2018.

¹²⁴ Entrevista com o administrador do IPSL, referindo-se sobre a maior liberdade em que os privados de liberdade tem em confiar questões pessoais, do cárcere e da família aos representantes dos grupos religiosos com os quais se identificam, pois o próprio contexto prisional o leva a ‘desconfiança’ para com o servidor, e por vezes o ver como o/a agente responsável pela sua condição de aprisionamento, mistificando a figura do servidor/a. Ora visto meramente pelo que pune, corrige e disciplina e não por aquele que cuida e trata. LAUXEN, 2018.

comparecer para as atividades, eles entram em contato, pois o não interesse de continuar na prestação do serviço deve ser sinalizado, para que assim outros grupos possam também ser credenciados para a realização da assistência religiosa. A esse respeito, relata que existem outros grupos religiosos que procuram ofertar assistência, porém não há dias e horários disponíveis para todos, pois o horário recomendado para estas atividades ocorrerem seria o turno da tarde ou no domingo. Contudo, afirma que geralmente quando um grupo religioso deixa de visitar o presídio por mais de três vezes, sem justificativa de um de seus membros, o credenciamento é suspenso e é aberta a disponibilidade para outro grupo, devendo este aguardar vaga novamente.¹²⁵

Identificou-se durante a aproximação com a Instituição, a existência de uma dificuldade multifatorial que reflete na não regularidade da assistência religiosa nos Presídios da 1ª Região Penitenciária, dificultando uma organização nos horários disponíveis para igrejas que aguardam credenciamento e também a continuidade do trabalho. Contudo, a administração do IPSL demonstrou a preocupação de garantir essa assistência e manter o controle da entrada e saída dos membros dos grupos religiosos e acompanhar as atividades que estão acontecendo. As particularidades deste estabelecimento prisional foi o que motivou a realização da pesquisa neste local, permitindo ser trazido pelo gestor uma reflexão acerca da assistência religiosa no serviço penitenciário e sua visão sobre a assistência religiosa garantida pelo IPSL.

Em relação ao credenciamento dos grupos religiosos, o administrador do IPSL trouxe que o procedimento é realizado através de um cadastro básico para que os grupos religiosos prestem a assistência religiosa, solicitando seus documentos pessoais, antecedentes criminais e a declaração da entidade religiosa a qual ele pertence e, para finalização do cadastro, a gestão exige a presença de, no mínimo três voluntários, requisitos fundamentados na portaria de visita da SUSEPE, citada pelo Delegado Penitenciário. Reforça que o número mínimo de voluntários, se dá quando da situação de haver mulheres dentro do grupo, jamais ela poderá realizar a assistência religiosa sozinha, pois afirma ser obrigatória que a mesma esteja sempre acompanhada de homens, pois ter somente a figura feminina em um presídio masculino “estimula uma sensação de insegurança, de fragilidade”.¹²⁶

¹²⁵ Entrevista administrador do IPSL, se referindo a questão da regularidade, da efetividade da assistência religiosa no IPSL. LAUXEN, 2018.

¹²⁶ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa no Estabelecimento Penal que administra. LAUXEN, 2018.

De acordo com o administrador do IPSL os antecedentes criminais são pedidos, pois somente é permitida a entrada de egressos do sistema penitenciário dentro desses grupos religiosos se este tiver cumprido toda a pena e extinguido sua punibilidade, dependendo do seu comportamento e histórico dentro do sistema prisional durante sua passagem, bem como o que ocasionou a entrada dele no sistema prisional, afim de preservar e priorizar a segurança do estabelecimento prisional.¹²⁷

Sobre a regulamentação das visitas religiosas o administrador diz que há “uma ordem de serviço que ela prevê a entrada da assistência religiosa”, ressaltando o direito previsto em lei dos privados de liberdade, mas diz que “não tenho conhecimento e se salvo me engano isto está caracterizado como fica a critério da segurança e da direção de cada casa prisional” e afirma concordância com tal regulamentação pois cada presídio tem suas peculiaridades.¹²⁸

Algumas reflexões acerca de como o Sistema Penitenciário vem se organizando para a garantia da assistência religiosa foram aparecendo durante a entrevista. Nelas, o administrador do IPSL trouxe que tanto o sistema executivo quanto o judiciário são de livre convencimento a respeito da assistência religiosa nas prisões. Isto porque se entende que está previsto legalmente. Porém, revela que a assistência religiosa muitas vezes, ainda tem acontecido a partir de entendimentos individualizados, podendo ocorrer ou não, explicitado na sua fala:

O juiz é de livre convencimento, ele vai julgar e acredita naquilo que convém a ele, mas como o Brasil ele é uma miscigenação e ele é um país laico, tem juízes que entendem e acreditam, tanto que apoiam a questão da justiça restaurativa, que parte do princípio muitas vezes de líderes religiosos que querem fazer com que o preso entenda aquele ciclo de situações, que levam e levaram àquele momento e a situação dele e que ele reflita sobre seus atos e que se convença do seu erro e que aceite, que mude.¹²⁹

A reflexão aponta para a necessidade de uma revisão na forma como a assistência religiosa deve ser oferecida aos privados de liberdade, pois se partindo do pressuposto que todos eles possuem o direito de acesso a ela, indiferente ao credo de cada um, seria importante que fosse garantida, preservado os requisitos básicos

¹²⁷ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa no Estabelecimento Penal que administra. LAUXEN, 2018.

¹²⁸ Entrevista com o administrador do IPSL, se referindo a pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa no Estabelecimento Penal que administra. LAUXEN, 2018.

¹²⁹ Entrevista com o administrador do IPSL, se referindo a pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa no Estabelecimento Penal que administra. LAUXEN, 2018.

de acesso aos estabelecimentos prisionais, sem depender de um entendimento individualizado, mas como uma atividade constituída no bojo do tratamento penal.

O administrador relatou que a assistência religiosa muitas das vezes, não apenas auxilia na questão espiritual, na oferta de um conforto a pessoa que nesta presa ou a seus familiares, “as vezes eles também auxiliam na questão material, seja com uma folha de papel ofício ou outro item.¹³⁰ Quanto a informação sobre a assistência material também ofertada pelos grupos religiosos, o administrador informou que recentemente o IPSL (setor administrativo, galerias, celas, corredores) foi pintado, e que estas “pequenas reformas trazem a sensação de maior bem-estar para os apenados e para o familiar dele que vem visitar”, referindo que grande quantidade dos materiais utilizados para a pintura, como as tintas, foram doados por instituições religiosas credenciadas.¹³¹

O administrador afirmou que hoje, a assistência religiosa acontece quando há entendimento dos gestores, mas vê boas perspectivas, declarando que o sistema gaúcho, é “um dos maiores sistemas penitenciários do país, estando tecnicamente e tecnologicamente também muito a frente de outros Estados brasileiros e a tendência é a gente conseguir alcançar esse patamar está bem próximo e a SUSEPE ela tem feito um trabalho bem amplo”. Referiu que o Departamento de Tratamento Penal (DTP), que já possui o DTP-Saúde, o DTP-Trabalho, e assim por diante, acredita que “daqui a pouco a gente vai ter também o DTP-Assistência Religiosa, até por conta do papel e da frequência com que as instituições religiosas têm desenvolvido dentro das unidades prisionais”.¹³² Acredita que isso só fortalece o tratamento penal junto às políticas já oferecidas aos privados de liberdade.

¹³⁰ Se referindo que a “cadeia” imprime muitos documentos, e os presos sentem necessidade de ver no papel informações sobre a sua progressão de pena, que podem ser oferecidas através uma carta guia, que pode ter até vinte páginas.

¹³¹ Entrevista com o administrador do IPSL, se referindo à pergunta: Você considera que as denominações religiosas contribuem em outros aspectos além da assistência religiosa no tratamento penal? Em quais? LAUXEN, 2018.

¹³² Entrevista com o administrador do IPSL, se referindo à pergunta: Você considera que as denominações religiosas contribuem em outros aspectos além da assistência religiosa no tratamento penal? Em quais? LAUXEN, 2018.

3 O ESTUDO DE CASO SOBRE A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NO INSTITUTO PENAL DE SÃO LEOPOLDO (IPSL)

A garantia de uma assistência religiosa nos Estabelecimentos prisionais é um dever do Estado, e um direito da pessoa presa, pois a Constituição Federal Brasileira no seu Artigo 5º, inciso VII garante ao preso à liberdade a assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva. Apesar desse direito ser normatizado por lei, a assistência religiosa nos presídios não é valorizada, e ainda é vista como um certo preconceito, há muita resistência pelo Estado e por detrás dos bastidores, em muitos lugares, ainda é reprimida a prática religiosa nos estabelecimentos prisionais. Mesmo com essa situação, não se pode negar, que a referida assistência tem sido indiscutivelmente um instrumento de várias funções de otimização no cárcere, em especial a transformação comportamental do indivíduo.

Para desenvolvimento da pesquisa, fez-se importante conhecer a fundamentação do trabalho das igrejas junto à população carcerária, de modo a conhecer a organização e forma de prestação da assistência religiosa nas prisões. Durante o período de realização da pesquisa de campo, se acompanhou a efetividade das igrejas no período de janeiro a maio de 2018 e foi possível identificar a presença de 4 grupos religiosos mais atuantes no Instituto Penal de São Leopoldo (IPSL), dentre eles a Igreja Universal, a Igreja Assembleia de Deus, a Pastoral Carcerária da Igreja Católica e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). A realização das entrevistas com os dirigentes destes grupos religiosos permitiu conhecer a rotina do grupo de pessoas que se dedicam voluntariamente a este trabalho social, permitindo conhecer a operacionalidade da assistência religiosa, reafirmando o dever do Estado em permitir tal assistência, no IPSL e como estas Igrejas veem seu trabalho junto aos privados de liberdade.

3.1 As igrejas, os grupos religiosos e a assistência religiosa no IPSL

Segundo os estudos de Alena Pachioni, estudante de Ciências Humanas na *Birkbeck University of London*, a prestação da assistência religiosa pode se apresentar com um viés mais propositivo, exercendo um papel social significativo. Essa conclusão dos estudos se dá pelo fato da entidade (igreja), pode ter como

característica a fiscalização do Estado através da atuação de agentes que prestam serviços sociais, jurídicos e psicológicos, promovendo a justiça social.¹³³

Há outras religiões presentes também nas prisões, algumas denominando esta prática como capelania prisional¹³⁴, que aparecerá no estudo de caso como a prática realizada pela IELB, a qual realiza seus estágios com jovens seminaristas, aspirantes a pastores de sua igreja, não deixando de ser uma forma de prestação de assistência religiosa para aqueles que a recebem. Por outro lado, conforme Edileuza Santana, doutora em antropologia pela PPCIS/UERJ, somente em meados dos anos 90, a Igreja Evangélica teve expressivo crescimento nestes espaços, representando um movimento progressivo e significativo dos evangélicos que tem refletido ações positivas, provocando a transformação na vida cotidiana das penitenciárias. Segundo os estudos de Santana, é a Igreja Evangélica que está mais presente, (94%), nos estabelecimentos prisionais.

Segundo Mariano, o movimento pentecostal, o que mais atua nos presídios atualmente, pode ser dividido, a partir de critérios cronológicos, em três grandes ondas.¹³⁵ A primeira onda, chamada de pentecostalismo clássico, que aconteceu no período de 1910 a 1950, seria marcada pela fundação das primeiras igrejas pentecostais no Brasil, a saber, a Congregação Cristã no Brasil fundada em 1910 e a Assembleia de Deus fundada em 1911. Ambas as igrejas caracterizadas pela ênfase nos dons do Espírito Santo e pelo radical sectarismo e ascetismo de rejeição ao mundo, embora a Assembleia de Deus venha incorporando mais estratégias de marketing e sedução de adeptos propriamente neopentecostais.

A segunda onda, chamada de pentecostalismo neoclássico, teve início na década de 50 e foi marcada pela ênfase na cura divina, no uso do rádio e na formação de novas denominações. Compondo a segunda onda, temos as seguintes denominações: Igreja do Evangelho Quadrangular que foi fundada em 1951, Brasil para Cristo fundada em 1955, Deus é Amor fundada em 1962 e por último a Casa da Bênção com sua fundação no ano de 1964. A terceira onda, surgida na década de 70, formou o chamado neopentecostalismo, que dissolveu as características rígidas e fortemente morais de religião sectária e ascética, tendo como representantes

¹³³ PACHIONI, Alena. **Prisão, políticas públicas e religião**. Disponível em: <<https://br.boell.org/pt-br/2012/02/26/prisao-politicas-publicas-e-religiao>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

¹³⁴ Termo utilizado para nomear o atendimento pastoral das igrejas dentro dos presídios.

¹³⁵ MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teoria da prosperidade. **Novos Estudos**, São Paulo, Cebrap, n. 44, 1996. p. 119.

principais a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça, a Renascer em Cristo e inúmeras outras denominações que surgem de forma rápida e profusa, constituindo um mercado altamente competitivo e, como consequência, extremamente rotativo. Dentre as igrejas que marcaram o período do pentecostalismo e do Neopentecostalismo, aparecem no estudo de caso, entrevistas realizadas com as igrejas Assembleia de Deus e Universal, através de seus representantes e pastores, que fazem o trabalho de assistência religiosa no IPSL.

Segundo o administrador do IPSL, a assistência religiosa no estabelecimento prisional de São Leopoldo acontece com frequência e pelo menos uma vez por semana, cada grupo religioso cadastrado adentra o estabelecimento para fins de assistência religiosa. Durante o estudo foi possível perceber que a administração do IPSL é aberta a todas as religiões, referindo não fazer discriminação de entes religiosos e de entidades novas que queiram realizar um trabalho na prisão, remetendo-se ao princípio de que o Brasil é um país laico.

[...] porque o preso ele quer continuidade, ele não quer tipo assim ter a perspectiva hoje de algo aí amanhã e depois ele fica sem. Aí passa uma semana sem, ele desacredita, ele toma aquilo como se fosse pessoal, ele não vê como se fosse parte de um sistema. O sistema é assim, ele acha que não vale a pena investir nele e estão desistindo dele e ele volta a focar no mundo do crime novamente.¹³⁶

Contudo, para que aconteça a assistência religiosa no IPSL, é realizada uma entrevista com um dos representantes da denominação religiosa que tem interesse de se credenciar para desenvolver uma atividade religiosa. Eles passam pela direção da casa, conversam com o chefe da segurança e é também verificado qual será o papel que vão exercer dentro do estabelecimento prisional, pois não se pode negar que este contato vai criar um vínculo com o preso e que amanhã ou depois ele pode ser rompido. O administrador reforça que os grupos religiosos precisam ter a consciência de que eles precisam também fazer um trabalho de desvinculação, considerando a progressão para a liberdade da pessoa presa ou mesmo o abandono das pessoas vinculadas aos grupos religiosos, pois este é um trabalho voluntário.

Não é só você chegar, oferecer uma dose forte de remédio e tirar depois, você tanto para introduzir um trabalho na cadeia no sistema prisional você introduz aos poucos, mas se retira também aos poucos, qualquer impacto muito brusco na cadeia ela pode resultar de várias maneiras. A gente

¹³⁶ Entrevista com o administrador do IPSL. Em resposta à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa no Estabelecimento Penal que administra. LAUXEN, 2018.

costuma dizer que a cadeia é um barril de pólvora, qualquer coisinha pode estourar, você vai ver as vezes que tem cadeia que pega fogo por algo muito supérfluo e coisas muito importante, às vezes, nem fazem sentido nenhum.¹³⁷

De acordo com o administrador, a forma como se conduz a prestação de qualquer serviço dentro do ambiente penitenciário pode influenciar significativamente as relações e o clima institucional. “Se você influencia na segurança, reflete na religião, se você influencia na religião reflete no trabalho técnico”.¹³⁸ Refere que no início da sua gestão havia esta questão, pois o espaço da assistência religiosa era mínimo, não existia cela para os que se identificavam "irmãos" e não se aceitava algumas assistências religiosas, referindo-se que a maioria era católica e não aceitavam os evangélicos e vice-versa.

O apenado tem que se fazer entender de que aqui é um espaço de convivência, a cadeia não pertence ao preso, a cadeia não pertence ao guarda, a cadeia é um território neutro do Estado, aonde todos nós somos atores desse cenário, e que aqui cada um está apenas para cumprir o seu papel, o guarda de exercer o seu trabalho como servidor público e o apenado como um devedor para a sociedade. Chegou-se ao entendimento e aceitação de que todos temos direito a receber visita, todos têm direito a ter os seus direitos alcançados, inclusive a assistência religiosa.¹³⁹

As atividades religiosas costumam acontecer durante a semana, até o sábado. No final de semana, mais precisamente nos domingos, podem ocorrer também, porém pela parte da manhã, entre as 8:30h e até às 11h, sendo disponibilizado também uma hora. Atualmente, segundo o administrador, os representantes do Seminário Concórdia, da IELB, é o único grupo religioso que mantém uma regularidade nos domingos, além da assistência religiosa católica, que eventualmente realiza visitas e missas, onde todos os presos são convidados a participar. Essas atividades ocorrem concomitantemente, mas não articuladas entre si.

É porque assim, tem uma parte do pátio ali que tem um portão que tanto o anexo quanto a galeria tem acesso, no começo tentou-se a ideia de colocar aberto o portão para fazer a atividade religiosa ou de deixar passar quem quisesse para o pátio geral ou para poder ter acesso, só que como a gente tem um efetivo muito pequeno, geralmente no domingo eu tenho dois guardas de plantão, fica inviabilizado fazer isso, então em acordo com o padre, a gente disponibiliza uma mesa, coloca bem na parte onde pega a grade entre a

¹³⁷ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Como você vê o recebimento pelos presos da assistência religiosa? LAUXEN, 2018.

¹³⁸ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Como você vê a assistência religiosa no Serviço Penitenciário? LAUXEN, 2018.

¹³⁹ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Como você vê a assistência religiosa no Serviço Penitenciário? LAUXEN, 2018.

galeria e o anexo, que são duas partes da cadeia separada e ele faz aquela missa ali onde todos conseguem visualizar e todos participam.¹⁴⁰

Geralmente, a fala tem demonstrado que a assistência religiosa acontece, embora com as precariedades de infraestrutura. Os grupos religiosos estão sempre dispostos à se adequar a realidade penitenciária, que está para aquém do previsto na Lei de Execução Penal (LEP) e nas demais recomendações para as garantias da assistência religiosa nas prisões. Contudo, estes grupos têm ganhado espaço, sendo uma extensão do tratamento penal, os quais já conhecem o caminho das galerias, conversam com os líderes delas e articulam as atividades que irão acontecer: “convidam o pessoal, preparam um material lá no pátio e fazem a missa.”¹⁴¹

Quando algum grupo religioso pretende apresentar um trabalho diferenciado, como por exemplo, “algum tempo atrás veio a igreja universal pedir para poder apresentar um teatro, um filme, um cinema ali para os presos, então o que a gente faz – convencionamos todos eles ao Pátio, expunha aquele projeto ali”, ou seja, a direção reúne todos no pátio de convivência e anuncia a realização das atividades. As atividades religiosas não são obrigatórias, mas no geral a massa carcerária adere e participa das ações, o que sinaliza boa aceitação de todos. O IPSL apresenta um “índice de participação em projetos muito grande, eles respeitam todo e qualquer trabalho e assistência, independente de fazer parte da ideologia dele ou não, mas ele respeita.”¹⁴²

3.2 A Universal nas Prisões (UNP): a assistência religiosa prestada pela Igreja Universal do Reino de Deus

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é considerada um dos maiores grupos neopentecostais do Brasil. Ela foi criada pelo Bispo Edir Macedo e teve como principal incentivadora sua mãe Eugênia. A primeira igreja foi erguida em 9 de julho

¹⁴⁰ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa no Estabelecimento Penal que administra. Galeria seria as celas onde se concentram a maior parte da massa carcerária, enquanto o anexo seria uma cela fora das galerias que recebem os presos trabalhadores ou aqueles não aceitos pelos demais presos, afim de resguardá-los fisicamente. LAUXEN, 2018.

¹⁴¹ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa no Estabelecimento Penal que administra. LAUXEN, 2018.

¹⁴² Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Como você vê a aceitação da assistência religiosa pelos presos? LAUXEN, 2018.

de 1977 e ficava onde funcionava uma antiga funerária, na cidade do Rio de Janeiro.¹⁴³

Sabe-se que o Brasil possui uma população carcerária expressiva, o que o torna com uma das maiores populações prisionais do mundo. Diante desta realidade, os mais de 12.000 mil membros da Universal nos Presídios (UNP) realizam trabalhos assistenciais de evangelização, objetivando levar auxílio moral, material e, sobretudo, espiritual. Estes trabalhos não têm como foco apenas os presos, mas também os seus familiares, os diretores e até mesmo os agentes penitenciários.

Diante desses fatos terríveis que o Brasil vem acompanhando nos presídios, estamos nos empenhando ao máximo para poder levar esse trabalho social e, principalmente, espiritual a todos os presos, os familiares deles e os agentes penitenciários, pois a insegurança também é grande por parte deles. Mesmo durante esse mês de rebeliões, mobilizamos pastores, obreiros voluntários e evangelistas de todo o País. Estivemos visitando os presídios, conversando com os presos e oferecendo todo tipo de assistência às famílias.¹⁴⁴

A UNP é um projeto que já existe há mais de 30 anos, está por todo Estado do Rio Grande do Sul e, inclusive, realiza também o trabalho de assistência religiosa no IPSL, com o intuito de contribuir na recuperação da pessoa privada de liberdade. Voltado ao apoio espiritual e social dos encarcerados, tem como objetivo central o trabalho social por meio da evangelização e da conscientização, priorizando, sobretudo o auxílio no processo de reintegração destes condenados à sociedade. Para que isso seja possível, conta hoje com atuação direta em mais de 350 (trezentos e cinquenta) presídios brasileiros.

No Rio Grande do Sul, o programa UNP inaugurou 30 espaços de ressocialização dentro das casas prisionais, atendendo cerca de 20.000 mil presos/as no último ano. Contam com uma equipe de mais de 12.000 voluntários. O programa visa à reinserção social de homens e mulheres privados de sua liberdade, com ações planejadas e coordenadas objetivando atendê-los no processo de ressocialização. O principal objetivo do programa UNP é resgatar os laços com a sociedade e garantir a assistência religiosa, jurídica, educacional, social e a saúde do encarcerado.

¹⁴³ LIGIA, Ana. **A história da Igreja Universal do Reino de Deus**. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/a-historia-da-igreja-universal-do-reino-de-deus/>>. Acesso em: 12 set. 2018.

¹⁴⁴ Palavras do Bispo Eduardo Guilherme, responsável pelo trabalho da Universal nos Presídios e todo o Brasil. ROZA, Michele. **Universal transforma vidas dentro e fora dos presídios brasileiros**. Disponíveis em: <<https://www.universal.org/blog/2017/01/27/universal-transforma-vidas-dentro-e-fora-dos-presidios-brasileiros/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

A IURD possui um leque muito grande de assistência aos privados de liberdade, como ela mesma citou “não basta apenas a assistência religiosa”, pois os presos precisam mais do que o doutrinamento religioso, precisam do apoio lá dentro, apoio para suas famílias que os aguardam e também, independente de ser dever do estado, previsto na LEP, a igreja concede apoio às necessidades materiais para sua própria higiene. Hoje a IURD disponibiliza benefícios para além da assistência religiosa aos privados de liberdade, para que também possam se sentir acolhidos; possuem projetos de apoio a familiares e aos egressos em todo o Estado do Rio Grande do Sul, serviços estes possíveis de serem realizados por meio do trabalho voluntário de muitos fiéis da Igreja.¹⁴⁵

O representante da IURD declara que na cidade de São Leopoldo, a igreja possui uma catedral onde a UNP tem uma sala para dar assistência social para as famílias.

Todas as famílias que recebem atendimento ali, recebem uma cesta básica, recebem roupas, recebem assistência tanto espiritual como social e todos os presos que recebem a liberdade definitivamente, não só os que vão a passeio, [...] quando saem definitivamente ainda que com a tornozeleira eletrônica, eles vão lá à Universal e nós os encaminhamos para fazer um curso para poder arrumar um emprego.¹⁴⁶

O programa UNP, através da assistência religiosa, possui vários relatos de pessoas que passaram pelo sistema penitenciário e que voltam ao convívio social com novas perspectivas de vida. São pessoas que receberam assistência das igrejas que pregam dentro das prisões e que saem da sua privação de liberdade e continuam a vivenciar sua religiosidade, tentando não voltar à vida de crimes.¹⁴⁷

O diretor da Penitenciária de Segurança Máxima do Estado do Pará. Ele, um ex-policia militar, foi condenado por ter cometido homicídio de sua esposa. Após cumprir 5 anos da pena, em 1991, por meio do trabalho da UNP, recebeu uma nova chance e foi o primeiro obreiro da Universal em um presídio. O surpreendente é que, ao sair da cadeia, ele recebeu um convite do governo daquele estado para chefiar uma das prisões da Paraíba, e, em 2001, passou a ser diretor do Presídio Regional de Sapé, onde estabeleceu um modelo exemplar de gestão, sendo eleito quatro vezes o melhor gestor do regime prisional do Brasil. Por conta desse histórico, Silva Neto foi

¹⁴⁵ Arquivo pessoal da Igreja Universal, 2018. Disponibilizado pelo representante da Igreja Universal em São Leopoldo.

¹⁴⁶ O passeio referido pelo representante da IURD, corresponde as saídas temporárias, autorizadas judicialmente.

¹⁴⁷ Arquivo pessoal da Igreja Universal, 2018.

destaque no jornal norte-americano mais respeitado do mundo, o The New York Times (NYT), e, em breve terá sua história contada em um livro.¹⁴⁸

O representante da IURD reforça este relato como um caso atendido recentemente na Catedral de São Leopoldo:

Conseguiram um emprego pra ele e hoje ele já não é mais a mesma pessoa, inclusive o nome dele é João. Por incrível que pareça, ele mora em Montenegro e ele estava recluso em São Leopoldo e hoje ele está com outra cabeça, tá vivendo e trabalhando, abriu o próprio negócio, é uma coisa simples, mas hoje tem pessoas virando empresário, hoje ele vende churrasquinho e conseguimos junto com seu Antônio, e as portas se abriram para ele e hoje é um outro homem e isso é resultado do nosso trabalho.¹⁴⁹

Além disto, a IURD possui em todo o Estado aproximadamente 400 salas, em todas as cidades do Rio Grande do Sul. O Coordenador Estadual da UNP declara que todo e “qualquer preso independente de sua religião, quando sair em liberdade pode procurar uma Igreja Universal e será atendido, pois todas as Igrejas da sua denominação possuem uma sala exclusiva para atender as famílias e um ex-presidiário.”¹⁵⁰

A UNP, além da assistência que realiza pessoalmente nos presídios, dispõe também de uma programação radiofônica diretamente voltada ao sistema prisional, e às pessoas do convívio destes. O Programa Momento do Presidiário é um programa existente em todo o país, bem como no Rio Grande do Sul através da 100.5 FM, há três décadas. Filiada à Rede Aleluia de Comunicação, o programa vai ao ar ao vivo todos os dias da semana, no horário das 21h às 22h da noite. Neste programa o ouvinte telefona para a rádio e conversa ao vivo com um pastor, deixa seu recado para aquele que está privado de liberdade. São esposas que deixam recados de conforto para seus esposos, presos que enviam mensagens para suas famílias através de bilhetes enviados pelos missionários e crianças que transmitem suas palavras de carinho para seus familiares que se encontram presos.¹⁵¹

De acordo com o representante da IURD, o objetivo do trabalho da Universal dentro dos presídios é atingir positivamente a vida das pessoas privadas de liberdade

¹⁴⁸ Arquivo pessoal da Igreja Universal, 2018.

¹⁴⁹ Entrevista com o representante da igreja Universal, referente à pergunta: você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que poderia compartilhar? LAUXEN, 2018.

¹⁵⁰ Entrevista com o representante da igreja Universal, referente à pergunta: você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que poderia compartilhar? LAUXEN, 2018.

¹⁵¹ Arquivo pessoal da Igreja Universal, 2018.

através das ações sociais que realizam, pois acredita que, de alguma maneira, contribui para a ressocialização do preso, para que ele possa ter novos pensamentos e se sinta inclinado a abandonar a vida do crime, valorizando mais a família. Reforça que o índice de reincidência criminal e retorno para o sistema penitenciário tem aumentado e que sem intervenções efetivas do Estado, através das políticas públicas, o egresso “vai voltar a roubar, vai voltar a assaltar, vai voltar a matar. Então o objetivo nosso dentro do sistema prisional é de alguma maneira contribuir com a ressocialização desse apenado e fazer dele um homem de família”. A ferramenta que utilizam para sua intervenção religiosa está pautada na palavra de Deus, conscientizando as pessoas privadas de liberdade a criar um compromisso com Deus não voltando a reincidir no crime. Para ele, naturalmente quem tem compromisso com Deus, tem compromisso com a sua família.¹⁵²

Quanto ao trabalho da UNP no IPSL, é realizada a prestação de assistência religiosa aos privados de liberdade duas vezes por semana e quando possuem oportunidade, realizam atividades no final de semana também. Porém, no lado de fora do estabelecimento prisional, o grupo UNP faz um plantão de atendimento para as famílias todos os finais de semana.¹⁵³

Nós temos ali um espaço e nesse espaço é realizado um café para ele, e é encaminhado para fazer documento, eles recebem uma cesta básica para poder chegar em casa e para não ter que roubar de primeira mão. E detalhe, eles não têm passagem e nós damos pra ele ir pra qualquer lugar do Estado e até pra outro Estado, nós damos passagem, o preso se provar pra nós que ele realmente quer mudar de vida, nós botamos ele no ônibus e mandamos ele pra São Paulo, Belo Horizonte, Caxias do Sul, pra onde ele quiser.¹⁵⁴

A IURD, através do programa UNP, possui um trabalho direcionado a este público, possuindo salas de atendimento em todos os municípios do Estado, referindo não conhecer nenhuma religião ou instituição que preste esta assistência. De fato, durante o estudo de caso não se identificou a existência de um serviço de apoio ao egresso, sendo que nesse quesito, inclusive, o próprio Estado é falho.

Além de projeto Universal nos presídios, nós temos outros projetos que se estendem pra eles inclusive o nome do projeto se chamando projeto RAAB é um projeto composto só por mulheres que atendem mulheres que foram

¹⁵² Entrevista com o representante da IURD, referente à pergunta: Como você tem visto a questão da assistência religiosa oferecida dentro do instituto penal de São Leopoldo? LAUXEN, 2018.

¹⁵³ Entrevista com o representante da IURD, referente à pergunta: descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no instituto penal? LAUXEN, 2018.

¹⁵⁴ Entrevista com o representante da IURD, referente à pergunta: sua denominação religiosa acompanha a vida de pessoas que já saíram do sistema penitenciário? LAUXEN, 2018.

violentadas, estupradas, mulheres que foram abandonadas pelo marido e elas são psicólogas, elas são como se fossem psiquiatras que atendem essas mulheres e de alguma maneira oferecem pra elas toda assistência emocional, espiritual e também financeira, porque elas recebem todo tratamento necessário e como é de mulher pra mulher, elas se sentem à vontade para contar o que tá acontecendo.¹⁵⁵

Este projeto, por exemplo, está voltado para o atendimento a mulheres vítimas de violência, em algumas circunstâncias familiares de pessoas que estão presas. Ainda assim, a IURD possui diversos projetos ligados à questão penitenciária, no que tange a situação da pessoa privada de liberdade. Possui além do atendimento básico, a oferta de mais de 45 cursos gratuitos e profissionalizantes com certificação, que são oferecidos dentro e fora da prisão, para presos ou egressos do sistema penitenciário. Dentre os cursos, já foram oferecidos os de dança, teatro, computação e outros, que são também disponibilizados para familiares de presos e pessoas com menor poder aquisitivo.

Contudo, ao conhecer como se dá a rotina dos grupos religiosos no IPSL, na prestação da assistência religiosa ofertada aos privados de liberdade, foi possível identificar as semelhanças na forma de organização dela. Tanto a padronização orientada pela administração do presídio e também as condições de infraestrutura ofertada pelas instalações físicas do estabelecimento prisional, define como irão ocorrer as atividades, neste caso atingindo um número mínimo de participantes, pela dificuldade de aglomerar pessoas, principalmente pela ausência de um espaço físico destinado e adequado para tal, ocorrendo nas diversas ocasiões dentro de uma cela. As igrejas, através dos grupos religiosos e a assistência religiosa criam uma ligação entre si, de forma que uma apoia a outra quando conseguem estar presentes no mesmo período de visitação, tendo em vista o objetivo comum, que   evangelizar. Para o privado de liberdade ao se aliar com a assistência religiosa, por mais precária que seja, é sempre vantajoso, uma vez que passará ser visto pelos agentes penitenciários e pela “massa carcerária”¹⁵⁶ como um indivíduo que está com interesse de mudar de vida. Acreditando nessa força que a religião tem, Souza argumenta que realmente não se pode negar que “diante da complexidade vivenciada pelo sistema prisional, [...] a religião tem sido uma ferramenta que muito tem contribuído para a

¹⁵⁵ Entrevista com o representante da IURD, referente   pergunta: sua denomina o religiosa acompanha a vida de pessoas que já saíram do sistema penitenciário? LAUXEN, 2018.

¹⁵⁶ Termo utilizado pelo sistema penitenciário para identificar o coletivo, a maioria do grupo de privados de liberdades.

ressocialização do apenado”¹⁵⁷, e no decorrer do estudo de caso, pode-se ir atestando este pressuposto apresentado por Souza e tantos outros estudiosos da área.

É através dos relatos fornecidos através das entrevistas realizadas com representantes das denominações religiosas: Igreja da Assembleia de Deus, Igreja Católica, Igreja Evangélica Luterana do Brasil e Igreja Universal do Reino de Deus; que prestam o serviço voluntário dentro do IPSL, que o trabalho de assistência religiosa está acontecendo e sendo garantido tanto pela sociedade civil e cristã quanto pelo Estado àqueles que estão privados de sua liberdade e impossibilitados de se deslocar até sua igreja ou casa religiosa. A reflexão sob diversos olhares sobre a importância deste trabalho religioso nas prisões também foi contemplada durante o estudo de caso e será abordada no próximo capítulo.

3.3 Esperança no Cárcere: a assistência religiosa da Congregação Veneza da Igreja Assembleia de Deus

A Igreja Assembleia de Deus no Brasil, se deu com a vinda de dois missionários suecos, que antes de chegarem ao Brasil visitaram o movimento de despertamento e avivamento espiritual da Rua Azusa em Los Angeles, EUA. Daniel Berg e Gunnar Vingren responderam a chamada missionária devido ao recebimento de uma revelação de Deus sobre Pará, onde se iniciou a primeira Congregação Brasileira. De início começou com reuniões com as igrejas batistas aqui já instaladas, mas como traziam na bagagem a doutrina pentecostal do batismo no Espírito Santo assumiram a nova doutrina. Houve rejeição por parte de alguns, mas muitos abraçaram a doutrina porque viam nas páginas da Bíblia a confirmação do que era pregado e ensinado pelos missionários estrangeiros.¹⁵⁸

Tendo origem no movimento pentecostal do início do século XX na América, as Assembleias de Deus do Brasil cresceram nos moldes da igreja do Novo Testamento, onde os discípulos cheios do Espírito Santo levaram o Evangelho a todo o mundo. Não muito tempo depois, as Assembleias de Deus chegaram aos grandes

¹⁵⁷ SOUZA, Pedro Paulo Rodrigues de. **A assistência religiosa e a modificação comportamental do preso**: um estudo no Centro de Recuperação Regional de Abaetetuba (CRRAB). Trabalho de conclusão de curso. 22 p. Especialista em Gestão Penitenciária. Universidade Estácio, Belém-PA, 2013. p. 3.

¹⁵⁸ ASSEMBLEIA DE DEUS. **Assembleia de Deus no Brasil comemora 104 anos**. Disponível em: <<http://www.cpadnews.com.br/assembleia-de-deus/28597/assembleia-de-deus-no-brasilcomemora-104-anos.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

centros urbanos das regiões Sul e Sudeste, como Porto Alegre, São Paulo e Belo Horizonte. A partir de 1936, a igreja passou a ter maior colaboração das Assembleias de Deus dos EUA através dos missionários enviados ao país, os quais se envolveram de forma mais direta com a estruturação teológica da denominação. Em virtude de seu fenomenal crescimento, principalmente depois dos anos 90 com a criação e ação da chamada Década da Colheita, iniciativa das Assembleias de Deus, os pentecostais começaram a fazer diferença no cenário religioso brasileiro.¹⁵⁹

As Assembleias de Deus estão hoje em todas as camadas da sociedade, inclusive com representantes na esfera política do Congresso Nacional. Como agente de mudança não somente espiritual, vê-se a igreja agindo em grande escala em trabalhos sociais de grande envergadura e empenhada a mudar a face do país a partir do Evangelho de Jesus Cristo, tendo templos em quase todas as cidades brasileiras. As Assembleias de Deus chegam ao seu centenário como uma igreja forte, crescente e saudável, mantendo a pureza da doutrina pentecostal e desafiando os especialistas em crescimento de igreja, continuando a expandir-se desta feita para além das fronteiras, realizando um extraordinário trabalho missionário, tendo obreiros em quase todos os países do globo.¹⁶⁰

O trabalho da Igreja Assembleia de Deus nos presídios é feito através do Ministério Restauração.¹⁶¹ Por meio de um trabalho especial de capelania prisional, tem se esforçado para atender a ordem bíblica referente àqueles que estão aprisionados, registrada em Hebreus 13, 3 – “Lembrai-vos dos presos...”.¹⁶² “Várias penitenciárias gaúchas recebem semanalmente a visita de nossos obreiros, dentre elas o IPSL”¹⁶³ que pretendem levar aos encarcerados a Verdade através da palavra de Deus que pode, realmente, libertar o homem de uma vida presa ao crime (João 8, 32). Como resultado, muitos testemunhos de transformação têm sido relatados.

Sob a liderança do Pr. Sérgio Miguel Cortez e do Ev. Mauro Eduardo Padilha, e com o apoio de obreiros de diversas áreas do Ministério Restauração, centenas de apenados têm tido a oportunidade de receber orientação social e espiritual. O trabalho

¹⁵⁹ ASSEMBLEIA DE DEUS, 2018.

¹⁶⁰ GUEDES, Pastor. **100 Anos das Assembleias de Deus no Brasil**. Disponível em: <<http://assembleia.org.br/100-anos-das-assembleias-de-deus-no-brasil/>>. Acesso em 26 set. 2018.

¹⁶¹ Ministério formado através de membros voluntários da igreja Assembleia de Deus.

¹⁶² ASSEMBLEIA DE DEUS. **Sobre o trabalho em presídios**. Disponível em: <<http://www.restauramundo.com/sobre-o-presidio/>>. Acesso em: 29 set. 2018.

¹⁶³ Entrevista com representante da Igreja Assembleia de Deus, da Congregação Veneza, Estância Velha-RS. LAUXEN, 2018.

continua após a soltura, com o acompanhamento individual, o empenho para seu restabelecimento na sociedade com vínculos de trabalho, além do apoio a suas respectivas famílias. Outro projeto que nasceu a partir deste é o estabelecimento de casas de passagem, onde ex-presidiários podem ficar alguns meses imediatamente após ganharem a liberdade, a fim de terem uma recondução social em ambiente diverso daquele que os levou ao crime.¹⁶⁴ “Glorificamos a Deus, pois muitos são os que já estão reinseridos na sociedade, trabalhando honestamente e servindo a Deus com fidelidade.”¹⁶⁵ Porém, nos relatos do Presbítero Vanderlei, membro da Congregação Veneza, entrevistado neste estudo, infelizmente não são todas as Igrejas Assembleias de Deus que estão conseguindo cumprir a missão, pois ainda dependem de pessoas que se sintam inclinadas ao trabalho penitenciário, ainda muito polêmico entre a comunidade.

Segundo o Pr. Sergio, o trabalho nas penitenciárias do Rio Grande do Sul vem ocorrendo desde 2005, quando o Pr. Humberto Schimitt Vieira os convidou para assumir a Área São José, compreendendo a área onde se encontrava um estabelecimento prisional de regime semi-aberto. Então, quando assumiram a área, assumiram também a casa prisional. No ano seguinte, em 2006, começaram os trabalhos em presídios de regime fechado, através de esposas de detentos da Penitenciária Estadual do Jacuí, vinculadas à igreja. Atualmente a igreja já atende mais de 44 casas penais no Estado do Rio grande do Sul.¹⁶⁶

O trabalho do Ministério da Restauração nos presídios se divide em duas áreas: uma é a pregação do evangelho, muito similar às cruzadas evangelísticas ao ar livre. Terças e quartas, em algumas casas prisionais, são dias de visita. Então, se pode fazer cultos no pátio, quando o recluso está ali no seu banho de sol. A gente pega a parte menos ocupada do pátio, reúne uma ou duas pessoas inicialmente, começa a cantar alguns hinos e aquele pessoal vai se aglomerando. Então, se faz um culto relâmpago, oramos por eles e assim se inicia o trabalho. Depois, nas galerias, há casos em que o “plantão” – o preso que cuida das grades do corredor para dentro e tem a responsabilidade da disciplina interna – cede uma cela que fica denominada “cela dos irmãos”. Ali nasce uma congregação em que ensinamos a Palavra de Deus. Há casos, ainda, em que uma galeria inteira é formada por pessoas cansadas do crime, que querem mudar de vida. Então, a gente vai ali e dá toda assistência. Montamos minibibliotecas, ministramos o ensino espiritual fundamental, bem sólido, para que se crie de fato uma congregação interna.

¹⁶⁴ Entrevista com o Pr. Sergio Cortez. 2016. Disponível em: <<http://www.restauramundo.com/entrevista-pr-sergio-cortez/obra-em-presidios-um-desafio-aceito-pelo-ministerio-restauracao>>. Acesso em: 29 set. 2018.

¹⁶⁵ ASSEMBLEIA DE DEUS. **Sobre o trabalho em presídios**. Disponível em: <<http://www.restauramundo.com/sobre-o-presidio>>. Acesso em: 29 set. 2018.

¹⁶⁶ Entrevista com o Pr. Sergio Cortez, 2016.

Nessas galerias, a própria instituição olha aqueles detentos com outros olhos, pois elas se tornam galerias modelo, diferenciadas.¹⁶⁷

As obras realizadas pelo Ministério Restauração nos presídios do Rio Grande do Sul e, sobretudo, nos estabelecimentos prisionais do Complexo de Charqueadas-RS, onde se concentra um número significativo de presos do Estado, inclusive de segurança máxima, vem ganhando grande visibilidade, pois hoje são os estabelecimentos prisionais que mais concentram evangélicos e onde aconteceram diversos batismos da Igreja Assembleia de Deus. Um exemplo é a história do vulgo “Folharada”, Lacir Moraes Ramos¹⁶⁸, o preso de mais de 200 anos de condenação que se converteu e hoje realiza trabalhos evangelizadores junto a dependentes químicos e presos em todo o Estado e até fora dele, conhecido pelo livro “Um milagre na escola do crime”, já citado neste trabalho. Faz-se importante retomar que a história de Lacir Ramos tem servido de referência para muitos presos, que consideram a história dele como uma possibilidade de libertação das grades e da vida do crime também.

No IPSL, a assistência religiosa da Igreja Assembleia de Deus tem acontecido através de dois casais, da Congregação Veneza, localizada na Cidade de Estância Velha, dentre eles o Presbítero Sr. Vanderlei Abadi e sua esposa.¹⁶⁹ As atividades têm acontecido uma vez por semana, como estabelecido pela administração do IPSL, mais precisamente nas terças-feiras, entre as 18h e as 19h. Geralmente o grupo se apresenta mais cedo, passa pela identificação na portaria e entra para as galerias. Fazem o convite em cada cela para cultuar a Deus, e no grupo cantam louvores e leem a Bíblia.

A gente trabalha principalmente ensinando as doutrinas da palavra de Deus. Ensinando os ensinamentos que a palavra de Deus instrui para salvação, pra mudança de vida do homem, transformação do caráter, que a Bíblia chama de santificação que é viver na verdade na justiça e esse é o evangelho que a

¹⁶⁷ Entrevista com o Pr. Sergio Cortez, 2016.

¹⁶⁸ É Evangelista da Igreja Assembleia de Deus, situada na cidade de Charqueadas/RS. É ex-detento, condenado a 200 anos de reclusão, hoje em liberdade plena.

¹⁶⁹ Sr. Vanderlei, durante a entrevista como representante da Congregação Veneza da Igreja Assembleia de Deus, localizada na cidade de Estância-Velha, declarou ser egresso do Sistema Penitenciário, colocando-se a disposição para contribuir com a pesquisa com sua experiência como aquele que um dia recebeu a assistência religiosa quando esteve preso e os impactos positivos desta intervenção na sua vida após a liberdade. O Capítulo 4 contemplará a história de vida e superação deste homem, que foi preso e hoje está reinserido no meio social, casado, empresário e presbítero da Igreja Assembleia de Deus, retornando ao ambiente prisional como prestador de assistência religiosa.

gente prega, a gente prega o evangelho de restauração do caráter da pessoa e principalmente da salvação da alma.¹⁷⁰

O foco da missão desta igreja, através dos membros da Congregação Veneza, é poder compartilhar o que para eles é a bondade recebida de Deus e tentar passar para as outras pessoas também, para que possam ter esse entendimento e buscar em Deus a mudança, a transformação e conseqüentemente alcançar as bênçãos que Deus tem para aqueles que são fiéis e entregam a vida a Ele.¹⁷¹

De acordo com o representante da Igreja Assembleia de Deus, o grupo é aberto e qualquer pessoa participa, independente da religião ou crenças que possui. Inclusive trazem relato de que muitas vezes ouvem a expressão “ah, eu vim só pegar uma palavra”. Segundo ele “são pessoas que muitas vezes elas querem uma palavra, querem uma oração digamos assim no dia, mas não estão dispostos a assumir um compromisso, uma vida de fidelidade, de entrega pra Deus”. Reflete que todos são bem-vindos, não importam as circunstâncias, pois para ele muitas vezes há tantas situações em que o preso está vivenciando que não consegue se desvencilhar daquilo ali, mas querem ouvir uma palavra. “Eles vêm, eles ouvem a palavra de Deus, choram, saem dali, mas infelizmente não tem forças de se entregar realmente a Deus, e Deus trabalhar na vida deles.”¹⁷²

Ainda sobre a participação dos presos nas atividades da Igreja Assembleia de Deus, foi declarado na entrevista que normalmente cerca de treze pessoas participam, e que apenas cinco são crentes fiéis, pessoas batizadas na religião, membros desviados e que retornaram dentro do sistema prisional, estando hoje servindo a Deus, inclusive cita um deles como um membro fixo, o qual é considerado “pastor”¹⁷³, entre os demais presos. Conforme seu representante, esta pessoa intitulada “pastor”, passou a ser uma referência religiosa dentro da “cadeia”, como dizem, pois, quando os grupos religiosos se retiram, existe uma cela, chamada de igreja, onde ficam

¹⁷⁰ Entrevista com o representante da Igreja Assembleia de Deus, referente à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no instituto penal. LAUXEN, 2018.

¹⁷¹ Entrevista com o representante da Igreja Assembleia de Deus, referente à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no instituto penal. LAUXEN, 2018.

¹⁷² Entrevista com o representante da Igreja Assembleia de Deus, referente à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no instituto penal. LAUXEN, 2018.

¹⁷³ Pastor é um preso que possui muitos anos de condenação, foi convertido na Igreja Assembleia de Deus dentro da prisão, vive na cela dos “irmãos” e hoje faz um trabalho de evangelização junto aos demais presos. O mesmo permanece em cumprimento de pena no IPSL e sua experiência com a assistência religiosa dentro da prisão será apresentada no Capítulo 4 deste estudo.

somente as pessoas presas que se declaram crentes, os quais dão continuidade as atividades religiosas. É nesta cela, que geralmente todos os privados de liberdade “irmãos” e adeptos, se reúnem para pregar a palavra de Deus a todos. Esse espaço também é utilizado pelas outras denominações religiosas e quando estas não estão, os presos que ocupam aquela cela, os “irmãos, dão continuidade ao trabalho de espiritualidade.”¹⁷⁴ Tem sido comum os relatos sobre pessoas que estão sendo ressocializadas e voltando ao convívio social por meio da contribuição da assistência religiosa no tratamento penal:

É o caso do Cláudio, tem aqui o Alexander, e tantos outros que estão em liberdade, a maioria dos que realmente se converteram, que a gente chama de se converter de coração, com um propósito sincero e fiel a Deus, tão bem, estão servindo a Deus, nasceram de novo. Na minha igreja não tem, até mesmo porque em Estância Velha não tem presídio, mas aqui em São Leopoldo, aqui a gente sabe de muitos casos, de pessoas que já saíram e tão bem, são pessoas ressocializadas.¹⁷⁵

Para os membros da Igreja, para que possa acontecer uma boa reinserção social é importante que haja uma continuidade no acompanhamento da pessoa que acabou de sair do sistema penitenciário. Uma das formas desta igreja ajudar é procurando atender as necessidades básicas, como aconselhar e ajudar na busca de um emprego, para que assim possam reestruturar a vida.

Como a gente é de Estância Velha, alguns não conseguem ir, mas nós comunicamos por WhatsApp, telefone, a gente sempre tá, e tem alguns irmãos que simpatizam, mas o nosso trabalho não é levar ninguém pra nossa igreja, pra nossa denominação, o nosso trabalho é evangelizar eles, pra quando eles saírem, eles irem viver a vida deles, lá no bairro deles ou onde eles moram, buscar uma congregação perto da casa deles, pra eles servirem a Deus lá, nosso trabalho não é juntar pessoas pra levar pra nossa congregação, até mesmo porque não somos de São Leopoldo, então nosso trabalho é simplesmente baseado no amor.¹⁷⁶

Reforça que a maior razão da missão realizada por sua igreja é a melhor convivência em comunidade e a salvação de todos. O representante da Igreja Assembleia de Deus, demonstra intimidade com o tema da Teologia, referindo ser

¹⁷⁴ Entrevista com representante da Igreja Assembleia de Deus, referente à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa da sua denominação no instituto penal. LAUXEN, 2018.

¹⁷⁵ Entrevista com representante da Igreja Assembleia de Deus, referente à pergunta: Você tem relatos sobre pessoas que estão sendo ressocializadas e voltando ao convívio social por meio da contribuição da assistência religiosa? LAUXEN, 2018.

¹⁷⁶ Entrevista com representante da Igreja Assembleia de Deus, referente à pergunta: Você tem relatos sobre pessoas que estão sendo ressocializadas e voltando ao convívio social por meio da contribuição da assistência religiosa? LAUXEN, 2018.

esta uma área também chamada de metanoia¹⁷⁷, “que é a mudança de dentro para fora, é o homem ser transformado no caráter, na mentalidade, numa visão. A gente entende que o homem é imagem e semelhança de Deus, imagem que é espírito e semelhança é moralmente verdade.”¹⁷⁸

O representante da Igreja Assembleia de Deus, enfatiza que não pregam placa denominacional, mas valores, a palavra de Deus, a cura emocional, a transformação na vida moral da pessoa, a questão espiritual do relacionamento com Deus e sobre o fruto do espírito, para que as pessoas possam ter paz e alegria. Além da assistência religiosa, os membros da igreja costumam levar Bíblias para doação aos interessados e eventualmente ajudar com assistência material. “Já, aconteceu de pedirem roupas, eles geralmente não costumam pedir, mas a Bíblia, quem ainda não tem, sempre pedem” Algumas vezes os presos pedem para visitar os seus familiares e para levarem alguma ajuda. O representante afirma que este é um propósito que tem, pois quando saiu da prisão, levou consigo uma Bíblia que ganhou.

Eu ganhei uma Bíblia e essa Bíblia ficou marcada pra mim, ganhei do deputado Edimar. Eu escrevi pra ele e ele mandou uma Bíblia e aquele trabalho eu achei lindo, então eu penso que o melhor presente que uma pessoa pode ganhar é um exemplar da Bíblia, porque a Bíblia muda a tua vida, muda tua visão, tua mentalidade.¹⁷⁹

Para o representante da Igreja Assembleia de Deus, a Bíblia representou o passaporte para uma vida nova e sua vinculação e manutenção na vida evangélica o ajuda a manter-se livre de atos ilícitos, estando comprometido com sua família, igreja e trabalho evangelizador. Diante do seu relato, foi possível observar que o trabalho desenvolvido por membros da Igreja Assembleia de Deus é totalmente voluntário, ressaltando que todos os recursos que disponibilizam, como as Bíblias, o combustível, o tempo, é todo por conta dos fiéis que se comprometeram com esta prática. Relata que o grupo possui algumas dificuldades para se manter fiel à prestação da assistência, pois precisam trabalhar para o sustento de suas famílias: “toda terça eu tenho que me liberar mais cedo, para mim poder chegar nos horários estipulados pela casa. Eu sou marceneiro, tenho uma empresa de móveis planejados e a esposa

¹⁷⁷ Mudança essencial de pensamento ou de caráter, relacionada a transformação espiritual.

¹⁷⁸ Entrevista com representante da Igreja Assembleia de Deus, referente à pergunta: Sua denominação religiosa acompanha a vida de pessoas que já saíram do sistema penitenciário? LAUXEN, 2018.

¹⁷⁹ Entrevista com o administrador do IPSL, sobre a possibilidade de egressos do sistema penitenciário adentrarem o estabelecimento prisional para prestação de assistência religiosa. LAUXEN, 2018.

funcionária pública tendo que cumprir horário”. O casal faz isto todas as semanas há três anos, informando utilizar uma metodologia própria fundamentada nos princípios da Bíblia e da igreja na qual congregam. Não apresentou uma diretriz específica para o exercício da assistência religiosa nas prisões, mas um entendimento da igreja sobre a importância de se atender este grupo marginalizado socialmente.¹⁸⁰

Quanto ao retorno de um egresso do sistema penitenciário para a realização de trabalhos sociais ou religiosos nos estabelecimentos prisionais, o administrador do IPSL ressaltou que nada impede que uma pessoa que tenha cumprido pena no sistema penitenciário e mesmo no estabelecimento prisional que administra, possa retornar de modo a exercer a assistência religiosa dentro do presídio, desde que ela esteja apta dentro dos critérios permitidos na portaria de visita. Acredita ser também importante que esta pessoa manifeste uma reflexão acerca de tudo que passou durante a condição de preso e as razões que o levaram à prisão, pois entende que conseguir enxergar com amplitude o seu contexto, poderá chegar ao seu objetivo e também transmitir aos demais que estão na mesma situação que um dia ele passou, uma possibilidade de viver melhor com as pessoas.¹⁸¹

A pessoa se vê numa situação que ela não consegue achar uma saída. Ela não consegue se ver de uma outra forma e ela acha que o mundo olha para ela com aqueles mesmos olhos que ela está se vendo. Quando você chega a um determinado ponto, onde você está recebendo uma assistência religiosa, aonde você está recebendo uma assistência jurídica, aonde você está recebendo qualquer tipo de apoio de uma pessoa, que expressou para você que já viveu aquela realidade que você está vivenciando, ele consegue enxergar uma saída uma luz no fim do túnel, uma perspectiva de melhora, porque se você foi capaz de mudar, capaz de crescer de evoluir, ele também é. Então quando o apenado ele está ali dentro e chega um pastor, presbítero que prega a palavra para ele e que chega ao ponto de conseguir expressar para o apenado e dizer: olha eu tive essa realidade que você tem hoje. Olha eu fui usuário de drogas, eu tive no cárcere privado, mas graças à Palavra do Senhor, graças ao trabalho da equipe da casa técnica. graças à direção da casa, graças ao sistema em que eu me encontrava eu consegui sair daquela situação toda, e hoje eu estou de volta com a minha família, com a minha esposa, com os meus filhos, com meu trabalho e consigo ver uma vida mais ampla, isso aí serve de exemplo para ele.¹⁸²

¹⁸⁰ Entrevista com os representantes da igreja Assembleia de Deus, referente à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa que é dada por sua denominação no Instituto Penal. LAUXEN, 2018.

¹⁸¹ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa no Estabelecimento Penal que administra. LAUXEN, 2018.

¹⁸² Reflexões do administrador do IPSL, sobre a presença de egressos na prestação da assistência religiosa. LAUXEN, 2018.

A este respeito, Galucio reforça que as pessoas privadas de liberdade passam a ser destituídas de seus valores morais, éticos, religiosos e também da sua própria dignidade humana quando submetidas à condição de prisão, como resultantes de suas contravenções penais.¹⁸³ Esta dura realidade obriga-as a uma situação de exposição à violência pessoal e social, um estado de sofrimento humano que clama por aquele oferecido através da assistência recebida pelo tratamento penal, e dentre elas, a assistência religiosa.

O homem ora privado de sua liberdade passa por um processo de reconhecimento de si no espaço onde vive e no universo que o espera, encontra-se dentro dos limites institucionais (o cárcere), onde se estabelece um novo mundo, a construção de uma nova sociedade, daqueles que não podem ir e vir, contudo, estes não deixaram de fazer parte do mundo real, da sociedade na qual realmente foram inseridos desde o nascimento. É nesse contexto que lhe são permitidas tecer reflexões sobre a condição de sofrimento ora vivida e compreendida, estabelecendo uma religação na terra e no céu, pelo exercício da espiritualidade, pelo cumprimento da pena estabelecida e por meio do processo de recuperação.¹⁸⁴

A assistência religiosa aparece neste contexto como um guia, que possibilita este retorno para o cuidado com a dimensão da sua espiritualidade humana, uma vez que as dimensões sociais, biológicas ou físicas e psicológicas já se encontram comprometidas pela simples situação de encarceramento. Como confirmado pelo administrador do IPSL, a assistência religiosa oferecida aos presos do IPSL e quando advinda também por egressos, pessoas que possuem uma história de superação e resiliência¹⁸⁵ aparece como motivação ao cumprimento da pena sem resistência. A reflexão sobre atos ilícitos que levaram a pessoa à condição de prisão, ao arrependimento e ao propósito de uma nova forma de viver em sociedade e a prestação de um serviço voluntário na evangelização de presos, pode aparecer também como uma forma de reparar o dano. Contudo, o administrador do IPSL considera importante ter no sistema prisional, no sistema educacional e demais, exemplos, para se ter referências e para se poder cobrar.¹⁸⁶

¹⁸³ GALUCIO, 2013, p. 1.

¹⁸⁴ GALUCIO, 2013, p. 2.

¹⁸⁵ É a capacidade para desenvolver-se bem, para continuar projetando-se no futuro apesar dos acontecimentos desestabilizadores, de condição de vida difíceis e de traumas, às vezes, graves. É a capacidade humana universal de lidar e de superá-la, aprender ou mesmo ser transformado com a adversidade inevitável da vida! Essa capacidade de proteção permite a “uma pessoa, um grupo ou uma comunidade impedir, diminuir ou os efeitos nocivos da adversidade”. HOCH, Lothar, ROCCA, Susana. **Sufrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. Não paginado.

¹⁸⁶ Reflexões do administrador do IPSL, sobre a presença de egressos na prestação da assistência religiosa no IPSL. LAUXEN, 2018.

3.4 Pastoral Carcerária do Brasil: a assistência religiosa da Igreja Católica

Em uma ordem cronológica a pastoral carcerária surge desde o início da presença das igrejas no cárcere até os dias atuais, se fortalecendo através das atividades que realizam dentro de casas penais. Na década de 1960, a igreja se manteve presente, especialmente nas cadeias e penitenciárias femininas, por meio da congregação das Irmãs do Bom Pastor. Na década de 1970 os movimentos religiosos, passaram a desenvolver trabalhos expressivos nos estabelecimentos prisionais, onde “[...] organizavam jogos e diversões, promoviam reuniões, cursos e reflexões bíblicas; celebrações litúrgicas e visitas periódicas aos presos e suas famílias”¹⁸⁷, porém somente na década de 80 tomou forma, iniciando sua legitimação.

Na década de 80, as Irmãs de Consolata entraram na Pastoral Carcerária dedicando-se por muitos anos aos presos da Casa de Detenção. No ano de 1985, Padre Chico passou a realizar visitas na Casa de Detenção, em seguida, criou um Grupo de voluntários, e membros leigos da igreja foram aos poucos se incluindo nas reuniões, tornando a Pastoral Carcerária mais efetiva e presente, na busca de ser uma Igreja dentro dos Presídios. Somente no ano seguinte ocorreu a primeira reunião nacional da Pastoral como serviço organizado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). No ano de 1988 ocorreu a criação da coordenação nacional que questionavam a maneira de como o sistema penitenciário agia em relação a assistência religiosa naquela época, firmando parceria de contatos com organizações nacionais e internacionais.¹⁸⁸

O Massacre do Carandiru¹⁸⁹, em 1992, foi marcado como um dos maiores incidentes da história do Sistema Penitenciário Brasileiro até então, e foi neste momento que se abriu as portas deste sistema para a sociedade, até então fechada a respeito dos direitos humanos e políticas penitenciárias para os privados de liberdade. Neste ínterim, a “[...] Pastoral Carcerária torna-se uma referência para aqueles que contestavam as políticas oficiais de repressão e o sistema penal como um todo.”¹⁹⁰ O restante da década de 90, foi registrado na história como um período de total abandono das pessoas presas, seja pela sociedade ou pelo Estado.

¹⁸⁷ SITE OFICIAL PASTORAL CARCERÁRIA. Histórico. Disponível em: <<http://carceraria.org.br/a-pastoral-carceraria>>. Acesso em: 25 set. 2018.

¹⁸⁸ PASTORAL CARCERÁRIA. CNBB. **Agentes da Pastoral Carcerária - Discípulos de Jesus Cristo**: Brasília: Edições CNBB, 2013.

¹⁸⁹ PASTORAL CARCERÁRIA, 2018.

¹⁹⁰ PASTORAL CARCERÁRIA, 2018.

Com o cenário penitenciário em caos, a Pastoral Carcerária continua seus questionamentos ao Estado e passa a cobrar das autoridades respostas, organizando-se a nível estadual e federal, organizando a Campanha da Fraternidade¹⁹¹ de 1997, sob o tema: “Fraternidade e os Encarcerados”. A campanha motivada pela CNBB deu “maior visibilidade para a situação das pessoas presas e as violências promovidas pelos cárceres no Brasil, além de impulsionar os trabalhos da Pastoral Carcerária em todo o país.”¹⁹²

No ano de 2006 a Pastoral Carcerária compôs, junto com outras organizações, a primeira formação do Comitê Nacional de Prevenção e Combate à Tortura, passando a organizar pesquisas e relatórios que apontassem a questão da situação carcerária no Brasil, a fim de promover reformas nas políticas penitenciárias:

2010 – Publicação do primeiro relato de monitoramento de locais de privação de liberdade, que oferece um mapa das ocorrências de tortura em cerca de 20 estados;

2013 – Reunião com a presidenta Dilma Rousseff, na qual representantes da Pastoral Carcerária e outros movimentos sociais apresentam pela primeira vez a Agenda Nacional pelo Desencarceramento;

2016 - Lançamento do relatório Tortura em Tempos de Encarceramento em Massa, resultante de acompanhamento e análise do Sistema de Justiça em 105 casos de tortura denunciados. Ocorre o I Encontro Nacional pelo Desencarceramento, com a presença de representantes de 34 organizações e movimentos, que reafirmam os princípios da Agenda.¹⁹³

No ano de 2017 o país foi surpreendido novamente pelo que passou a ser o maior ciclo de massacres da história do sistema prisional brasileiro, deixando mais de 130 presos mortos no Amazonas, Rio Grande do Norte e Roraima, confirmando tragicamente a avaliação da Pastoral Carcerária, referente à crescente degradação da realidade prisional e o esgotamento das políticas atuais.¹⁹⁴

“Estive preso e vieste me visitar” (Mt 25, 36). É com esse lema em mente que a Pastoral Carcerária (PCr), pastoral social ligada à CNBB, age junto às pessoas presas e suas famílias, considerando-se a presença viva de Jesus e da igreja dentro

¹⁹¹ PASTORAL CARCERÁRIA, 2018.

¹⁹² PASTORAL CARCERÁRIA, 2018.

¹⁹³ PASTORAL CARCERÁRIA, 2018.

¹⁹⁴ PASTORAL Carcerária do Rio Grande do Sul: Igreja em saída, misericordiosa, comprometida e transformadora junto às realidades do encarceramento em Massa. Por um mundo sem cárceres! Rio Grande do Sul, RS: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil Sul 3, 2018.

do cárcere, sendo um sinal de esperança, acolhida e fé para aqueles que vivem na realidade sofrida dos presídios pelo testemunho e anúncio do evangelho.¹⁹⁵

A situação de superlotação, condições insalubres e tortura sofrida pelas pessoas privadas de liberdade, são fundamento para a presença da Pastoral Carcerária. De acordo com o Documento de Aparecida¹⁹⁶, no trabalho de atendimento religioso às pessoas presas os/as agentes pastorais promovem um “serviço de escuta e acolhimento, anunciam a Boa Nova, contribuem para o processo de iniciação à vida cristã e para a vivência dos sacramentos, e atuam no enfrentamento às violações de direitos humanos e da dignidade humana”¹⁹⁷, pois acreditam que todo processo evangelizador dentro do cárcere envolve a promoção humana.

As características da pastoral carcerária são:

1) Estar junto das pessoas privadas de liberdade. Só a proximidade que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente os valores das pessoas privadas de liberdade, seus legítimos desejos e seu modo próprio de viver a fé. À luz do Evangelho reconhecemos sua imensa dignidade e seu valor sagrado aos olhos de Cristo, pobre como eles e excluído como eles. Desta experiência cristã compartilharemos com eles a defesa de seus direitos.

2) Busca a Libertação integral. Consciente de que precisa enfrentar as urgências que decorrem da violência e da miséria do sistema prisional, o agente de Pastoral Carcerária sabe que não pode restringir sua solidariedade ao gesto imediato da doação caritativa. Embora importante e mesmo indispensável, a doação imediata do necessário à sobrevivência não abrange a totalidade da opção às pessoas privadas de liberdade. Antes de tudo, esta implica convívio, relacionamento fraterno, atenção, escuta, acompanhamento nas dificuldades, buscando, a partir das pessoas privadas de liberdade, a mudança de sua situação. As pessoas presas são sujeitas da evangelização e da promoção humana integral.

3) Luta para cancelar toda legislação e normas contrárias à dignidade e aos direitos fundamentais às pessoas privadas de liberdade, assim como as leis que dificultam o exercício da liberdade religiosa em benefício dos reclusos e busca, a quem transgride o caminho, o resgate e uma nova e positiva inserção na sociedade.

¹⁹⁵ PASTORAL CARCERÁRIA. **O que é a pastoral carcerária?** Disponível em: <<http://carceraria.org.br/a-pastoral-carceraria>>. Acesso em: 25 set. 2018.

¹⁹⁶ O Documento de Aparecida é o texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, ocorrida na cidade de Aparecida de 13 a 31 de maio de 2007; ocasião na qual veio ao Brasil o Papa Bento XVI. Com o intuito de estimular a ação evangelizadora da Igreja, chamada a fazer de todos os seus membros discípulos e missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida. O Documento é composto de 3 partes: (I) A vida de nossos povos hoje; (II) a vida de Jesus Cristo nos discípulos e missionários; (III) a vida de Jesus Cristo para nossos povos. A metodologia utilizada é muito utilizada "ver-julgar-agir", onde se vê a situação, questiona-a e responde com ações concretas. Em alguns lugares, esse método é acrescentado de celebrar e avaliar. FRANCISCO, Alisson. **Documento de Aparecida.** Disponível em: <<https://sites.google.com/site/alissonfrancisco/catequese/ao-curso-de-missilogia/documento-de-aparecida>>. Acesso em: 28 set. 2018.

¹⁹⁷ CNBB. **Documento de Aparecida:** Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007. p. 399.

4) Respeita a dignidade da pessoa humana. Isso significa tratar o ser humano como fim e não como meio, não o manipular como se fosse um objeto; respeitá-lo em tudo que lhe é próprio: corpo, espírito e liberdade; tratar as pessoas presas como ser humano sem preconceito nem discriminação, acolhendo, perdendo, recuperando a vida e a liberdade de cada um, denunciando os desrespeitos à dignidade humana e considerando as condições materiais, históricas, sociais e culturais em que cada pessoa vive.¹⁹⁸

A missão da pastoral, através de seu agente pastoral, é ser Pastor no mundo do cárcere, a exemplo de Jesus Cristo que veio para que todos tenham vida, isto é, para promover, defender, amar e servir a vida, para entrar no sistema como uma visão de boa notícia, como também revelar Jesus para as pessoas presas para que estas se libertem, ajudando-as a assumir suas próprias vidas, “num verdadeiro aprofundamento do mistério de Deus em sua vida, tornando-a protagonista da sua própria liberdade, assim como faziam os primeiros cristãos com as pessoas que iam aderindo à fé em Cristo.”¹⁹⁹

Suas metodologias da formação cristã são realizadas através de todos os exemplos de Jesus, iniciando pelo olhar para as primeiras coisas que Deus faz para seu povo. Primeiro: um olhar profundamente vidrado no sofrimento e angústia dos presos, sentindo assim compaixão da mesma dor que sentiu seu povo na história cristã. Segundo: saber escutar, pois Deus escuta o clamor do seu povo e está atento ao sofrimento dele. Terceiro: conhecer, Deus conhece cada filho em profundidade e sabe do que eles necessitam, por isto conhecer o sistema prisional é conhecer a realidade de quem vive lá. Quarto: descer, Deus desce até o seu povo e caminha com ele, ajudando-o. Quinto: fazê-lo subir, Deus não se agrada que seu povo continue onde está, Deus quer liberta-lo e salva-lo para uma nova vida. Sexto; fazer e sair, Deus tira seu povo da opressão e escravidão. O agente da Pastoral Carcerária tem como missão cumprir esta metodologia e promover a vida ajudando a pessoa presa a sair da condição degradante em que se submeteu, isto tudo através da palavra de Deus.²⁰⁰

Uma das metodologias pastorais discutida e ampliada foi a da Justiça Restaurativa²⁰¹ através das Escolas de Perdão e Reconciliação (ES.PE.RE). A escola

¹⁹⁸ CNBB, 2007, p. 398.

¹⁹⁹ CARCERÁRIA, 2013, p. 25.

²⁰⁰ CARCERÁRIA, 2013, p. 33-41.

²⁰¹ A metodologia, através dos ciclos de restauração ajuda a respeitar mais o outro como uma extensão de si, promovendo o perdão e a reconciliação entre as partes, seja o ofendido o opressor, o Estado e a sociedade, podendo inclusive evitar o encarceramento, para casos de crimes de menor poder

consiste em um paradigma não punitivo, baseado em valores, que tem como principal objetivo a reparação dos danos oriundos do delito causados às partes envolvidas – vítima, ofensor e comunidade – e, quando possível, a reconstrução das relações rompidas.²⁰² Segundo os organizadores há cerca de 10 anos no Brasil, a prática da Justiça Restaurativa tem se expandido pelo país. Conhecida como uma técnica de solução de conflitos que prima pela criatividade e sensibilidade na escuta das vítimas e dos ofensores, a prática tem iniciativas cada vez mais diversificadas e já coleciona resultados positivos.²⁰³ Contudo, a Igreja Católica, através da pastoral Carcerária, tem sido uma das poucas igrejas que possuem uma fundamentação metodológica para o serviço de assistência religiosa.

A esse respeito, o representante da Pastoral Carcerária de São Leopoldo, que presta assistência no IPSL, relata que o curso da ES.PE.RE, já aconteceu em vários momentos no sistema penitenciário, inclusive para presos do IPSL e também para servidores da SUSEPE. Acredita que as pessoas e os servidores que fizeram o curso ES.PE.RE, voltam com uma outra dimensão para fazer o tratamento penal com os presos, sendo mais humanos ao olhar para a/o privado de liberdade como um ser humano também, pois normalmente, segundo ele, em uma situação de crise aqueles que não são seus pares passam a ser vistos como inimigos, e são os primeiros alvos de presos rebelados.²⁰⁴

Como pastoral e como igreja, veem um mundo sem cárceres, pois acreditam que as soluções dadas pelos governos são ineficazes, ao se referir a algumas plataformas de campanhas políticas atuais que remetem a construção de novos presídios como a solução para a criminalidade. O representante da pastoral carcerária insiste que se deve atacar as causas, porque a prisão é só mais uma consequência e se fundamenta em uma pesquisa que realizaram no ano de 2017 com 100 pessoas privadas de liberdade e suas famílias, destes 70 presos do Instituto Penal de Novo Hamburgo e 30 presos do IPSL. A pesquisa demonstrou que 76% dos privados de liberdade tinham envolvimento com uso de drogas ilícitas e que o consumo de drogas teve relação com os crimes que cometeram. Com este resultado, ele se pergunta?

ofensivo. Algumas Varas de execuções penais do Estado de São Paulo e Rio Grande do Sul já desenvolvem algumas práticas neste sentido, principalmente no sistema socioeducativo.

²⁰² PASTORAL CARCERÁRIA, 2018.

²⁰³ PASTORAL CARCERÁRIA, 2018.

²⁰⁴ Entrevista com o representante da Pastoral Carcerária, em resposta à pergunta: Como você vê a assistência religiosa oferecida dentro do instituto penal de São Leopoldo? LAUXEN, 2018.

Então onde é que está a causa? Pensa que isto precisava ser “trabalhado lá quando é criança né, a falta de perspectiva profissional, a educação, a família. Pessoas jovens de família desestruturadas então tudo isso leva ao mundo do crime, infelizmente é isso.”²⁰⁵ Este estudo revela que a pastoral carcerária, para além da prestação da assistência religiosa e levar o evangelho para as pessoas presas, se ocupa em diagnosticar causas sobre o auto índice de encarceramento e reincidências criminais, sendo propositiva para discussões sociopolíticas que contribuam na reformulação de novas políticas penais e penitenciárias.²⁰⁶

A Igreja Católica hoje, no IPSL, realiza as visitas religiosas uma vez por semana, definidas todas as quintas-feiras a tarde, as 14h30min. Relatos do seu representante, membro da pastoral carcerária, informam que o grupo tentou realizar inicialmente as reuniões na sala de aula, sala localizada dentro do espaço administrativo do estabelecimento prisional, porém a participação dos presos foi ínfima, passando a realizar os encontros no pátio.²⁰⁷

Então a gente faz no pátio, hoje não sei se vai ter alguém no pátio lá, mas assim mesmo a gente passa. Eu passo nas galerias, vou lá e convido o pessoal para participar e aí eles: “Ah já vou”. Alguns descem, alguns já estão no caminho de lá e vão chegando de mansinho e vão conversando. Aí tu vais para conversar, normalmente a gente traz um texto do evangelho e trabalha um pouco a palavra de Deus.²⁰⁸

A questão do vínculo vem à tona novamente, de forma tão precisa e importante neste processo de prestação de assistência religiosa, isto por que segundo o já relatado pelo administrador do IPSL anteriormente e também pelo representante da PCr, para que haja adesão do preso a estas atividades facultativas, primeiro se faz necessário a construção de um vínculo, mesmo que seja o mínimo de uma aproximação para que eles passem a participar. Contudo, por se tratar de uma atividade facultativa, os que vão são aqueles que realmente desejam receber a assistência religiosa e possuem um novo propósito de vida, agora com Deus. De

²⁰⁵ Entrevista com o representante da Pastoral Carcerária, em resposta à pergunta: Como você vê a assistência religiosa oferecida dentro do instituto penal de São Leopoldo? LAUXEN, 2018.

²⁰⁶ Ver Agenda Nacional pelo desencarceramento, 2017-2018. Comissão de Cidadania e Direitos Humanos.

²⁰⁷ Entrevista com o representante da Pastoral Carcerária, em resposta à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no instituto penal? LAUXEN, 2018.

²⁰⁸ Entrevista com o representante da Pastoral Carcerária, em resposta à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no instituto penal? LAUXEN, 2018.

acordo com o representante da PCr, geralmente as pessoas que participam da assistência religiosa da pastoral não se declaram católicas, afirmando receber todas as religiões, não fazendo distinção ao credo religioso. Reforça que a proposta da PCr não é atrair membros para a Igreja Católica, mas sim levar a palavra de Deus como meio de libertação e opção para uma vida sem cárcere.²⁰⁹

Durante a entrevista realizada com o representante da PCr, foi perguntado sobre o acompanhamento a egressos do sistema penitenciário e relatos sobre experiências exitosas após o recebimento da assistência religiosa na prisão. Respondeu que infelizmente a Igreja ainda não tem condições de atender a esta demanda, embora seja um desejo deles, pois dependem de pessoas voluntárias da comunidade para tais atividades, declarando uma falta de estrutura em relação a recursos humanos. Por outro lado, embora não possuam um trabalho instituído para este fim, possuem relatos de pessoas que foram presas e seguem uma vida sem reincidência criminal pelo apoio dado pela assistência religiosa quando estiveram presas.²¹⁰

3.5 Seminário Concórdia: experiências sobre o Estágio de Capelania Prisional da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB)

A Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) deu início aos seus trabalhos no Brasil no ano de 1900, com a vinda do pastor Christian J. Broders, um missionário da Igreja Luterana – Sínodo de Missouri, enviado dos Estados Unidos para atender um pedido de luteranos que haviam vindo da Alemanha e estavam sem atendimento espiritual. No dia 1º de julho de 1900 foi fundada a primeira congregação da IELB, a Comunidade Evangélica Luterana São João, no atual município de Morro Redondo, RS.²¹¹

A partir do Sul do Brasil e reunindo inicialmente os alemães luteranos que aqui viviam, a IELB espalhou-se por todo o Brasil, chegando a todos os estados brasileiros. O lema permanente da IELB, que revela o que ela quer ser e fazer como um

²⁰⁹ Entrevista com o representante da Pastoral Carcerária, em resposta à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no instituto penal? LAUXEN, 2018.

²¹⁰ Entrevista com o representante da Pastoral Carcerária, em resposta à pergunta: Sua denominação religiosa acompanha a vida de pessoas que já saíram do sistema penitenciário? LAUXEN, 2018.

²¹¹ IELB. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.ielb.org.br/a-ielb/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

instrumento de Deus é “Cristo para Todos”. A partir deste lema, a Igreja criou seus objetivos dentro do contexto religioso.²¹²

Nossa missão: Proclamar Cristo para todos; Nosso propósito: Compartilhar o Evangelho de Cristo para promover a evangelização e o crescimento espiritual; Nossos valores: A ação e o amor de Deus através da sua Palavra e dos sacramentos do Batismo e da Santa Ceia, que trazem perdão, vida e salvação, em Cristo; Nossa visão: Sermos uma Igreja Luterana confessional que vai ao encontro das necessidades das pessoas.²¹³

O Seminário Concórdia, uma Faculdade de Teologia, está diretamente ligado à história da IELB. Em 1903, antes da fundação oficial da IELB, que foi realizada no dia 24 de junho de 1904, já funcionava o Seminário Concórdia, que foi planejado numa conferência pastoral realizada em abril de 1903, na localidade de Bom Jesus, município de São Lourenço do Sul, RS. As aulas tiveram seu início no dia 27 de outubro de 1903, lembrado hoje como “Dia do Seminário”. Os alunos eram, no princípio, três, depois cinco. O diretor e único professor era o Rev. John Hartmeister, pastor missionário do Sínodo de Missouri, EUA. Depois de um ano e cinco meses de funcionamento, a escola fechou as portas, após o regresso do Reverendo Hartmeister aos Estados Unidos.²¹⁴

Em 1905, por ocasião da segunda Convenção da Igreja, em Jaguari-RS, decidiu-se reabrir a escola, em Porto Alegre. A decisão de Jaguari veio a ser realidade no dia 1º de maio de 1907. Dez alunos se apresentaram para as aulas. Dois eram os professores: o Rev. Wilhelm Mahler e o professor E. Wegehaupt. A escola funcionava em duas casas alugadas. Em 1908 a escola recebeu o nome de Seminário Concórdia. Em 1912 foi transferido para um prédio novo, de propriedade da Igreja, construído em terreno onde hoje se encontra o Colégio Concórdia de Porto Alegre-RS, formando seus primeiros pastores no ano de 1915. Em 1921, o Seminário Concórdia mudou-se para o Bairro Mont' Serrat, em Porto Alegre, onde ficou até ser transferido, em 1984, para a cidade de São Leopoldo-RS.²¹⁵

O Seminário Concórdia tem como objetivo formar homens de Deus para o exercício do ministério público da Palavra de Deus. A conclusão do curso de Especialização em Teologia não implica recomendação automática ao ministério da Igreja Luterana. Os formandos recomendados para o exercício do ministério pastoral

²¹² IELB, 2018.

²¹³ IELB, 2018.

²¹⁴ IELB, 2018.

²¹⁵ IELB, 2018.

recebem um Diploma que os declara habilitados a receber um chamado para servir como pastores, missionários ou capelães na Igreja.²¹⁶ Durante o curso da graduação são realizados estágios em vários espaços de atuação dos pastores da IELB, dentre eles, os estabelecimentos prisionais, chamado de Capelania Prisional, objetivando a propagação da palavra de Deus às pessoas privadas de liberdade e consequentemente a prestação voluntária da assistência religiosa de acordo com os objetivos da Igreja em um contexto religioso.²¹⁷

Atualmente, cinco jovens, estão vinculados ao estágio de Capelania Prisional do Seminário Concórdia da IELB. Destes, dois e mais um formando que já passou pelo estágio no IPSL no ano de 2017, por indicação da Instituição, participaram da entrevista para este estudo. A reunião por ocasião da entrevista ocorreu nas dependências do Seminário Concórdia e o grupo estava muito disposto a contribuir com este trabalho, dando ênfase a importância de se estudar e repensar a assistência religiosa nos estabelecimentos prisionais. Geralmente, o grupo reveza entre si, indo três em uma semana e os outros dois na semana seguinte. Segundo eles, a divisão do grupo foi recomendada pelo Diretor do Estabelecimento Prisional, a fim de manter estratégias de segurança.

De acordo com os jovens, as atividades do Seminário Concórdia, acontecem aos domingos, das 8h30min às 11h. Como sabiam que outras denominações religiosas realizavam atividades durante a semana, resolveram fazer nos domingos para evitar conflito de dias e horários. Os mesmos relataram de maneira geral que procuram mais ouvir do que falar, permitindo escutar sobre as mágoas e angústias que os presos carregavam, referindo que não estavam para aconselhar sobre uma verdade, mas sim para deixá-los falar, porque observaram que muitos dos presos carregavam “traumas, mágoas e raiva”, as quais responsabilizavam por estarem presos. Então, afirmam que ainda no Seminário, antes de ir a campo, foram aconselhados a escutar mais do que falar, apenas dizer que: “a gente tem um Deus que está conosco em todas as situações”, tendo o cuidado de não se manifestar se estavam certos e nem se eles estavam errados.

O trabalho foi muito bom ano passado, e muita gente veio conversar com a gente e desabafar, teve caso de pessoas que choraram, teve caso de pessoas que falaram coisas marcantes mesmo sabe, e essa experiência eu

²¹⁶ CONCÓRDIA, Seminário. **Histórico do Seminário.** Disponível em: <<http://www.seminarioconcordia.com.br/seminario/historico.php>>. Acesso em: 20 set. 2018.

²¹⁷ CONCÓRDIA, 2018.

levo pro resto da minha vida. A gente tava lá por que a gente era cristão e não tava lá pra falar da nossa denominação religiosa, então tá com eles, escutar eles e ficar com eles, a religião naquele momento pouco importava, então era isso a nossa função lá dentro, deixar eles falar, deixar eles se expressar e no meu modo de ver o objetivo foi alcançado pelos resultados que teve, e eu sai com amizades lá de dentro.²¹⁸

As visitas dos seminaristas do Seminário Concórdia da IELB ocorrem geralmente nas celas, especialmente na cela intitulada de “Igreja”, onde moram os “irmãos”, mas quando ocorriam as atividades com outras denominações religiosas, embora raras, ocorriam no pátio e quando chovia, em uma pequena área coberta, chamada de anexo. Geralmente ia o padre aos domingos, e sempre procurava ficar num lugar em que todo mundo pudesse ver e participar, prática que os jovens luteranos procuraram adotar.

Nós fazíamos a mesma coisa, nós sempre procurávamos ficar onde as pessoas pudessem ver o que estávamos fazendo e vim falar com a gente, foi no começo muito complicado a gente ficou até meio receoso e com medo nos primeiros meses, mas depois um foi contando pro outro e eles começaram a procurar a gente conversando e até indicando que fulano de tal quer falar com você, então a gente ia e conversava, por que a gente não levava Bíblia, não levava nada, a gente estava lá pra estar com eles.²¹⁹

Conforme os membros do Seminário Concórdia, quando ocorriam as missas celebradas pelo Padre, da Igreja Católica, todos os presos eram convidados, independente da religião. Nesta ocasião, os presos que estavam em atividade com eles da IELB eram orientados caso se sentissem bem e quisessem participar da missa, podendo ir livremente. Não havia em nenhum momento alguma divergência neste sentido, podendo haver um diálogo com os jovens da IELB, os presos e o padre, havendo uma harmonia entre eles.

Os jovens manifestaram que o estágio em Capelania Prisional foi uma grande experiência para a vida e também para suas atuações como pastores no futuro, pois afinal, para eles o mais importante é considerar que todos, independente do crime que cometeram ou da religião que se declarem, são dignos de receber o perdão e a graça de Deus. Poderiam ter escolhido outra área para realizarem o estágio, como a Capelania Hospitalar, mas fizeram opção por esta experiência.

²¹⁸ Entrevista com membros do Seminário Concórdia, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil-IELB, referente à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no IPSL. LAUXEN, 2018.

²¹⁹ Entrevista com membros do Seminário Concórdia, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), referente à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no IPSL. LAUXEN, 2018.

Mas o que eu quero frisar é que foi muito importante, é nós estarmos lá por conta que nós estávamos em nome de Deus, mas nós não estávamos lá pra fazer uma pregação, a gente estava lá pra ouvir, e eu senti que esse ouvir foi muito importante, por que pra ouvir as pessoas e ainda mais um penitenciário ou pra acreditar que eles estão desacreditador e a gente estava lá pra conversar, ouvir, e isso me marcou muito que hoje a gente não ouve mais as pessoas, e esse ouvir acho que foi o gatilho pra gente criar esse laço de amizade com eles e criar esse vínculo e mostrar que a gente estava lá com eles pra superar o desafio deles então acho que isso é marcante.

Foi marcante tanto para nós quanto para eles, tanto que teve um momento depois que eles se ofereceram pra fazer uma confraternização conosco pra se despedir e foi um momento que me emocionou bastante, porque eu não esperava essa atitude deles de agradecimento e valorizar o nosso trabalho. - O que esse "piá" estão fazendo aqui? Para no final eles abraçar a gente e agradecer por a gente estar ali, foi algo que me marcou muito, foi algo que eu falei. Poxa a gente foi importante pra eles ali e isso foi algo que me marcou.²²⁰

Esta fala marca a lembrança deles, quando chegaram para iniciar o estágio. Estavam cheios de desconfiança e insegurança, tanto os presos quanto os jovens membros da IELB, o que nos remete à fala do administrador do IPSL a respeito do vínculo para a prestação da assistência religiosa, principalmente se tratando deste grupo específico, que por sua natureza é rotativo, pois a cada ano um novo grupo de alunos/seminaristas se apresenta para o estágio de capelania prisional no IPSL. Declaram não ser uma tarefa fácil adentrar no estabelecimento prisional e falar sobre um assunto fora do contexto deles, por isto, muitas vezes o início da conversa junto aos presos não iniciava pela Bíblia, mas por uma conversa sobre o futebol, por exemplo. A partir daí podia-se dar abertura para temas sobre a espiritualidade humana, e é quando o grupo passa a levar a sua mensagem.

Nós temos um livro chamado 'Sumário da Doutrina Cristã', que eles pegam os pontos básicos da fé cristã, então a gente instrui aqueles que são cristãos e aqueles que quiserem ouvir, e como é que são os pontos básicos? Por exemplo, a trindade, a criação do mundo, a palavra de Deus, a Bíblia, e a gente orienta eles dentro desses temas usando com base nesse livro, a gente deu uma cópia para eles de presente então eles acompanham eles leem e aí a gente tira as dúvidas e faz esse devocional baseado nesse livro, contando no formato mais leve, comentando o tema do livro de uma forma mais livre mas aberto pra perguntas como se fosse um estudo, fazem perguntas e quem quiser perguntar a gente está lá para ajudar pra instruir.²²¹

²²⁰ Entrevista com membros do Seminário Concórdia, da IELB, referente à pergunta: Você acha importante considerar a dimensão da espiritualidade humana no tratamento Penal? Porquê? LAUXEN, 2018.

²²¹ Entrevista com membros do Seminário Concórdia, da IELB, referente à pergunta: Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação de presos? Por quê? LAUXEN, 2018.

O sentimento de um desses seminaristas não é muito comum no contexto penitenciário e nos discursos gerais da sociedade. Geralmente os discursos ouvidos são que este grupo populacional não merece misericórdia, nem divina. O que se manifesta de forma interessante nesta manifestação é o sentimento de fé de que o ser humano pode se desenvolver pelo melhoramento do outro, pois nem sempre o fato de ele ter cometido um delito ou um mal a outrem, significa que não tenha uma dor, um sofrimento. Desse modo, a assistência que prestam, não a fazem para os criminosos, mas pelos filhos de Deus, para os quais Ele deseja a salvação.

Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. (Mateus 25, 38-40)

O grupo trouxe relatos de pessoas privadas de liberdade que atenderam durante o estágio e viram nelas uma boa perspectiva de mudança e reinserção social. Contudo, veem que a questão do acompanhamento pós-progressão para a liberdade é de fundamental importância para uma eficácia de todos os investimentos de assistência penal.

Teve um caso marcante pra mim de um senhor, que ele tava querendo largar de ser traficante porque a partir do nosso trabalho, conversando com ele e estando do lado dele, ele começou a ver que aquilo não tinha futuro, ele por conta própria, e falou que depois que saísse da cadeia ele queria que nós ficássemos visitando ele e queria que a gente conhecesse a família dele, e pediu pra gente uma bíblia, tanto que a gente foi atrás e conversou com nosso orientador aqui no seminário o professor Paulo Wiker. Ele deu pra nós a bíblia e a gente levou pra esse senhor a bíblia, e os 5 minutos com Jesus, que é um livro devocional, onde tem uma mensagem diária e uma pequena oração, a gente deu pra ele e passou nosso telefone.²²²

Quanto à opção de oferecer o número de celular, a direção não recomenda, embora se tenha criado um vínculo com a pessoa privada de liberdade, faz-se importante preservar a integridade das pessoas que prestam assistência, porém não se proíbe que estabeleçam uma relação extramuros após o alcance da liberdade. Um deles inclusive citou: “nós não fomos aconselhados a passar o nosso telefone para as pessoas ali dentro, mas naquele caso específico vimos que era necessário, por que a

²²² Entrevista com membros do Seminário Concórdia, da IELB, referente à pergunta: Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que poderia compartilhar? LAUXEN, 2018.

gente sentia uma empatia por ele e a gente viu que era necessário”. Declararam que não foram em todas as situações que realizaram o repasse do contato telefônico, mas que neste caso específico foi importante, pois mantiveram contato por algum tempo e puderam acompanhar o drama da reinserção social dele, vindo a relatar as dificuldades que teve para encontrar um emprego, devido ao preconceito em acolher pessoas que passaram pelo sistema penitenciário. Relataram que ele, o egresso, não queria voltar a vender drogas por que ele sabia que aquela prática era ilícita e poderia trazê-lo novamente à prisão e não queria envergonhar a família dele. Segundo os jovens, o privado de liberdade falava que “com a ajuda de Deus ele ia superar, ele ia arrumar um trabalho bom, um trabalho que desse para sustentar a família dele e isso foi um caso que a gente viu”.²²³

Outro caso relatado pelo grupo da IELB foi de um jovem, de aproximadamente 21 anos de idade. Ele, por duas vezes, aproximou-se do grupo de seminaristas e falou que estava querendo parar de usar drogas e ofereceram uma Bíblia e ele disse que não queria a Bíblia: “não, não, eu não quero a bíblia só quero te falar que eu vou parar de usar droga”. Os jovens relataram que se assustaram com tal afirmação do jovem preso, pois o mesmo apenas queria dizer a sua vontade, só queria que o escutassem. Um dos seminaristas responde: "Então eu estou com você" e depois não teve mais contato com ele e nem o viu nas próximas visitas. Contudo, reflete que lá dentro existe uma força de vontade, que se inclina para uma possível ressocialização.²²⁴ Creem que Deus trabalha nas pessoas de modo que o Espírito Santo guia essa ação que pode levar a pessoa a mudar de vida.

Segundo os jovens seminaristas, a estratégia utilizada pelo grupo para acolher e fazer com que as pessoas privadas de liberdade se sintam acolhidas parte do entendimento inicial que:

[...] a gente tem um grupo de cristãos lá dentro, de pessoas que acreditam em Deus e que sabem que o que elas fizeram foi errado, e elas estão buscando a ressocialização, tão buscando uma mudança de vida então a gente focou um pouco nessas pessoas, dando uma instrução sobre a bíblia, sobre a palavra de Deus, pra que elas possam conversar com os outros melhor, para que elas possam ajudar os outros na área de ressocialização, enquanto isso a gente também está aberto pro diálogo, pra conversar com

²²³ Entrevista com membros do Seminário Concórdia, da IELB, referente à pergunta: Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que poderia compartilhar? LAUXEN, 2018.

²²⁴ Entrevista com membros do Seminário Concórdia, da IELB, referente à pergunta: Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que poderia compartilhar? LAUXEN, 2018.

outras pessoas, pra que eles possam desabafar, se eles quiserem conversar, se eles quiserem falar com a gente, a gente está lá pra ouvir o que ele tem pra dizer, então a gente tá com essas duas frentes, uma é de tentar ouvir o que eles têm pra dizer e a outra é de ensinar pra esse o grupo de cristãos saibam um pouco mais sobre a bíblia, um pouco mais sobre a teologia, para que eles possam atender melhor aqueles que estão lá dentro.²²⁵

Entendem que os privados de liberdade cristãos que aceitam receber a palavra de Deus e colocá-la em prática na sua convivência com seus pares, podem se aproximar de uma possibilidade de resgate de valores e princípios de convivência em sociedade, pois consideram que como estão lá dentro e já possuem a confiança dos demais presos, pode ser que eles consigam transmitir melhor o valor do amor de Deus, assim como recebê-lo. Então, acreditam que se receberem uma formação sobre a palavra de Deus ou em teologia, os privados de liberdade poderão continuar este trabalho, mesmo depois que aquele grupo de estagiários seminaristas não mais esteja lá. O grupo também entende que seu trabalho é temporário e que o tempo de visitas não é suficiente para se compreender todo o contexto de condição de aprisionamento que aquelas pessoas foram submetidas pelo devido processo penal.²²⁶

Não se pode negar que uma parcela dos privados de liberdade está vinculada ao crime organizado, que não se permite ou vê possibilidades de um mundo sem crime e sem cárcere, porém existe outra parcela que busca a superação da condição de aprisionamento, almejando uma nova proposta de vida, prova disso é o grupo de “irmãos” que se criou ao longo da história de encarceramento no Rio Grande do Sul.

²²⁵ Entrevista com membros do Seminário Concórdia, da IELB, referente à pergunta: Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação de presos? Por quê? LAUXEN, 2018.

²²⁶ Entrevista com membros do Seminário Concórdia, da IELB, referente à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no IPSL. LAUXEN, 2018.

4 A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA E A CONTRIBUIÇÃO PARA A DIMENSÃO DA ESPIRITUALIDADE HUMANA DAS PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE

A assistência religiosa no universo prisional não tem ocupado lugar preferencial e nem é o ponto central dos sistemas penitenciários, assim como também as demais políticas penitenciárias, ainda são frágeis na sua efetivação. O sistema penitenciário está sempre mais voltado para as questões de segurança e de disciplina. No entanto, com o passar do tempo tem se adaptado as circunstâncias dos novos tempos, pois o aumento da massa carcerária e também das reincidências criminais tem sido foco de estudos sobre a eficácia do sistema penitenciário.²²⁷

Mirabete, em suas reflexões sobre assistência religiosa nas prisões, afirma que não se pode desconhecer o tamanho da importância que a religião tem, atuando como um dos “fatores da educação integral das pessoas que se encontram internadas em um estabelecimento penitenciário, razão pela qual a assistência religiosa é prevista nas legislações mais modernas”.

Em pesquisa efetuada nos diversos institutos penais subordinados à Secretaria de Justiça do Estado de São Paulo por um grupo de trabalho instituído pelo então Secretário Manoel Pedro Pimentel, concluiu-se que a religião tem, comprovadamente, influência altamente benéfica no comportamento do homem encarcerado e é a única variável que contém em si mesma, em potencial, a faculdade de transformar o homem encarcerado ou livre.²²⁸

A questão da assistência religiosa nas prisões já foi tema de reflexão em outro estudo²²⁹, que faz destaque à importância da assistência religiosa no processo de ressocialização de presos/as e destaca os impactos positivos da intervenção religiosa nos estabelecimentos prisionais:

[...] a assistência religiosa surge no texto da Lei de Execução Penal, para garantir aos recuperandos acesso às manifestações religiosas promovendo espaços para realização de cultos, missas e grupos de oração, permitindo que estes possam permanecer com o exercício do seu culto religioso. Acredita-se também que a religiosidade exerce grande influência para o

²²⁷ MIRABETE, Júlio Fabrini. **Execução Penal**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 83.

²²⁸ MIRABETE, 2002, p. 83.

²²⁹ GALÚCIO, 2007.

equilíbrio nas Casas Penais e redução dos conflitos nos interiores das unidades.²³⁰

A autora ressalta, em pesquisa realizada em um Centro de Recuperação Penitenciário no Estado do Pará, que o exercício da espiritualidade, por meio do cuidado prestado pela assistência religiosa, tem sido uma alternativa na recuperação de pessoas privadas de liberdade, principalmente quando há fragilidades na efetivação de políticas públicas à população carcerária. A pesquisa apontou que a religiosidade exerce forte influência para o equilíbrio nas Casas Prisionais e na redução dos conflitos no interior das prisões; que a maioria dos privados de liberdade possui uma proximidade com o binômio religiosidade/fé e que alguns receberam pela primeira vez a assistência religiosa dentro do cárcere. A autora refere que os entrevistados demonstraram que a participação em atividades religiosas representou uma vivência significativa, considerando que a religiosidade tem contribuído para o processo de ressocialização deles. Definem que a assistência religiosa tem o equilíbrio nas prisões, principalmente quando as demais assistências faltam ou falham, pois além da assistência espiritual, os grupos religiosos, representando suas igrejas, se ocupam na oferta de outros serviços, como o apoio material à pessoa privada de liberdade, principalmente para aquelas que não recebem visitas e/ou perderam os vínculos familiares.²³¹

Durante o estudo de caso realizado no IPSL foi possível verificar qual a visão dos gestores da Instituição SUSEPE sobre o tema “assistência religiosa no tratamento penal”, dos grupos religiosos acerca da assistência religiosa promovida por sua denominação religiosa a pessoas privadas de liberdade naquele Estabelecimento Prisional e também sobre o que pensam aqueles que são os principais beneficiados por esta assistência, os privados de liberdade custodiados no regime semiaberto do IPSL.

4.1 A importância da Assistência Religiosa no tratamento penal

A primeira descoberta que se faz na experiência penal é que o presídio de fato não é diferente do resto do mundo, tanto no sentido de que ele é um mundo que

²³⁰ GALÚCIO, Iarani. Os impactos da assistência religiosa no processo de ressocialização de presos. CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v. 1, p. 1219-1238, 2012.

²³¹ GALÚCIO, 2012, p. 1238.

pode ser visto como uma imensa casa de cumprimento de pena. A ideia de que lá dentro estão apenas bandidos e fora somente “pessoas do bem” não é mais que uma ilusão; também de que existem pessoas ou totalmente bandidas ou totalmente do bem, o que na realidade não é possível. As verdadeiras palavras de Francesco Carnelutti trazem também uma lição de Jesus Cristo, na qual Ele vai à residência de Simão e aproxima-se dele uma mulher, meretriz, e pratica uma boa ação, expressando sua generosidade, sua devoção, buscando no Senhor alegria para suas lágrimas. Essa circunstância comprova como Cristo, diferentemente de todos, sabia e sabe tratar com igualdade outro ser humano.²³²

Mesmo diante dessas situações, nas quais aqueles que estão em presídios privados de sua liberdade por terem cometido algum crime, ninguém tem a liberdade de criar rótulos em cima de suas atitudes, pois todos são passíveis de erros como também da possibilidade de se arrepender. Nesse contexto a assistência religiosa se torna importante dentro do sistema, pois esses religiosos voluntários estão fazendo esse trabalho em busca da ressocialização desses privados de liberdade, e não para discrimina-los, crendo na capacidade deles em se arrepender e construir nova vida, evitando um retrocesso.

4.1.1 A premissa da gestão penitenciária

Um aspecto importante a reconsiderar decorre da interpretação do § 2º do já aludido artigo 24, pois o parágrafo estabelece a assistência religiosa como uma atividade facultativa do interno, ou seja, ele pode optar pela participação ou não na mesma, sendo vedada qualquer imposição no sentido de obrigá-lo a integrar os cultos. Instituída como facultativa, a assistência religiosa, no artigo 41, inciso VII da LEP, é expressamente definida como um direito do privado de liberdade o qual se classifica como direito fundamental por estar também previsto no artigo 5º, inciso VII, da Constituição Federal, podendo, portanto, ser defendido perante o Poder Público quando, mediante ingerências, violá-lo.²³³

A direção do Departamento de Tratamento Penal da SUSEPE, parte do princípio de que a Lei de Execução Penal (LEP) prevê a toda pessoa privada de

²³² CARNELUTTI, Francesco. **As Misérias do Processo Penal**. Trad. Ricardo Rodrigues Gama. 3. ed. Campinas: Russell Editores, 2009. p. 88.

²³³ MORAES, Alexandre de. **Direito constitucional**. 23. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 30.

liberdade tem o direito de receber assistência religiosa. Pelo fato de presenciar e acompanhar a legislação sendo já executada, a direção a considera como a sendo de grande valor. Mas para além disso, o:

Departamento de Tratamento Penal entende a importância das pessoas privadas de liberdade exercerem seu credo religioso, pois assim como a sociedade em geral tem acesso à religiosidade, as pessoas privadas de liberdade também necessitam desse momento para poder se manter frente à condição em que se encontram, tendo em vista a importância e o peso que a religião tem na vida das pessoas.²³⁴

Na mesma perspectiva, o Delegado Penitenciário da 1ª Região Penitenciária, Luis Benhur Calderon, entende que a assistência religiosa ainda é pouco valorizada “tendo em vista a grande importância que representa dentro dos estabelecimentos prisionais, infelizmente ainda é visto com preconceito pelos agentes penitenciários.”²³⁵ Acredita-se que a falta de maior conhecimento sobre a eficácia da assistência religiosa e de sua previsibilidade no escopo do tratamento penal, tem permitido ainda se manifestar a resistência na receptividade desse trabalho junto aos privados de liberdade. O Delegado entende ainda que:

É de extrema importância as assistências religiosas dentro dos presídios. Busco sempre orientar os diretores dos Estabelecimentos Prisionais para que deem máxima atenção a esses que fazem, de forma voluntária, um excelente trabalho e auxiliam de forma direta no tratamento penal.²³⁶

A respeito da contribuição da assistência religiosa no tratamento penal e sua importância, o administrador do IPSL, respondeu que sua formação acadêmica de origem vem das ciências exatas, referindo gostar das questões mais práticas e teóricas para poder acreditar e justificar os fenômenos da vida. Porém, refere que também acredita nas ações que não são exatas, mas que são concretas, podem ser vistas e dão resultados, assim como o impacto positivo da assistência religiosa na vida das pessoas que estão em cumprimento de pena privativa de liberdade. De acordo com o entrevistado, os resultados que a assistência religiosa tem demonstrado na sua

²³⁴ Entrevista com a Vice-Diretora de Tratamento Penal da SUSEPE/RS. A mesma coordena a divisão de desenvolvimento humano, em resposta à pergunta: qual o posicionamento do Departamento de Tratamento Penal acerca da assistência religiosa nos Estabelecimentos Prisionais? LAUXEN, 2018.

²³⁵ Entrevista com o Delegado Penitenciário da 1ª Região Penitenciária, em resposta à pergunta: Qual o posicionamento do Delegado Penitenciário acerca da assistência religiosa nos Estabelecimentos Penais da 1ª Região. LAUXEN, 2018.

²³⁶ Entrevista com o Delegado Penitenciário da 1ª Região Penitenciária, em resposta à pergunta: Qual o posicionamento da Delegacia Penitenciária acerca da assistência religiosa nos Estabelecimentos Prisionais? LAUXEN, 2018.

administração, tem feito com que acredite nela, mesmo sem ter acesso a dados estatísticos sobre sua eficácia nos estabelecimentos prisionais.

[...] não precisa comprovar em dados ou fazer com que eu acredite no resultado, a partir do momento que eu vejo no preso o semblante dele mudar, que eu olho a cadeia, e vejo, e abro, eu entro pela aquela porta eu sinto que o clima está menos tenso, os ânimos estão menos exaltados, que o guarda ele consegue dar um sorriso às vezes; que ele consegue, meio que às vezes, fazer uma brincadeira um com o outro, Eu vejo provas do trabalho da assistência religiosa de que o preso está menos tenso de que a cadeia está mais tranquila, de que o preso está conseguindo se comunicar com o familiar. Então essas atitudes e essas características da cadeia e dos seguidores e dos apenados, me bastam para acreditar que há um resultado efetivo sim da assistência religiosa no apenado e no sistema prisional também.²³⁷

A fala do administrador do IPSL demonstra que o ambiente prisional está menos tenso e que os privados de liberdade estão mais calmos e compassivos à espera da sua liberdade, pois para ele a intervenção das igrejas, através da assistência religiosa junto aos presos e também às suas famílias, estaria possibilitando a construção de novas perspectivas de vida e tornando a passagem pelo tratamento penal mais eficaz.

Marques, Cerqueira-Santos e Dell'Aglio afirmam que existe um crescente número de investigações demonstrando que o envolvimento religioso exerce um papel significativo no desenvolvimento saudável, especialmente na adolescência e no início da juventude, principalmente nas questões relativas ao desenvolvimento da identidade, pois a religiosidade tem sido apontada como um fator que atua indiretamente na vida de jovens através das suas relações familiares e também sociais, havendo a possibilidade de uma construção de identidade positiva.²³⁸ Neste ínterim, são construídos valores que possibilitam um senso moral para o que é lícito ou ilícito e também suas consequências, apontando a relação com a religião aparece como uma forte influência na vida das pessoas, atingindo-as de forma multifatorial e possibilitando o desenvolvimento criativo e positivo de jovens, mas também dos adultos.

Quanto aos comentários do administrador do IPSL, acerca da assistência religiosa no Serviço Penitenciário, o mesmo trouxe algumas reflexões ainda mais importantes. Relata que quando se trabalha em um único lugar, por exemplo, na

²³⁷ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação de presos? Por quê? LAUXEN, 2018.

²³⁸ MARQUES; CERQUEIRA; DELL'AGLIO, 2011, p. 82.

segurança, setor onde trabalhava anteriormente, tinha uma visão e quando passou a trabalhar na administração penitenciária, precisa-se ter um olhar muito mais amplo: “Quando você chega a administrar, você arruma. É como se você pegasse uma casa para arrumar. Então você não começa a arrumar a casa pelo quintal, você começa a arrumar a casa por dentro para chegar até o lado de fora.”²³⁹ Nesta fala, o administrador fez alusão à situação da pessoa presa, referindo-se ao contexto em que ela se encontra dentro do sistema penitenciário. Ressalta a necessidade de o indivíduo se “organizar por dentro pra depois ele começar a expor para fora as mudanças dele e nada e ninguém melhor para fazer do que a assistência religiosa.”²⁴⁰ O administrador refere-se ao cuidado com o interior e também com o processo de preparação para a liberdade que, segundo ele, se inicia ainda durante a reclusão com apoio dos grupos religiosos.

O administrador do IPSL entende que a assistência religiosa pode contribuir para que o privado de liberdade possa se olhar e entender seu papel naquele contexto, pois considera que este é um momento de reflexão sobre as circunstâncias que o levaram àquela condição e também para que consiga enxergar o papel dele na sociedade, que envolve além dele, os seus familiares, os amigos e isto ecoará na vida pregressa dele.²⁴¹

[...] o nosso papel aqui é proporcionar ao preso uma visão ampla também disso aí, ou seja, oportunizando toda e qualquer assistência religiosa que adentrar na casa para apresentar o seu trabalho, até que o preso se identifique com uma e passe a dispor as ideias dele, a expor a problemática dele, buscar uma resolução junto à assistência religiosa.²⁴²

Esse é um dos fatores mais relevantes com relação à influência da religião entre todos os dados levantados através da pesquisa, pois os vínculos que os privados de liberdade estabelecem junto a uma denominação religiosa, orientam novos comportamentos e contribuem para a construção de novas perspectivas de vida, que não estão relacionadas à reincidência ao crime. Oliveira reforça que a contribuição da assistência religiosa não impacta somente pela “conveniência de uma modificação de

²³⁹ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Como você vê a assistência religiosa no Serviço Penitenciário? LAUXEN, 2018.

²⁴⁰ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Como você vê a assistência religiosa no Serviço Penitenciário? LAUXEN, 2018.

²⁴¹ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Como você vê a assistência religiosa no Serviço Penitenciário? LAUXEN, 2018.

²⁴² Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Como você vê a assistência religiosa no Serviço Penitenciário? LAUXEN, 2018.

comportamento favorecendo a área da segurança e disciplina”, mas propiciando também maior “rotatividade de vagas nos presídios pela probabilidade de obtenção de benefícios legais”, isto dado pela redução de envolvimento em conflitos que podem levar a Procedimentos Administrativos Disciplinares (PAD), mas principalmente por se constituir como “elemento indicativo de transformação do homem ao expressar sua religiosidade, levando-a a recuperação”.²⁴³

Em sua entrevista, o administrador do IPSL reforça que a assistência religiosa tem um papel fundamental, considerando que no Brasil, por ser um país laico, existem várias religiões e grupos religiosos. Ressalta que a pessoa privada de liberdade, muitas vezes, o vê também como um agente de segurança, servidor da SUSEPE, logo representante do Estado, aquele mesmo que o mantém recluso. Esta definição pode dificultar que o privado de liberdade confie em revelar questões mais particulares da sua vida, assuntos que, segundo o administrador, facilmente são tratados quando do recebimento de grupos religiosos.

O administrador do IPSL acredita que com os representantes religiosos e com a intervenção advinda do meio externo, diverso da prisão, os privados de liberdade conseguem se expressar melhor, sendo possível inclusive, também direcionar suas famílias a buscar auxílio junto à igreja que eles mais se identificaram ou se sentiram assistidos.

[...] porque a igreja além de alimentar a alma do preso, trabalha a questão religiosa muito dele – também proporcionam cesta básica, atendimento médico – uma gama de assistência social fora da cena prisional e isso para o apenado é muito importante porque ele deixa de buscar só proventos junto ao mundo do crime – porque uma das questões que mais prende o preso é porque ele está sempre vinculado.²⁴⁴

Em relação à visão do administrador acerca da assistência religiosa oferecida no Instituto Penal de São Leopoldo, este refere que hoje as igrejas exercem um papel fundamental no atendimento aos privados de liberdade, pois além da assistência religiosa prestada, elas atuam de forma complementar.

Hoje eu vejo ela exercendo um papel fundamental, de forma complementar, porque tanto o Instituto Penal de São Leopoldo ele vem tentando proporcionar uma ressocialização através do trabalho, através da educação e a gente vem agregar a questão da religião. Então assim, eu gostaria de ter espaço mais amplo, uma sala reservada para assistência religiosa, então assim são coisas

²⁴³ OLIVEIRA, Marina M. C de. **A religião nos presídios**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978. p. 38.

²⁴⁴ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Como você vê a assistência religiosa no Serviço Penitenciário? LAUXEN, 2018.

que a casa poderia ter para dar um resultado maior alcançar uma meta melhor.²⁴⁵

Neste contexto, o administrador refere que o IPSL, assim como outros estabelecimentos prisionais da SUSEPE, vem tentando proporcionar uma “ressocialização” através do trabalho e da educação, políticas mais evidentes no programa de tratamento penal. Porém, informa que é importante agregar a estas políticas a questão da religião, que considera ser uma assistência complementar que tem sempre a acrescentar e a crescer, se referindo à existência do trabalho das igrejas no presídio. Mesmo nos dias atuais, ainda é perceptível que "nem sempre a religião é vista com bons olhos, mas com muita desconfiança e não lhes é dada a devida importância", mas o administrador considera a assistência no IPSL positiva no bojo da assistência integral à pessoa privada de liberdade.²⁴⁶

De acordo com o administrador do IPSL, por mais que as igrejas estejam fazendo algo importante hoje, ainda dá para fazer algo melhor, relatando que existem várias instituições que prestam assistência religiosa no IPSL e que existem tantas outras que desejam adentrar no estabelecimento prisional para a prestação do serviço de assistência religiosa, porém não possuem horários disponíveis. Afirma que gostaria de poder oferecer mais horários vagos e ter um efetivo de servidores suficiente para poder movimentar um número maior de pessoas privadas de liberdade para as atividades religiosas, e assim poder oferecer ciclos de palestras durante o dia. Para isso precisaria de um espaço mais amplo, podendo ofertar uma sala reservada para assistência religiosa, acreditando que isto poderia oportunizar mais e melhores resultados.²⁴⁷

4.1.2 A premissa das pessoas privadas de liberdade

Enfatizando o estudo de caso realizado junto às pessoas privadas de liberdade no IPSL, sobre a importância da assistência religiosa no tratamento penal, os questionários apontaram que estão convictas que a assistência religiosa durante o

²⁴⁵ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Como você vê a assistência religiosa no Instituto Penal de São Leopoldo? LAUXEN, 2018.

²⁴⁶ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Como você vê a assistência religiosa no Instituto Penal de São Leopoldo? LAUXEN, 2018.

²⁴⁷ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Como você vê a assistência religiosa no Instituto Penal de São Leopoldo? LAUXEN, 2018.

cumprimento da pena é importante, embora ainda escassa, como demonstra a tabela a seguir.

Tabela 7 - Considera importante assistência religiosa na reclusão?

	n	%
S	32	94,11
N	2	5,89
NR	0	0
Total	34	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

A tabela acima aponta que dos 34 privados de liberdade que responderam ao questionário, 94,11 % consideram importante o recebimento da assistência religiosa na reclusão.²⁴⁸ O que demonstra um entendimento positivo sobre a oferta desta assistência no contexto prisional, de modo a se estudar sua melhor efetividade.

Na entrevista realizada com um egresso do sistema prisional, o mesmo afirma que na época que estava privado da sua liberdade não tinha o entendimento da importância da assistência religiosa: “eu não tinha essa consciência, mas quando eu conheci o evangelho, isso foi algo que me ajudou muito a identificar esses valores que eu tinha que ter pra minha vida, tenho que ter né,” referindo-se aos valores que seriam bases para a reestruturação da sua vida pós prisão.²⁴⁹

Durante a entrevista que foi realizada com um dos privados de liberdade, o mesmo afirma que a assistência religiosa é muito importante, “não só na área espiritual”, mas também contribuindo em outras áreas, como ajuda material e trabalho, afirmando que “tem muitos que não são religiosos, não tem religião, mas não querem estar mais no crime, falta a oportunidade”, se referindo aos demais presos que buscam através da religião, embora não se identifiquem com ela, uma forma de serem assistidos e poderem construir novas perspectivas de vida.

A tabela a seguir confirma e demonstra o percentual de interesse, dos privados de liberdade do IPSL, em receber ou continuar recebendo assistência religiosa durante o cumprimento da pena.

²⁴⁸ Grupo de presos privados de liberdade que responderam aos questionários por ocasião do estudo de caso no Instituto Penal de São Leopoldo.

²⁴⁹ Entrevista com um egresso do sistema prisional gaúcho, em resposta à pergunta: Você considera importante a assistência religiosa no tratamento penal? Por que? LAUXEN, 2018.

Tabela 8 - Interesse em receber assistência religiosa

	n	%
S	28	82,35
N	6	17,65
NR	0	0
Total	34	100,0

Fonte: LAUXEN, 2018 (banco de dados da pesquisa).

O questionário demonstrou que 82,35% dos privados de liberdade no IPSL têm o interesse de receber ou continuar recebendo assistência religiosa durante sua reclusão.

Neste sentido afirma Goulart:

O que entendemos necessário, entretanto, para melhorar e incrementar esses serviços de assistência, é uma ação ampla no sentido de levar essa preocupação à toda a comunidade, a fim de que haja uma participação efetiva e em ampla escala da iniciativa privada particular, amparada e fiscalizada pelos poderes públicos, como vem sendo praticada com sucesso em tantos países, estendendo-se a sua benéfica ação, sob a forma de patronatos, a todos os recantos do território nacional, mediante atuação realmente eficaz junto aos sentenciados, egressos e suas famílias.²⁵⁰

Contudo, faz-se necessário reafirmar que a assistência religiosa é uma realidade dentro dos estabelecimentos prisionais e tem sido uma referência positiva aos privados de liberdade e também para o tratamento penal em sua integralidade, merecendo atenção na sua recepção, gestão e organização. Entende-se como necessária sua efetividade, considerando a emergente atenção na organização da prestação desta assistência, pois os grupos religiosos, representantes das igrejas, e membros da comunidade desejam e precisam compor este processo de cuidado das pessoas que logo estarão em liberdade, ou seja, de volta a sua convivência.²⁵¹

4.1.3 A premissa dos representantes dos grupos religiosos

Ainda sobre a assistência religiosa no tratamento penal, foram realizadas entrevistas com os representantes dos grupos religiosos que atuam no IPSL, dentre eles a Igreja Assembleia de Deus, a Igreja Universal do Reino de Deus, a Pastoral Carcerária da Igreja Católica e o Seminário Concórdia da IELB.

²⁵⁰ GOULART, Henny. **Penalogia I**. São Paulo: Editora Brasileira de Direito. 1975. p. 108.

²⁵¹ GOULART, 1975, p. 90.

Na entrevista realizada com o representante da Igreja Assembleia de Deus sobre sua visão a respeito da assistência religiosa no IPSL, o mesmo relatou que vê de uma forma positiva, pois está tendo o apoio da direção do IPSL e também por outros setores da sua igreja para a prestação desta assistência. O mesmo refere que, além do trabalho que a Igreja Assembleia de Deus vem realizando nos estabelecimentos prisionais juntos as pessoas privadas de liberdade, está sendo desenvolvido na cidade de Campo Bom, através do Pastor Pedro Dutra, um trabalho para tentar alcançar também a família dos presos/as, o que seria, segundo ele, uma visão mais ampla do trabalho religioso junto a este público.²⁵²

Como representante da igreja, tem visto a questão da assistência religiosa oferecida dentro do Instituto Penal de São Leopoldo como de grande valia para a “ressocialização” dos privados de liberdade.

Eu vejo como uma coisa muito boa. No momento que é pra eles vir cultuar Deus, ouvir uma palavra, a grande maioria não aceita, mas tem uma boa parte de pessoas que aceita, que estão carentes de uma palavra, de um aconselhamento, de uma oração e dentro deste processo de evangelismo, de culto a Deus elas entregam a vida pra Jesus. Estão sendo doutrinadas pela palavra de Deus e tenho visto já nesses dois anos e pouco que eu estou aí de pessoas que mudaram realmente sua vida e já estão evoluindo como pessoas no meio da sociedade.²⁵³

Na ocasião da entrevista, o representante da Igreja Assembleia de Deus, trouxe relato de um dos presos que há pouco tempo aceitou receber a assistência religiosa, e “aceitou a Jesus”, como eles dizem. O mesmo já se encontra estudando, trabalhando e dando bons frutos para a sociedade, disse ele. O representante da Assembleia de Deus acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação dos presos, pois diz ser prova viva desta experiência ao relatar brevemente sua relação com a religião enquanto esteve preso.²⁵⁴

Jesus mudou minha vida. Eu saí de dentro do sistema carcerário, eu sou uma pessoa ressocializada pelo evangelho. O sistema carcerário não ressocializa a pessoa, ele larga dentro do sistema, entra uma pessoa que praticou um crime comum e, às vezes, ele é largado no meio de pessoas que tem uma ficha bem difícil, então ali dentro a tendência é ele se marginalizar ainda mais. Eu vejo assim, há um déficit em ocupar o tempo da pessoa e propor uma

²⁵² Entrevista com o representante da Igreja Assembleia de Deus, em resposta à pergunta: como a sua denominação religiosa vê a assistência religiosa no atendimento penitenciário? LAUXEN, 2018.

²⁵³ Entrevista com o representante da Igreja Assembleia de Deus, em resposta à pergunta: como você, vê a questão da assistência religiosa oferecida dentro do instituto penal de São Leopoldo? LAUXEN, 2018.

²⁵⁴ A história do representante da igreja assembleia de Deus, hoje egresso do Sistema Penitenciário, será apresentada no Cap. 5 deste trabalho.

educação para que ela se resocialize, não sei se a senhora consegue entender. Há uma carência de a pessoa que cometeu um crime entrar e ser ajudada a sair, mas infelizmente muitas vezes não acontece. Tem um pastor que de repente a senhora conhece é o pastor Lacir, que é o chamado “FOLHARADA” ele escreveu um livro “Milagre na escola do crime”, ele relata que esteve 29 anos preso, e relata muitas coisas a respeito dessa carência da pessoa, que ele entra e acaba aprendendo coisas piores. Então no meu caso foi assim também, mas por bondade eu conheci a palavra de Deus, por bondade de Deus eu conheci Jesus.²⁵⁵

Por outro lado, Souza²⁵⁶ traz que pesquisas científicas têm demonstrado preocupação quanto ao grande desvio de finalidade da assistência religiosa nas prisões, principalmente quando o Estado se exime das suas responsabilidades, utilizando-se as igrejas com fins proselitistas, assim como também a pessoa privada de liberdade pode vir a utilizá-la para sua autopromoção perante a administração da casa prisional. Contudo, refere que em algumas circunstâncias, a assistência religiosa tem sido desvirtuada em sua proposta de tratamento humanitário, sinalizando à necessidade de monitoramento da prestação deste serviço voluntário.

O resultado da pesquisa acadêmica realizada por Souza em um Estabelecimento Prisional do Estado do Pará apontou que, embora tenha levado em consideração a hipótese de uso proselitista das religiões, não confirmou a possibilidade de desvirtuamento da proposta da assistência religiosa neste contexto específico. Os dados, mostraram a possibilidade de mudança no estilo de vida das pessoas privadas de liberdade, assim como sua forma de melhor viver com as outras pessoas também em cumprimento de pena, a partir da contribuição da assistência religiosa.²⁵⁷

É inquestionável que o preso ao aderir a um grupo religioso ele sofre inúmeras mudanças que passam a ser visivelmente observadas por aqueles que têm maior aproximação com ele, entre essas mudanças temos: higiene pessoal, tratamento respeitoso aos funcionários e colegas de celas, uma linguagem mais distante da linguagem da cadeia, libertação de vícios, sentimento de amor, otimismo e etc.²⁵⁸

Pois mesmo sabendo dos desvios de finalidade que a assistência religiosa pode sofrer no interior das prisões, tanto pelas denominações religiosas quanto pelas pessoas privadas de liberdade, principalmente quando não há acompanhamento

²⁵⁵ Entrevista com o representante da Igreja Assembleia de Deus, em resposta à pergunta: acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação dos presos? Por quê? LAUXEN, 2018.

²⁵⁶ SOUZA, 2013. p. 6.

²⁵⁷ SOUZA, 2013. p. 19.

²⁵⁸ SOUZA, 2013. p. 20.

preciso do plano de ação deste serviço, ela pode, sim, ser um significativo instrumento de intervenção aos conflitos internos e resgate de uma nova forma de conviver durante o cumprimento da pena e na sua reintegração quando do retorno à liberdade.

Para o representante da Igreja Universal, o trabalho da assistência religiosa oferecido no IPSL e em todo Estado do Rio Grande do Sul tem beneficiado a muitos e dando resultados visíveis. Relatam que pessoas privadas de liberdade que foram atendidas pelo trabalho da sua igreja, via assistência religiosa e social, através da palavra de Deus, das Bíblias doadas, dos kits higiênicos e do apoio às suas famílias, apresentaram boa reinserção social e não reincidência no crime. Refere que os obreiros de sua igreja têm feito um trabalho excelente com os privados de liberdade de São Leopoldo: “tenho resultados de presos que saíram de lá e hoje já estão trabalhando e estão com outra cabeça e estão com a gente lá na Universal.”²⁵⁹

Gonçalves, nos seus estudos sobre “Assistência religiosa e suas barreiras: Uma leitura à luz da LEP e do Sistema Prisional”, sinaliza que a presença das igrejas pode representar uma busca especificada e exclusivamente para aumentar seus membros, e também de ser instrumentalizada pelo Estado, que se exime de suas obrigações, transferindo às entidades religiosas a responsabilidade de uma assistência material, mesmo que pontual. Em seu estudo, apontou que:

A atividade da pastoral católica, e das denominações evangélicas ultrapassa a sua função assistencial religiosa e toma papéis dentro do presídio de modo a substituir a função do poder público o qual através de sua missão, passa a fomentar tal repasse de encargos. Os grupos religiosos oferecem assistência jurídica aos internos fornecendo advogados, função que de acordo com o artigo. 83 e o artigo 15, seria de exercício estatal.²⁶⁰

Contudo, não há impeditivos legais para que igrejas prestem assistências materiais, a não ser as observações que constam nas portarias de visitas dos estabelecimentos prisionais, que preveem a rigorosa revista dos itens que são passados para doação para as pessoas privadas de liberdade, quando esses serão entregues diretamente para a pessoa privada de liberdade. Contudo, a questão de

²⁵⁹ Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: como você, membro da igreja, tem visto a questão da assistência religiosa oferecida dentro do Instituto Penal de São Leopoldo? LAUXEN, 2018.

²⁶⁰ GONÇALVES, José Artur Teixeira. **Assistência religiosa e suas barreiras: Uma leitura à luz da LEP e do Sistema Prisional.** Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/INTERTEMAS/article/viewFile/2782/2561>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

proselitismo, aparece nesta pesquisa como algo a ser observado e considerado em novas reflexões, pois não seria este o objeto desta pesquisa.

Retomando a questão da importância da assistência religiosa nos ambientes prisionais, a Pastoral Carcerária da Igreja Católica faz uma reflexão acerca das especificidades da oferta deste serviço nos estabelecimentos prisionais de regime semiaberto. Em entrevista realizada durante o estudo de caso, define que a característica do IPSL, por ser um estabelecimento de cumprimento do regime semiaberto, apresenta uma menor possibilidade de se manter um vínculo com as pessoas privadas de liberdade, pois embora o acesso a eles seja melhor do que o daqueles que estão em regime fechado, a rotatividade é bastante grande.

De acordo com o representante da Pastoral Carcerária de São Leopoldo, a efetividade da prestação da assistência religiosa no regime fechado poderia dar melhores resultados, considerando a possibilidade de uma continuidade no acompanhamento da pessoa privada de liberdade, pois quando a pessoa presa passa a ter acesso à assistência religiosa somente no regime semiaberto, os índices de resultados podem ser menores. Segundo ele, “tu faz uma visita hoje e amanhã tu não encontra mais a pessoa”²⁶¹, e mesmo com a existência da rotatividade das pessoas em regime semiaberto, não descarta a considerável importância da assistência religiosa em qualquer dos regimes de cumprimento de pena, principalmente das privativas de liberdade.

Embora o regime semiaberto apresente a possibilidade de liberação judicial para estudo e trabalho fora do estabelecimento prisional, faz-se importante lembrar dos demais privados de liberdade não beneficiados, os quais cumprem quase que toda a pena privados, pois não tiveram oportunidade de serem inseridos nestas frentes pelos mais diversos fatores, como não possuir carta de emprego.²⁶² Este grupo específico, para o representante da Pastoral Carcerária, seria o mais beneficiado pela assistência religiosa, quando, principalmente, o estabelecimento prisional não possua nenhuma atividade regular que tire da ociosidade, os privados de liberdade que não possuem atividade externa autorizada.²⁶³ Por outro lado, observa que, no IPSL

²⁶¹ Entrevista com o representante da Pastoral Carcerária, em resposta à pergunta: Como a sua denominação religiosa vê a assistência religiosa no atendimento penitenciário? LAUXEN, 2018.

²⁶² Oferta de trabalho externo informal, por empregador pessoa jurídica, autorizada judicialmente para sua efetivação.

²⁶³ Grupo de presos privados de liberdade que responderam aos questionários por ocasião do estudo de caso no Instituto Penal de São Leopoldo.

especificamente, as atividades ocorrem pela parte noturna podendo atender os privados de liberdade trabalhadores após seu retorno, diferente de outros estabelecimentos, como os de regime fechado, onde as atividades ocorrem durante o horário diurno.

Em suma, observou-se que mesmo com todos os apontamentos trazidos pelo representante da Pastoral Carcerária, estes procuram levar para dentro da prisão uma palavra de esperança, dizendo que os privados de liberdade não estão abandonados e que o amor de Deus acontece em qualquer situação, mesmo em condição de prisão, mas que eles precisam aceitar. Refere que nunca falam do erro ou do que o levou ao aprisionamento, o crime cometido, mas que procuram refletir que esta passagem exige reconciliação, primeiro consigo e para com Deus e os irmãos.²⁶⁴

Nós, como católicos, nós olhamos o nosso próximo como irmão, né? E a gente olha para dizer para eles: olha tu não estás sozinho, vocês têm um Deus que te ama, um pai que te ama, mesmo nesta situação. Agora tu tem que aceitar esse amor. Ele aceitar o amor de Deus, ele que tem que se reconciliar né, ele tem que se abrir para esse amor. A graça de Deus acontece à medida que tu se abre para a graça de Deus e é isso que a gente vem mostrar um pouco dentro do presídio. É o nosso trabalho.²⁶⁵

Para o pesquisador Tiago Carvalho, o amor é o que mais caracteriza o Deus cristão. O amor não é simplesmente um atributo, nem mesmo algo que compõe sua essência, mas é algo intrínseco a Ele. “Assim, a justiça de Deus, a sua santidade, a sua glória e qualquer outro atributo de Deus é expressão do ser, da sua essência, do seu amor.”²⁶⁶ O que é muito perceptível no contexto geral das assistências religiosas ofertadas no IPSL, é a missão de todas as igrejas, independente da doutrina religiosa, de levar o amor de Deus às pessoas privadas de liberdade e possibilitar a elas uma experiência com Deus, que leve em consideração o amor, o perdão e a justiça. De acordo com Carvalho, Deus é misericordioso e gracioso e a expressão máxima do amor gracioso de Deus se dá no contexto da libertação e da redenção. Isto pode explicar a importância dada pelas igrejas em levar a palavra de Deus e o propósito de conversão a Ele, como caminho para salvação.

²⁶⁴ Este relato traz uma postura e uma opção de abordagem da Pastoral Carcerária. É possível se questionar, no sentido de perguntar a respeito do erro cometido por meio do crime e em que medida há uma consciência da culpa, vista teologicamente como pecado. Mas esta discussão foge do tema central da pesquisa por isto não problematizada.

²⁶⁵ Entrevista com representante da Pastoral Carcerária de São Leopoldo, em resposta à pergunta: como a sua denominação religiosa vê a assistência religiosa no atendimento penitenciário? LAUXEN, 2018.

²⁶⁶ CARVALHO, Tiago Samuel. **Quando a graça escandaliza**. São Leopoldo: Sinodal, 2017. p. 17.

O livro de Êxodo traz menção a este amor gracioso, quando diz que “Deus misericordioso e gracioso, lento para a cólera, cheio de graça e fidelidade, que guarda a sua graça a milhares de gerações, tolera a iniquidade, a transgressão e o pecado, mas não inocenta o culpado”. Segundo as reflexões de Carvalho sobre o texto de Ex 34, 6, o amor de Deus pode trabalhar de diferentes maneiras, assim como evidenciado no texto do Êxodo, expressando tanto a graça como o juízo. “Esse último não é contraditório à sua essência, mas é também expressão do seu amor”.²⁶⁷ A graça de Deus é viver o amor Dele no seu cotidiano, sentir e praticar todos os atributos trazidos pelo Deus gracioso. A esse respeito, o representante da Igreja Universal, reforça sua fala, quando da importância da assistência religiosa no IPSL, dizendo que:

Quando uma pessoa tem uma experiência lá dentro com a palavra de Deus, que é essa ferramenta que vai mudar a vida do apenado, a vida dela muda. Só que eu vou, além disso. Eu posso falar com propriedade por que eu sou um ex-presidiário. E eu estive preso quatro vezes e meu fim deveria ser a morte ou estar preso até hoje, e eu tive lá dentro a assistência social da igreja universal. Eu recebi o incentivo, então não existe uma outra maneira de ressocializar uma pessoa que está atrás das grades se não for com a palavra de Deus, com livros que vão contribuir para melhora da mente dele, porque o cara fica lá ocioso, ele fica preocupado e pensando em muitas coisas ruins.²⁶⁸

O representante da Universal, hoje pastor e Coordenador do Projeto Universal nas prisões- UNP, defende que a assistência religiosa deve ser garantida para todos/as e, que a vê como grande propulsora de libertação humana, pois cuida do interior das pessoas, possibilitando uma mudança de caráter.²⁶⁹ Para ele, foi a assistência religiosa que o resgatou da vida do crime, possibilitando sua reinserção social e a não reincidência criminal. Em sua entrevista relata que levam literatura bíblica, livros e Bíblias para doação para as pessoas privadas de liberdade e que fazem investimentos significativos, de quase um milhão de reais por ano, com distribuição de literatura religiosa dentro dos presídios. Dá exemplo do livro “Mente de um viciado”, que conta a história de uma pessoa viciada em drogas ilícitas, como ela pensava e venceu o vício, acreditando que as pessoas que estão privadas de liberdade e que possuem problemas com a drogadição podem vencer o vício através

²⁶⁷ CARVALHO, 2017, p. 18.

²⁶⁸ Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: como você, membro da igreja, tem visto a questão da assistência religiosa oferecida dentro do Instituto Penal de São Leopoldo? LAUXEN, 2018.

²⁶⁹ Entrevista com representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação dos presos? Por quê? LAUXEN, 2018.

da fé.²⁷⁰ Portanto, entende que a única maneira da pessoa privada de liberdade ser “ressocializada” e reintegrada à sociedade, a única forma disso acontecer, seria através desse trabalho social e espiritual que fazem lá dentro.

Não se pode afirma que tão somente a intervenção religiosa possa garantir a plena transformação humana, pois a teologia acadêmica não reconhece tal pretensão. Sabe-se que tanto as Ciências Humanas quanto as Ciências Sociais desenvolvem técnicas científicas que interveem sobre esta questão social, a criminalidade e a privação de liberdade, portanto, uma não exclui a outra.

Nós fazemos a linha dos cultos, prestamos assistência social para eles, mas levamos a eles a consciência do compromisso com Deus. Quando esses presos tomam ciência de que é possível a vida deles mudar, eles olham para nós e veem que é possível e eles veem os resultados dos outros que também largaram o crime, então eles estão optando em largar o crime e voltar a viver na sociedade com outra cabeça e assim a gente vai ter resultados de homens que a gente tem aqui no Estado do Rio Grande do Sul.²⁷¹

Segundo o representante da Igreja Universal, que é coordenador Estadual da Universal nas Prisões-UNP, percorre todo o Estado do Rio Grande do Sul prestando assistência religiosa aos privados de liberdade dos mais diversos estabelecimentos prisionais. Relata que no ano de 2017, tiveram o registro de mais de “400 presidiários que largaram a vida do crime, não estão mais roubando, matando, assaltando e nem estuprando, através do nosso trabalho.”²⁷² Refere que estas atividades que realizam já fazem parte de um programa da Igreja Universal e que possui registros que comprovem que pessoas que receberam assistência religiosa, e hoje estão na igreja largaram o crime por influência destas atividades em suas vidas.²⁷³

Os representantes do Seminário Concórdia, da IELB, reforçam que o trabalho da assistência religiosa como um todo tem sua significância, pois “eu vejo que se eu estivesse lá, no lugar deles, acho que seria importante esse trabalho, de alguém ir até

²⁷⁰ Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação dos presos? Por quê? LAUXEN, 2018.

²⁷¹ Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação dos presos? Por quê? LAUXEN, 2018.

²⁷² Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação dos presos? Por quê? LAUXEN, 2018.

²⁷³ Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta as perguntas: como você, membro da igreja, tem visto a questão da assistência religiosa oferecida dentro do Instituto Penal de São Leopoldo? Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que poderia compartilhar? LAUXEN, 2018.

lá e levar alguma mensagem de esperança e de conforto. Então acho que esse trabalho tem muito do seu valor.”²⁷⁴ Por dois motivos:

Primeiro que eu nunca imaginei que um dia na minha vida eu estaria visitando presos. Nunca passou pela minha cabeça isso, mas então devido aos estudos aqui a gente teve essa oportunidade, essa nova experiência de primeiro momento. Assim, foi uma situação bem estranha por que você não tá acostumado, a gente não sabia como é que ia ser, como é que é, enfim... Então o primeiro dia foi um pouco tenso, você tem uma visão de penitenciária uma visão de cadeia, mas no primeiro dia foi até tranquilo assim, porque a gente viu a realidade que é. Segundo que é a importância a gente acaba muitas vezes, eu pelo menos, me colocando no lugar deles.²⁷⁵

Para os jovens seminaristas, a presença dos membros das igrejas e a prestação da assistência religiosa tem sido a representatividade da sociedade entre os privados de liberdade e a forma destes se aproximarem um pouco do meio externo e também de exercitarem uma reconciliação com o meio no qual viviam antes de cometerem crimes e serem condenados a penas privativas de liberdade. Referem que em vários momentos dos atendimentos, os privados de liberdade demonstraram que se sentiam fortemente “rejeitados pela sociedade.”²⁷⁶

Contudo, um dos seminaristas, representante da Igreja Luterana, entende que a assistência religiosa tem sido importante para as pessoas privadas de liberdade e pode contribuir com a “ressocialização” e a recuperação deles, considerando que:

Sim, eu também acho importante, acho que também todas as pessoas carecem dessa palavra, que a gente tenta levar pra elas através da conversa e acho importante sim essa dimensão, por que lá dentro a gente não conhece todos, mas a gente acredita que tem aquela pessoa que antes de estar lá frequentava a igreja, era católico, enfim, tinha essa rotina, de igreja, então, não tem porque não ser importante, talvez a pessoa queria ta nessa rotina, queria continuar nessa rotina, mas a situação não permite, então esse trabalho abre uma brecha pra pessoa que tá desacreditada pra quando ela possa sair de lá, ela busque de novo esse caminho.²⁷⁷

²⁷⁴ Entrevista com o representante da Igreja Luterana, Seminário Concórdia, em resposta à pergunta: como você, membro da igreja, tem visto a questão da assistência religiosa oferecida dentro do Instituto Penal de São Leopoldo? Como a sua denominação religiosa vê a assistência religiosa no atendimento penitenciário? LAUXEN, 2018.

²⁷⁵ Entrevista com o representante da Igreja Luterana, em resposta às perguntas: como você vê a assistência religiosa oferecida dentro do Instituto Penal de São Leopoldo? Como a sua denominação religiosa vê a assistência religiosa no atendimento penitenciário? LAUXEN, 2018.

²⁷⁶ Entrevista com o representante da Igreja Luterana, Seminário Concórdia, em resposta à pergunta: Como a sua denominação religiosa vê a assistência religiosa no atendimento penitenciário? LAUXEN, 2018.

²⁷⁷ Entrevista com membros do Seminário Concórdia, da IELB, referente à pergunta: acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação dos presos? Por quê? LAUXEN, 2018.

Os Seminaristas acreditam que hoje se precisa avançar na visão que se tem do mundo, passando a olhar o ser humano de forma holística²⁷⁸, como um todo. Ainda há muita resistência para estes novos entendimentos. Versam que “muita gente é mais conservadora e acha que quem está no sistema penal tem que sofrer e não pode receber nenhum tipo de alívio ou trabalho”. De uma forma holística acreditam ser importante olhar para o ser humano como parte e produto de um todo. Fazem referência a um padre que falou sobre isto: “o ser humano é *homo religiosus*²⁷⁹, ou seja, ele tem sua religião, tem sua crença, sua descrença, ele tem sua opinião formada sobre as questões espirituais, ele tem todo um paradigma na sua cabeça sobre isso”. Entende que o preso também tem esse “paradigma, ele tem essa ideia, essa ideologia ele tem a doutrina na cabeça dele, a crença ou a descrença e é importante trabalhar isso pra que ele possa ser reintegrado como um todo.”²⁸⁰

A pessoa privada de liberdade está temporariamente nesta condição, de modo algum, deixou de ser humano. Não basta pensar em uma reinserção social pautada apenas pela via do trabalho braçal, mas também pela via da família, da religião e de todas as áreas da vida que integram este indivíduo, como dizem os representantes da IELB, permitindo que possa viver com liberdade suas crenças e descrenças, desconstruindo valores e reconstruindo outros, que possam indicar mais vida do que morte.

Conforme o administrador do IPSL, durante sua gestão já viu “várias situações de presos que mudaram, efetivamente demonstraram o seu interesse em retomar a vida social, de se organizarem profissionalmente lá fora e estão exercendo atividade de trabalho e retomando a família”²⁸¹, mas não atribuiu o mérito apenas à assistência religiosa. Refere que o tratamento penal das pessoas privadas de liberdade está

²⁷⁸ “A holística basicamente é uma atitude diante da realidade, uma forma de ver e compreender o mundo, um espaço onde é permitido um intercâmbio dinâmico entre Ciência, Arte Filosófica e as Tradições Espirituais”. CHERINI, Giovani. **O que é holística?** Disponível em: <<http://giovanicherini.com/encontroholistico/o-que-e-holistica/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

²⁷⁹ Segundo Van de Leeuw “somente quem não é ainda homem, quem não é ainda consciente não é **homo religiosus**”. O homem que não quer ser religioso é justamente por sua vontade, pode evitar a Deus mas não pode fugir-lhe. ANTÔNIO, Félix Zacarias Mutombo. **A Dimensão Religiosa do Homem**. Disponível em: <<http://felixmutombo2.blogspot.com/2013/09/a-dimensao-religiosa-do-homem.html>>. Acesso em: 01 out. 2018.

²⁸⁰ Entrevista com membros do Seminário Concórdia, da IELB, referente à pergunta: acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação dos presos? Por quê? LAUXEN, 2018.

²⁸¹ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que recebeu durante a reclusão? Poderia compartilhar? LAUXEN, 2018.

condicionado a intervenções de várias áreas. Para ele a pessoa privada de liberdade pode estar recebendo a assistência religiosa perfeitamente, tendo uma assistência psicossocial efetiva, toda documentação civil resgatada, suporte familiar e material, com perspectivas de fazer um concurso público para acessar o mercado de trabalho formal, mas pode se deparar com a problemática na assistência jurídica, por exemplo:

Por falta de defensor da SUSEPE ou por falta de defensoria pública, talvez não tenha proventos para pagar um advogado particular, aquilo ali vai impactar em tudo. Eu costumo chamar de efeito dominó. Basta uma peça tombar, para desmorronar o trabalho de todos. Então quando a gente chega a um ponto de alcançar um resultado, não é um trabalho exclusivo de apenas uma área, é uma gama de resultados.²⁸²

O administrador do IPSL enfatiza a relação entre os diferentes setores e do quanto cada um contribui na efetivação do resgate da dignidade humana e na possibilidade de reinserção social das pessoas privadas de liberdade:

O setor de segurança conseguiu efetivamente fazer com que aquele apenado entendesse que a questão de rotinas e de disciplinas não é só na cadeia, que isso faz parte da vida social dele lá fora, que ele vai ter regras lá fora de trabalho, de convívio social, que ele vai ter que respeitar a individualidade do vizinho, do amigo, do próximo. Foi sucesso do setor social da casa na questão de documentos, conversa com o apenado, conversa com o familiar. É sucesso do resultado do psicólogo da casa fazendo um trabalho intensivo sobre o entendimento do preso no sistema prisional, se ele está conseguindo aceitar bem aquilo, se ele está preparado para retornar ao trabalho e ao vínculo social. É um resultado também do trabalho externo da área da saúde. Ele se sente acolhido, ele se sente disposto, não fica doente. É um resultado também da assistência religiosa.²⁸³

Por hora, o administrador do IPSL traz relato de um egresso deste presídio, o qual costuma passar todos os dias, final da tarde, na porta do estabelecimento prisional oferecendo a venda de pães e salgados, feitos por ele. Hoje o mesmo está na perspectiva de abrir a sua própria padaria. Vislumbra possibilidades de resultados positivos, desde que haja uma relação dialógica entre todas as áreas que vão atender as dimensões deste indivíduo. Portanto, todas as áreas e assistências são importantes no trabalho de atendimento integral à pessoa privada de liberdade, inclusive, a assistência religiosa, embora esteja ainda pouco legitimada dentro do Sistema Penitenciário. Pode-se dizer a partir da observação do administrador, que

²⁸² Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que recebeu durante a reclusão? Poderia compartilhar? LAUXEN, 2018.

²⁸³ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que recebeu durante a reclusão? Poderia compartilhar? LAUXEN, 2018.

existem resultados efetivos de pessoas que passaram pelo cumprimento de pena, receberam dentre as assistências, a religiosa e conseguiram lograr êxito na vida social, em liberdade.

Não se pode afirmar que o resultado de uma efetiva intervenção de cuidados, para êxito na reinserção social de pessoas que passaram pelo sistema penitenciário, seja único e exclusivo da assistência religiosa. Mas pode-se dizer que ela contribui de forma significativa, agregada às demais assistências previstas no bojo da Lei de Execução Penal (LEP), como direito das pessoas privadas de liberdade.

4.2 A importância do cuidado com a dimensão da Espiritualidade Humana no tratamento penal

A percepção da espiritualidade tem significado na recuperação do ser humano privado de liberdade. A pessoa presa, ao receber assistência religiosa, poderá fazer uma autoavaliação através da palavra de Deus, buscando a mudança de vida e sua reinserção na sociedade. A primeira questão é entender e definir o conceito “espiritualidade humana”.

4.2.1 Conceitos teóricos sobre a espiritualidade humana

Marques, Cerqueira-Santos e Dell'Aglio, em seus estudos sobre religiosidade, adolescência e identidade positiva, entendem que a espiritualidade propicia uma visão de mundo, dando sentido aos eventos do cotidiano ao modo de vida, podendo orientar uma série de decisões sobre o que o ser humano pode fazer ou não da sua vida, seja da adolescência ou na fase adulta.

A espiritualidade nessa fase participa desse movimento de forjar valores para a segunda metade da vida. Na vida adulta também já foram ultrapassadas as crises de identidade. Elas poderiam estimular explorações espirituais, e novos percursos, nem sempre desejáveis, pois poderiam alterar o estilo de vida (Good & Willoughby, 2008) e trazer mudanças não planejadas, imprevistas e associadas a estresse.²⁸⁴

Para as autoras, a juventude é uma fase intermediária, que se localiza entre a adolescência e a vida adulta, portanto, encontra-se no fim de uma fase de construção de uma identidade positiva e início da fase de amadurecimento para sua

²⁸⁴ MARQUES; CERQUEIRA; DELL'AGLIO, 2011, p. 82.

responsabilização. A fase jovem²⁸⁵ tem sido uma grande preocupação para os sociólogos, pois é nela que se tem identificado o envolvimento precoce com a violência e a criminalidade. É a esta faixa etária que as autoras se referem.

Leda Portal considera a espiritualidade uma dimensão essencial, na experiência significativa da vida:

Enquanto estudos científicos procuram desvelar a base neural da transcendência, pela análise das oscilações neurais, associadas a campos elétricos existentes no cérebro, e suas possíveis relações com a atividade magnética, a Religião, longe de ser oposição à Ciência e de ser confundida com Espiritualidade tem nela o seu melhor, a sua essência, institucionalizando-a, segundo sua fé, seu modo reverente de experimentar o mundo e de apreciar a gratidão pela sua existência.²⁸⁶

A ciência por muito tempo permaneceu fechada e resistente a considerar a dimensão da espiritualidade humana, pois se baseava estritamente no que era exato, ou seja, no paradigma da racionalidade. Porém, pensar a espiritualidade é crer que ela está contida intrinsecamente na integralidade do ser humano, embora pouco estimulada e desenvolvida. Esta dimensão passa a ganhar espaço considerando a relevância das manifestações sociais e pessoais do ser humano, sabendo que não é regra a espiritualidade estar ligada diretamente ou indiretamente a uma denominação religiosa.

Segundo Streck, na Idade Média, a Igreja Católica deteve o poder para explicar a realidade do mundo e após o século XX, com o advento do pensamento racionalista, a Teologia passou a ser considerado um saber não científico. Somente no século XXI, com a ascensão de novas teorias científicas, encontraram-se novas possibilidades para se explicar os fenômenos, passando a Teologia ser reconhecida como um saber científico, podendo dialogar com outras ciências e assim contribuir para o entendimento da compreensão do ser humano e da sua realidade.

A realidade humana traz diferentes aspectos, como o individual, o social, o biológico, o espiritual, e estes não podem ser desconsiderados e isolados do

²⁸⁵ A Política Nacional de Juventudes-PNJ, foi aprovada no ano de 2005, por meio da Secretaria Nacional de Juventude e considera a juventude como uma condição social, parametrizada por uma faixa-etária, que no Brasil congrega cidadãos e cidadãs com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos de idade.

²⁸⁶ PORTAL, Leda Lísia Franciosi. Espiritualidade: uma dimensão essencial na experiência significativa da vida. In: TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MÜLLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre da (Orgs.). **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 68-69.

seu contexto. É necessário distinguir as partes, sem, no entanto, separá-las. O caminho para manter a conexão é o pensamento dialógico.²⁸⁷

O pensamento dialógico está relacionado à existência de duas lógicas, uma dualidade que não se perde em sua unidade, considerando o ser humano como um ser “totalmente biológico e totalmente cultural a um só tempo”²⁸⁸, como um conceito que auxilia na compreensão de ser humano. A primeira providência a ser tomada é não descontextualizar, não descolar os dados do fenômeno da sua realidade. O segundo passo é “mobilizar o todo”, ou seja, abandonar a ideia da fragmentação dos elementos e considerar o todo.²⁸⁹ É na contextualização dele diante da sua realidade, que se desconstrói a ideia de fragmentação e se adota a ideia de totalidade humana.

Considerando a descoberta da dimensão espiritual humana, Boff descreve como se explicam as mudanças transculturais ocorrentes ao longo da história e que influenciaram todo o processo biossociocultural do ser humano. Estas mudanças incidem sobre quatro eixos básicos, dentre eles: o da adaptação e interação, da associação e colaboração, simbolização e significação e o da espiritualização e religião.²⁹⁰

O primeiro eixo é o da adaptação e interação. Boff se refere ao ser humano como dinâmico, flexível, interativo e totalmente adaptativo. O homem interage com a natureza e é o único ser inteligente, capaz dessa interação de coexistência e colaboração. O autor coloca que o eixo: diz respeito à relação dinâmica do ser humano para com o meio ambiente em vista de sua subsistência.²⁹¹

Este primeiro eixo retrata a gênese da capacidade humana em interagir com o meio ambiente de forma dinâmica, desenvolvendo capacidades de autoadaptação com as adversidades, compreendendo a relação de interdependência e coexistência do ser humano com a natureza, considerando a necessidade de subsistência dele e a compreensão da sua existência humana.

²⁸⁷ STRECK, G. I. W. Novos paradigmas científicos e a teologia. In: DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. (Org.). **Responsabilidade social & Universidade**. Vol. 1. Canoas; Porto Alegre: ULBRA; EDIPUCRS, 2006. p. 8.

²⁸⁸ MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 189.

²⁸⁹ STRECK, 2006, p. 8.

²⁹⁰ BOFF, Leonardo. O despertar da águia: o Dia-bólico e o sim-bólico da construção da realidade. *apud* SKARBNIK, Raquel; SIMURRO, Sâmia. **A importância da espiritualidade na sociedade contemporânea**. Disponível em: < http://www.ser-psi.com.br/crbst_35.html>. Acesso em: 03 dez. 2013. Não paginado. O texto fala sobre os quatro eixos básicos definidos por Boff.

²⁹¹ BOFF *apud* SKARBNIK; SIMURRO, 2013.

O segundo é o eixo da associação e colaboração. Este eixo refere à sociedade tendo em vista a convivência entre os seres humanos. Os seres humanos não vivem, inter existem, convivem. Estas afirmações vêm acompanhadas de que além de associar-se a outros seres humanos na formação dos mais diversos tipos de agrupamentos sociais, o fazem, no sentido, de proteção e sobrevivência, dividindo responsabilidades e introduzindo a distribuição do trabalho.²⁹²

O segundo eixo passa a potencializar a capacidade humana de convivência entre seus pares na vida em sociedade. Não basta viver, precisa-se conviver, relacionar-se, associar-se aos grupos de interesse coletivo, partilhando o produto do trabalho, por meio da plena consciência da divisão de tarefas e responsabilidades pelo bem comum.

O terceiro eixo é o da simbolização e significação. Neste eixo verifica-se o fato de que os seres humanos procuram dar sentido aos seus atos e a toda sua história. Eles não só falam, pensam e organizam, mas também avaliam, ajuízam e criam valores. Interpretam a vida e a morte, elaboram sonhos, formulam projetos, e colocam indagações íntimas que ganham expressão intelectual nas filosofias, expressões simbólicas nas religiões e nas tradições espirituais e expressão formal nas ciências.²⁹³

Este momento ressalta a necessidade do ser humano na busca pelo sentido da vida e da sua história por meio do simbolismo e significado dado as suas ações e realizações na vida cotidiana. Neste contexto, para além de viver e executar tarefas diárias para sua convivência e subsistência, passa a avaliar suas reproduções sociais e os impactos das suas escolhas, propondo-se a revisão de sonhos, projetos e forma de interpretação da vida, formulando novos valores.

O quarto eixo é o da espiritualização e re-ligação. Boff diz que o espírito é aquela capacidade pessoal e coletiva, do ser humano, de sentir-se parte e parcela de um todo, da capacidade de ver a essência que há em todo o universo, que dá sentido e que encontra eco em cada ser. É essa energia espiritual que dá colorido, sentido e significado a todas as dimensões da vida do ser humano.²⁹⁴

O quarto eixo retrata que o espírito deve ser considerado como uma poderosa força estruturadora das pessoas, da história e de seu destino. É o quarto eixo definido por ele que revela a dimensão da espiritualidade humana como um prisma de re-ligação e re-encontro consigo, o que permitirá ao ser humano considerar a espiritualidade como uma parte intrínseca de um todo, aumentando sua capacidade de ver tudo que o cerca a partir da sua essência, dando significado e sentido a todo

²⁹² BOFF *apud* SKARBNIK; SIMURRO, 2013.

²⁹³ BOFF *apud* SKARBNIK; SIMURRO, 2013.

²⁹⁴ BOFF *apud* SKARBNIK; SIMURRO, 2013.

grupo de dimensões que compõe o ser humano, compreendendo-o como um ser em suas dimensões biopsicossocial e também espiritual. Rachel Skarbnik e Sâmia Simurro retratam a espiritualidade como uma dimensão importante na sociedade contemporânea, ressaltando que o ser humano tem uma intrínseca necessidade de dar respostas aos fatos e acontecimentos da vida, estabelecendo uma relação causa/efeito.²⁹⁵

4.2.2 Pressupostos da gestão penitenciária sobre a dimensão da espiritualidade humana

Considerando o conceito básico de espiritualidade, Leonardo Boff, um dos teóricos contemporâneos e estudiosos da espiritualidade humana, reafirma que o ser humano não possui apenas *exterioridade*, o que seria sua expressão corporal, e nem só *interioridade*, chamado por ele de universo psíquico interior, mas refere que o ser humano vem dotado de profundidade, o que chama de dimensão espiritual.

É próprio do ser humano, portador de espírito, perceber valores e significados e não apenas elencar fatos e ações. Com efeito, o que realmente conta para as pessoas, não são tanto as coisas que lhes acontecem, mas o que elas significam para suas vidas e que tipo de experiências marcantes lhes proporcionaram. Tudo que acontece carrega, existencialmente, um caráter simbólico, ou podemos dizer até sacramental.²⁹⁶

Compreender o mundo e as adversidades nas quais o ser humano está inserido tem sido um grande desafio, pois superar as condições de sofrimento e dor causados pelos eventos da vida pode ser angustiante. A ética procura responder de alguma forma a esse fenômeno com seus conceitos, porém a espiritualidade começa a ser convidada ao longo do tempo, considerada significativamente, a dar respostas também a estas questões, ganhando tal importância.

Skarbnik e Simurro em seus estudos sobre a espiritualidade humana entendem que ela está contemplada no tripé da saúde integral da pessoa humana, que compreendem a saúde biopsicossocial.

O fato é que a espiritualidade humana pode nos indicar um caminho, rumo ou uma posição a partir da qual, pode-se melhor compreender a nossa sociedade, suas múltiplas facetas e o âmago de suas dificuldades. A relação

²⁹⁵ BOFF *apud* SKARBNIK; SIMURRO, 2013.

²⁹⁶ BOFF, Leonardo. **A dimensão do profundo**: o espírito e a espiritualidade. 2012. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2012/08/27/a-dimensao-do-profundo-o-espírito-e-a-espiritualidade>>. Acesso em: 03 dez. 2015.

estabelecida entre saúde, espiritualidade, fé ou religião, se dá a partir do próprio conceito da saúde preconizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS): ‘... bem-estar bio-psico-social...’, onde espiritualidade é parte integrante da formação do homem e por isso, não pode ser desprezado numa análise ampla da concepção do mesmo.²⁹⁷

Para as autoras, “embora a percepção do sagrado nem sempre seja prioridade na sociedade contemporânea”, na prática clínica são tomadas com frequência se defrontando com inquietações sobre esta temática. Entendem que mesmo ela não estando explicitamente no texto pertinente a atenção integral a saúde humana, prevista pela Organização Mundial de Saúde, está contemplada no bojo do entendimento subjetivo daquilo que se entende por integralidade humana, considerando que a espiritualidade está intrinsecamente compondo a formação do ser humano.

Para iniciar a conversa sobre a espiritualidade nas prisões, o administrador do IPSL durante sua entrevista, fez alusão ao modelo militar de prestação de assistência aos seus combatentes. “Se você for ver no exército que é um regime totalmente militar, é uma coisa assim bem específica, bem teórica e prática, existe o oficial capelão.”²⁹⁸ Ele quis dizer que existe uma preocupação com a espiritualidade dos combatentes e embora seja um regime militar, a assistência espiritual tem uma aceitação e credibilidade enquanto que a questão religiosa para “quem vive em uma sociedade civil, aonde os direitos são mais amplos e o regramento é mais brando, não se tem esse entendimento”.²⁹⁹ Com este exemplo, o administrador do IPSL considera importante começar a refletir a respeito da dimensão da espiritualidade humana, entendendo ainda ser uma questão ainda pouco falada e entendida no universo penitenciário. Contudo, apresenta sua opinião pessoal a respeito da temática, por que segundo ele, a nível de organização, não se tem informações a esse respeito, embora entenda que esta dimensão tem sido cuidada pelos grupos religiosos.

Até então, sobre os estudos realizados acerca desta temática, não foi localizado nos documentos institucionais consultados nesta pesquisa, alguma menção ao cuidado com a dimensão da espiritualidade humana, embora se fale em atendimento integral e humanizado. Em termos de ressocialização, seja tratamento

²⁹⁷ BOFF *apud* SKARBNIK; SIMURRO, 2013.

²⁹⁸ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: você acredita a dimensão da espiritualidade humana é considerada no tratamento penal? LAUXEN, 2018.

²⁹⁹ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: você acredita a dimensão da espiritualidade humana é considerada no tratamento penal? LAUXEN, 2018.

penal ou atenção integral a pessoa privada de liberdade, não se identifica nenhuma inclinação ao cuidado com a dimensão da espiritualidade humana, pelo menos explicitamente. Para o diretor, embora a atenção nesta área não seja reconhecida ou instituída no âmbito prisional, manifesta o entendimento de que o ser humano possui uma dimensão espiritual e que esta passe a ser considerada no tratamento penal.³⁰⁰

Ferdinand Röhr parte do pressuposto de que “o conceito da espiritualidade só pode se afastar dos modismos esotéricos e mediáticos na medida em que ela se insere numa compreensão do ser humano na sua integralidade e multidimensionalidade”.³⁰¹ Ele considera que o ser humano não possui uma única dimensão, mas o diferencia em cinco dimensões básicas: a dimensão física, a sensorial, a emocional, a mental e a espiritual, bem como um número não fechado de dimensões temático-transversais. Ao considerar a dimensão espiritual, explicita que está ligada ao fenômeno de liberdade, verdade e amor, perpassando por um processo de humanização, considerando que na formação humana há a necessidade de incluir em suas realizações no âmbito das dimensões temático-transversais, “todas as dimensões básicas, principalmente a dimensão espiritual, gerando assim uma união continuamente mais coesa de todas as dimensões”.³⁰² Contudo, aponta-se para uma necessária atenção a dimensão da espiritualidade humana no processo de cuidado e reinserção dos privados de liberdade.

4.2.3 Pressupostos dos grupos religiosos sobre a dimensão da espiritualidade humana nas prisões

A espiritualidade é uma palavra difícil de definir e os grupos religiosos cristãos buscam na Bíblia Sagrada os fundamentos para tal. Há muitas perspectivas a partir das quais se pode entender a palavra e a realidade à qual ela remete. Do ponto de vista da fé cristã, espiritualidade é a vivência da fé sob a ação do Espírito Santo. Os profetas entendem a fidelidade a Javé como “andar nas suas veredas” (Miquéias 4, 2; Zacarias 4, 7; Ezequiel 20, 19). Paulo usa a expressão “andar no Espírito” (Gálatas 5, 16; 5, 25; Filipenses 3, 16), o que significa “andar segundo o amor fraternal” (Romanos

³⁰⁰ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Você acha importante considerar a dimensão da espiritualidade humana no tratamento Penal? Porquê? LAUXEN, 2018.

³⁰¹ RÖHR, Ferdinand. Espiritualidade e formação humana. **Poiésis**: Revista do Programa de Pós-Graduação da Unisul, Tubarão, n. esp. p. 53-68, 2011. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

³⁰² RÖHR, 2011, p. 53.

14, 15). Trata-se, pois, de uma vivência concreta em meio à comunidade e outras pessoas. E esta caminhada no Espírito conduz ao reinado de Deus: “Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14.17). Para Roberto Zwetsch, a espiritualidade abarca a vida integral da pessoa cristã, sendo uma experiência radical de gratuidade que se realiza no seguimento de Jesus de Nazaré.³⁰³

Para o representante da Igreja Assembleia de Deus, a espiritualidade tem sido trabalhada através dos ensinamentos da palavra de Deus levada através da assistência religiosa. Refere que quando o Sistema Penitenciário abre espaço para a igreja entrar e levar o ensinamento da palavra de Deus, está promovendo o cuidado com a espiritualidade do preso, pois considera que para o ser humano entender que existe uma espiritualidade ele precisa ser doutrinado nesta área.

Então o que a Bíblia ensina, é que o homem sem Deus ele está cego espiritualmente, ele está em trevas na falta de entendimento, porque como ele vai saber que é espiritual se ninguém fala pra ele? Como é que eu vou saber que eu sou corpo, alma e espírito se ninguém me falou? Se eu só entrei no sistema da drogadição, só em uma vida errada, pela soberba, pela desobediência.³⁰⁴

O representante da Igreja Assembleia de Deus entende que as pessoas que se encontram em reclusão, em sua maioria, tiveram uma vida desregrada e ainda continuam, acreditando que o estímulo ao cuidado com a dimensão espiritual poderia partir da educação e do ensino da doutrina: “[...] ser doutrinado pelos princípios bíblicos da palavra, para ela entender que é corpo, que ela tem uma alma, e que ela também tem possibilidade de ter vida espiritual e ter comunhão com Deus.”³⁰⁵

O termo “espiritualidade” vem do latim *spiritus* ou *spirituali*, e significa sopro, respiração, ar ou vento, e nela se reflete a busca de significados, de conceitos que transcendem o visível, num sentido de conexão com algo maior que si próprio, incluindo ou não a participação religiosa.³⁰⁶

³⁰³ ZWETSCH, Roberto E. Espiritualidade na vertigem do tempo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 40, n. 2, p. 40-52, 2000.

³⁰⁴ Entrevista com o representante da Igreja Assembleia de Deus, em resposta à pergunta: você acredita que a dimensão da espiritualidade humana considerada no tratamento penal? Por quê? LAUXEN, 2018.

³⁰⁵ Entrevista com o representante da Igreja Assembleia de Deus, em resposta à pergunta: você acredita que a dimensão da espiritualidade humana considerada no tratamento penal? Por quê? LAUXEN, 2018.

³⁰⁶ GUIMARÃES, H. P; AVEZUM, A. O impacto da espiritualidade na saúde física. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supl. 1, p. 88-94, 2007.

Tem-se por espiritualidade o conjunto de todas as emoções e convicções de natureza não material, com a suposição de que há mais no viver do que pode ser percebido ou plenamente compreendido, remetendo a questões como o significado e sentido da vida, não se limitando a qualquer tipo específico de crença ou prática religiosa.³⁰⁷

Por outro lado, o representante da Igreja Universal entende a questão da espiritualidade no tratamento penal como um paradoxo, considerando que cerca de 70% das pessoas que representam a SUSEPE consideram a existência da dimensão da espiritualidade humana e a respeita, mas 30% tem resistência a esse tema.³⁰⁸ Diz que quando os “diretores conseguem enxergar que a única maneira de restaurar e ressocializar um preso é através da assistência religiosa, pode ver que o presídio dele é diferente”³⁰⁹. O mesmo ressalta que tanto o atual Superintendente da SUSEPE, quanto o Secretário de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul, pontuam a assistência religiosa dentro dos estabelecimentos prisionais como necessária. Pensar que a assistência religiosa possa ser a única forma de “ressocializar” uma pessoa privada de liberdade, pode resultar em um erro fundamentalista. Entende-se que este discurso está bem presente na fala do representante da Igreja Universal pelo fato de o mesmo reconhecer-se como fruto de um trabalho da assistência religiosa enquanto esteve preso, porém pode não representar a ideia da Igreja.

O representante da Igreja Assembleia de Deus, quanto a dimensão da espiritualidade humana ser considerada no tratamento penal, entende que o trabalho de assistência religiosa permaneça efetivo no processo de cuidado integral a pessoa privada de liberdade, pois acredita que é por meio dela que pode acontecer uma transformação das pessoas presas. Contudo, não faz distinção entre assistência religiosa e espiritual, entendendo que uma acontece quando acontece a outra.³¹⁰

A esse respeito, João Manuel Galhanas Mendes, doutor em enfermagem pela Universidade Católica Portuguesa, realizou um estudo em 2012, que resultou em sua tese de doutoramento. O autor considera a dimensão espiritual do ser humano, fazendo um diagnóstico de angústia espiritual e a intervenção de enfermagem.

³⁰⁷ WHOQOL GROUP. Instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): USP. **Revista de Saúde pública**, v. 33, n. 2, p. 198-205, 1998.

³⁰⁸ Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: Você acredita que a dimensão da espiritualidade humana considerada no tratamento penal? Por quê? LAUXEN, 2018.

³⁰⁹ Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: você acredita que a dimensão da espiritualidade humana considerada no tratamento penal? Por quê? LAUXEN, 2018.

³¹⁰ Entrevista com o representante da Igreja Assembleia de Deus, em resposta à pergunta: você acredita que a dimensão da espiritualidade humana considerada no tratamento penal? Por quê? LAUXEN, 2018.

Foi considerado que a espiritualidade é uma misteriosa e complexa dimensão da existência humana, que envolve aspetos na vida diária que são profundamente pessoais e sensíveis, como a religião ou a filiação religiosa e é tão mais complexa quanto mais envolve aspetos da vida na sua interligação com as crenças, os valores e a cultura. A espiritualidade vem dar significado a algumas interrogações humanas muito ligadas aos valores, a estilos de vida, às crenças que se expressam em práticas religiosas, a crenças da relação do ser humano com Deus, com a natureza, com a beleza, com a arte e veio fornecer avanços importantes na compreensão de muitos comportamentos individuais e coletivos.³¹¹

O autor considera que a espiritualidade do ser humano pode estar ligada à filiação religiosa, porém a vincula também às crenças individuais, valores e culturas constituídos ao longo da história de vida do indivíduo. Não se pode afirmar que o indivíduo que não tenha uma filiação religiosa não possua uma espiritualidade, pois a dimensão espiritual está intrinsecamente imbuída na existência humana.

Na maioria das vezes, de acordo com Murad, as pessoas têm associado a espiritualidade às práticas devocionais de sua religião, adotando uma forma de espiritualidade conforme a sua doutrina cristã. Os membros católicos, por exemplo, apresentam devoção a um santo e práticas religiosas como a oração do terço. Já os evangélicos se concentram em práticas centradas na Bíblia e no louvor e assim por diante, seguindo as especificidades de cada tradição religiosa. Porém, não se pode determinar que uma religião tenha mais espiritualidade do que a outra pela forma de manifestação de sinais externos como crucifixos, imagens de santos, ou pela rotina de celebrações e cultos, pois seria uma espiritualidade ancorada apenas em hábitos visíveis, não contemplando suficientemente a motivação da “relação com o transcendente”.³¹²

A espiritualidade é que dá sentido à existência humana. Kivitz, fundamentado em Tillich, considera que o exercício dela manifesta a experiência do que é sagrado para o ser humano, colocando-o diante de sua preocupação última:

O que Schleiermacher chama de ‘sentimento de dependência’ e Otto de “sentimento de estado de criatura”, Tillich considera bastante próximo ao que chama de “preocupação última com o fundamento e sentido do nosso ser”. Essa Correlação obedece a uma lógica. A manifestação do sagrado (Otto), isto é, a hierofania (Eliade), gera no ser humano o sentimento de dependência incondicional (Schleiermacher) ou estado de sentimento de criatura (Otto), quando o ser humano experimenta, ao mesmo tempo, o terror místico e o fascínio, pois se percebe diante do *mysterium tremendum* (Otto), razão por

³¹¹ MENDES, João Manoel Galhanas. **A dimensão espiritual do ser humano: O diagnóstico de angústia espiritual e a intervenção de enfermagem.** 2012. 258 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2012.

³¹² MURAD, A. **Gestão e espiritualidade: uma porta entreaberta.** São Paulo: Paulinas, 2007. p. 122.

que Tillich considera que a manifestação do sagrado está na esfera do divino - a dimensão que coloca o ser humano diante de sua preocupação última.³¹³

A espiritualidade humana pode ser entendida por Schleiermacher como um sentimento de dependência e para Otto como um sentimento de estado de criatura, mas é Tillich que reforça o conceito de preocupação última com o fundamento do ser. Ambos os conceitos se difundem e se completam na tentativa de explicar uma lógica da espiritualidade humana, pois é a partir da manifestação do que é sagrado para o ser humano que se gera o sentido de dependência incondicional e conseqüentemente reduzindo-o ao estado de criatura, daquele que foi criado e que pode ser moldado ou transformado, colocando-o na esfera do divino e da preocupação última do indivíduo, que é sua sintonia com o meio e o transcendente, passando a alcançar um significado de totalidade e realidade humana.

Considera-se que a espiritualidade está para além do exercício visível de ações que manifestem o ato de práticas religiosas, mas está centrada na subjetividade do relacionamento transcendental com aquilo que o ser humano tem como referência espiritual na busca de atender sua “necessidade ou preocupação última”.³¹⁴ Contudo, não se deve determinar o exercício da espiritualidade humana a partir da associação do indivíduo a uma dada denominação religiosa, ou seja, o indivíduo pode ter uma espiritualidade sem ter adotado uma religião específica para congregar, ou mesmo ser frequentador de várias denominações religiosas ao mesmo tempo ou em momentos distintos da vida.

Nos anos 1960, antes do Concílio Vaticano II, o termo espiritualidade era adotado determinantemente pela tradição católica, significando “[...] a totalidade da vida da fé e até mesmo a vida integral das pessoas, incluindo o corpo e as dimensões físicas, psicológicas, sociais e políticas.”³¹⁵ Para os representantes da Pastoral Carcerária Católica, o cuidado com a dimensão da espiritualidade é fundamental, pois acreditam que para que as pessoas reconheçam a si, perdoem e voltem ao perdão,

³¹³ PARRULA *apud* KIVITZ, Ed René. **Espiritualidade no mundo corporativo**: aproximações entre prática religiosa e a vida profissional. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007. p. 28.

³¹⁴ TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 1985. p. 40.

³¹⁵ PARRULA *apud* KIVITZ, 2007, p. 28.

precisam perdoar a si primeiro e a partir do momento em que elas se perdoarem irão conseguir se reconstituir, reconhecer seus erros e se recuperar.³¹⁶

Os representantes da Pastoral Carcerária Católica afirmam que a grande dificuldade do sistema penitenciário hoje é que ele não recupera, embora seja esta a sua missão, porque as pessoas não saem convencidas que erraram e pouco refletem sobre os atos ilícitos e criminosos que os levaram a condição de prisão. Entendem que se faz necessário está reflexão durante o cumprimento da pena, para se chegar a uma possível eficácia do sistema penitenciário e também à conversão espiritual, pois “se eu me arrependi daquilo que cometi eu jamais vou cometer de novo”. Acreditam que muitos egressos foram reincidentes porque deixaram de fazer uma experiência de reflexão e de reconhecimento dos seus erros para se sentirem convidados a conversão, a uma nova forma de viver, sem pena e sem retornar ao cometimento de crimes.³¹⁷

Atualmente o termo espiritualidade é considerado e estudado por todas as denominações religiosas. As mais diversas religiões manifestam formas diferentes de espiritualidades, porém apresentam uma experiência comum da humanidade, respeitando as diferenças. Os traços comuns das espiritualidades das grandes religiões da humanidade se caracterizam por:

- Assumir uma postura de vida de “ser do bem”, em todos os seus relacionamentos;
- Buscar um sentido integrador para a existência pessoal, coletiva e cósmica;
- Aprender do caminho espiritual das várias religiões, valorizando seus símbolos e ritos;
- Superar os excessos das religiões históricas, tais como a repressão sexual, conformismo diante do sofrimento, a culpabilidade trágica e infantil, a figura patriarcal e autoritária de Deus, a intolerância com as outras expressões religiosas;
- Promover a cultura da paz, desenvolvendo a tolerância e o respeito às diversidades, em todas as suas formas (étnica, cultural, de gênero, sexual, religiosa, etc.);
- Cultivar o cuidado com o ecossistema, através de atitudes pessoais e ações coletivas que visam à sustentabilidade;
- Aderir a um estilo de vida saudável;

³¹⁶ Entrevista com representante da Pastoral Carcerária, em resposta à pergunta: como você vê a assistência religiosa oferecida dentro do instituto penal de São Leopoldo? LAUXEN, 2018.

³¹⁷ Entrevista com representante da Pastoral Carcerária, em resposta à pergunta: você acredita que a dimensão da espiritualidade humana é considerada no tratamento penal? Por quê? LAUXEN, 2018.

- Fazer um caminho de evolução espiritual, pela integração das pulsões, autoconhecimento, cultivo da sabedoria e iluminação.³¹⁸

As necessidades comuns da humanidade sobrepõem-se aos determinantes doutrinários de cada igreja. São estas que definem uma espiritualidade coletiva que aponta para uma solidariedade de convivência, chamada por Boff de Inter existência, onde todos dividem a responsabilidade de tornar o mundo mais equilibrado, seja na relação com a natureza, seja na relação humana, promovendo a re-ligação e o reencontro consigo mesmo e com os demais, dando significado à existência humana em sua profundidade.

Os representantes seminaristas da IELB acreditam que só o fato de o sistema prisional dar abertura para que algumas religiões possam enviar seus representantes para prestação da assistência religiosa nas prisões, já se vislumbra a possibilidade do cuidado com a dimensão espiritual humana. Contudo, entende-se que a dimensão da espiritualidade humana tem sido considerada no tratamento penal através da oferta da assistência religiosa, porém não se consegue mensurar o tamanho da importância que o sistema prisional tem dado a ela.³¹⁹

Os jovens seminaristas, a partir da experiência junto ao IPSL, esperam que a dimensão da espiritualidade humana possa ser considerada no tratamento penal, pois entendem contribuir bastante, pois percebem que o grupo de presos que tem acompanhado, demonstram que “não querem mais aquela vida para eles, querem melhorar, querem ter um outro estilo de vida. Então eles buscam nessa espiritualidade encontrar um outro caminho.”³²⁰ Assim, entendem que ter pessoas direcionadas para a prestação dessa assistência e cuidados, pode ser um estímulo a mais para que as pessoas hoje em cumprimento de pena possam ter a opção de sair da vida do crime e crescer na espiritualidade.

Panzini define religião como sendo a crença na existência de um poder sobrenatural, criador e controlador do Universo, dando ao ser humano uma natureza espiritual que continua a existir depois da morte do corpo.³²¹ Religiosidade é definida como a extensão na qual um indivíduo acredita, segue e pratica uma religião.

³¹⁸ MURAD, 2007. p. 125.

³¹⁹ Entrevista com representante da IELB, em resposta à pergunta: você acredita que a dimensão da espiritualidade humana é considerada no tratamento penal? Por quê? LAUXEN, 2018.

³²⁰ Entrevista com representante da IELB, em resposta à pergunta: você acredita que a dimensão da espiritualidade humana é considerada no tratamento penal? Por quê? LAUXEN, 2018.

³²¹ PANZINI, R. G. et al. Qualidade de vida e espiritualidade. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supl.1, 2007. p. 1.

Segundo Dalgarrondo, religiosidade e espiritualidade podem ser compreendidas como dimensões mais amplas e independentes de denominações institucionalizadas de religião.³²² Para Koenig,

Religião pode ser definida como um sistema de crenças e práticas observados por uma comunidade, apoiado por rituais que reconhecem, idolatram, comunicam-se com, ou aproximam-se do Sagrado, do Divino, de Deus (em culturas ocidentais), ou da Verdade Absoluta da Realidade, ou do nirvana (em culturas orientais). A religião normalmente se baseia em um conjunto de escrituras ou ensinamentos que descrevem o significado e o propósito do mundo, o lugar do indivíduo nele, as responsabilidades dos indivíduos uns com os outros e a natureza da vida após a morte.³²³

A espiritualidade, portanto, seria a busca pessoal por respostas compreensíveis para questões existenciais sobre a vida, seu significado e a relação com o sagrado ou transcendente que pode (ou não) levar ou resultar do desenvolvimento de rituais religiosos e formação de uma comunidade.

Diferentemente do significado de religião, a espiritualidade pode ser definida como um sistema de crenças que engloba elementos subjetivos, que transmitem vitalidade e significado a eventos da vida. Uma das formas de prática da espiritualidade está na religião, embora não seja a única. Praticar a espiritualidade é um exercício diário e permanente, que consiste basicamente na busca pelo contato com sua essência e na procura pela conexão entre esse eu interior e o universo em que se está inserido.³²⁴

Entende-se que a escolha de uma determinada denominação religiosa para congregar estaria condicionada a fatores externos como a forma de acolhimento da comunidade e o modo de convivência religiosa entre participantes, da convicção religiosa e doutrinária da religião ou mesmo a sensação de bem-estar que o ambiente religioso possa promover na vida do indivíduo que busca naquele espaço a vivência de sua espiritualidade. Enquanto que a espiritualidade pode ocorrer de uma necessidade intrínseca do ser humano, nem sempre espontânea, que incide por meio da motivação interior ou de estímulos externos, não estando condicionada à participação efetiva em atividades religiosas de uma determinada religião.

³²² DALGALARRONDO, P. et al. Jovens pentecostais e espíritas em comparação a católicos: uso de álcool e drogas e saúde mental. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 54, n. 3, p. 182-190, 2005.

³²³ KOENIG, H. G. **Medicina, religião e saúde**: o encontro da ciência e da espiritualidade. Trad. Iuri Abreu. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012. p. 11.

³²⁴ SAAD, M; Masiero, D; Battistella, L. R. **Espiritualidade baseada em evidências**. Acta fisiátrica, São Paulo. v. 8, n. 3, p. 107-112, 2001.

Pessoas privadas de liberdade, por exemplo, nem sempre têm acesso à assistência religiosa para congregar na sua religião de origem, aquela que congregavam anterior à reclusão, mas podem procurar exercer uma espiritualidade como forma de cuidado com o seu interior. No contexto em que se encontram, privados de liberdade, podem passar a adotar outras denominações religiosas como espaço de convivência religiosa e de exercício de uma espiritualidade coletiva.

A prática religiosa e o desenvolvimento da espiritualidade têm importância significativa na ressocialização da pessoa privada de liberdade, e quando ela retorna ao convívio da sociedade. Portanto, a assistência religiosa ofertada através das Igrejas, pode ser entendida também como um espaço de oportunidades para o desabrochar da espiritualidade dentro do sistema prisional. Apesar das dificuldades em compreender a dimensão da espiritualidade humana neste contexto e do preconceito ainda presente sobre a assistência religiosa nas prisões, este tema tem evoluído e se desenvolvido através dos grupos religiosos.

5 DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NO SISTEMA PENITENCIÁRIO

A seguir, serão discutidas as dificuldades mais presentes, sinalizadas pelo administrador e grupos religiosos para a efetivação da assistência religiosa no Instituto Penal de São Leopoldo-IPSL, em diálogo com a fundamentação teórica que ao longo da pesquisa trouxe também aspectos relativos aos maiores entraves encontrados pelos grupos religiosos e mesmo pelo administrador para a efetivação de um direito garantido, porém pouco legitimado pelo Estado. Em seguida, reflexões quanto as perspectivas para a efetivação e reconhecimento da assistência religiosa, como direito, e também em termos de eficácia, no bojo do tratamento penal, ou melhor, na atenção integral às pessoas privadas de liberdade, apontado as contribuições para a efetivação da assistência religiosa no Sistema Penitenciário, a partir dos pressupostos apresentados no estudo de caso realizado no IPSL.

Por fim, serão apresentados dois relatos, de um privado de liberdade do Instituto Penal de São Leopoldo e de um egresso do Sistema Penitenciário Gaúcho, acerca da Assistência Religiosa recebida pelos mesmos, respectivamente, durante o período de Tratamento Penal e as repercussões na vida de ambos no processo de reinserção social, iniciada ainda em reclusão.

5.1 Dificuldades e dilemas da Assistência Religiosa nas prisões

Gonçalves, Coimbra e Amorim, em seus estudos sobre a assistência religiosa e suas barreiras, fazendo uma interface com a Lei de Execução Penal (LEP) e o Sistema Prisional Brasileiro, afirmam que o Estado “[...] comprova sua ineficácia em cumprir a função social que lhe é inerente, contribuindo dessa forma, para o aumento de uma criminalidade já saturada. O guardião da Constituição Federal fere os direitos humanos, mormente o princípio da dignidade humana [...]”, fragilizando ainda mais uma segurança jurídica antes já fragilizada pelos entraves de sua plena efetivação.³²⁵

³²⁵ GONÇALVES, José Artur Teixeira; COIMBRA, Mário; AMORIM, Daniela de Lima. **Assistência religiosa e suas barreiras**: uma leitura à luz da LEP e do sistema prisional. 2011. p. 259. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/INTERTEMAS/article/viewFile/2782/2561>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

Para o administrador do IPSL, as maiores dificuldades que encontrou, no início de sua gestão, foram representadas por três pontos expressivos. Dentre eles: a fidelização das denominações religiosas, a questão do servidor penitenciário (entendimento sobre a assistência religiosa e o baixo efetivo funcional) e a falta de espaço físico.

O primeiro ponto seria a fidelização de uma denominação religiosa.

[...] se você está dando uma dose, um remédio para ele, tem que ser uma dose homeopática no começo e tem que ser continua. Caso venha a ser retirado aquilo ali, também tem que ser um trabalho homeopático, porque você não pode tirar de uma vez. Então no começo fazer se entender as entidades religiosas nessa questão foi um pouco complicado, porque muitos pregavam aqui e pregavam em outro lugar, às vezes não conseguiam montar uma equipe fidedigna ao sistema prisional. Eu acho também de suma importância falar também das entidades religiosas. Eu acho muito importante os entes religiosos montarem a equipe prisional deles, a gente tem que chegar também a esse ponto, vão separar dez colegas aqui que são responsáveis pela assistência prisional para eles poderem se organizar também para deslumbrar essa questão da continuidade do trabalho.³²⁶

O administrador do IPSL considera importante os grupos religiosos terem um trabalho que tenha continuidade, possibilitando a criação de vínculos junto aos privados de liberdade e também a eficácia da assistência religiosa oferecida. Além da manutenção daquela denominação religiosa na programação desta assistência semanal, a necessidade destas estarem organizadas com as equipes que compõem os grupos religiosos, possibilitando uma menor rotatividade possível de seus membros e ainda a capacitação destes no trabalho a ser desenvolvido junto aos privados de liberdades, pois o ambiente prisional tem suas especificidades, que vai desde o perfil das pessoas presas à própria questão de segurança do estabelecimento prisional que requer, eventualmente, algumas readequações, de acordo com o clima institucional.³²⁷

A esse respeito, os questionários aplicados junto aos privados de liberdade apontaram aspectos sobre a participação, frequência e interesse dos privados pelas atividades religiosas.

³²⁶ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Quais as dificuldades encontradas para a efetividade da assistência religiosa nas prisões? LAUXEN, 2018.

³²⁷ Readequações na programação das atividades religiosas podem ocorrer, de acordo com o clímax da instituição prisional. Caso o Setor de Segurança identifique que os privados de liberdade estão agitados por alguma situação de insatisfação ou conflito entre eles, suspendem quaisquer atividades para assegurar a integridade física das pessoas que prestam serviço junto a massa carcerária.

A tabela 8, por exemplo, aponta que 70,59% dos privados de liberdade consultados participam de atividades religiosas no estabelecimento prisional. Acredita-se, que um dos entraves da não participação poderia ser também a falta de espaço físico para comportar um número maior de participantes.

Tabela 9 - Participação em atividades religiosas no Estabelecimento Penal

	n	%
S	24	70,59
N	10	29,41
NR	0	0
Total	34	100,0

Fonte: LAUXEN, 2018 (banco de dados da pesquisa).

Deste, a tabela 9 aponta que a frequência de participação dos privados de liberdade do IPSL também é expressiva.

Tabela 10 - Frequência de participação em atividades religiosas

	n	%
Todos os dias da semana	4	11,76
Uma vez por semana (própria Igreja)	11	32,35
Uma vez por semana (Igreja que simpatiza)	7	20,59
Uma vez por mês	2	5,88
Somente em datas comemorativas	1	2,94
Uma vez por ano	1	2,94
NR	11	32,35
Total	34*	100,0*

Fonte: LAUXEN, 2018 (banco de dados da pesquisa – Obs.: *alguns dos consultados responderam mais de uma opção).

A Tabela acima demonstra que dos trinta e quatro privados de liberdade consultados, 32,35% deles mantem uma regularidade na participação das atividades realizadas pela sua igreja, na qual foi batizado ou congregava anteriormente na prisão, frequentando uma vez por semana. Sete deles, perfazendo 20,59% participam também pelo menos uma vez por semana, mas em igrejas que simpatizam, pois as que se identificavam anterior à prisão não oferecem assistência religiosa neste estabelecimento prisional. Um número expressivo dos consultados, 32,35% não respondeu à questão, pois declararam não participar de nenhuma atividade religiosa e uma das razões seria a não presença da denominação religiosa a qual pertencem e a não identificação com nenhuma das religiões credenciadas no IPSL, apontando a necessidade da contemplação de outras denominações religiosas para atender a esta demanda apresentada, se autorizadas.

A tabela a seguir, aponta o interesse em receber assistência religiosa no IPSL, contemplando o grupo que não participa de nenhuma atividade religiosa, por não haver oferta de assistência religiosa da denominação a qual pertencem.

Tabela 11 - Interesse em receber assistência religiosa

	n	%
S	28	82,35
N	6	17,65
NR	0	0
Total	34	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

Contudo, a tabela 5 apontou que a maioria dos privados de liberdade consultados no questionário, mais de 80%, possuem interesse de receber assistência religiosa, superando o número daqueles que responderam que não participam.

O segundo ponto tratado pelo Diretor do IPSL como uma das dificuldades encontradas na efetivação da assistência religiosa seria a questão do servidor penitenciário, a respeito do seu entendimento sobre a importância desta assistência à pessoa privada de liberdade. O baixo efetivo funcional também foi apontado como dificuldade.

[...] o servidor penitenciário, o foco dele e a ênfase quando chega na cadeia é a segurança e muita das vezes a gente entende por segurança bater o cadeado, fechar a porta, fechar a janela se armar até os dentes, e isso já vem até da escola, ninguém chega lá na escola e diz assim: a segurança se move também com a confiança e com o trabalho mútuo, com a questão de você aceitar a assistência religiosa dentro do presídio, tanto é que eu acredito e tenho a perspectiva de que a gente ainda vai ter uma matéria na escola penitenciária sobre o semiaberto, porque também é uma visão diferenciada. [...] porque as vezes o capelão, o padre, o presbítero, o pastor, o rabino, o ente o pregador da assistência religiosa que chegasse aqui na cadeia ele se deparava com um guarda na porta que dizia: oh tem que aguardar dez minutos porque está ocupado fazendo não sei o que, ah agora é hora da conferência, ah agora está chegando o preso da rua e isso muitas das vezes o ofertante daquela assistência fica na porta por 10, 15, 20 minutos e aquilo acabava desanimando muita das vezes ele acabava saindo e não voltava mais.³²⁸

Assim, já impactaria no olhar em que o agente penitenciário, o qual tem maior contato na recepção dos grupos religiosos, passaria a ter sobre as especificidades do regime semiaberto e também pela importância da assistência religiosa para todas as pessoas privadas de liberdade, principalmente a estes que estão em fase de

³²⁸ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Quais as dificuldades encontradas para a efetividade da assistência religiosa nas prisões? LAUXEN, 2018.

reinserção social, considerando a significativa contribuição que ela tem dado na humanização do sistema prisional.

O terceiro ponto é a falta de espaço físico adequado para receber o maior número de pessoas visitantes, integrantes dos grupos religiosos e também para reunir um número significativo de privados de liberdade em atividades coletivas. Segundo o administrador do IPSL, o estabelecimento prisional é uma edificação do ano de 1940, um prédio antigo destinado para outra realidade. Hoje o efetivo prisional de presos cresceu, superando sua lotação, chegando a receber até 190 pessoas. Entende que toda a logística de movimentação é muito difícil, muito complicada pela falta de espaço.³²⁹

Nesta ótica, em uma entrevista realizada com Clemir sobre a matéria da assistência religiosa no contexto prisional e infelizmente encontraram em seus resultados, algumas questões apontadas pelos grupos religiosos, que realizam este serviço, voltadas aos maiores entraves e dificuldades para a efetivação deste direito a pessoa privada de liberdade. Dentre elas, a falta da rotina para a atividade de assistência religiosa, a questão do horário de entrada e permanência no estabelecimento prisional para a realização das atividades, a rispidez e controle dos servidores do sistema penitenciário na recepção dos representantes das igrejas, no exercício da sua função voluntária, a falta de espaço adequado para a realização da prestação de assistência religiosa coletiva, seguido da dificuldade de diálogo e solidariedade entre as diferentes religiões no compartilhamento de atividades e espaço para seus cultos e atividades religiosas.

Vejamos abaixo seus apontamentos a esse respeito:

- Os religiosos reclamam dos problemas de falta de rotina, mesmo considerando que o presídio é regido por uma lógica de segurança permanente. Qualquer alteração é motivo para cancelarem o trabalho religioso, sem qualquer aviso prévio. Geralmente são pessoas que percorrem grandes distâncias para acessar o presídio.
- Outra questão é o horário de entrada, que nem sempre é cumprido, resultando, às vezes, em espera de até mais de uma hora. Quanto ao horário de término, segundo dizem, o rigor é total, não sendo possível qualquer tipo de compensação por eventual atraso de liberação da entrada dos agentes religiosos
- A rispidez e poder de controle dos agentes penitenciários é um fator constante de reclamação dos religiosos, que são voluntários e reclamam serem tratados como não cidadãos. Eles sofrem críticas de que estão ali

³²⁹ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Quais as dificuldades encontradas para a efetividade da assistência religiosa nas prisões? LAUXEN, 2018.

“perdendo tempo”, que são “bobos de acharem que os presos são santinhos”, que suas doações de sabonetes e outros produtos de higiene pessoal os presos trocam por bebidas e até drogas.

- Também reclamam da falta de espaço adequado para as reuniões. Os grupos católicos possuem uma capela que, no geral, não é compartilhada com outros grupos. Também, quando há templo evangélico, dificilmente ele é utilizado por outras religiões. O espaço do refeitório é, geralmente, o único local possível para o encontro, que nem sempre é adequado para a natureza do trabalho feito.³³⁰

Nessa mesma entrevista, estes pontos citados e alguns também encontrados neste estudo de caso precisam ser revistos, pois através da assistência religiosa se promove a humanização no sistema penitenciário e conseqüentemente na vida das pessoas privadas de liberdade, possibilitando uma atenção integral a elas. O Diretor do IPSL afirma: “É muito mais valoroso que o preso esteja lá dentro da galeria escutando a palavra de Deus, acalmando o seu espírito, do que com um radinho ouvindo *funk* pregando ostentação, o chamando para guerra, para briga, para a batalha [...]”.³³¹

De acordo com o administrador do IPSL, demorou para se alcançar esse entendimento por parte dos servidores penitenciários relacionados à segurança, e por parte das igrejas em relação à manutenção de um trabalho contínuo. Porém, hoje revela que o servidor penitenciário do IPSL entende que o papel da assistência religiosa é importante e que deve ser preservado e estimulado. Refere que aos sábados, por ocasião da visita da Igreja Universal, que geralmente realiza café da manhã aos visitantes dos privados de liberdades, alguns agentes penitenciários participam, permitindo que exerçam a sua função na fiscalização da segurança, mas também na aproximação junto aos grupos religiosos e aos familiares dos presos, acreditando que esta relação reflete também no clímax institucional. Segundo o administrador do IPSL, após a regularidade deste serviço, o número de fugas reduziu, o privado de liberdade tem mais comprometimento no cumprimento da pena, não solicita transferência para outro estabelecimento prisional, pois entende que o preso

³³⁰ Entrevista com o professor graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul e em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense – UFF, Clemir Fernandes. 2015. Disponível em:

<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6273&secao=478>. Acesso em: 25 out. 2018. Na citação direta optou-se apresenta-la em forma de tópicos para melhor visualização e destaque dos apontamentos dos autores. A mesma se refere as maiores dificuldades apontadas pelos voluntários da pesquisa realizada por ambos sobre a temática abordada.

³³¹ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Quais as dificuldades encontradas para a efetividade da assistência religiosa nas prisões? LAUXEN, 2018.

que recebe uma atenção integral de qualidade vai “cumprir o papel dele perante o judiciário, que é pagar o que ele deve a sociedade com respeito, disciplina e trabalho”.³³²

Um dos maiores obstáculos constatados na prestação da assistência religiosa para Nascimento, seria a permanência do “ex-detento”, como chamado por ele, na prática religiosa. Em debates com agentes religiosos, Nascimento ouviu deles “que muitos detentos ganharam liberdade, mas ficaram devendo às facções criminosas às quais estavam ligados. Ao saírem das prisões eles têm de pagar as dívidas e, por isso, muitas vezes retornam à vida do crime.”³³³ Por isto, considera que nem sempre um egresso do sistema penitenciário estaria apto a retornar ao estabelecimento prisional, onde esteve por um tempo como preso para desenvolver um trabalho religioso.

De acordo com Freitas, uma das mais expressivas dificuldades encontradas por parte dos voluntários que realizam atividades de assistência religiosa no sistema prisional brasileiro, em consonância com esta pesquisa também,

[...] é o perfil de profissionais – desde os mais altos cargos do sistema penal: juízes/promotores a advogados, como também agentes penitenciários/diretores de presídios/carcereiros – que não têm qualquer noção do poder da influência religiosa na vida dos encarcerados; não têm o alcance perceptível do quão a religiosidade é capaz de penetrar na essência humana, em especial do homem carente e sedento de afeto, e ali suscitar o anseio de viver outra vida, redirecionando o seu itinerário para um devir de reintegração social. O estado de cegueira desses profissionais emperra o movimento ascendente “dos serviços de assistência espiritual dentro dos presídios e o incentivo da consciência religiosa do homem encarcerado para que encontre novos meios de se readaptar à sociedade, ou então adaptar-se a ela”.³³⁴

Segundo a Pastoral Carcerária, a organização religiosa que mais preza pelos direitos humanos e se debruça em relatórios que auxiliem o judiciário na melhoria das condições do Sistema Carcerário Brasileiro, apontam como problemas mais recorrentes:

³³² Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Quais as dificuldades encontradas para a efetividade da assistência religiosa nas prisões? LAUXEN, 2018.

³³³ COSTA, Bruno Moraes. **Ressocialização Mediada pela Assistência Religiosa: Direito Dos Encarcerados no Sistema Penitenciário**. nº 2, volume 3, artigo nº 09, Julho/Dezembro 2017. p. 137. Disponível em: <<http://reinpec.srvroot.com:8686/reinpec/index.php/reinpec/article/viewFile/315/116>>. Acesso em: 28 set. 2018.

³³⁴ COSTA, 2017. p. 801.

[...] a suspensão, sem aviso prévio ou justificado, das visitas religiosas, fato muitas vezes anunciado apenas nas portas das unidades prisionais. Também tem havido a proibição ilegal de prestação de assistência religiosa para presos em celas disciplinares ou enfermaria. Constatou-se, também, o tempo exíguo de trabalho religioso, que em alguns casos não passa de duas horas por mês.³³⁵

Para os seminaristas da IELB, o que é mais desafiador seria conquistar a confiança das pessoas privadas de liberdade, pois segundo eles, receberam relato de um dos presos de que as pessoas que costumam visitar os presos, vão para julgá-los.

Deus ama eles apesar de tudo. É difícil passar essa mensagem pra eles e ser acreditado por eles também, ter com que eles acreditam na gente, que a gente está lá pra passar essa mensagem, de que Deus ama eles, mas tem alguns que aceitam essa mensagem e que recebem a gente muito bem, então a gente pensou em começar por eles para que eles possam transmitir essa mensagem para outras pessoas lá dentro e através deles a gente ganhar a confiança dos outros que também estão lá dentro.[...] a gente faz amizade e consegue trocar experiência, e viver como uma irmandade. Como cristãos e ter esse amor pelo próximo que Jesus ensina, então lá a gente tem essa oportunidade de exercitar esse amor pelo próximo por pessoas que a sociedade já rejeitou, que a sociedade não quer mais, que a sociedade já descartou. E a gente está lá para falar que Deus não descartou essas pessoas.³³⁶

Assim, os jovens seminaristas enfrentam a dificuldade de uma relação de desconfiança com as pessoas privadas de liberdade, no exercício do estágio de capelania prisional e também da oferta da assistência religiosa prisional realizada por eles, sempre amando mais e julgando menos.

Sabe-se que para uma eficaz prestação da assistência religiosa nas prisões faz-se necessário o aval do Estado, através do Sistema Penitenciário, reconhecendo e permitindo a plena efetivação dela. O representante da igreja Assembleia de Deus, ao ser perguntado se o sistema penitenciário está preparado para receber a assistência religiosa, respondeu com a seguinte afirmativa:

Sinceramente eu não sei lhe dizer, se eles abrirem a porta pra nós, pra gente entrar, a gente está disposto. Eu acredito que assim como eu, muitas pessoas querem entrar e fazer a obra depende de um apoio, de a gente ter esse apoio, ter esse voto de confiança do sistema, nos apoiar, nos dá esse respaldo, pra gente poder entrar e fazer, porque é uma dificuldade, porque às vezes a gente

³³⁵ Respostas de agentes da Pastoral do País. **Pastoral denuncia dificuldades para assistência religiosa em presídios.** Disponível em: <<http://www.osaopaulo.org.br/noticias/pastoral-denuncia-dificuldades-para-assistencia-religiosa-em-presidios>>. Acesso em: 25 out. 2018.

³³⁶ Entrevista com representante da IELB, em resposta à pergunta: você acredita que a dimensão da espiritualidade humana é considerada no tratamento penal? Por quê? LAUXEN, 2018.

não pode entrar em determinados lugares, por que tu não tem ali uma credencial, uma identificação naquele local.³³⁷

Este relato retrata a dificuldade que os grupos religiosos possuem diante da burocracia no credenciamento de visita dos mesmos, pois segundo o representante da igreja Assembleia de Deus, faz-se necessário um novo credenciamento, quando se deseja realizar a visita em outros estabelecimentos prisionais do Estado. Manifesta que uma das dificuldades seria a forma de credenciamento, exemplificando:

A gente está com essa ONG, que a gente está criando. Os guris vão fazer evangelismo lá na Penitenciária Estadual De Jacuí- PEJ e eu já não consigo entrar lá porque eu não tenho a identificação. Muitos sábados eu poderia ir, o credenciamento eu acho que não é muito difícil, mas eu não estou conseguindo, porque eu não consegui ir durante a semana lá fazer esse cadastro, aí eu estou com essa dificuldade, que teria que tirar um tempo pra ir lá fazer, que é uma política do sistema.³³⁸

Refere que a Assembleia de Deus possui o desejo de visitar mais estabelecimentos prisionais da região ou do Estado, porém, o fato de ter que se credenciar novamente em cada um ao qual se candidata, dificulta e burocratiza tanto o acesso da denominação religiosa no estabelecimento prisional quanto o acesso dos privados de liberdade, que tem seu direito adiado. No início do trabalho da sua equipe no IPSL teve algumas dificuldades por parte de alguns servidores, no entendimento sobre este serviço, mas hoje, de forma geral, relata serem recebidos com empatia.³³⁹

Para o representante da Igreja Universal, o Estado do Rio Grande do Sul está preparado para receber a assistência religiosa, pois possui uma estrutura mesmo que mínima para isto, mas acredita que os gestores públicos precisam compreender melhor a proposta do trabalho religioso nas prisões.

Eles precisam entender a dimensão do trabalho religioso, por que eles têm condições, só que por conta de tradições, a gente vê uma resistência. Queríamos fazer muito mais, o nosso projeto é fazer muito mais do que já se faz, mas como a gente tem os embargos, as tradições culturais da nossa cidade, as pessoas acham que a gente não está indo pra poder ressocializar, só que a gente tem provas, a gente tem resultados concretos que é possível mudar aquela situação. Nós somos um braço do governo dentro da casa prisional, a partir do momento que eles não conseguem enxergar isso a gente

³³⁷ Entrevista com o representante da Igreja Assembleia de Deus, em resposta à pergunta: Acredita que o sistema penitenciário gaúcho está preparado para acolher a assistência religiosa no interior das prisões? LAUXEN, 2018.

³³⁸ Entrevista com o representante da Igreja Assembleia de Deus, em resposta à pergunta: Acredita que o sistema penitenciário gaúcho está preparado para acolher a assistência religiosa no interior das prisões? LAUXEN, 2018.

³³⁹ Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: Acredita que o sistema penitenciário gaúcho está preparado para acolher a assistência religiosa no interior das prisões? LAUXEN, 2018.

não vai conseguir fazer nada e a sociedade vai sofrer, por que um preso que é ressocializado não vai matar ninguém.³⁴⁰

O representante da Igreja Universal defende a importância da manutenção e do reconhecimento, por parte do Estado, da assistência religiosa nas prisões, considerando que a Igreja é uma extensão dele. Contudo, é necessário ter precaução com a visão teocrática do poder divino, pois a Igreja faz parte do Estado, mas não está acima dele, logo, o Estado precisa dar diretrizes para a receptividade de tal assistência, preservando a laicidade e os direitos previstos constitucionalmente quanto ao exercício da religiosidade humana.

Dentre as maiores dificuldades encontradas pela sua igreja na efetivação da assistência religiosa nas prisões, o representante da Igreja Universal respondeu que atualmente, são as “tradições”, entendido como a questão cultural.

O nosso trabalho é importante e a maioria não reconhece e se reconhecesse a gente conseguiria ressocializar muito mais pessoas. E qual a dificuldade hoje? A dificuldade que nós consideramos, as rotinas que existem nos presídios de passar pelo sistema de segurança de revista e a gente tem consciência só que mesmo conhecendo, nosso dia a dia, nós somos tratados com indiferença, nós não levamos drogas, nós não levamos celulares, nós não levamos nada pra causar um problema no presídio, pelo contrário. [...] nós estamos quebrando a criminalidade. Um preso que se batiza nas águas ele não vai mais pedir celular, ele não vai mais pedir drogas, ele não vai mais fazer nenhum esquema para poder contribuir com o andamento do presídio, ele vai ser uma pessoa diferente. Hoje não é com os diretores, não é com os chefes de segurança, hoje nossa maior dificuldade é com os agentes penitenciários que ainda não entenderam que o projeto universal nos presídios é um braço do governo pra contribuir com aquele presídio, e detalhe, se eles soubessem que nós representamos mesmo, daria muito mais valor pra nós porque nós queremos fazer.³⁴¹

O representante da Universal nas prisões entende que o ambiente penitenciário é estressante e adoecedor, muitas vezes impactando nas relações do servidor penitenciário. Reforça que se pudessem, realizariam uma transformação nos espaços, para que os servidores pudessem também ser cuidados, acreditando que isto mudaria mais o olhar dos mesmos para os grupos religiosos. “Nossa maior dificuldade é com os agentes penitenciários que ainda não entenderam que o nosso objetivo é melhorar aquela cadeia e transformar aquele ambiente em melhor.”³⁴²

³⁴⁰ Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: Quais as maiores dificuldades encontradas, para efetivar a assistência religiosa nas prisões? LAUXEN, 2018.

³⁴¹ Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: Quais as maiores dificuldades encontradas, para efetivar a assistência religiosa nas prisões? LAUXEN, 2018.

³⁴² Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: Quais as maiores dificuldades encontradas, para efetivar a assistência religiosa nas prisões? LAUXEN, 2018.

Por outro lado, a Pastoral Carcerária da Igreja Católica, manifesta que depende do entendimento do administrador do estabelecimento prisional, para dizer se o sistema penitenciário está preparado para a assistência religiosa nas prisões, pois tem administrador que apresenta certa resistência e dificulta a entrada de grupos religiosos. Informa que em nível de Brasil, a Coordenação Nacional da Pastoral Carcerária recomenda o preenchimento de um formulário, todas as vezes em que um agente ou administrador penitenciário nega a visita, pois realizam relatórios periódicos sobre esta matéria que são encaminhados para a gestão penitenciária, no sentido de garantir a lei e o direito das pessoas privadas de liberdade. Trouxe relatos de pastorais de outros municípios que não foram puderam entrar em um determinado estabelecimento prisional, pois o diretor era ligado a determinada seita ou religião, travando com obstáculos.³⁴³

As dificuldades mais encontradas pela Pastoral Carcerária de São Leopoldo, segundo seu representante, seria a maior sensibilização para a participação das pessoas privadas de liberdade, pois lhe parece que estão tímidas em participar das atividades ou podem ainda não estar convertidos, não sendo importante para eles. Relata que tiveram dificuldades do voluntariado de pessoas da comunidade para compor a equipe de trabalho da pastoral carcerária, a qual por um tempo permaneceu extinta no IPSL. Embora tenha reerguido o conceito de comunidade, entende que ainda falta uma consolidação da proposta de atividades, pois existem outras duas demandas: a assistência à família e a assistência material. É muito comum que os grupos religiosos sejam solicitados pelos privados de liberdade no apoio à assistência da família e quase sempre está relacionada à assistência material, tanto delas quanto deles no interior da prisão, pois nem sempre o Estado dá conta de assisti-los com as necessidades básicas materiais, como vestuário e materiais de higiene pessoal.

Contudo, são muitos ainda os entraves que dificultam à efetivação e o reconhecimento da assistência religiosa na atenção integral as pessoas privadas de liberdade. Ela aparece no bojo da Lei de Execução Penal (LEP) como parte integrante das garantias de direitos das pessoas privadas de liberdade, porém a pesquisa empírica apontou que o Estado ainda pouco reconhece e estimula o sistema penitenciário, através de seus servidores, tanto da área da segurança, quanto do

³⁴³ Entrevista com o representante da Pastoral Carcerária, em resposta à pergunta: Acredita que o sistema penitenciário gaúcho está preparado para acolher a assistência religiosa no interior das prisões? LAUXEN, 2018.

tratamento penal, a atenção e a importância da assistência religiosa no arranjo do processo de reinserção social do indivíduo.

5.2 Perspectivas e Contribuições à efetivação da assistência religiosa no tratamento penal

Quanto às sugestões para melhorar a prestação da assistência religiosa no Serviço Penitenciário, o administrador do IPSL vê pelo viés da organização institucional, considera importante que sejam respeitadas as peculiaridades dos regimes fechado e semiaberto, pois são rotinas diferentes, estruturas físicas diferentes, efetivo funcional e carcerário diferentes, fatores que influenciam na segurança. Entende que o sistema penitenciário precisa avançar quanto às normas, regras e recomendações de segurança, pois geralmente se mantem as mesmas diretrizes para regimes de cumprimento de pena diferentes, impossibilitando que o regime semiaberto seja mais ressocializador.³⁴⁴

De acordo com o administrador, uma ordem de serviço interna, regulamentando, orientando, organizando a assistência religiosa conforme as particularidades de cada estabelecimento prisional seria uma solução, pois uma normativa única pode continuar entrando a garantia de melhor assistência religiosa nos estabelecimentos prisionais gaúchos.

[...] a entrada de itens aqui seria muito menos rígida do que no fechado e se você coloca de praxe a mesma coisa que está se aplicando no fechado, esse preso já impacta na vida dele porque tipo assim, eu estou no semiaberto, mas eu continuo com a rotina do fechado. [...] a gente tem que ter uma regulamentação de visita para o fechado e uma regulamentação de visita para o semiaberto, uma regulamentação de itens que entram na cadeia fechada e no semiaberto. A mesma coisa é a questão da rotina de sistema de visita religiosa, tem que se ter uma rotina para o fechado e uma rotina para o semiaberto.³⁴⁵

A organização da nova estrutura, segundo o administrador do IPSL deveria passar por uma comissão formada pelas igrejas, coordenação técnica da região, representante do setor técnico de cada estabelecimento prisional, representante da segurança ou direção de cada estabelecimento prisional e representante do

³⁴⁴ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Quais sugestões você teria para melhorar a prestação da assistência religiosa no Serviço Penitenciário? LAUXEN, 2018.

³⁴⁵ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Quais sugestões você teria para melhorar a prestação da assistência religiosa no Serviço Penitenciário? LAUXEN, 2018.

Departamento de Tratamento Penal (DTP) da SUSEPE ou do setor que trata da assistência religiosa prisional, para que julguem o que vai ser necessário para as diretrizes do regime fechado e regime semiaberto, estabelecendo as diferenças e padronizando as intervenções nesta área, evitando assim os conflitos gerados pelo senso comum.

A assistência religiosa não pode ser excludente, nem deve ser imposta aos praticantes ou seguidores de determinada orientação. A participação, aceitação ou conversão a outras instituições que não sejam aquelas de sua declaração, conforme o princípio constitucional de liberdade religiosa, sendo vedada a discriminação ou concessão de privilégios a determinadas religiões ou crenças, em detrimento de outras. Dessa forma, devem ser definidos, com base nestes preceitos e em regulamentos próprios dos estabelecimentos prisionais, os procedimentos para acesso de pessoas, materiais e itens de manifestação religiosa, bem como assegurados horários e espaços para a realização de cultos e cerimônias.³⁴⁶

Sabe-se que o Estado vem passando dificuldades com falta de servidores e, isto dificulta muito a garantia de mais movimentações para atividades, principalmente as coletivas, mas entende que é um direito da pessoa privada de liberdade e deve ser garantido de alguma forma. Acredita que dois ou três servidores a mais contribuiriam para a melhor manutenção das atividades extras possibilitando eficácia do trabalho. Assim, seria possível proporcionar um horário diferenciado para assistência religiosa, ao invés de só à noite, passariam a ter horários também pela manhã e tarde, permitindo uma maior diversidade de grupos religiosos, considerando a filiação dos privados de liberdade por ocasião das triagens que identificam informações desta natureza.³⁴⁷ Acredita que se tivesse uma reforma com ampliação e reformulação do espaço físico prisional onde estão as celas, haveria um aproveitamento melhor do espaço, referindo-se principalmente pelo espaço que chamam de anexo. Sua sugestão seria a criação de um espaço adequado para a realização da assistência religiosa.³⁴⁸

O representante da Igreja Universal concorda com o administrador do IPSL ao considerar que a criação de um espaço multiuso com equipamento multimídia, poderia receber os cultos e outras atividades religiosas, além de cursos, atividades

³⁴⁶ BRASIL, Ministério da Justiça. **Modelo de Gestão para a Política Prisional**. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/modelo-de-gestao_documento-final.pdf>. Acesso em: 25 out.2018.

³⁴⁷ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Quais sugestões você teria para melhorar a prestação da assistência religiosa no Serviço Penitenciário? LAUXEN, 2018.

³⁴⁸ Entrevista com o administrador do IPSL, em resposta à pergunta: Quais sugestões você teria para melhorar a prestação da assistência religiosa no Serviço Penitenciário? LAUXEN, 2018.

sócio educativas, palestras com respeito a família e demais atividades realizadas pelos parceiros, preservando sempre os horários dos grupos religiosos que são cadastrados e já possuem um horário fixo de prestação do seu serviço. Diz que se a SUSEPE fornece um espaço, eles possuem recursos para construir uma sala multiuso e, a partir de aí dar início as atividades sociais com as famílias, com os agentes penitenciários e com os privados de liberdade de todas as celas e galerias, informando possuírem um projeto extenso para atender todo este público.³⁴⁹

[...] fazemos mesmo é a forma de melhorar e já fazemos isso com intensidade mas se eles entenderem que a gente pode entrar com esse espaço e construir mais espaço de ressocialização aquela casa seria diferente. A sugestão hoje seria permitir que realizassem dentro das casas prisionais pelo menos um espaço multiuso de ressocialização e reintegração social. Através dele, a gente vai expandir lá dentro as atividades, os cursos, as reuniões e até mesmo um local pra poder fazer cursos até para os agentes, através das parcerias que temos.³⁵⁰

Além da criação de um espaço apropriado para receber as atividades religiosas, o representante da igreja Universal frisa também a importância da efetivação de uma equipe dentro da gestão da SUSEPE que cuide da área da assistência religiosa. Hoje, na SUSEPE, os assuntos referentes a esta temática estão sendo trabalhados pela divisão de desenvolvimento humano ligado ao DTP. A esse respeito o representante da UNP sugere:

[...] em São Paulo tem uma coordenadoria que tem um diretor para a ressocialização. Então se aqui tivesse um diretor ou uma pessoa responsável por esse departamento seria muito importante, por que aí agente teria alguém pra lutar por nós dentro da SUSEPE, [...] pra ser uma referência pra nós. Nós estamos lutando sozinhos e enquanto não tiver uma referência lá dentro de um próprio da SUSEPE para lutar por nós, a gente vai ficar trabalhando aí dando soco em ponta de faca. [...] Penso que deveria ter um departamento de assistência religiosa para essa parte social e religiosa de todas as igrejas que temos aqui no Estado.³⁵¹

O representante da UNP traz a experiência de sua igreja nos estabelecimentos prisionais do Estado de São Paulo, pois afirma que desenvolvem o trabalho de assistência religiosa em todo o país. Refere que neste Estado os estabelecimentos prisionais são dirigidos por dois Diretores, um mais voltado para as

³⁴⁹ Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: Quais as sugestões que vocês teriam para melhorar a assistência religiosa serviço penitenciário? LAUXEN, 2018.

³⁵⁰ Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: Quais as sugestões que vocês teriam para melhorar a assistência religiosa serviço penitenciário? LAUXEN, 2018.

³⁵¹ Entrevista com o representante da Igreja Universal, em resposta à pergunta: Quais as sugestões que vocês teriam para melhorar a assistência religiosa serviço penitenciário? LAUXEN, 2018.

questões de segurança e outro para as questões de tratamento penal, envolvendo a assistência integral a pessoal privada de liberdade e neste interim, trata das informações relativas à assistência religiosas dentro daquela penitenciária ou presídio, possuindo uma referência institucional sobre esta área, responsável por organizar e gerenciar as demandas relativas aos grupos religiosos e também a garantia do direito a assistência religiosa dos privados de liberdade, assim como os demais direitos: saúde, educação, ao trabalho, a assistência jurídica e social.

De acordo com Pinheiro, em seus estudos sobre a religião no ambiente prisional brasileiro, a assistência religiosa nos presídios não tem sido valorizada, sendo ainda vista com certo preconceito. Afirma que existe muita resistência pelo Estado, e que esta reflete em seus representantes, os servidores/as. “Em muitos lugares é cerceada a prática religiosa na casa de detenção”. Acredita que as instituições religiosas deveriam ser parceiras formais do Estado, pois “no caso atual são parceiras de fato, prestam uma assistência, no geral interessante, mas não são públicas e formalmente reconhecidas pelo que fazem.”³⁵²

Contudo, um esforço no cuidado ao atendimento às pessoas que voluntariamente, através dos grupos religiosos, cuidam da dimensão religiosa e espiritual das pessoas privadas de liberdade se faz necessário, no sentido de garantir humanização a todos os envolvidos no processo da dita proposta de “ressocialização”, prevista pelo Sistema Penitenciário.

Quanto à dificuldade em relação ao espaço físico para a realização das atividades religiosas no IPSL o representante da Igreja Assembleia de Deus também faz menção: “O espaço é pequeno, porque é uma cela, mas é o que tem.” Declarou que gostariam de poder realizar, pelo menos um domingo por mês, uma atividade ao ar livre, na quadra, onde levaria música, pessoas para tocar e mais membros da igreja e do grupo de música. Seria um culto especial e para tal precisariam “trazer mais alguns companheiros, algumas pessoas com equipamento de música para cantar e poder abranger os dois espaços né, aquele espaço do lado de lá e esse espaço aqui fechado no pátio”, pois refere que a maioria das vezes a “cela 8”, onde realizam as atividades atualmente, está sempre cheia com seus moradores, impossibilitando a

³⁵² PINHEIRO, Raphael Fernando. A religião no ambiente prisional brasileiro: um caminho para a ressocialização. **Conteúdo Jurídico**, Brasília-DF: 06 out. 2012. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,a-religiao-no-ambiente-prisional-brasileiro-um-caminho-para-a-ressocializacao,39858.html>>. Acesso em: 06 mar. 2013.

entrada de mais pessoas dos grupos religiosos e também dos presos das demais celas.³⁵³ Contudo, a necessidade de um espaço de atividades coletivas é apontada mais uma vez como emergente na qualidade e eficácia dos serviços realizados pelos grupos religiosos.

Outra sugestão para uma das dificuldades apontadas pelo representante da igreja Assembleia de Deus na seção anterior, a respeito da burocracia no credenciamento para visitas em outros estabelecimentos prisionais, seria a revisão da portaria de visita atual da SUSEPE, aos moldes da portaria Nº 583/2010-GAB.SUSIPE do Estado do Pará, de 12 maio 2010. Segue o que versa o artigo 8º.

Art. 8º. O Representante e o Coordenador de entidades religiosas ou de apoio terão acesso a todos os Estabelecimentos Penitenciários, por sua vez o acesso dos membros será de até 03 (três) unidades prisionais devidamente credenciadas pela Divisão de Assistência Integrada e autorizada pelo Núcleo de Administração Penitenciária.³⁵⁴

A revisão da portaria de visitas poderia ser uma solução aos entraves do processo de credenciamento, auxiliando consideravelmente na melhor organização e legitimação das denominações religiosas, através dos grupos religiosos que as representam dentro dos estabelecimentos prisionais do Estado do Rio Grande do Sul.

Por outro lado, o representante da Pastoral Carcerária acredita que os grupos religiosos precisam estar bem organizados antes mesmo do próprio Estado, acerca da prestação da assistência religiosa nos estabelecimentos prisionais. Ele acredita que sua denominação religiosa, por exemplo, precisa ter uma equipe de voluntários mais atuantes, ter mais pessoas trabalhando aonde pudessem principalmente trabalhar o resgate dos vínculos das famílias dos privados de liberdade, preparando-os para quando progredirem ao regime aberto ou ao livramento condicional, porque consideram a família também ser importante neste processo.³⁵⁵ Assim, com mais pessoas comprometidas com a missão de evangelizar nas prisões e levar assistência religiosa aos privados de liberdade, conseguiriam atingir com mais eficácia a proposta transformadora da Pastoral carcerária, voltadas a:

³⁵³ Entrevista com o representante da Assembleia de Deus, em resposta à pergunta: Quais as sugestões que vocês teriam para melhorar a assistência religiosa serviço penitenciário? LAUXEN, 2018.

³⁵⁴ Entrevista com o representante da Assembleia de Deus, em resposta à pergunta: Quais as sugestões que vocês teriam para melhorar a assistência religiosa serviço penitenciário. LAUXEN, 2018.

³⁵⁵ Entrevista com o representante da Pastoral Carcerária, em resposta à pergunta: Quais as sugestões que vocês teriam para melhorar a assistência religiosa serviço penitenciário? LAUXEN, 2018.

- Lutar pelo fim da política de encarceramento em massa no país, através do desencarceramento da população carcerária;
- Encaminhar as denúncias de torturas, maus-tratos e violações de direitos humanos praticados contra as pessoas privadas de liberdade; priorizar a defesa intransigente da vida, bem como a integridade física e moral das pessoas privadas de liberdade;
- Conscientizar a sociedade para a difícil situação do sistema prisional;
- Superar a justiça retributiva por meio da justiça restaurativa;
- Acompanhar as pessoas privadas de liberdade em todas as circunstâncias e atender suas necessidades pessoais e familiares;
- Reuniões de formação, atualização e de espiritualidade da equipe da Pastoral Carcerária.³⁵⁶

O representante da pastoral carcerária aponta que no momento, o que mais precisam é sensibilizar a comunidade quanto à importância de olhar para o sistema penitenciário e também se comprometer com o processo de ressocialização e reinserção social dos privados de liberdade, pois estes, amanhã estarão em convivência com os mesmos novamente e o que esperam é uma comunidade mais harmoniosa. A capacitação das pessoas que integram os grupos de assistência religiosa também se faz importante, no sentido de compreender que para além da missão evangélica ou mesmo vista como prática caritativa, este é um direito constitucional que possui fundamento jurídico. Afirma ainda, que a política de desencarceramento pode ser uma alternativa penal, focando nas pessoas privadas de liberdade que de fato devem estar encarceradas, reforçado em Velasco, a qual reafirma que “nenhuma medida de promoção ou melhoria da assistência religiosa será efetiva ou duradoura se desvinculada de uma política substancial de redução da população prisional.”³⁵⁷

Pautados nas leis, que justamente a missão da Pastoral Carcerária no Brasil está fundamentada, seja pela luta na efetivação de uma política de desencarceramento, o combate à tortura, preservando os direitos humanos, conscientização da sociedade, promovendo justiça restaurativa, capacitando seus agentes pastorais e acompanhando privados de liberdade e suas famílias. Suas sugestões estão também fundamentadas na efetivação da missão da pastoral carcerária.

³⁵⁶ PASTORAL CARCERÁRIA, 2018.

³⁵⁷ VELASCO, Clara. **Mais da metade dos agentes da Pastoral Carcerária já teve visita a prisões suspensa sem aviso prévio, aponta relatório.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/mais-da-metade-dos-agentes-da-pastoral-carceraria-ja-teve-visita-a-prisoas-suspensa-sem-aviso-previo-aponta-relatorio.ghtml>>. Acesso em: 25 out. 2018.

Para os seminaristas da IELB, embora saibam que há um espaço para a realização das atividades religiosas, “a cela 8”, acreditam que o investimento em uma melhor infraestrutura, “talvez uma minicapela de orações, talvez uma capela para que eles possam fazer orações, confessar com padre, serem atendidos com o pastor”, seria importante. Para eles, no momento, onde estão sendo realizadas as atividades, é adequado, porém referem não conhecer a proposta de trabalho das demais denominações religiosas, lembrando que os mesmos realizam apenas um estágio em capelania prisional e logo não mais estarão ali, pois serão substituídos por outros seminaristas.

Como a gente está lá há pouco tempo não sei se a gente tem uma visão tão ampla do trabalho. Eu acho que é muito bom o que eles fazem lá, o recebimento que a gente tem e tudo mais. Talvez se a gente pudesse ter um diálogo maior com as outras frentes de trabalho, com os outros grupos religiosos que fazem trabalho, pra que a gente pudesse coordenar uma ação integrada pelo menos pra que a gente ouvisse melhor o que os outros fazem, como é que eles conseguem entrar lá dentro como conseguem fazer o trabalho deles, talvez seria uma boa pra nós mesmo, pra que nós pudéssemos aprender melhor como melhorar o nosso trabalho, talvez seria uma sugestão pra nós podermos fazer essa conversa com os outros religiosos. Fica meio difícil porque as vezes, os grupos religiosos não são tão abertos a esse diálogo entre religiosos, mas acho que podia ser interessante, se a gente pudesse conversar com eles e vê o que eles fazem de bom pra que a gente possa melhorar o nosso trabalho.³⁵⁸

Os seminaristas da IELB trouxeram como sugestão, além da ampliação de um espaço para as atividades religiosas, a necessidade dos grupos religiosos, de todas as denominações religiosas credenciadas no IPSL, passarem a ter um diálogo entre si, trocando suas experiências e também os resultados dos seus trabalhos, assim possibilitando a revisão de suas atividades e também o trabalho integrado, estimulando a relação entre as diferenças e fortalecendo o entendimento de que todos são filhos de Deus.

Um dos seminaristas refere que durante o credenciamento para início do trabalho no IPSL foram recebidos pela equipe técnica do estabelecimento prisional e pela direção, os quais passaram recomendações básicas sobre o que iriam encontrar ali e como deveriam se comportar, porém não tiveram mais contatos com os mesmos, principalmente por desenvolverem seus trabalhos em horário diverso ao do expediente administrativo. Consideram que a retomada deste contato de forma mais

³⁵⁸ Entrevista com o representante os representantes Seminaristas do Seminário Concórdia, em resposta à pergunta: Quais as sugestões que vocês teriam para melhorar a assistência religiosa serviço penitenciário? LAUXEN, 2018.

regular para uma devolutiva, também seria muito valoroso para ambos os lados, grupos religiosos e administração penitenciária, pois ambos seguem na mesma proposta, de garantir atenção ao tratamento e cuidado das pessoas privadas de liberdade. Dar o retorno ao setor técnico e a Direção do estabelecimento prisional a respeito do que eles têm identificado durante suas atividades, poderia também contribuir neste processo.

Tomé convida a algumas reflexões acerca do que já foi visto nesta seção e diante as grandes dificuldades, a de acreditar no ser humano, respeitando ao menos aqueles que nele acreditam. Indaga:

O que fazer com eles enquanto a revolução social não acontece? Ignorá-los? Abandonar a busca por melhores formas de amenizar seus sofrimentos e de lhes reintegrar na sociedade menos estigmatizadas? Não parece ser essa a melhor medida a ser adotada, pois para “teorizar” uma sociedade ideal bastam sonhos, lápis e papel. Mas para nos aproximarmos da realidade miserável de quem padece em uma unidade carcerária e oferecermos algum tipo de contribuição, precisamos é de sensibilidade, espírito solidário e amor ao próximo.³⁵⁹

A autora acredita que se faz urgente que as atividades religiosas dentro dos estabelecimentos prisionais sejam “sistematizadas, melhoradas e expandidas, possibilitando o ensino religioso, leitura, diálogo e conforto espiritual”. Serão estas medidas que contribuirão “expressivamente para a evolução moral e cultural dos presidiários.”³⁶⁰

Todas as reflexões trazidas, desde o olhar do administrador do IPSL, dos representantes de todos os grupos religiosos que desenvolvem atividades naquele estabelecimento prisional e o próprio referencial teórico convidado a fundamentá-las, trouxeram perspectivas e possibilidades para a efetivação da assistência religiosa no contexto prisional. Foram muitas as afirmativas do quanto a assistência religiosa tem contribuído para que o clima institucional prisional esteja mais humanizado e o quanto se faz necessário investimentos do Estado no sentido de reconhecê-la e legitimá-la, possibilitando os mínimos recursos necessários para a plena garantia, manutenção e eficácia deste serviço no sistema prisional brasileiro.

³⁵⁹ TOMÉ, Fernanda Terezinha. **A influência da religião na ressocialização de detentos no presídio regional de Santa Maria, RS**. 2011. 14 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Direito – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/religiao.PDF>>. Acesso em: 4 ago. 2012.

³⁶⁰ TOMÉ, 2012.

5.3 (E) Feitos da assistência religiosa no tratamento penal e na reinserção social

Os efeitos da religiosidade na vida podem ser evidenciados por meio da vivência cristã e da experiência que se faz com Deus. Estabelecer um diálogo com aqueles que vivem a realidade do cárcere traz a possibilidade de compreender a importância da Assistência Religiosa como um direito garantido legalmente, mas também, traz consigo a sensação de liberdade de espírito que se pode ter no exercício desta prática.

Nesta seção serão apresentados dois relatos, de um privado de liberdade do IPSL e de um egresso do Sistema Penitenciário Gaúcho, acerca da assistência religiosa recebida por eles durante o período de Tratamento Penal. A primeira história, de um privado de liberdade do IPSL, apresenta o personagem denominado de “Pastor Davi”³⁶¹, que se encontra no regime semiaberto. A segunda história relata a vida de Vanderlei Abadi, que se encontra em liberdade, depois de passados quatro anos em reclusão. No decorrer desta seção, serão apreciados os relatos de forma reflexiva, sobre tudo o que já foi discutido na revisão bibliográfica, de modo a elucidar as conclusões mais relevantes.

Os efeitos positivos da assistência religiosa na vida dos privados de liberdade são confirmados no discurso, relatos e reflexões trazidos por eles. Este estudo permitiu trazer duas histórias que puderam culminar com o objetivo central do projeto de pesquisa, atingindo o ponto mais alto deste trabalho.

5.3.1 Relato de um privado de liberdade sobre sua experiência com assistência religiosa no tratamento penal

Davi iniciou seu relato dizendo que se tornou evangélico, frequentador da Igreja Assembleia de Deus, na dependência do Presídio Estadual de Jacuí no mês de janeiro de 2008. O mesmo acredita que foi Deus quem o convidou por não imaginar em seguir uma religião pelo estilo de vida que tinha na época, pois era usuário de drogas e passava o dia pensando em fazer o mal, como afirma a seguir:

³⁶¹ Nome fictício dado ao privado de liberdade entrevistado, chamado de “Pastor” no IPSL pelos demais presos. Ele é considerado o agregador dos demais privados de liberdade que se identificam como “irmãos”, representante da cela 8, chamada de “igreja”, onde acontecem a maioria das atividades religiosas realizadas por todas as denominações religiosas credenciadas no estabelecimento prisional.

Minha vida era só maldade, um homem sem Deus e no crime é só maldade, e como eu usava droga, eu tive três overdoses [...] e eu só falava em matar e roubar, destruir, de trair, ser traído, enganar e ser enganado, só desgraça só coisa ruim, é isso que penso, a vida do preso é assim, só planejar o mal, mente satânica, mente diabólica, só planejando o mal.³⁶²

Sobre este fenômeno, Davi acredita ter sido dominado pelo Diabo dizendo que o espírito tomou conta da sua mente e do seu corpo, mas faz uma reflexão sobre a ação de Jesus, dizendo que assim é Jesus, se tivermos “a mente de Cristo”, afirmando que Deus também pode tomar conta do nosso espírito e do nosso corpo se, assim, nós permitirmos, referindo-se ao livre arbítrio. O apenado reflete dizendo que Deus nos dá uma consciência sã, nos libertando da maldade e dando uma vida de abundância, sendo que o Diabo vem para matar e destruir.

Davi conta que nesta época, em que estava preso no regime fechado, estava usando drogas com muita frequência, e que foi a partir de um episódio, onde acredita ter tido três overdoses, que passou a refletir sobre suas escolhas de vida e a fazer parte de uma religião, convertendo-se a Jesus. Sobre este episódio, ele aborda as sensações que teve, bem como, o medo da morte, dizendo:

Sentia meu corpo congelado na cama, como se minha alma estivesse indo embora, ali dentro da prisão... três dias aconteceu isso: sexta, sábado e domingo. Ai, no domingo, minha esposa foi lá me vê, eu ainda tava meio perturbado da droga, eu dormi, e aí tive de novo aquela overdose, e acordei, mas meio perturbado, meio confundido, vendo coisas, era a perturbação da droga, a gente quando usa sai do mundo natural, a gente vai pro mundo espiritual.³⁶³

Davi conta que neste período teve a ajuda de sua companheira que conheceu na prisão, através de uma ligação telefônica. O mesmo relata que resolveu mudar a sua forma de pensar, quando teve a terceira overdose e que lembrou o que sua esposa havia lhe dito que era para “ter vergonha na cara.” Refere que ela era ‘macumbeira’³⁶⁴ e que a comunicou que ia mudar de cela e frequentar a “cela dos irmãos”. Sobre isto, Davi comenta:

No final da visita da minha esposa eu fui usar drogas de novo, tive outra overdose, Deus me despertou noutro dia, quase meio dia. [...] e daí tinha um

³⁶² Entrevista com o privado de liberdade Davi, em resposta à pergunta: Quando o Senhor se tornou evangélico na PEJ? LAUXEN, 2018.

³⁶³ Entrevista com o privado de liberdade Davi, em resposta à pergunta: Quando o Senhor se tornou evangélico na PEJ? LAUXEN, 2018.

³⁶⁴ No caso aqui, “Macumbeira” é usada de forma pejorativa a pessoa do sexo feminino que é adepta e prática atos da “macumba”, facilmente identificada com o culto religioso de origem africana. Macumbeira também é um instrumento musical usado nas atividades religiosas de terreiros de ‘macumba’.

comparsa meu, fui tomar um banho e voltei e disse pra ele [...] que eu ia descer pros irmãos e quando desci minha esposa foi me vê na quarta-feira [...] então quando eu cheguei dentro da igreja, ali com os irmãos orando, jejuando, lendo a bíblia, dando glória a Deus e aleluia, clamando a Deus, vi que Jesus me levou pra luz porque era uma vida diferente.³⁶⁵

Sobre esta mudança, Davi comenta que começou a sentir algo diferente, um sentimento de alegria que nunca vivera antes. Conta que recebeu somente cinco visitas de sua esposa chegando a cancelar suas visitas do Sistema Penitenciário, mas que na terceira visita ele acredita ter sido batizado pelo Espírito Santo. Sobre isto, comenta que sentiu algo inexplicável que somente aqueles que tem Deus no coração de forma verdadeira sentem essa alegria. Sobre este momento, Davi relata:

Isso pra mim foi uma coisa que nem minha mãe, nem minha esposa, nem minha filha, nem meus irmãos, nem nada na terra, nem fora da terra, que é algo que eu sinto até hoje, que não tem como explicar, é só quem tem Ele, só quem tem Jesus verdadeiramente dentro de si e não consegue explicar, a alegria que a gente tem com Jesus dentro da gente, e ali eu comecei a ser liberto, como eu tive aquele baque assim, Deus me libertou e minha vida foi transformada como da noite pro dia, da água pro vinho.³⁶⁶

Davi manifesta, ainda, que antes de ser batizado prometeu a Deus que, se fosse do propósito de Deus, reaver seu relacionamento com sua esposa, ele iria manter-se abstinente do sexo até casar com a mesma. Foi então que Davi acredita que Deus começou a mudar seu interior, colocando um desejo de amar, sentimento este que até então não conhecia. O mesmo refere que sabia o que era paixão dizendo ser “uma coisa doida, louca” e que aprendeu a amar somente a Deus e o próximo como a si mesmo.

Davi relata que após dois meses, os dois reataram o relacionamento conjugal e que ficaram quase um ano sem manter relação sexual. O mesmo refere que acabou quebrando com a promessa, mas que Deus teve misericórdia e que acabaram casando dentro do presídio. Hoje em dia, Davi afirma sentir amor pela sua esposa entendendo este acontecimento como um presente de Deus: sentir amor por alguém. O mesmo sente-se grato por ter se convertido com sua esposa, dizendo que ela é dirigente do Circo Geração da igreja e do Coral. O apenado diz sentir-se muito feliz na casa onde ele mora com sua esposa e sua enteada, dizendo que sua filha já é casada e tem 24 anos de idade.

³⁶⁵ Entrevista com o privado de liberdade Davi, em resposta à pergunta: Quando o Senhor se tornou evangélico na PEJ? LAUXEN, 2018.

³⁶⁶ Entrevista com o privado de liberdade Davi, em resposta à pergunta: Quando o Senhor se tornou evangélico na PEJ? LAUXEN, 2018.

Ao longo da entrevista, Davi demonstra que seus valores estão alicerçados nos princípios divinos, apesar das dificuldades enfrentadas no dia-a-dia, dizendo que o mais importante não são os bens materiais e, sim, a Salvação de Deus, lembrando parábolas da Bíblia. Sobre isto, temos:

De lá pra cá venho seguindo, bem difícil, mas é bom, tem guerra, tem vale, tem deserto, tem luta, tem perseguição. Mas é bom, porque Jesus não disse assim: Oh! Vocês vão sentar, vão ter sombra, água fresca, bolachinha. Não! Ele disse: Oh! Pelo meu nome vocês vão ser perseguidos, injuriados, caluniados, apedrejados, presos e mortos. O mundo vai odiar vocês por causa do nome de Jesus. Então isso Jesus deixou pra nós, não é facilidade. Claro que os bens naturais vão vim ao natural. Uma coisa que a gente tem que trabalhar e a gente vai conquistar o que Deus tem pra nós, mas o mais importante irmã, não é o ouro e a prata, o mais importante é nós ter a salvação da nossa alma, é nós ter paz num mundo de guerra, de tribulações, mas ter paz, que a bíblia diz que mil cairão do teu lado e mil a tua direita, mas tu não vai ser atingido, então Jesus diz que no mundo tereis aflições mas seja bom homem. Jesus venceu e nós vamos vencer!³⁶⁷

Davi relata também, ter vivenciado uma ação de Deus em sua vida após ter orado para conseguir algo que desejava muito, que era conseguir pintar a cela onde está atualmente, no IPSL, de branco e azul, pois todo o presídio é pintado na cor cinza. Comenta que pediu autorização e ajuda para os administradores do presídio e que conseguiu o seu objetivo. Afirma não ter sido fácil conseguir isto, mas que Deus agiu e atendeu suas orações. Desta forma, Davi prova, também, sua postura seria correta ao abandonar aquele comportamento de mentiras e trapaçás. Sobre essa postura de ser cristão, Davi acredita que por estar nesta condição de ser fiel a Deus, precisa ser diferente dos demais, não só nas vestes, mas no falar e no agir, sendo capaz de transmitir o brilho de Jesus na sua nova vida.

Davi acrescenta dizendo que precisa chegar no lugar onde não tem Jesus com a intenção das pessoas verem a diferença, e sentirem a presença de Deus. Em relação as regras de convivência dentro da cela, Davi conta que chegou a explicar para um preso com as seguintes palavras:

Nessa cela tu não pode ter televisão, tu não usa droga, tu não matas, tu não rouba, tu não anda com palavras malditas que não convém. Palavra que não edifica não sai da tua boca, mas pode falar de Jesus, fala da família, fala coisa boa... se tu quiser assim, tu não usa bermuda, não usa boné, não anda sem camisa, daquela geral tu não pega nada e não dá nada, tem regra! Dez horas

³⁶⁷ Entrevista com o privado de liberdade Davi, em resposta à pergunta: Quando o Senhor se tornou evangélico na Penitenciária Estadual de Jacuí-PEJ? LAUXEN, 2018.

nós estamos na cama, tal hora nós vamos orar, se tu aceitar assim tu fica, se não... e não!³⁶⁸

Davi cumpre o regime semiaberto no IPSL e é membro da Igreja Assembleia de Deus. O mesmo costuma frequentar as atividades religiosas todos os dias da semana e comenta que sua participação nas atividades durante a reclusão, é cuidar dos presos - “o rebanho de Jesus” como um pastor, pois ele dirige o grupo, organiza as campanhas dividindo as tarefas entre os demais, pois cada um é responsável em organizar um dia de atividades. O apenado refere, ainda, que nas saídas temporárias, todos os envolvidos nesta missão religiosa dão continuidade na rotina fora do presídio e que todos os seguidores de Jesus devem ser o exemplo, o espelho, e que a fé deles deve estar em Jesus.

Ao ser interrogado sobre os seus planos ou projetos de vida após sair da prisão, Davi comenta que estará no regime aberto até o ano de 2020 e que confia em Deus dizendo ser um escolhido por Ele por ter sido libertado. O mesmo afirma que congrega na Assembleia de Deus e é um pregador agora. Acredita que tem uma missão, pelo fato de Jesus ter lhe dado “mais vida” na recuperação da overdose e que, por este motivo, precisa dar bom testemunho. Sobre isto, Davi complementa, ainda, dizendo que após sua liberdade, voltaria para fazer missão dentro dos presídios por ter o desejo de continuar a missão, não só com os presos, mas nos hospitais, com moradores de rua, profissionais do sexo, no sentido de levar Jesus para todos os menos favorecidos. O mesmo conclui dizendo que pretende frequentar a Igreja após o livramento condicional afirmando que nada mais o separa de Jesus e, conclui: “[...] meu desejo é pregar o Evangelho e, mais tarde, fazer um curso de Teologia. Meu projeto é trabalhar e servir os projetos de Deus e 2024 conseguir a liberdade condicional.”³⁶⁹ Davi explica também, que sempre recebeu ajuda de irmãos dos grupos religiosos que prestam assistência religiosa no IPSL, através do fornecimento de comida e dinheiro para pagar a luz da moradia de sua família.

Davi entende que “as igrejas, poderiam ter mais o desejo de vim dentro do Sistema. Deus me chamou para visitar o espaço e a vida daqueles que estão no cárcere. Ir pregar o evangelho a toda a criatura.”³⁷⁰ Esta fala traduz ainda a

³⁶⁸ Entrevista com o privado de liberdade Davi, em resposta à pergunta: Quando o Senhor se tornou evangélico na PEJ? LAUXEN, 2018.

³⁶⁹ Entrevista com o privado de liberdade Davi, em resposta à pergunta: Quais são seus planos ou seu projeto de vida para depois que sair da prisão? LAUXEN, 2018.

³⁷⁰ Entrevista com o privado de liberdade Davi, em resposta à pergunta: Você considera importante a assistência religiosa no tratamento penal? Por que? LAUXEN, 2018.

insuficiência das assistências religiosas oferecidas nos estabelecimentos prisionais, pois cita que nem todos têm oportunidade de cultivar nas religiões nas quais foram batizados ou congregavam anterior ao aprisionamento, como foi apresentado no capítulo 3.

Como sugestões de melhoria em relação a Assistência Religiosa no Serviço Penitenciário, Davi acredita que as pessoas precisam não só de ajuda espiritual, mas a garantia de sair da prisão com um trabalho, com uma oportunidade dizendo que isto faz muita diferença: “Tem muitos que não são religiosos, não tem religião, mas não querem estar mais no crime, falta a oportunidade.”³⁷¹ Além disso, o mesmo acredita que as Igrejas poderiam ter mais o desejo de atuar dentro do Sistema Penitenciário e pregar o Evangelho a todas às criaturas. Enfim, Davi finaliza dizendo que percebe muita rivalidade entre as Igrejas e acredita que elas deveriam se unir para atingir mais pessoas, com a proposta que todos servissem a Jesus, para fazer a obra de Deus juntos, sem julgamentos. Portanto, o apenado apoia a ideia de que cada um deve fazer sua parte e cuidar dos outros e finaliza com uma passagem bíblica: “Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais.” (Efésios 6, 12).

5.3.2 Relato de um egresso do sistema penitenciário sobre a influência da assistência religiosa no seu tratamento penal e reinserção social

Vanderlei é egresso do Sistema Penitenciário e tem 43 anos de idade. O mesmo esteve preso por quatro anos por motivo de furto e roubo, e relata que dentro do Sistema Penitenciário conheceu o Evangelho através de missionários que pregavam a Palavra de Deus. Vanderlei afirma que neste lugar, a prisão, passou a acreditar em Deus e a ver “saída” para a vida que estava levando.

Vanderlei relata que seus pais se separaram quando ele tinha seis anos de idade, sendo que ficou morando com o pai, sua madrasta e os dois filhos dela (1 ano e 4 anos) até os 14 anos de idade, depois saiu de casa. Ainda adolescente, abandonou os estudos e foi morar em Novo Hamburgo-RS com seus primos e tios, onde passou a trabalhar numa fábrica de calçados antes de ser preso. Vanderlei

³⁷¹ Entrevista com o privado de liberdade Vanderlei, em resposta à pergunta: Que sugestões você teria para melhorar a assistência religiosa no Serviço Penitenciário? LAUXEN, 2018.

afirma que foi nesta época que começou a ter contato com as drogas ilícitas, dizendo que se deixou levar pelas más influências e, começou a fazer escolhas erradas e negativas para a sua vida. Refere que tem bom relacionamento com suas irmãs e seus pais, embora tenha se afastado ainda muito jovem da convivência deles. As irmãs são formadas em Direito, dizendo que a mais nova é Promotora de Justiça. Conta que seu pai teve duas filhas com a nova esposa e sua mãe teve um casal de filhos com o novo relacionamento. Afirma ter bom relacionamento com seus sete irmãos, tanto as biológicas, os irmãos paternos, os maternos e enteados de seu pai.

Vanderlei reflete dizendo que a separação dos pais lhe causou um impacto muito forte em sua vida, relacionando a ausência do pai. Não os culpa, mas reflete que algumas deficiências como o baixo investimento na sua escolarização se deu pela não intervenção de um adulto na sua vida, dizendo:

Meu pai trabalhava e, às vezes, eu ficava com minha madrasta, ela com dois filhos... e eu fui indo pra rua, então com seis/sete anos eu já vendia picolé na rua, então eu já me criei cometendo pequenos delitos, eu já roubava garrafa e não fui educado, não fui corrigido, meu pai da maneira que ele pôde até os quatorze anos ele me criou e proveu pra mim alimentação e roupas.³⁷²

Vanderlei comenta que estudou até a sétima série do Ensino Fundamental, enquanto ainda morava com o pai, tendo sido reprovado na segunda série. Durante a adolescência, chegou a fazer um curso com certificação. Abandonou os estudos depois de um ano estudando a noite, porque trabalhava o dia todo na fábrica de calçados, e não se sentia em condições para continuar sua jornada até o final do dia. Relata que foi neste momento que começou a ter contato ainda mais com a maconha, cocaína e bebida alcoólica.

Morou com seus primos e com seu tio durante seis meses, e posteriormente foi morar de aluguel numa pensão, porém pelo desemprego e falta de dinheiro para pagar as dívidas, e manter o vício das drogas, passou a roubar, relatando ter sete registros na Delegacia de Polícia por pequenos furtos e roubos ainda quando era menor de idade. Aos 18 anos de idade, informa que se alistou no Quartel a pedido da avó, onde permaneceu durante dois anos, reduzindo seu consumo de drogas. Ao sair do Quartel, Vanderlei chegou a trabalhar na Empresa Copesul com carteira assinada, mas não conseguiu se manter por causa do uso das drogas, passando a se envolver

³⁷² Entrevista com o privado de liberdade Vanderlei, em resposta à pergunta: Quando os pais se separaram, você continuou recebendo assistência deles? LAUXEN, 2018.

ainda mais com o crime para a manutenção do vício, o levando ainda no início da sua juventude a prisão.

Vanderlei relata que no início da prisão, quando cumpria pena no Presídio Central, as condições eram as piores, porque não recebia visita dos pais por causa da distância onde moravam, conseqüentemente, só recebia materiais de higiene e comida do estabelecimento prisional, o que para ele era escasso e de baixa qualidade. Sobre isto, Vanderlei explica, dizendo:

Eu fiquei bastante debilitado, material eu não tive nada [...] eu vivia igual um mendigo e naquela época a comida do central era muito ruim, daí tu comia ela e logo depois já estava com fome de novo, então o recurso que a gente fazia, arrumava uma cebolinha, um tempero e refogava e fazia com azeite e dava uma melhorada, então foi um período assim... uma experiência bem forte pra minha vida aquilo ali, porque ali dentro do sistema eu passei bastante frio, passei fome, isso pra mim foi uma escola, porque graças a Deus eu consigo valorizar o que eu tenho, porque eu já sei o que é não ter.³⁷³

Quando questionado sobre qual seria sua concepção sobre a importância de Deus durante o aprisionamento, Vanderlei relata que ia à Igreja quando criança, mas que não tivera uma experiência de fé dizendo que, nesta época, ele não tinha fé em Deus porque só ia na Igreja porque seu pai o levava. Ele comenta que quando saiu da casa do pai aos 14 anos, começou a fazer o que ele achava que era bom, entrando na drogadição e no crime, conseqüentemente sendo preso no Sistema Prisional. Relata a experiência que tivera na prisão, em que foi protegido da morte:

Num dia, eu tive uma experiência que eu chamo de sobrenatural, eu vi dentro daquela cela da galeria, primeira do B de onde eu estava, uma pessoa possesora de um demônio [...] que é o demônio da morte, e eu vendo aquela pessoa ali toda retorcida, eu nunca tinha visto aquilo ali, porque a minha experiência até então era com o crime, com droga [...] e naquela noite aqueles líderes ali da galeria, eles por ordem daquele demônio, mandaram que todos saíssem daquela cela, que aquele demônio ia caminhar no nosso meio e ele ia identificar a pessoa que tinha delatado a tentativa de fuga. Então aquele demônio começou a caminhar pelo nosso meio, e a cada vez que aquele demônio passava por mim as minhas pernas começaram a tremer, começou assim... eu comecei a sentir algo que não era desse mundo, não era normal sabe, parece algo que queria me dominar, aí passou uma vez, passou duas e eu vi que aquele demônio já com outra pessoa também incorporada, ele dizia que iria derrubar o delator, ele dizia: eu vou derrubar o safado, que era a pessoa que tinha delatado, e eu vi que aquele demônio ia me derrubar, e se aquele demônio me derruba, naquela noite eles me matavam ali, com certeza, eles iam me enforcar. [...] Então eu tenho convicção que Deus me livrou da morte naquele dia sabe, então na terceira vez que ele veio com força e vi que não ia me segurar em pé, eu lembrei do que meu pai dizia 'pra trás

³⁷³ Entrevista com o privado de liberdade Vanderlei, em resposta à pergunta: Durante a prisão tinha materiais pessoais, roupas... ou ficou muito debilitado? LAUXEN, 2018.

de mim satanás' e nesse momento já não teve nenhuma influência mais sobre mim aquela ação maligna entendeu?³⁷⁴

Enfim, Vanderlei segue dizendo como aconteceu sua conversão:

Então naquela noite eu pensei comigo, se existe esse demônio que eu senti, que é algo sobrenatural, então Deus existe também. Então daquele dia nasceu algo no meu coração que eu costumo testemunhar que é a fé, que aí eu passei a acreditar que realmente existe Deus e Diabo, existe céu e inferno. Então eu comecei a dar crédito pra Palavra de Deus, então eu comecei a ouvir o Evangelho com mais atenção, mais temor e foi um marco na minha fé porque dali em diante eu comecei a conhecer o poder de Deus.³⁷⁵

Vanderlei reforça que permaneceu dois anos e três meses preso no regime fechado e não conseguia se libertar da vida que levava, de pensamento no crime e na drogadição, até ser convertido. Afirma que passou a entender que o que estava fazendo de sua vida o estava prejudicando, em suas palavras: “estava me levando cada vez mais para o fundo do poço, só que não tinha forças pra sair.”³⁷⁶ Então seu apego com Deus e os ensinamentos apreendidos através da palavra levada pelos grupos religiosos na prestação da assistência religiosa dentro do presídio passaram a lhe ajudar.

Embora Vanderlei já se considerasse um homem temente a Deus, se declarou convertido após sua progressão para o regime semiaberto, dentro do Presídio de São Luiz Gonzaga, onde passou a receber assistência religiosa mais efetivamente. Relata que pertence a Igreja Assembleia de Deus, e considera ter sido muito importante receber este tipo de assistência ao longo de sua reclusão. Relembra que participava das celebrações que eram oferecidas no Estabelecimento Prisional, tanto da igreja na qual era batizado como de uma outra que não era filiado, mas que simpatiza. Sobre a sua experiência inicial com o Evangelho, ele diz:

Eu comecei a ver no Evangelho uma mudança de conseguir me libertar daquela situação que eu estava enfrentando que era a reclusão e que eu tinha muito medo. Tanto que eu quando sai do Sistema Carcerário eu procurei ir pro lado do meu pai, porque meu pai é Presbítero da Igreja, pra que ele me auxiliasse, me orientando pela Palavra, me ajudando e aconselhando, pra que eu não voltasse às más companhias que eu tinha e consequentemente voltasse a praticar crimes e retornasse novamente pra dentro do Sistema que

³⁷⁴ Entrevista com o privado de liberdade Vanderlei, em resposta à pergunta: Como foi para mudar a concepção sobre a importância deus através da religião enquanto estava preso? LAUXEN, 2018.

³⁷⁵ Entrevista com o privado de liberdade Vanderlei, em resposta à pergunta: Como foi para mudar a concepção sobre a importância deus através da religião enquanto estava preso? LAUXEN, 2018.

³⁷⁶ Entrevista com o privado de liberdade Vanderlei, em resposta à pergunta: Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação dos presos? Por quê? LAUXEN, 2018.

é o que a gente como recluso via que as pessoas não conseguiam se manter livres, alguns saíam e dava um período e eles regressavam.³⁷⁷

Após a progressão de Vanderlei para o regime aberto, relata que voltou a morar com seu pai, que é presbítero da Igreja Assembleia de Deus, e na igreja segundo ele: “eu em Deus busquei forças pela fé pra me desvencilhar daquela situação que eu estava vivendo, e se não fosse isso, eu não teria conseguido. Eu não teria tido forças pra abandonar o vício tudo aquilo que eu vivi.”³⁷⁸ Sobre o desejo de ter um projeto de vida ainda dentro da prisão, Vanderlei refere que tinha, mas que, ao mesmo tempo, sentia receio de não conseguir. O mesmo relata que tinha o desejo de retomar sua vida, suas atividades e conquistar um trabalho, mas temia o preconceito da sociedade. Afirma que foi com o conhecimento do Evangelho que teve a ideia de constituir uma família, de ter “uma vida moral correta e restituída perante a sociedade”.³⁷⁹ Vanderlei acrescenta que tinha um entendimento deturpado sobre a vida e pouca consciência dos valores que precisava ter, hoje entendidos por ele como sendo a base de tudo.

Atualmente Vanderlei é casado e tem dois filhos. Sua fonte de sustento familiar é mantida através de uma microempresa de móveis planejados de sua propriedade, conquistada através da sua profissão de marceneiro, apreendida quando ainda estava no regime semiaberto, após uma oportunidade de carta de emprego em uma marcenaria da cidade. Sobre sua vida familiar, ele diz:

Eu constituí família após já estar livre e servindo a Deus, congregando, aí eu conheci a minha esposa dentro de uma igreja, minha esposa é filha de casal cristão e eu sem conhecer o Evangelho eu tinha meus relacionamentos fora do casamento, então quando eu conheci o Evangelho, conheci a palavra de Deus, eu entendi que eu precisava me casar, que eu precisava construir uma família, e foi com princípios que eu aprendi já educado na palavra de Deus, que eu casei com a minha esposa, a gente já está casado há quinze anos, casamos em 2004, e tenho um filho de doze anos, uma filha de oito anos, graças a Deus estamos bem, cada vez melhor.³⁸⁰

Vanderlei afirma, que com toda experiência de vida que passou, busca dar a melhor educação aos seus filhos, mais do que tinha recebido na sua infância e

³⁷⁷ Entrevista com o privado de liberdade Vanderlei, em resposta à pergunta: A partir de que momento o senhor começou a frequentar as atividades religiosas durante o aprisionamento? LAUXEN, 2018.

³⁷⁸ Entrevista com o privado de liberdade Vanderlei, em resposta à pergunta: Descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no instituto penal? LAUXEN, 2018.

³⁷⁹ Entrevista com o privado de liberdade Vanderlei, em resposta à pergunta: O senhor conseguiu traçar um projeto de vida dentro do instituto penal? LAUXEN, 2018.

³⁸⁰ Entrevista com o privado de liberdade Vanderlei, em resposta à pergunta: Quando constituiu família? LAUXEN, 2018.

adolescência, pois refere que passou a agir de maneira diferente com relação ao seu pai no período de sua infância, por acreditar que a base de uma boa estrutura é a educação e a presença. O mesmo salienta que vê seus irmãos que tiveram a oportunidade de ter uma melhor educação e que não passaram pelo o que ele passou.

Vanderlei lembra, que durante o aprisionamento no regime fechado recebeu visita de um padre e algumas visitas de seus pais. No regime semiaberto teve mais contato com a assistência religiosa. Refere que teve a segunda via de seus documentos pessoais emitidas, pois tinha perdido todos, sendo que este ano, foi a primeira vez que votou após sua saída da prisão, informando ter tido muita dificuldade para regularizar seus documentos pendentes. Hoje em dia, considera seu pai, que veio do interior para morar perto dele, e alguns primos e amigos que lhe deram as primeiras oportunidades de trabalho, como as pessoas mais próximas a ele, destacando a família constituída (esposa, filho e filha), como as pessoas mais importantes da sua vida.

Vanderlei declara, ainda, a vontade de terminar os estudos, afirmando que tentou iniciar um curso técnico de Teologia numa faculdade, mas acabou cancelando por não ser reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC). Atualmente, está se preparando para as provas do Exame Nacional para Certificação de Competência de Jovens e Adultos (ENCEJA), a fim de concluir o ensino médio e poder entrar em uma faculdade. Ele relata também a sua vontade em prosseguir seu trabalho voluntário de assistência aos presos, pois vê esperança naquelas pessoas. Além de fazer parte de uma Organização Não Governamental (ONG), onde é um dos fundadores, que tem como objetivo prestar assistência social às pessoas carentes, através da vinculação com a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Congregação Veneza, na qual é presbítero e coordena o grupo religioso de assistência religiosa no IPSL.

Contudo, Vanderlei remete a sua positiva reinserção social, grande mérito a sua vinculação com a igreja durante e após a reclusão, pois acredita que se não tivesse conhecido de verdade a palavra de Deus enquanto estava preso, talvez não tivesse conseguido superar a condição de prisão e crime, pois foi esta experiência que o resgatou para seus valores pessoais, apreendidos ainda na sua infância com seus pais e o fez voltar para sua família e para sua igreja para buscar refúgio e alicerce no seu recomeço após o cumprimento da sua pena e seu retorno para a sociedade. A acolhida da sua igreja após a reclusão foi muito significativa para seu fortalecimento e protagonismo no meio social. A sua história hoje reanima outros jovens e pessoas

privadas de liberdade que passam pelo que Vanderlei passou um dia, quando ele mesmo esteve recluso.

Por fim, as histórias de Davi e Vanderlei confirmam os aspectos mais relevantes trazidos na pesquisa, a importância da assistência religiosa no tratamento penal e sua contribuição no processo de ressocialização e reinserção de pessoas privadas de liberdade. Para cada qual, a religião dentro da prisão foi relevante nas suas vidas, tirando-os do crime e passando a construção de uma nova perspectiva de vida, através da sua conversão. A semelhança entre os dois é que ambos são batizados na Igreja Assembleia de Deus e realizam o trabalho de assistência religiosa nas prisões, Davi enquanto preso ainda, diante da “cela 8”, chamada de ‘igreja pelos privados de liberdade’, “irmãos” que se converteram e perseveraram durante a reclusão no IPSL; e Vanderlei, integrando o grupo da congregação Veneza, que presta assistência religiosa semanal no IPSL aos privados de liberdade.

6 CONCLUSÃO

O universo penitenciário, por sua natureza, pode apresentar um ambiente de hostilidade, sofrimento humano, conflitos interpessoais e impactos dos limites institucionais para uma convivência de bem viver. Estando a Pessoa Privada de sua Liberdade (PPL), não é demais lembrar que, mesmo recolhida à prisão, esta não deixa de ser sujeito de direitos, especialmente sob sua condição física. Para tanto, é importante pesquisar o efetivo tratamento a pessoa presa frente às suas necessidades, inclusive espirituais e religiosas, e às políticas propostas a essa demanda social, considerando que o desenvolvimento humano pleno e saudável é um direito do indivíduo, não obstante esteja preso ou livre.

Privados de liberdade, não de direitos! Assim, inicia-se a revisão de tudo que foi refletido nesta tese acerca do estudo de caso sobre as contribuições da assistência religiosa no Instituto Penal de São Leopoldo-IPSL e as repercussões no tratamento penal e na vida dos privados de liberdade daquele estabelecimento prisional. A pesquisa buscou, ao longo dos estudos e investigações, desvelar como os grupos religiosos tem desenvolvido a proposta de assistência religiosa no contexto prisional e suas percepções, diante da gestão e administração penitenciária e dos privados de liberdade, quanto da efetividade desta assistência como um direito.

Inicialmente, a pesquisa se ocupou de responder alguns questionamentos, que possibilitaram a problematização do assunto. Dentre eles, o de responder como tem se dado a *operacionalização da assistência religiosa* no e o trato com a *dimensão da espiritualidade humana no processo de ressocialização*, especialmente no Instituto Penal de São Leopoldo, informações coletadas através do estudo de caso realizado dentro do IPSL. Neste íterim, se problematizou, de forma introdutória, o *conceito de ressocialização proposto pela política penitenciária nacional* e a proposta de tratamento penal como um modelo inovador de humanização das prisões, porém em crise. A *importância da assistência religiosa na atenção integral as pessoas privadas de liberdade* surgem como necessária, considerando o reconhecimento da dimensão religiosa e espiritual do ser humano, respondendo a estes conceitos. A assistência religiosa as pessoas privadas de liberdade, prevista na Lei de Execução Penal (LEP) e nas

políticas penitenciárias como um direito, tem sido efetivada, porém com várias intempéries que necessitam ser retomadas pela gestão.

Sobre a **operacionalização da assistência religiosa nas prisões** gaúchas, constatou-se que entre as maiores dificuldades encontradas pelos grupos religiosos para a plena efetivação de suas atividades estão a falta de espaço físico adequado para a realização das atividades religiosas, que permita ações coletivas e ecumênicas, a burocratização no credenciamento de visitas, a ausência de uma regulamentação específica para a entrada de grupos religiosos que padronize o serviço, um setor voltado especificamente para as demandas de assistência religiosa no Estado, a falta de legitimidade da assistência religiosa junto a Instituição SUSEPE e logo, junto aos servidores penitenciários e estabelecimentos prisionais, que por vezes não compreendem o fundamento da prestação deste serviço, não dando a devida importância a implementação, monitoramento e avaliação dos resultados e impactos da assistência religiosa no processo de tratamento penal.

Sobre o **trato com a dimensão da espiritualidade humana no processo de ressocialização** - essa dimensão não aparece no programa de Tratamento Penal da SUSEPE, não explicitamente como uma dimensão a ser considerada. Entretanto, são os grupos religiosos que se ocupam do cuidado e da atenção à dimensão da espiritualidade das pessoas privadas de liberdade, através da oferta de assistência religiosa aos mesmos. Porém, observou-se que a religiosidade sobrepõe uma proposta de cuidado com a dimensão da espiritualidade humana, pois ficou evidente uma prática baseada mais na doutrina religiosa de cada igreja e menos no diálogo interreligioso para a busca de um resultado em comum. A hipótese que considerou a assistência religiosa como via de exercício de uma espiritualidade, durante o tratamento penal, timidamente confirmou-se, sendo vista pela grande maioria dos envolvidos no estudo como importante no processo de tratamento penal e também na reinserção social dos privados de liberdade.

Quando investigado se a dimensão da espiritualidade humana tem sido considerada no tratamento penal, não foi possível identificar no bojo dos documentos de gestão do sistema penitenciário algum projeto ou programa voltado especificamente a esta dimensão, a não ser a prestação da assistência religiosa como forma de manifestação de uma espiritualidade pelos privados de liberdade. A assistência religiosa e assistência espiritual aparecem como sinônimos no cuidado a

estes indivíduos no tratamento penal, porém não se pode confundir religiosidade com espiritualidade, pois cada uma carrega em si seus predicados. Pensar em uma assistência espiritual para além da assistência religiosa poderia contribuir para a superação de diálogos fundamentalistas ainda muito presentes na sociedade, inclusive dentro do sistema prisional. Seria superar esta lacuna, onde a igreja deixou de desenvolver a dimensão espiritual se ocupando de um fundamentalismo religioso que geralmente se esgota em pregações doutrinárias, ações assistencialistas e práticas proselitistas que mais segregam do que unem. Pensar em um desenvolvimento espiritual e humano é resgatar a ideia de essência, amor e vida em abundância.

O referencial teórico levantado ao longo da pesquisa permitiu retomar o cenário e a situação do Sistema Prisional Brasileiro e a partir do recorte realizado no Estudo de Caso realizado no regime semiaberto do Instituto Penal de São Leopoldo, permitiu aproximação ainda mais de uma realidade rígida, mas frágil, tratando-se da ***perspectiva de “ressocialização”*** criticada pelos sociólogos, desconstruída timidamente, mas ainda muito presente na concepção do sistema penitenciário como um todo.

O sistema penitenciário tem entre suas principais funções a ressocialização dos privados de liberdade, ou seja, o investimento em políticas penitenciárias que promovam a reinserção destes na sociedade de forma eficaz e de modo a prevenir a ocorrência de novos crimes. Porém, diante das questões trazidas pelo referencial teórico sobre o cenário penitenciário brasileiro, essas apontam que a pena privativa de liberdade não tem conseguido cumprir com seus princípios de acordo com o ideal, ou seja, a atenção integral, fragilizando esta ideia de ressocialização. Assim, a maioria dos egressos, ao sair das entidades prisionais, não consegue se reinserir na sociedade de forma eficaz e acaba voltando a praticar novas infrações penais, e, desta forma, contribuindo para a ineficácia da pena privativa de liberdade como meio de ressocializar o indivíduo, assim também como o esgotamento do próprio termo ressocialização.

Deste modo, o termo “atenção integral as pessoas privadas de liberdade”, começa a ser pensado como forma de humanização do cuidado a este grupo populacional, podendo vir a superar o termo ressocialização ainda muito utilizado no vocabulário dos servidores penitenciários, grupos religiosos e privados de liberdade e logo também o termo tratamento penal, que aparece constantemente no texto como

o modelo atual do sistema penitenciário, questionado pela subcomissão para análise do tratamento penal no sistema penitenciário do Rio Grande do Sul. É entendido que a adesão do termo “atenção integral à pessoa privada de liberdade” seja uma boa proposição, entretanto, não se localizou nele, no contexto das reflexões realizadas sobre as assistências ofertadas as pessoas privadas de liberdade, referência a assistência religiosa e a dimensão da espiritualidade humana no universo de garantias de direitos.

A importância da assistência religiosa na atenção integral as pessoas privadas de liberdade, foi atestada mediante as informações coletadas nos questionários respondidos pelos privados de liberdade e pelas entrevistas com o administrador do IPSL e representantes das denominações religiosas credenciadas no IPSL. Muitos benefícios foram atestados ao longo da pesquisa empírica advindos da assistência religiosa, como a redução dos índices de violência carcerária, deixando o ambiente prisional mais tranquilo e harmonioso, diminuindo as tensões, podendo repercutir na redução de fugas e rebeliões, nas infrações disciplinares, assim como na construção de novos projetos de vida que auxiliam na reinserção social. Alguns grupos religiosos, como os da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e Assembleia de Deus, também realizam ações de apoio ao egresso, dando suporte aos mesmos após a saída da prisão. Estes benefícios foram atestados tanto pela revisão bibliográfica quanto pela pesquisa empírica, estudo de caso. Também é muito comum que os grupos religiosos sejam solicitados pelos presos no apoio à assistência a família, que quase sempre está relacionada à assistência material, tanto delas quanto deles no interior da prisão, pois nem sempre o Estado dá conta de assisti-los com as necessidades básicas materiais, como vestuário e materiais de higiene pessoal.

A discussão sobre a assistência religiosa e a presença das tradições religiosas dentro das prisões gaúchas tem ganhado enfoque, como demonstrado no relatório final da Comissão Especial para tratar da função social das igrejas nos presídios e centros de recuperação de drogadição, criada pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, o qual apontou também questões pertinentes a esta temática, seja nos maiores entraves ou também na importância deste trabalho nas prisões, por considerarem ser parte integrante do processo de ressocialização proposto pelo sistema prisional, reforçando tal importância.

Para o administrador do IPSL há uma necessidade de padronização no regulamento de visita atual da SUSEPE, respeitando as peculiaridades dos regimes fechado e semiaberto, pois considera que são regimes que possuem rotinas e estrutura física diferentes. Contudo, sugere que cada estabelecimento prisional, pautado da regulamentação geral, possam emitir uma ordem de serviço interna regulamentando, orientando e organizando a assistência religiosa conforme as particularidades de cada unidade, pois uma normativa única poderia continuar entravando a garantia de melhor assistência religiosa nos estabelecimentos prisionais gaúchos. Além disto, aponta que especificamente no caso do IPSL, a aquisição de mais servidores penitenciários, ajudaria na movimentação dos privados de liberdade para participarem com maior frequência nas atividades, incluindo as religiosas.

Para o representante da IURD nas prisões, os grupos religiosos sentem-se sozinhos, pouco assessorados pela SUSEPE, reforçando a importância de criação ou manutenção de um departamento de assistência religiosa, pois elucida que existe um fluxo significativo de grupos religiosos realizando diversas atividades nos estabelecimentos prisionais do Estado, porém, com baixa gerência e monitoramento dos resultados deste trabalho. Pensa também na necessidade de dar maior atenção ao atendimento às pessoas que, voluntariamente, através dos grupos religiosos, cuidam da dimensão religiosa e espiritual das pessoas privadas de liberdade.

Para o representante da Igreja Assembleia de Deus, a revisão da portaria de visitas poderia ser uma solução aos entraves do processo de credenciamento, auxiliando consideravelmente a melhor organização e legitimação das denominações religiosas. A destinação de um espaço físico adequado para a realização das atividades religiosas permitiria a participação de um maior grupo de privados de liberdade e também a possibilidade de realização de ações conjuntas entre as denominações religiosas que atendem aquele estabelecimento prisional.

A Pastoral carcerária, por outro lado, através de seu representante, vê a necessidade de investimentos da Igreja católica na formação da equipe de voluntários e capacitação de seus agentes pastorais, pois entende que precisam ser mais atuantes e também abordar outros aspectos da vida da pessoa privada de liberdade, seja contribuindo no resgate dos vínculos familiares, no apoio material quando necessário e na sensibilização da comunidade. Considera a importante necessidade de a comunidade olhar para o sistema penitenciário e também se comprometer com

o processo de ressocialização e reinserção social dos privados de liberdade, com vistas a efetivação de uma política de desencarceramento, do combate à tortura, preservação de direitos humanos, promoção de justiça restaurativa e acompanhamento dos privados de liberdade e suas famílias, questões estas previstas na missão da pastoral carcerária.

Os seminaristas, representantes da IELB acreditam que seria importante investimentos em uma melhor infraestrutura para receber as atividades dos grupos religiosos. Um espaço adequado e específico para este fim não aparece no projeto de edificação deste estabelecimento prisional. Não existir uma Capela Ecumênica ou um espaço multiuso para as atividades de assistência religiosa, seria o mesmo que não ter um consultório médico para assistência a saúde ou uma sala de atendimentos para a assistência psicossocial ou jurídica, contradizendo a proposta de ressocialização e de humanização do sistema penitenciário, logo fragilizando o tratamento penal.

A superlotação é impossível de não acontecer, já que não há presídios suficientes nos municípios para a quantidade de pessoas presas. O Estado por sua vez, tenta realizar, na prisão, durante o cumprimento da pena, tudo quanto deveria ter proporcionado ao cidadão, em época oportuna e deixou de fazê-lo. Remediar custa mais caro, no entanto, o Estado aprisiona para responder a sociedade, e repete por vezes a mesma ineficácia quando aquele indivíduo era livre, fazendo com que o sistema penitenciário se fragilize, expondo os seus aprisionados as facções criminosas que recrutam e reproduzem novos criminosos, talvez mais nocivos a sociedade.

Geralmente, o sistema penitenciário está mais voltado para a custódia e a segurança, priorizando a construção de celas para atender o aumento da população carcerária, deixando de investir em espaços de atendimento integral para o devido tratamento penal deste grupo populacional. Outra necessidade, apontada por eles, seria fomentar a melhor relação entre os grupos de todas as denominações religiosas credenciadas no IPSL, para passarem a ter um diálogo entre si, trocando suas experiências e também resultados dos seus trabalhos, assim possibilitando a revisão de suas atividades e também o trabalho integrado, permitindo uma devolutiva a equipe técnica e a administração do estabelecimento prisional, sobre aspectos que identificam em suas intervenções e que refletem no tratamento penal. Contudo, a gestão penitenciária, quase sempre, está voltada mais para demandas relativas à segurança e disciplina penitenciária, porém cabe também a ela o gerenciamento

harmonioso das garantias de direitos as/os privadas/os de liberdade previstas nas políticas penitenciárias.

Não se pode negar que a gestão do sistema prisional é responsabilidade estatal, portanto, o Estado tem o dever de avaliar se o serviço de assistência religiosa prestado pelas igrejas é compatível com as normas deste serviço público. Caso seja, o Estado pode autorizar e fiscalizar os serviços das pastorais nas instituições de internação compulsória. Assim, ocorre nos sistemas educacionais e de saúde. No caso do sistema prisional a segurança é imprescindível, razão pela qual a igreja precisa reconhecer que não está imune à infiltração pelo crime organizado, portanto, para sua proteção, os agentes de pastoral precisam se submeter ao rígido controle de ingresso.

A igreja é uma organização da sociedade civil, formada por filiados em exercício da sua liberdade de crença, os quais concebem sua igreja como instituição divina, porém esta não é superior ao Estado. A eclesiologia³⁸¹ moderna aceita que as igrejas se subordinem ao estado democrático de direito que o regime republicano registra como instituições de direito privado. Pensando nisso, pode-se compreender que o Estado pode estabelecer um diálogo com a sociedade civil, partindo do pressuposto que o sistema prisional não consegue esgotar suas demandas sozinho, as quais são também de responsabilidade de toda sociedade. Estabelecer parceria com as Igrejas, através dos grupos religiosos e por meio deles, a sociedade que se voluntária para este serviço, é poder vislumbrar a possibilidade de tratamento penal integralizado e eficaz, pois todos estariam envolvidos e se sentindo responsáveis em responder as suas próprias demandas: de cidades sem violência e sem criminalidade.

Por fim, esta pesquisa ousou elencar algumas sugestões que podem auxiliar a gestão penitenciária na concepção de uma nova identidade a assistência religiosa no tratamento penal, evoluindo para a concepção de atenção integral as pessoas privadas de liberdade, de modo a legitimar um trabalho presente há muitos anos no contexto prisional, mas pouco referenciado. Dentre inúmeras contribuições, as perspectivas de efetivação da assistência religiosa, apresentadas pelas entrevistas ao

³⁸¹ Está relacionado ao estudo dos ensinamentos da história da bíblia, as práticas da igreja, seu papel social e sua forma de se relacionar com o mundo. Segundo o Dicionário on-line de português, trata-se da história da igreja. Estudo das doutrinas de uma ou mais igrejas. Disponível em <http://www.dicio.com.br>. Acesso em: 10 out. 2018.

longo do estudo de caso, apontam para duas grandes proposições, que fundamentariam as sugestões dadas pelos envolvidos na pesquisa. Entre elas estariam a formação de um grupo de estudo para a elaboração de um novo documento institucional que regulamentasse a entrada de grupos religiosos nos estabelecimentos prisionais do Rio Grande do Sul, aos moldes do que prevê a Portaria de visita para Grupos Religiosos e Grupos de Apoio nos estabelecimentos prisionais do Estado do Pará, a qual possui regulamentação específica para esta matéria, preservando as especificidades regionais, perfil e natureza do modelo de intervenção junto aos privados de liberdade do Estado do Rio Grande Sul.

Outra proposição pertinente seria a efetivação de um projeto de Capelania Prisional, já previsto pela gestão anterior da 1ª Delegacia Penitenciária Regional, onde dois Agentes Penitenciários, ambos pastores da Igreja Assembleia de Deus, elaboraram um esboço, pensando em contribuir nesta temática, considerada por eles ainda frágil no contexto prisional. Este projeto estaria ligado a divisão de desenvolvimento humano do Departamento de Tratamento Penal, o qual seria coordenado por um profissional Teólogo ou Servidor Penitenciário habilitado, visando a organização e a sistematização da operacionalidade das denominações religiosas, através dos seus grupos religiosos nos estabelecimentos prisionais do Estado e os preceitos fundamentais da perspectiva da assistência religiosa como um direito e também voltado aos cuidados direcionados a dimensão da espiritualidade humana, se debruçando nesta matéria que emerge aprofundamentos.

Assim, teríamos contemplado todas as dimensões humanas no bojo do tratamento penal, garantindo então uma atenção integral às pessoas privadas de liberdade. Um sugestão seria aprofundar a proposta de Capelania Prisional a Lei nº 6.923/1981, que criou o Serviço de Assistência Religiosa nas Forças Armadas. O art. 18 prevê que os Capelães militares sejam servidores públicos concursados, com “formação teológica regular de nível universitário, reconhecido pela autoridade eclesiástica de sua religião”.³⁸²

As proposições citadas acima aparecem apenas como sugestões com base nesse estudo, a partir das prerrogativas levantadas junto aos entrevistados da pesquisa, representantes dos grupos religiosos e administrador do Instituto Penal de

³⁸² BRASIL. **Lei no 6.923, de 29 de junho de 1981**. Dispõe sobre o Serviço de Assistência Religiosa nas Forças Armadas. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6923compilado.htm>. Acesso em: 10 nov. 2018.

São Leopoldo. Todavia, esta pesquisa enfatiza que quaisquer princípios podem ser formulados somente por meio das pessoas envolvidas, observando as peculiaridades de cada organização.

Enquanto Assistente Social e servidora do Sistema Penitenciário há mais de dez anos, pude constatar através desta pesquisa, tantas outras trazidas no referencial teórico e da própria experiência profissional, que a maioria das pessoas privadas de liberdade possuem o direito a religiosidade garantida, percebendo a grande valia desta no período de reclusão e na somatória de assistências recebidas no bojo do tratamento penal integral, refletindo automaticamente na mudança de hábitos, pensamentos e comportamentos na prisão e nas relações com as demais pessoas ao voltar a se relacionar com o meio externo. Fica constatado, neste grupo específico, que pessoas que tem acesso a assistência religiosa têm mais chances de refletir sobre sua condição de aprisionamento, reconhecer seus direitos assegurados e ressignificar novos caminhos e atitudes com maior atenção e eficácia.

Em outras palavras, cabe ao Estado a promoção de políticas públicas voltadas para os diversos segmentos, bem como a elaboração de normas jurídicas dirigidas à efetivação da igualdade de oportunidades para as pessoas privadas de liberdade. Os cuidados com esta pauta devem obrigatoriamente se estender aos estabelecimentos prisionais, notadamente quando essas pessoas se veem expostas ao cumprimento de penas, pois a pessoa reclusa deve ser vista obrigatoriamente como um indivíduo cujos direitos humanos não podem ser esquecidos, e que mesmo privado da sua liberdade não podem ser negligenciados em todas suas dimensões física, psicológica, social e espiritual, superando o olhar fragmentado de ser humano. Não se pode negar que ao longo da história o sistema penitenciário demonstrou grandes avanços, apresentando uma nova visão em contraposto a ideia de reclusão dos tempos passados, que priorizada a punição. Pode-se afirmar que muitas contribuições formaram novas concepções de tratamento penal, possibilitando a revisão de novas posturas na atenção integral dos privados de liberdade.

A sociedade precisa superar a visão de aprisionamento puro e simples como política de segurança, pois assim não se alcança jamais a efetividade das políticas necessária para o desenvolvimento humano do aprisionado. Avanços desta natureza possibilitam mudanças precisas que irão refletir no sistema penitenciário, na segurança pública e na sociedade.

A forma de tratamento faz grande diferença, portanto considerar o princípio da garantia de direitos humanos e de uma atenção integral aos privados de liberdade, que atender todas as dimensões do humano é demonstrar uma breve possibilidade que o método funciona, pois como diria: “Trate as pessoas como lixo e elas serão lixo. Trate-as como seres humanos e elas se comportarão como seres humanos.”³⁸³ Em suma, o que a conjuntura atual da realidade do sistema penitenciário e da cultura do aprisionamento tem a ensinar é que precisa-se superar a ideia contrária do senso comum, que constantemente afirma que: “bandido bom é bandido morto”, optando pelos investimentos possíveis na humanização do sistema penitenciário e por seguinte no cumprimento da pena privativa de liberdade, para que fato possamos alcançar a sonhada redução dos índices de criminalidade e a utópica ideia de desencarceramento no Brasil.

Assim, a presente pesquisa não pretendeu ser exaustiva ou se esgotar em si, mas se ocupou de retomar os estudos nesta temática para contribuir na fundamentação de propostas que possam qualificar a oferta do serviço de assistência religiosa nos estabelecimentos prisionais, especialmente do Estado do Rio Grande do Sul onde atuo profissionalmente, levando a refletir sobre sua significância, o papel social da igreja, as mudanças ocorridas na história do sistema prisional e sua relação com ele, as crises enfrentadas, a relação com outras denominações religiosas cristãs e não cristãs e sua forma de governo eclesiástico, e assim seu lugar no escopo do tratamento penal, já que está previsto no bojo das garantias de direitos as pessoas privadas de liberdade. Portanto, possui tal importância.

A pesquisa pretendeu trazer subsídios para novos questionamentos teórico-metodológicos sobre a assistência religiosa no sistema prisional e auxiliar na pauta de reflexões práticas sobre como está acontecendo a assistência religiosa em um determinado estabelecimento prisional e quais as repercussões neste contexto e com os indivíduos envolvidos. Ao mesmo tempo, acredita-se que esta pesquisa, de alguma forma, pode contribuir no processo de construção de novos saberes, trazer reflexões sobre resultados de estudos de áreas afins e poder ser útil não somente para os setores do Estado que são responsáveis em promover a garantia deste direito, assim como para aqueles que a recebem ou tem a vontade de receber e que por algum fator

³⁸³ DREISINGER, Baz. **A Noruega prova que tratar presos como seres humanos realmente funciona.** Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2017/03/28/a-noruega-prova-que-tratar-presos-como-seres-humanos-realmentef_a_22016014/>. Acesso em: 01 nov. 2018.

não o acessam. Assim, também se demonstra importante para as representações dos grupos religiosos, que podem começar a vislumbrar o resultado do seu trabalho, que o veem como missão, sendo exitoso e legitimado no espaço público, permitindo o apontamento de indicadores relacionados à assistência religiosa prisional, observando-se e buscando superação de uma burocracia estatal que a convida para um diálogo exitoso.

A grande síntese que se pode chegar ao final deste trabalho é que os princípios essenciais para um eficaz tratamento penal devem estar embasados na organização de métodos que dialoguem entre si, perpassando pela segurança e pela atenção integral as pessoas privadas de liberdade para que sejam capazes de responder com presteza as seguintes perguntas: O que seria necessário para que uma pessoa privada de liberdade tenha outras perspectivas de vida que não reincidir no crime após o aprisionamento? Que tratamento penal o Estado tem oferecido para os privados de liberdade? O que se espera como resultado de sua política penitenciária fragmentada, do modo como ela tem sido ofertada? O que a sociedade gaúcha espera obter com o aprisionamento massivo, sem preparar-se para reinserir pessoas que cumpriram suas penas e estão de volta ao contexto social? Indagações precisam ser feitas seguidamente, pois responder a complexidade das demandas trazidas pelo sistema penitenciário tem sido um grande desafio, mas são fundamentais para orientar as tomadas de decisões, imprescindíveis a uma coerência.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. v. 5. 4. ed. Trad. Nuno Valadas e Antonio Ramos Rosa. Lisboa: Editora Presença, 2000.

ADORNO, Sérgio. **Sistema Penitenciário no Brasil: problemas e desafios**. Revista USP, São Paulo, n. 9, p. 65-78, 1991.

ANTÔNIO, Félix Zacarias Mutombo. **A Dimensão Religiosa do Homem**. Disponível em: <<http://felixmutombo2.blogspot.com/2013/09/a-dimensao-religiosa-do-homem.html>>. Acesso em: 01 out. 2018.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ASSEMBLEIA DE DEUS. **Assembleia de Deus no Brasil comemora 104 anos**. Disponível em: <<http://www.cpadnews.com.br/assembleia-de-deus/28597/assembleia-de-deus-no-brasilcomemora-104-anos.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

_____. **Sobre o trabalho em presídios**. Disponível em: <<http://www.restauramundo.com/sobre-o-presidio>>. Acesso em: 29 set. 2018.

_____. **Sobre o trabalho em presídios**. Disponível em: <<http://www.restauramundo.com/sobre-o-presidio>>. Acesso em: 29 set. 2018.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Comissão Especial para tratar da função social das igrejas nos presídios e hospitais gaúchos**. Disponível em: <<https://al-rs.jusbrasil.com.br/noticias/100212668/aprovada-a-regulamentacao-da-assistencia-religiosa-em-presidios-e-hospitais-gauchos>>. Acesso em: 20 jul.2018.

_____. Comissão Especial para tratar da função social das igrejas nos presídios e centros de recuperação de drogadição. **Relatório Final**, Porto Alegre, ALRS, 2017.

_____. **Lei nº 14.159, de 20 de dezembro de 2012**. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/14.159.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do Direito Penal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002.

BITENCOURT, Cezar Roberto. **Falência da pena de prisão: causas e alternativas**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

BOFF, Leonardo. **A dimensão do profundo: o espírito e a espiritualidade**. 2012, Não paginado. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2012/08/27/a-dimensao-do-profundo-o-espírito-e-a-espiritualidade/>>. Acesso em: 03 dez. 2015.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Modelo de Gestão para a Política Prisional**. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/modelo-de-gestao_documento-final.pdf>. Acesso em: 25 out.2018.

_____. **Constituição Federal**. Código Penal. Lei de Execução Penal (LEP): Lei 7.210 de 11 de julho de 1984, Art. 10.

_____. DEPEN - Departamento Penitenciário Nacional. Disponível em: <<http://depen.gov.br/DEPEN/>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

_____. Ministério da Justiça. **Resolução nº 8, de 9 de novembro de 2011**. Diretrizes para a assistência religiosa nos estabelecimentos prisionais. 2011.

_____. DEPEN. **Penitenciária Federal de Porto Velho lança projeto inédito para ampliar assistência religiosa**. Disponível em: <<http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/penitenciaria-federal-de-porto-velho-lanca-projeto-inedito-para-ampliar-assistencia-religiosa/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

_____. DEPEN. **Serviço de Comunicação Social do DEPEN**. Disponível em: <<http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/i-encontro-de-assistencia-religiosa-e-promovido-e-sua-politica-e-fortalecida/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

_____. **Lei no 6.923, de 29 de junho de 1981**. Dispõe sobre o Serviço de Assistência Religiosa nas Forças Armadas. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6923compilado.htm>. Acesso em: 10 nov. 2018.

BRETAS, M. L., MAIA, C. N., Sá Neto, F., COSTA, M. **História das Prisões no Brasil**. volume 1. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

CAMPOS, C.J.G; TURATO, E.R. Análise de conteúdo em pesquisas que utilizam metodologia clínico-qualitativa: aplicações e perspectivas. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 17, n. 2, março-abril, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n2/pt_19.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

CARNELUTTI, Francesco. **As Misérias do Processo Penal**. Trad. Ricardo Rodrigues Gama. 3. ed. Campinas: Russell Editores, 2009.

CARVALHO, Tiago Samuel. **Quando a graça escandaliza**. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

CHERINI, Giovanni. **O que é holística?** Disponível em: <<http://giovancherini.com/encontroholistico/o-que-e-holistica/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

CNBB. **Documento de Aparecida**: Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática**. “Dei Verbum, nº 1126”.

COELHO, Edmundo Campos. **A oficina do diabo: crise e conflitos no sistema penitenciário do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: IUPERJ, 1987.

COSTA, Bruno Moraes. **Ressocialização Mediada pela Assistência Religiosa: Direito Dos Encarcerados no Sistema Penitenciário**. nº 2, volume 3, artigo nº 09, Julho/Dezembro 2017. Disponível em: <<http://reinpec.srvroot.com:8686/reinpec/index.php/reinpec/article/viewFile/315/116>>. Acesso em: 28 set. 2018.

DALGALARRONDO, P. et al. Jovens pentecostais e espíritas em comparação a católicos: uso de álcool e drogas e saúde mental. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 54, n. 3, p. 182-190, 2005.

DREISINGER, Baz. **A Noruega prova que tratar presos como seres humanos realmente funciona**. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2017/03/28/a-noruega-prova-que-tratar-presos-como-seres-humanos-realmentef_a_22016014/>. Acesso em: 01 nov. 2018.

ENESSO. Disponível em: <<https://enessooficial.wordpress.com/enesso/>>. Acesso em: 01 set. 2018.

FERNANDES, André. DEPEN promove assistência religiosa em Alcaçuz-RN. Disponível em: <depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/depen-promove-assistencia-religiosa-em-alcacuz-rn>. Acesso em: 20 mar. 2018.

FERREIRA, Kleber. FERREIRA Laureci. Com aprovação do Conselho Nacional do Encontro de Casais com Cristo. **Refletindo sobre as verdades da fé**. Temário n. 2. Gráfica Diplomata. Cúria de Porto Alegre, 1992.

FILHO, Cloves Alberto Volpe. **Ressocializar ou não-dessocializar, eis a questão**. 2009. Disponível em: <<https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/5081/Ressocializar-ou-nao-dessocializar-eis-a-questao>>. Acesso em: 10 out. 2018.

FOUCAULT, M. **Microfísica del poder**. Madrid: Ed. La Piqueta, 1980.

_____. **Vigiar e Punir**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

FRAGOSO, Heleno Cláudio. **Lições de Direito Penal**. 15. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1994.

FRANCISCO, Alisson. **Documento de Aparecida**. Disponíveis em: <<https://sites.google.com/site/alissonfrancisco/catequese/ao-curso-de-missologia/documento-de-aparecida>>. Acesso em: 28 set. 2018.

GALÚCIO, Iarani Augusta Soares: **Medida socioeducativa de semiliberdade: garantia de direitos para o adolescente autor de ato infracional**. 2007. 33 f. Trabalho (Conclusão de curso de Graduação em Serviço Social) – Universidade da Amazônia, Belém, 2007.

_____. Os impactos da assistência religiosa no processo de ressocialização de presos. CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v. 1, p. 1219-1238, 2012.

GARUTTI, Selson; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **A prisão e o sistema penitenciário – uma visão histórica**. Seminário de Pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá, 2012.

GONÇALVES, José Artur Teixeira. **Assistência religiosa e suas barreiras: Uma leitura à luz da LEP e do Sistema Prisional**. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/INTERTEMAS/article/viewFile/2782/2561>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

GONÇALVES, José Artur Teixeira; COIMBRA, Mário; AMORIM, Daniela de Lima. **Assistência religiosa e suas barreiras: uma leitura à luz da LEP e do sistema prisional**. 2011. p. 259. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/INTERTEMAS/article/viewFile/2782/2561>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

GOULART, Henny. **Penalologia I**. São Paulo: Editora Brasileira de Direito. 1975.

GUEDES, Pastor. **100 Anos das Assembleias de Deus no Brasil**. Disponível em: <<http://assembleia.org.br/100-anos-das-assembleias-de-deus-no-brasil/>>. Acesso em 26 set. 2018.

GUIA DA CARREIRA. **Serviço Social – profissão, carreira e informações gerais**. Disponível em: <<https://www.guiadacarreira.com.br/guia-das-profissoes/servico-social/>>. Acesso em: 30 set. 2018.

GUIMARÃES, H. P; AVEZUM, A. O impacto da espiritualidade na saúde física. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supl. 1, p. 88-94, 2007.

HOCH, Lothar, ROCCA, Susana. **Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.

IELB. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.ielb.org.br/a-ielb/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

KOENIG, H. G. **Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade**. Trad. Iuri Abreu. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012. p. 11.

LAUXEN, Iarani Augusta Galúcio. **Adolescentes, dependência química e políticas públicas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

_____. **Dependência química na adolescência e políticas públicas**: um olhar sobre a problemática no Município de Santarém-PA. 2013. 74 p. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/433/1/lauxen_iag_tmp297.pdf>. Acesso em: 04 set. 2018.

LAUXEN, Iarani Augusta Galúcio; BORGES, Rosimar Souza dos Santos; SILVA, Márcio Borges da. A gestão Penitenciária na qualidade de vida profissional do servidor penitenciário. **Saúde em Redes**, v. 3, n. 3, p. 256-263, 2017. Disponíveis em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/download/880/pdf_85>. Acesso em: 20 ago. 2018.

LIGIA, Ana. **A história da Igreja Universal do Reino de Deus**. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/a-historia-da-igreja-universal-do-reino-de-deus/>>. Acesso em: 12 set. 2018.

LIVRARIA PÃO DA VIDA. **Sinopse do Livro**: Um milagre na escola do crime: condenado a 200 anos, hoje livre! Disponível em: <<https://www.livrariapaodavida.com.br/livro-um-milagre-na-escola-do-crime-lacir-moraes-ramos>>. Acesso em: 01 out. 2018.

LOPES, Rodrigo. **Assistência Religiosa**. Disponível em: <<http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/i-encontro-de-assistencia-religiosa-e-promovido-e-sua-politica-e-fortalecida>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

MACHADO, Ricardo; CHAVES, Leslie. **A experiência com o divino que traz humanização**. 2015. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6273&secao=478>. Acesso em: 25 out. 2018.

MARIANO, Ricardo. **Os neopentecostais e a teoria da prosperidade**. Novos Estudos, São Paulo, Cebrap, n. 44, 1996.

MARQUES, L. F.; CERQUEIRA-SANTOS, E.; DELL'AGLIO, D. D. Religiosidade e identidade positiva na adolescência. In: DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Sílvia Helena (Orgs.). **Adolescência e Juventude**: Vulnerabilidade e Contextos de Proteção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

MATSUNAGA, Liyoiti. Sanções Penais da Igreja. **Revista de Cultura Teológica**, vol. 15, 2007.

MELOSSI, Dario; PAVARINI, Massimo. **Cárcere e fábrica**: as origens do sistema penitenciário (séculos XVI-XIX). Trad. Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

MENDES, João Manoel Galhanas. **A dimensão espiritual do ser humano: O diagnóstico de angústia espiritual e a intervenção de enfermagem.** 2012. 258 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2012.

MIOTTO, Armida Bergamini. **Temas penitenciários.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1992.

MIRABETE, Júlio Fabrini. **Execução Penal.** 10. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOLINA, Antonio García-Pablos de; GOMES, Luiz Flávio. **Criminologia.** 6. ed. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 2008.

MORAES, Alexandre de. **Direito constitucional.** 23. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MURAD, A. **Gestão e espiritualidade: uma porta entreaberta.** São Paulo: Paulinas, 2007.

OLIVEIRA, Marina M. C de. **A religião nos presídios.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

O SÃO PAULO. **Pastoral denuncia dificuldades para assistência religiosa em presídios.** Disponível em: <<http://www.osaopaulo.org.br/noticias/pastoral-denuncia-dificuldades-para-assistencia-religiosa-em-presidios>>. Acesso em: 25 out. 2018.

PACHIONI, Alena. **Prisão, políticas públicas e religião.** Disponível em: <<https://br.boell.org/pt-br/2012/02/26/prisao-politicas-publicas-e-religiao>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

PANZINI, R.G. et al. Qualidade de vida e espiritualidade. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supl.1, 2007.

PARRULA *apud* KIVITZ, Ed René. **Espiritualidade no mundo corporativo: aproximações entre prática religiosa e a vida profissional.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

PASTORAL CARCERÁRIA. CNBB. **Agentes da Pastoral Carcerária - Discípulos de Jesus Cristo:** Brasília: Edições CNBB, 2013.

PASTORAL CARCERÁRIA. **Histórico.** Disponível em: <<http://carceraria.org.br/a-pastoral-carceraria>>. Acesso em: 25 set. 2018.

_____. **O que é a pastoral carcerária?** Disponível em: <<http://carceraria.org.br/a-pastoral-carceraria>>. Acesso em: 25 set. 2018.

PICÓ, Fernando. **El día menos pensado:** História de los presidiarios em Puerto Rico. Róp Piedras: Ediciones Huracán, 1994.

PINHEIRO, Raphael Fernando. A religião no ambiente prisional brasileiro: um caminho para a ressocialização. **Conteúdo Jurídico**, Brasília-DF: 06 out. 2012. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/artigoa-religiao-no-ambiente-prisional-brasileiro-um-caminho-para-a-ressocializacao,39858.html>>. Acesso em: 06 mar. 2013.

PORTAL, Leda Lísia Franciosi. Espiritualidade: uma dimensão essencial na experiência significativa da vida. In: TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MÜLLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre da (Orgs.). **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

RAMALHO, José Ricardo. **Mundo do crime: a ordem pelo avesso**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

RAMOS, Lacir Moraes. **DEPEN promove assistência religiosa em Alcaçuz-RN**. Disponível em: <depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/depen-promove-assistencia-religiosa-em-alcacuz-rn>. Acesso em: 20 mar. 2018.

RESTAURA MUNDO. **Entrevista com o Pr. Sergio Cortez**. 2016. Disponível em: <<http://www.restauramundo.com/entrevista-pr-sergio-cortez/obra-em-presidios-um-desafio-aceito-pelo-ministerio-restauracao>>. Acesso em: 29 set. 2018.

RÖHR, *Ferdinand*. Espiritualidade e formação humana. **Poiésis**: Revista do Programa de Pós-Graduação da Unisul, Tubarão, n. esp. p. 53-68, 2011. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

ROZA, Michele. **Universal transforma vidas dentro e fora dos presídios brasileiros**. Disponíveis em: <<https://www.universal.org/blog/2017/01/27/universal-transforma-vidas-dentro-e-fora-dos-presidios-brasileiros/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

SAAD, M; MASIERO, D; BATTISTELLA, L. R. Espiritualidade baseada em evidências. **Acta fisiátrica**, v. 8, n. 3, p. 107-112, 2001.

SAKOMOTO, Cleusa. **A fase da Juventude**. Disponível em: <<http://www.vidapastoral.com.br/edicao/a-fase-da-juventude/>>. Acesso em: 14 set. 2018.

SANTOS, Ewânily Suelly Lopes Freitas. **O suplício e a tortura**. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,o-suplicio-e-a-tortura,48666.html>>. Acesso em: 27 set. 2018.

SEMINÁRIO CONCÓRDIA. **Histórico do Seminário**. Disponível em: <<http://www.seminarioconcordia.com.br/seminario/historico.php>>. Acesso em: 20 set. 2018.

SILVA, Silas Sousa. **Sistema prisional brasileiro, uma organização a ser revisada**. 2015. Disponível em: <sifrons.jusbrasil.com.br/artigos/254556328/sistema-prisional-brasileiro-uma-organizacao-a-ser-revisada>. Acesso em: 22 ago. 2018.

SKARBNIK, Raquel; SIMURRO, Sâmia. **A importância da espiritualidade na sociedade contemporânea**. Disponível em: <http://www.ser-psi.com.br/crbst_35.html>. Acesso em: 03 dez. 2013.

SOUZA, Pedro Paulo Rodrigues de. **A assistência religiosa e a modificação comportamental do preso**: um estudo no Centro de Recuperação Regional de Abaetetuba (CRRAB). Universidade Estácio, Belém-PA, 2013.

STRECK, G. I. W. Novos paradigmas científicos e a teologia. In: DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos (Org.). **Responsabilidade social & Universidade**. Canoas; Porto Alegre: ULBRA; EDIPUCRS, 2006. v. 1.

SUSEPE. **Dados do Departamento de Segurança e Execução Penal**. Disponível em: <<http://www.susepe.rs.gov.br>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

_____. **Tipos de Regime**. Disponível em: <http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod_menu=136>. Acesso em: 30 set. 2018.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 1985.

TOMÉ, Fernanda Terezinha. A influência da religião na ressocialização de detentos no presídio regional de Santa Maria, RS. **Curso de Direito da UFSM**. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/religiao.PDF>>. Acesso em: 4 ago. 2012.

VELASCO, Clara. **Mais da metade dos agentes da Pastoral Carcerária já teve visita a prisões suspensa sem aviso prévio, aponta relatório**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/mais-da-metade-dos-agentes-da-pastoral-carceraria-ja-teve-visita-a-prisoas-suspensa-sem-aviso-previo-aponta-relatorio.ghtml>>. Acesso em: 25 out. 2018.

WHOQOL Group. Instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): USP. **Revista de Saúde pública**, v. 33, n. 2, p. 198-205, 1998.

YIN. Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl; PIERANGELI, José Henrique. **Manual de direito penal brasileiro**. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

ZWETSCH, Roberto E. Espiritualidade na vertigem do tempo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 40, n. 2, 2000.

ANEXO I – ENTREVISTA COM O DELEGADO PENITENCIÁRIO REGIONAL, LUÍS BENHUR N. CALDERON

Roteiro de perguntas

1. Estabelecimentos Penais da 1ª Região Penitenciária que recebem assistência religiosa.
2. Denominações religiosas mais frequentes em cada estabelecimento penal da região
3. Frequência de cada denominação religiosa nos Estabelecimentos Penais
4. Existência de documentação específica que regulamente a assistência religiosa na Região?
5. Monitoramento das atividades e ações da assistência religiosa nos Estabelecimentos Penais da 1ª Região.
6. Existência de um setor específico para administração da assistência religiosa nos estabelecimentos penais na Região.
7. Existência do registro de ações sociais realizadas pelas denominações religiosas na Região.
8. Existência de proposta de projetos nesta área para os estabelecimentos penais da Região?
9. Repercussões da assistência religiosa no tratamento penal dos Estabelecimentos da 1ª Região.
10. Qual o posicionamento do Delegado Penitenciário acerca da assistência religiosa nos Estabelecimentos Penais da 1ª Região.

Entrevista com o Delegado Penitenciário Regional: Luís Benhur N. Calderon

Pesquisador: *Estabelecimentos Penais da 1ª Região Penitenciária que recebem assistência religiosa.*

Diretor Regional: todas as casas recebem assistência religiosa.

Pesquisador: *Denominações religiosas mais frequentes em cada estabelecimento penal da região.*

Diretor Regional: evangélica

Pesquisador: *Frequência de cada denominação religiosa nos Estabelecimentos Penais.*

Diretor Regional: 3 vezes por semana aproximadamente.

Pesquisador: *Existência de documentação específica que regulamente a assistência religiosa na Região?*

Diretor Regional: cartilha normativa regulamentar da cgsps / 2012, cnpcp.

Pesquisador: *Monitoramento das atividades e ações da assistência religiosa nos Estabelecimentos Penais da 1ª Região.*

Diretor Regional: realizado pelos (as) técnicos (as) penitenciários (as).

Pesquisador: *Existência de um setor específico para administração da assistência religiosa nos estabelecimentos penais na Região.*

Diretor Regional: quem coordena é o diretor do estabelecimento.

Pesquisador: *Existência do registro de ações sociais realizadas pelas denominações religiosas na Região.*

Diretor Regional: sim.

Pesquisador: *Existência de proposta de projetos nesta área para os estabelecimentos penais da Região?*

Diretor Regional: sim. Projetos de ampliação e reforma de espaços ecumênicos.

Pesquisador: *Repercussões da assistência religiosa no tratamento penal dos Estabelecimentos da 1ª Região.*

Diretor Regional: indispensável no tratamento penal, com boa aceitação entre os detentos.

Pesquisador: *Qual o posicionamento do Delegado Penitenciário acerca da assistência religiosa nos Estabelecimentos Penais da 1ª Região.*

Diretor Regional: as assistências religiosas ainda não têm o valor merecido, tendo em vista a grande importância que representa dentro dos estabelecimentos prisionais, infelizmente ainda é visto com preconceito pelo aps.

Este delegado penitenciário regional, entende que é de extrema importância as assistências religiosas dentro dos presídios e busca sempre orientar os diretores dos EPS, para que deem máxima atenção a esses que fazem, de forma voluntária, um excelente trabalho e auxiliam de forma direta no tratamento penal.

ANEXO II – ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE TRATAMENTO PENAL, ROSANE LAZZAROTTO GARCÊZ

Roteiro de perguntas

1. Denominações religiosas que estão cadastradas para assistência religiosa no Estado do Rio Grande do Sul.
2. Denominações religiosas mais frequentes que seguem prestando assistência aos Estabelecimentos Penais Gaúchos?
3. Os Estabelecimentos Penais do Estado possuem espaço na sua engenharia, específico para a assistência Inter religiosa?
4. Locais onde normalmente tem ocorrido a prestação da assistência Inter religiosa nos EPs do Estado?
5. Existência de documentação específica que regulamenta a assistência religiosa nas prisões gaúchas.
6. Existência de um setor específico para administração da operacionalização da assistência religiosa nos estabelecimentos penais.
7. Existência de proposta de projetos nesta área para os estabelecimentos penais.
8. Possuem registros de ações sociais realizadas pelas denominações religiosas nos EPs do Estado? Podem compartilhar as do último ano?
9. Qual o posicionamento do Departamento de Tratamento Penal acerca da assistência religiosa nos Estabelecimentos Penais.
10. A SUSEPE possui registro de algum caso de privados/as de liberdade ou egressos/as que relatam de forma positiva a contribuição da assistência religiosa, recebida durante a reclusão, no seu processo de ressocialização e reinserção social? Poderia compartilhar?

Entrevista com Vice-Diretora do Departamento de Tratamento Penal: Rosane Lazzarotto Garcêz

Pesquisador: *Denominações religiosas que estão cadastradas para assistência religiosa no Estado do Rio Grande do Sul.*

Vice-Diretora: Religião Evangélica incluindo Testemunhas de Jeová, Religião Católica, Religião Espírita e com bem pouco acesso as Religião de Matriz Africana em especial a Umbanda.

Pesquisador: *Denominações religiosas mais frequentes que seguem prestando assistência aos Estabelecimentos Penais Gaúcho?*

Vice-Diretora: Religiões Católicas e Evangélicas.

Pesquisador: *Os Estabelecimentos Penais do Estado possuem espaço na sua engenharia, específico para a assistência Inter religiosa?*

Vice-Diretora: Cada Estabelecimento Penal se organiza de acordo com seu espaço físico.

Pesquisador: *Locais onde normalmente tem ocorrido a prestação da assistência Inter religiosa nos EPs do Estado?*

Vice-Diretora: Baseado nos relatórios, em sua maioria as prestações inter-religiosas têm acontecido nas próprias galerias e nos pátios.

Pesquisador: *Existência de documentação específica que regulamenta a assistência religiosa nas prisões gaúchas.*

Vice-Diretora: Resolução 08/2011 DEPEN.

Pesquisador: *Existência de um setor específico para administração da operacionalização da assistência religiosa nos estabelecimentos penais.*

Vice-Diretora: O Departamento de Tratamento Penal, mais especificamente no Setor de Desenvolvimento Humano e Medidas Alternativas tem feito um controle das prestações religiosas nos Estabelecimentos Prisionais Gaúchos, mas não é este setor que tem determinado a operacionalização das atividades.

Pesquisador: *Existência de proposta de projetos nesta área para os estabelecimentos penais.*

Vice-Diretora: No momento não há nenhum projeto.

Pesquisador: *Possuem registros de ações sociais realizadas pelas denominações religiosas nos EPs do Estado? Podem compartilhar as do último ano?*

Vice-Diretora: Temos conhecimento da Sociedade Bíblica do Brasil, que tem levado materiais religiosos para os Estabelecimentos, mas as Denominações Religiosas se realizam algo, não foi informado para este Setor, acredito que estes combinados ocorram diretamente com os Estabelecimentos Penitenciários.

Pesquisador: *Qual o posicionamento do Departamento de Tratamento Penal acerca da assistência religiosa nos Estabelecimentos Penais.*

Vice-Diretora: Partimos do princípio em que a Lei de Execução Penal (LEP) prevê que toda pessoa privada de liberdade tem direito de ter assistência religiosa, então só o fato de presenciar e acompanhar a legislação sendo executada já é de grande valor, mas para além disso, o Departamento de Tratamento Penal entende a importância das pessoas privadas de liberdade exercerem seu credo religioso, pois assim como a sociedade em geral tem acesso à religiosidade, as pessoas privadas de liberdade

também necessitam desse momento para poder se manter frente à condição em que se encontram, tendo em vista a importância e o peso que a religião tem na vida das pessoas.

Pesquisador: *A SUSEPE possui registro de algum caso de privados/as de liberdade ou egressos/as que relatam de forma positiva a contribuição da assistência religiosa, recebida durante a reclusão, no seu processo de ressocialização e reinserção social? Poderia compartilhar?*

Vice-Diretora: Desconhecemos algum relato nesse âmbito. Acredito que essa resposta seja mais provável de ser obtida diretamente com as pessoas privadas de liberdade através de entrevistas com os mesmos.

ANEXO III – ENTREVISTA COM O REPRESENTANTE/DIRETOR DO INSTITUTO PENAL DE SÃO LEOPOLDO, ALLAN JONES

Roteiro de perguntas

1. Como você vê a assistência religiosa no Serviço Penitenciário?
2. Como você vê a assistência religiosa oferecida no Instituto Penal?
3. Descreva como acontece a assistência religiosa no Estabelecimento Penal que administra.
4. Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação de presos? Por quê?
5. Você acredita que a dimensão da espiritualidade humana é considerada no tratamento Penal? Porquê?
6. Você acha importante considerar a dimensão da espiritualidade humana no tratamento Penal? Porquê?
7. Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que recebeu durante a reclusão? Poderia compartilhar?
8. Você considera que as denominações religiosas contribuem em outros aspectos além da assistência religiosa no tratamento penal? Em quais?
9. Acredita que o Sistema Penitenciário está preparado para acolher a assistência religiosa no interior das prisões?
10. Quais as dificuldades encontradas para a efetividade da assistência religiosa nas prisões?
11. Quais sugestões você teria para melhorar a prestação da assistência religiosa no Serviço Penitenciário?

Entrevista com o representante/diretor do Instituto Penal de São Leopoldo: Allan Jones

Pesquisador: *Como você vê a assistência religiosa no Serviço Penitenciário?*

Representante do IPSL: Assim oh, é quando a gente trabalha em um lugar só na segurança é uma coisa, quando você passa a trabalhar na questão administração você tem que ter um olhar muito amplo, quando você chega a administrar, você arruma, é como se você pegasse uma casa para arrumar, então você não começa a arrumar a casa pelo quintal, você começa a arrumar a casa por dentro para chegar até o lado de fora, então o preso também parte desse princípio, se organizar por dentro pra depois ele começar a expor para fora as mudanças dele e nada e ninguém melhor para fazer do que a assistência religiosa, pra fazer com que o preso, o apenado ele

entenda o papel dele como apenado, porque ele está ali para que ele reflita aquilo ali aquela circunstancia que levou ele ali, e que ele também consiga enxergar o papel dele na sociedade, que envolve além dele o familiar dele, os parentes, os amigos, e que isso ecoa na vida pregressa dele, então assim a assistência religiosa, ela tem um papel fundamental nisso ai, até porque assim ó, o Brasil, nós somos um povo laico nós temos uma religião definida, nas várias entidades religiosas que nós temos que respeitar o nosso papel aqui é proporcionar ao preso uma visão ampla também disso ai, ou seja, oportunizando a toda e qualquer assistência religiosa que adentrar na casa para apresentar o seu trabalho, até que o preso se identifica com uma e passa a dispor as ideias dele a expor a problemática dele, buscar uma resolução junto a assistência religiosa porque muitas das vezes eu sei que a casa ela tem a assistência psicológica, ela tem o Serviço Social, mas o preso o apenado ele olha muita das vezes também para os assistentes sociais e psicólogo e ele vê um agente, ele vê um servidor da SUSEPE, ele vê um servidor representando o Estado, então assim tem coisas que ele se bloqueia naquele momento, com o a gente religioso, com essa intervenção de fora, ele consegue expor com mais liberdade, ele consegue direcionar os parentes dele lá fora pra estar buscando algum auxílio junto a igreja porque a igreja além de alimentar a alma do apenado, trabalhar a questão religiosa muito dele, também proporcionam cesta básica, atendimento médico, uma gama de assistência social fora da cena prisional e isso para o apenado é muito importante porque ele deixa de buscar só proventos junto ao mundo do crime, porque uma das questões que mais prende o preso é porque ele está sempre vinculado.

Assim oh, a questão da organização da unidade prisional ela sofre a influência de acordo com o gestor do momento né, a gente já tinha a visitação de algumas assistências religiosas, porém não era tão ampla não tinha regularidade como tem hoje exatamente, existem aquelas peculiaridades que eu te falei, eles veem mais a assembleia por determinada conveniência às vezes, vinha mais outro tipo de religião porque determinadas conveniências, eu como gestor tenho o princípio da imparcialidade da impessoalidade, e entendo de que a questão da assistência ela pertence a Constituição Federal, a partir do momento que a gente é laico, todas as entidades religiosas que se enquadrem dentro dos critérios da casa tem direito a frequentar, até porque nós temos apenados ali que são gremistas, que são colorados que são do candomblé que são do católico que são da Universal, que são da assembleia, a gente tem que respeitar.

No começo como te falei como a gente resistia na cadeia, tudo é influenciado, se você influencia na segurança reflete na religião se você influencia na religião reflete no trabalho técnico, então assim como você consegue no começo a gente tinha essa questão, o espaço da assistência religiosa era mínimo, não existia cela para irmão, não se aceitava algumas assistências religiosas ali dentro, a maioria ali era católico, não aceitava o evangélico, mas com o trabalho esperto que o apenado tem que se fazer entender de que aqui é um espaço de convivência, a cadeia não pertence ao preso, a cadeia não pertence ao guarda, a cadeia é um território neutro do Estado, aonde todos nós somos atores desse cenário, e que aqui cada um está apenas para cumprir o seu papel, o guarda de exercer o seu trabalho como servidor público e o apenado como um devedor para a sociedade. Chegou-se ao entendimento e aceitação de que todos temos direito a receber visita, todos tem direito a ter os seus direitos alcançados, inclusive a assistência religiosa, quando hoje chega uma assistência religiosa aqui, que quer apresentar um trabalho diferenciado como por exemplo algum tempo atrás veio a igreja universal pedir para poder apresentar um

teatro, um filme, um cinema ali para os presos, então o que que a gente faz – convencionamos todos eles ao Pátio, expunha aquele projeto ali de estar mostrando para eles o filme e a aceitação, pode ser parte do todo e vou te falar que na grande maioria é em todo, o apenado hoje recolhido aqui em São Leopoldo ele tem assim um índice de participação em projetos muito grande, eles respeitam todo e qualquer trabalho, assistência independente de fazer parte da ideologia dele ou não, mas ele respeita.

Pesquisador: *Como você vê a assistência religiosa oferecida no Instituto Penal?*

Representante do IPSL: Hoje eu vejo ela exercendo um papel fundamental que eu tinha falado antes, ela atua eu digo que de forma complementar, porque tanto o instituto penal de São Leopoldo ele vem tentando proporcionar uma ressocialização através do trabalho, através da educação, e a gente vem agregar a questão da religião eu digo se complementam, mas eu acredito que tudo tem sempre a acrescentar sempre a crescer e por mais que a gente faça hoje alguma coisa, dá para fazer algo melhor. Eu já tinha te dito que hoje tem várias instituições que prestam assistência religiosa aqui, e que a outras que tem o interesse de adentrar lá na casa, então assim, eu gostaria de ter mais horário, eu gostaria de ter um efetivo maior pra poder estar movimento um número maior de presos e está de repente fazendo ciclos e palestras durante a semana durante o dia, eu gostaria de ter espaço mais amplo, uma sala reservada para assistência religiosa, então assim são coisas que a casa poderia ter para dar um resultado maior alcançar uma meta melhor, a assistência religiosa muitas vezes ela não só nos auxilia na questão espiritual da ressocialização, do conforto do preso, do familiar, as vezes eles também auxiliam na questão material, numa folha de papel ofício porque a cadeia ela imprime muito documento, as vezes você vai imprimir uma carta guia de um preso é 20 folhas.

Tudo faz parte do processo de ressocialização, se ele quiser saber da pena dele, ele quer saber se movimentou o PEC e como ele está trancado aqui, hoje ele vem e te pergunta se movimentou o PEC, daqui há dois dias ele vem e pergunta de novo, e daí muitas das vezes ele quer ver o papel para ele ter certeza de que você não está falando da boca para fora e as vezes da defensoria pública imprime documento, então a igreja ela também auxilia na questão do material.

Tem também papel social. A questão também assim oh, reforma, nós recentemente pintamos o instituto penal todo, seja administrativo, galerias, celas, corredores, isso traz uma sensação assim de mais de prazer de bem-estar para o apenado e para o familiar dele que vem visitar, uma grande quantidade desse material, dessa tinta quem doou também foi a instituição religiosa, então há vários trabalhos, várias frentes que elas atuam, mas que poderiam ser melhores ainda eu acho, que assim a gente sempre tem a crescer.

Pesquisador: *Descreva como acontece a assistência religiosa no Estabelecimento Penal que administra.*

Representante do IPSL: Hoje a gente tem uma grande quantidade de assistência religiosa na casa, vários entes religiosos aqui, e nós também não fazemos discriminação de entes religiosos de entidades novas, como te falei o Brasil é laico, mas agente respeita aqueles que são mais afincos, aqueles que tem uma rotina na casa, justamente pra que aqueles que rotineiramente vem ou se ausentam por um determinado período, ele abre uma brecha para que outro exerça seu papel porque o

preso ele quer continuidade, ele não quer tipo assim ter a perspectiva hoje de algo aí amanhã e depois ele fica sem aí vem de novo aí passa uma semana sem, ele desacredita, ele toma aquilo como se fosse pessoal, ele não vê como se fosse parte de um sistema, o sistema é assim, ele acha que não vale a pena investir nele e estão desistindo dele e ele volta focar no mundo do crime novamente, então como que é feita a assistência religiosa aqui no IPSL, nós fazemos um entrevista com um representante da entidade religiosa no momento que ele se apresenta aqui na casa, que ele demonstra interesse de exercer uma atividade aqui dentro, ele conversa com a direção da casa, ele conversa com a segurança, e aí ele é também certificado do papel que ele vai exercer aqui dentro, que ele vai criar um vínculo com o apenado que amanhã ou depois ele vai romper esse vínculo, que ele tem a consciência de que ele tem que fazer um trabalho também de desvinculação. Não é só você chegar, oferecer uma dose forte de remédio e tirar depois, você tanto para introduzir um trabalho na cadeia no sistema prisional você introduz aos poucos, mas se retira também aos poucos, qualquer impacto muito brusco na cadeia ela pode resultar de várias maneiras. A gente costuma dizer que a cadeia é um barril de pólvora, qualquer coisinha pode estourar, você vai ver as vezes que tem cadeia que pega fogo por algo muito supérfluo e coisas muito importante as vezes nem fazem sentido nenhum, então a partir do momento que o representante da entidade religiosa ele chega aqui na casa demonstra interesse, ele conversa com o diretor da casa, ele conversa com o chefe de segurança, ele toma ciência desse papel importante que ele na vida social do preso e aí é solicitado para ele os documentos dele, para poder estar efetivando o cadastro dele na casa, que é cópia de comprovante de residência, certidão de RG, declaração da entidade religiosa a qual ele pertence dizendo que ele tem vínculo, dizendo que libera ele para estar fazendo o trabalho aqui... uma outra coisa muito importante, a gente não procura liberar apenas um para fazer, a gente pede para que sempre seja três no mínimo, no mínimo três. No máximo quatro e no mínimo dois ou três – porque o que acontece – uma no grupo nunca sozinha. Assim oh, como nós fazemos parte de um estabelecimento masculino, a presença de só mulher, não é que possa acontecer alguma coisa, mas estimula uma sensação de insegurança, de fragilidade, então assim não vamos arriscar, então o que eu peço coloquem sempre três ou dois homens e uma mulher ou quatro dois homens e duas mulheres porque as vezes um pastor um presbítero naquele dia ele não está bem não pode vir então vem um outro e vem uma mulher.

Há um controle e esse controle de frequência foi principalmente implantando com a nossa gestão aqui, atual, a gente não tinha problema como eu te falei, as vezes começava a frequentar e aí chegava alguém na porta queria e não se sabia quem é que estava frequentando, quantos dias se vinha ou não vinha, isso aí tem que ser controlado.

O que não pode é ele vir aqui se cadastrar sozinho, aí vem segunda, vai estabelecer um dia para ele segunda, aí ele vem toda segunda, depois de um mês, ele vem dois meses, daí ah eu tenho que fazer uma viagem e vou ficar três meses fora e não vem mais, não pode, então ele cadastra dois, três, quatro... vem ele e mais um o dia que ele não tiver bem vem um outro e outro faz uma rotina.

São critérios para o credenciamento, mulher sempre número menor que homem e de preferência sempre no mínimo três e no máximo quatro, ali ficaria entre dois, três e quatro e é um dia da semana que agente reserva para cada instituição religiosa para que a gente possa estar dando oportunidade a todos.

Elas vêm uma vez na semana, não tem atividade final de semana também, durante a semana até o sábado, é na parte da tarde entre as 17h e 19h que se dá, uma hora de assistência religiosa, sendo trinta minutos no anexo e trinta minutos na galeria. No final de semana ocorre no domingo na parte da manhã entre 7h da manhã e as 10h é disponibilizado também uma hora aonde vem o seminário concórdia que é a assistência religiosa católica, muitas das vezes vem o padre e coloca e disponibiliza uma mesinha lá ele faz uma missa La no pátio e quem se disponibiliza a participar todos são abrangidos feita em conjunto. É porque assim, tem uma parte do pátio ali que tem um portão que tanto o anexo quanto a galeria tem acesso, no começo tentou-se a ideia de colocar aberto o portão para fazer a atividade religiosa ou de deixar passar quem quisesse para o pátio geral ou para poder ter acesso, só que como a gente tem um efetivo muito pequeno geralmente no domingo eu tenho doze guardas de plantão, fica inviabiliza fazer isso, então em acordo com o padre o que que a gente faz agente disponibiliza uma mesa e o que a gente faz, a gente coloca bem na parte onde pega a grade entre a galeria e o anexo, que são duas partes da cadeia separada e ele faz aquela missa ali onde todos conseguem visualizar e todos participam. Como ele já faz um trabalho bem continuo aqui a bastante tempo, até os seminaristas também fazem também, eles geralmente, eles entram aqui na cadeia eles vão lá galeria conversa com o pessoal da um bom dia, um oi, vão no anexo convidam o pessoal lá também, preparam um material lá no pátio e fazem a missa.

Pesquisador: *Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação de presos? Por quê?*

Representante do IPSL: Essa é uma pergunta muito grande, parte pessoal acredito que entendimento pessoal, eu posso dizer assim ó, como nós vivemos baseado em uma sociedade, mais que realista, mais que física, eu mesmo vim da área da educação, área de saúde, de ciências exatas, então a gente gosta mais daquilo que é prático e teórico para poder acreditar, mas como eu te falei a gente vê e acredita naquilo que tem resultado, a assistência religiosa, ela não tem que comprovar na em dados ou fazer com que eu acredite no resultado, a partir do momento que eu vejo no preso o semblante dele mudar, que eu olho a cadeia, e vejo, e abro, eu entro pela aquela porta eu sinto que o clima está menos tenso, os ânimos estão menos exaltados, que o guarda ele consegue dar um sorriso as vezes, que ele consegue, meio que as vezes fazer uma brincadeira um com o outro, eu vejo provas do trabalho da assistência religiosa de que o preso está menos tenso de que a cadeia está mais tranquila, de que o preso está conseguindo se comunicar com o familiar, que a família vem no dia de visita e tal com aquele ar e semblante mais calmo, seja porque ele chegou aqui e viu uma perspectiva no apenado que está recolhido com o familiar dele, mais tranquilo, porque está tendo uma assistência religiosa, porque está tendo um amparo ou porque eles também estão tendo um amparo da própria equipe da assistência religiosa lá fora, então essas atitudes e essas características da cadeia e dos seguidores e dos apenados, me bastam para acreditar que há um resultado efetivo sim da assistência religiosa no apenado e no sistema prisional também.

Pesquisador: *Você acredita que a dimensão da espiritualidade humana é considerada no tratamento Penal? Porquê?*

Representante do IPSL: Com certeza, eu até as vezes paro e penso assim ó, se você for ver no exército que é um regime totalmente militar, é uma coisa assim bem especifica, bem teórica e prática, existe o oficial capelão, porque que num regime de

militarismo se instituiu e tem uma aceitação e credibilidade, a questão religiosa e agente que vivem em uma sociedade civil, aonde os direitos são mais amplos e o regramento ele é mais brando não se tem esse entendimento, talvez é uma coisa que agente deveria parar e pensar, talvez o militar não seja tão duro assim.

Pesquisador: *Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que recebeu durante a reclusão? Poderia compartilhar?*

Representante do IPSL: Assim oh, é o período, esse período em que estou aqui em São Leopoldo eu já vi várias situações de presos que mudaram, efetivamente demonstraram o seu interesse em retomar a vida social, de se organizaram profissionalmente lá fora e ta exercendo essa atividade de trabalho e retomando essa a família, se você me perguntar se isso foi papel da assistência religiosa exclusivamente, eu vou dizer para você que talvez não, a cadeia ela é uma área que sofre impacto de todas as reformas, muita das vezes o apenado está tendo uma assistência religiosa perfeita, ele está tendo uma assistência psicotécnica ampla, todos os documentos alcançados conforto, a família, ele está com uma perspectiva de fazer um concurso, de repente até um trabalho, mas ai há uma problemática na assistência jurídica por falta de defensor da SUSEPE ou por falta de defensoria pública, talvez o advogado não tenha proventos para pagar um advogado particular, aquilo ali vai impactar em tudo eu costumo de chamar de efeito dominó, basta uma peça tombar, para desmorronar o trabalho de todos, então quando a gente a um ponto de alcançar um resultado, não é um trabalho exclusivo de apenas uma área, é uma gama de resultados, e o setor de segurança que conseguiu efetivamente fazer com aquele apenado que a questão de rotinas e de disciplinas não é só na cadeia, que isso faz parte da vida social dele lá fora, que ele vai ter regras lá fora de trabalho, de convívio social, que ele vai ter que respeitar a individualidade do vizinho, do amigo, do próximo, e que foi sucesso do setor social da casa na questão de documentos, conversa com o apenado, conversa com o familiar, é sucesso do resultado do psicólogo da casa fazendo um trabalho intensivo sobre o entendimento do preso no sistema prisional, se ele está conseguindo aceitar bem aquilo, se ele está preparado para retornar ao trabalho ao vínculo social, é um resultado também do trabalho externo da área da saúde, de o pessoal de fora prestar assistência à saúde aqui dentro, ele se sente acolhido, ele se sente disposto, não fica doente – é um resultado também da assistência religiosa – então assim há resultado sim na casa, hoje nós temos um apenado que ele costuma passar aqui todos os dias à tarde, todo dia ele passa aqui na porta vendendo pão e salgadinhos feitos por ele e hoje ele está na perspectiva de abrir a própria padaria, ele só estava esperando, assim a última notícia que eu tive foi o alvará dos bombeiros a liberação por parte dos bombeiros, não só ele, mas outros casos também de presos que trabalham em restaurantes Que eu já encontrei que colegas nossos já encontraram, presos que trabalham em empresas de grande porte, então assim a gente tem resultado efetivo sim de apenados que estão conseguindo êxito na vida social lá fora, mas se você me perguntar se isso é apenas resultado, único e exclusivo da assistência religiosa eu vou dizer para você que não, nós somos um eixo uma engrenagem aonde todos os setores eles se correlacionam.

Nada impede que uma pessoa que tenha sido apenado ela possa exercer a assistência religiosa dentro do presídio, desde que ela tenha toda uma gama de quesitos a preencher e desde que também ela tenha por si conseguido alcançar e refletir sobre tudo aquilo que levou ele, hoje eu entendo que como ele conseguiu enxergar essa amplitude dele, ele se vê por completo que ele alcançou os objetivos

dele, ele quer dividir isso e nada mais que o normal para qualquer outra pessoa que esteja nessa mesma situação que ele aí, isso é bom, é bom... é bom que ele tenha um espelho, na verdade isso, muitas das vezes o que acontece, a pessoa se vê numa situação que ela não consegue achar uma saída ela não consegue se ver de uma outra forma, e ela acha que o mundo olha para ela com aqueles mesmos olhos, que ela está se vendo, quando você chega há um determinado ponto onde você está recebendo uma assistência religiosa, aonde você está recebendo uma assistência jurídica, aonde você está recebendo qualquer tipo de apoio de uma pessoa, que expressou para você que já viveu aquela realidade que você está vivenciando, ele consegue enxergar uma saída uma luz no fim do túnel, uma perspectiva de melhora, porque se você foi capaz de mudar, capaz de crescer de evoluir, ele também é, entendeu então quando o apenado ele está ali dentro e chega um pastor, presbítero que prega a palavra para ele e que chega ao ponto de conseguir expressar para o apenado e dizer olha eu tive essa realidade que você tem hoje, olha eu fui usuário de droga, eu tive no cárcere privado, mas graças a palavra do senhor, graças ao trabalho da equipe da casa técnica graças a direção da casa, graças ao sistema em que eu me encontrava eu consegui sair daquela situação toda, e hoje eu estou de volta com a minha família, com a minha esposa, com os meus filhos, com meu trabalho e consigo ver uma vida mais ampla, isso aí serve de exemplo para ele. E de motivação, então assim é muito importante não só no papel religioso, mas em todos, já imaginou o preso chegar ali e estar uma assistência jurídica ali e o cara falar para ele: hoje sou advogado, mas eu já fui preso; o preso vai chegar e falar se eu estudar e conseguir fazer o meu supletivo, uma faculdade e virar advogado também, consegue isso motiva ele, então eu acho de suma importância a gente ter no sistema prisional, no sistema educacional exemplos, tudo tem que ter exemplos, a gente tem que mostrar para poder cobrar.

Há possibilidade do egresso participar das atividades das igrejas nas prisões, e muitos tem vontade, desde que ele tenha cumprido todo o seu processo criminal, se ele foi preso, se ele pagou a pena dele e extinguiu-se a punibilidade, ele pagou por aquele crime, ele não deve mais nada a sociedade tá, agora o apenado, ele tá no regime de semiaberto de Novo Hamburgo tá, e ele ganhou o monitoramento eletrônico e mora aqui em São Leopoldo, você poderia entender que ele pode circular por toda a cidade de São Leopoldo aí dentro daquele horário que ele pode estar circulando ele quer vir aqui no estabelecimento fazer assistência religiosa ele não vai poder... agora ele tá em Novo Hamburgo cumpriu a pena dele ali foi embora por término de pena, não deve mais nada para a sociedade ele tem o direito sim. O livramento condicional é diferente do término de pena, no término de pena ele não deve mais nada, pagou a pena dele tá, e outra coisa por mais que o apenado pague a pena dele, se hoje ele vai cumprir 8 anos ou 10 anos e vai terminar os 10 anos, o nome dele fica vinculado ao sistema judiciário por 5 anos ainda tá, depois de 5 anos não tem mais, aí vai depender muito de cada caso, depende do histórico do apenado, se ele teve ocorrência na cadeia, qual foi os artigos que ocasionaram a entrada dele no sistema prisional, então assim o tempo que ele está fazendo aquela assistência religiosa, porque o apenado saiu do sistema prisional, entrou para igreja e três meses depois quer vir frequentar o sistema prisional fazer um trabalho religioso, não o apenado já fazia parte da assistência religiosa dentro do sistema prisional saiu e continuou fazendo é outra coisa.

Pesquisador: *Você considera que as denominações religiosas contribuem em outros aspectos além da assistência religiosa no tratamento penal? Em quais?*

Representante do IPSL: Sim.

Pesquisador: *Acredita que o Sistema Penitenciário está preparado para acolher a assistência religiosa no interior das prisões?*

Representante do IPSL: Há questão de se isso é reconhecido e é aceitado entre o sistema executivo, que é o que exerce a questão de gerenciamento prisional, se isso é valorizado pelo judiciário eu não posso te dizer, até mesmo porque o juiz é de livre convencimento, ela vai julgar e acredita naquilo que convém a ele, mas como o Brasil ele é uma miscigenação e ele é um país laico, tem juizes que entendem e acreditam, tanto que apoiam a questão da justiça restaurativa, que parte do princípio muitas vezes de líderes religiosos que querem fazer com que o preso entenda aquele ciclo de situações, que levam e levaram aquele momento e a situação dele e que ele reflita sobre seus atos e que se convença do seu erro e que aceite, que mude. Bem é, eu não só acredito, mas eu tenho a perspectiva de que o sistema gaúcho hoje ele é um dos maiores sistemas penitenciários do país, nós estamos assim tecnicamente, tecnologicamente também muito na frente de outros Estados e a tendência é a gente conseguir alcançar esse patamar tá bem próximo e a SUSEPE ela tem feito um trabalho bem amplo, a gente tem DTP, Saúde, DTP – trabalho e acredito que daqui a pouco a gente vai ter também o DTP – assistência religiosa, até por conta do papel e da frequência com que as instituições religiosas tem desenvolvido dentro das unidades prisionais isso aí tem só a se fortalecer.

Pesquisador: *Quais as dificuldades encontradas para a efetividade da assistência religiosa nas prisões?*

Representante do IPSL: Olha assim oh, no começo a maior dificuldade que teve foram duas principais que é a questão de você fidelizar a assistência religiosa porque que nem eu te falei no princípio o apenado independe da área, da seara que está sendo alcançada a ele, tem que ter um trabalho de continuidade, se você tá dando uma dose um remédio para ele tem que ser um dose homeopática no começo e tem que ser contínuo, caso venha a ser retirado aquilo ali também tem que ser um trabalho homeopático, você não pode tirar de uma vez, então no começo fazer se entender as entidades religiosas nessa questão foi um pouco complicado, porque muitos pregavam aqui e pregavam em outro lugar, as vezes não conseguiam montar uma equipe fidedigna ao sistema prisional, eu acho também de suma importância, vamos não falar, mas vamos falar também das entidades religiosas, eu acho muito importante os entes religiosos montarem a equipe prisional deles, a gente tem que chegar também a esse ponto, vamos separar dez colegas aqui que são responsáveis pela assistência prisional para eles poderem se organizar também para deslumbrar essa questão da continuidade do trabalho, e uma outra coisa também é a questão do servidor penitenciário, o servidor penitenciário o foco dele e a ênfase quando chega na cadeia é a segurança e muitas das vezes a gente entende por segurança bater o cadeado, fechar a porta, fechar a janela se armar até os dentes, e isso já vem até da escola, ninguém chega lá na escola e diz assim a segurança se move também com a confiança com o trabalho mútuo, com a questão de você aceitar a assistência religiosa dentro do presídio, tanto é que eu acredito e tenho a perspectiva de que eu acredito que a gente ainda vai ter uma matéria na escola penitenciária semiaberto, porque também é uma visão diferenciada, a gente tem que ter a visão semiaberto e fechado então uma outra área que teve problema aqui na cadeia no começo era o impacto servidor, porque as vezes o capelão, o padre, o presbítero, o pastor, o rabino, o ente

o pregador da assistência religiosa que chegasse aqui na cadeia ele se deparava com um guarda na porta que dizia “oh tem que aguardar dez minutos porque ta ocupado fazendo não sei o que, ah agora é hora da conferência, ah agora está chegando o preso da rua” e isso muitas das vezes o ofertante daquela assistência fica na porta por 10, 15, 20 minutos e aquilo acabava desanimando muita das vezes ele acabava saindo e não voltava mais, então foram duas coisas que foram impactantes no começo a continuidade por parte das igrejas e a aceitação da oferta de trabalho de assistência por parte dos servidores para eles entenderem que aquela assistência não estava vindo para influenciar no trabalho dele, para atrapalhar a rotina, para complicar ainda mais e sim para auxiliar no distencionamento da cadeia, para fazer os ânimos ficarem menos exaltados, para que o preso ouvisse a palavra e ele ficasse tranquilo porque é muito mais assim valoroso que o preso esteja La dentro da galeria escutando a palavra de Deus, acalmando o seu espírito, do que com um radinho ouvindo funk pregando ostentação, chamando ele para guerra, para briga, para a batalha, esse sim ia estar se preparando para a guerra, então até a gente alcançar esse entendimento por parte dos servidores relacionados à segurança e por parte das igrejas relacionados ao trabalho continuo demorou-se um tempo, hoje a gente conseguiu fazer com que ambos entendesse, então hoje o servidor entende que o papel da assistência religiosa é importante e que deve ser preservado e que estimulam, eles recebem bem, a igreja vem aqui muitas das vezes no sábado eles fazem até café da manhã para a visita, alguns guardas são até convidados para tomar café da manhã com o pessoal da igreja aqui fora, eles vão ali já fazem a fiscalização da visita ali, e ver quantos tem e já orientam ali a visita ali fora, o coffebreack porque as visitas já chegam com dúvida, se o familiar está ali se não tá, quantos itens podem entrar o que não pode, se ficou faltando algum documento, isso traz uma aproximação grande ali, um entrelaço entre a assistência religiosa, o familiar e o guarda então a gente conseguiu aproximar esse entrave, ai e a assistência religiosa também, conseguiu fidelizar eles a partir do momento que agente demonstrou para eles que a casa, ela tem um entendimento que é importante uma assistência religiosa de que a gente valoriza isso e ai hoje São Leopoldo tem sim obtido resultado que ta aparecendo ai que é, aonde diminuiu o número de fugas, aonde você chama o preso ali e ele não tem a mínima intenção de ir embora daqui, ele não quer ir para outra casa prisional, aonde o preso ele quer apenas cumprir o papel dele perante o judiciário que é pagar o que ele deve a sociedade com respeito, disciplina e trabalho.

Pesquisador: *Quais sugestões você teria para melhorar a prestação da assistência religiosa no Serviço Penitenciário?*

Representante do IPSL: A questão de melhorar no sistema prisional a assistência religiosa eu te diria que seria a questão da padronização, desde que respeitadas as diferenças de níveis entre fechada e semiaberto, e até entre os fechados e semiabertos cada tem suas peculiaridades, cada casa tem uma rotina, uma estrutura física, tem um nível de servidores, um quantitativo que influencia na segurança, quanto ao nível regional aqui no IPSL, hoje o que influencia mais nisso é o número de servidores, mas a gente sabe que isso ai é um problema que o Estado vem passando, com a falta de mão de obra, pela questão financeira, e pela questão física também porque o IPSL é uma edificação de 1940, é um prédio bem antigo que era para uma realidade, o efetivo prisional de cárcere aumentou muito nosso teto que no começo quando cheguei aqui que era de 166 como guarda e que ao decorrer desses três anos e pouco ai foi se postergando e aumentando cada vez mais hoje eu acredito de 166 já está em 178 e temos um teto variando sempre entre 180 e 190, então assim toda a

logística aqui de movimentação é muito difícil, muito complicada pela falta de espaço, nós tivemos algumas reformas aqui, tivemos, mas foi a nível administrativo, foi todo esse espaço de direção, setor técnico, setor de segurança, mas se a gente tivesse uma ampliação uma reformulação do espaço físico prisional aonde está as celas, a um aproveitamento melhor daquele anexo ali com a criação de um espaço para a assistência religiosa, se a gente tivesse a disponibilidade de mais uns dois ou três servidores, isso facilitaria muito mais a gente tá dando, até proporcionando um horário diferenciado para assistência religiosa ao invés de só a noite a tardezinha, um horário de manhã e um horário a tarde também, então hoje aqui em São Leopoldo o que dificulta mais a questão da mobilização, é a questão do efetivo funcional e a falta de espaço físico.

A nível global seria a padronização respeitando as individualidades de cada casa prisional de cada regime e a questão regional aqui em São Leopoldo seria a questão do efetivo funcional e a estrutura física.

Bem existe uma ordem de serviço da SUSEPE que ela prevê a entrada da assistência religiosa até porque isso é um direito da cidadania está resguardado na Constituição Federal. A questão da regulamentação eu não tenho conhecimento e se salvo me engano isto está caracterizado como fica a critério da segurança e da direção de cada casa prisional e de certa forma eu concordo com isso, porque existem peculiaridades entre cada entidade prisional mesmo que seja entre semiabertos. O semiaberto de Novo Hamburgo e o semiaberto de São Leopoldo, são semiabertos com estrutura física diferente, rotinas diferentes, o semiaberto de Novo Hamburgo são duas facções, são duas galerias e é uma estrutura física diferente, o semiaberto de São Leopoldo é apenas uma facção e é uma estrutura a parte então implantar a mesma rotina para todos o semiabertos vai da erro, a mesma coisa que você implantar a mesma ordem de serviço para todo sistema prisional gaúcho vai afetar fechado, semiaberto, então assim não tem como padronizar isso, o correto geralmente é deixar ao encargo de cada chefia de segurança de cada casa. Uma ordem de serviço interna, regulamentando, orientando, organizando... exatamente, um exemplo disso é a questão da ordem de serviço da visita, nós temos na SUSEPE a ordem de serviço da visitação, o número de visita, o dia do amigo, a quantidade de itens que podem entrar no sistema prisional, só que você trazer essa normativa única para implantar no fechado e no aberto, não condiz, pois, o preso que está no fechado realmente dez itens por visita, não pode carne crua, não pode carne com osso.

Tem conflito, porque quando o preso ele vem para o semiaberto para a justiça entende-se que esse preso ele está com o pé na sociedade, tanto é que ela sai na maioria das vezes, hoje nós temos cerca de que noventa por cento trabalhando, então ela sai as 6h da manhã as 7 ou 8 e volta as 17h, as 18h da tarde então assim a entrada de itens aqui seria muito menos rígida do que no fechado e se você coloca de praxe a mesma coisa que está se aplicando no fechado, esse preso já impacta na vida dele porque tipo assim, eu tô no semiaberto, mas eu continuo com a rotina do fechado, então tipo assim, a gente tem que ter uma regulamentação de visitação para o fechado e uma regulamentação de visita para o aberto, uma regulamentação de itens que entram na cadeia fechada e no semiaberto, a mesma coisa é a questão da rotina de sistema de visita religiosa, tem que se ter uma rotina para o fechado e uma rotina para o semiaberto, ambas todas as estruturas de rotina, eu acredito tá e entendo que deva ser sempre montado por exemplo uma rotina para assistência religiosa, coordenação técnica da região, representante do setor técnico de cada casa prisional,

representante da segurança ou direção de cada casa prisional e representante do DTP (Departamento de Trabalho Prisional) ou do/da assistência religiosa prisional, para que julguem o que vai ser necessário para o fechado e o que vai ser necessário para o aberto, para que a gente possa ter uma diferença ou que deixe a critério de cada casa, de cada diretor de cada sistema de segurança para poder padronizar porque se não dá um conflito.

ANEXO IV – ENTREVISTA COM O REPRESENTANTE DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS

Roteiro de perguntas

1. Como a sua denominação religiosa vê a assistência religiosa no serviço penitenciário?
2. Como você vê a assistência religiosa oferecida no Instituto Penal?
3. Descreva como acontece a assistência religiosa que é dada por sua denominação no Instituto Penal.
4. Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação de presos? Por quê?
5. Você acredita que a dimensão da espiritualidade humana é considerada no tratamento Penal? Porquê?
6. Você acha importante considerar a dimensão da espiritualidade humana no tratamento Penal? Porquê?
7. Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que poderia compartilhar?
8. Sua denominação religiosa acompanha a vida de pessoas que já saíram do sistema penitenciário?
9. Acredita que o Sistema Penitenciário está preparado para acolher a assistência religiosa no interior das prisões?
10. Quais as dificuldades encontradas para a efetividade da assistência religiosa nas prisões?
11. Quais sugestões você teria para melhorar a assistência religiosa no Serviço Penitenciário?

1 Entrevista com o representante da Igreja Assembleia de Deus

Pesquisador: *Como a sua denominação religiosa vê a assistência religiosa no atendimento penitenciário?*

Representante da Assembleia de Deus 1: Ela vê de uma forma boa, porque está tendo o apoio e inclusive tá sendo desenvolvimento ali pelo campo de Campo Bom, o pastor Pedro Dutra ele tá desenvolvendo um trabalho, eu tive falando com ele, conta com o apoio de alguns componentes da SUSEPE, o Sandro, se não me engano é o nome dele, e os pastor Pedro já tem uma visão mais ampla porque ele tá trabalhando com um projeto pra tentar alcançar também a família dos detentos, então eu tive falando com ele, ele falou que queria falar comigo p me colocar mais a par do projeto

dele e eu falei pra ele que eu já estava desenvolvendo esse trabalho aqui por nossa iniciativa, ele tava viajando se não me engano pra Portugal ou pra África, e disse que quando retornasse a gente iria conversar e eu acho que há um bom apoio da nossa denominação, há interesse em evangelizar com certeza.

Pesquisador: *Como você a assistência religiosa oferecida dentro do instituto penal de São Leopoldo?*

Representante da Assembleia de Deus 1: Eu vejo como uma coisa muito boa, assim, porque eu vejo pessoas que estão lá dentro, agora ta sendo desenvolvido um culto que é oferecido pra eles no momento que é pra eles vim cultuar Deus, ouvir uma palavra, na grande maioria não aceita, mas tem uma boa parte de pessoas que aceitam que estão carente de uma palavra, de um aconselhamento, de uma oração e dentro deste processo de evangelismo, de culto a Deus elas entregam a vida pra Jesus, estão sendo doutrinadas pela palavra de Deus e tenho visto já nesses dois ano e pouco que eu tô ai de pessoas que mudaram realmente sua vida e já estão evoluindo como pessoas no meio da sociedade, tem o Claudio que aceitou agora, ta até estudando, trabalhando e já um dando fruto diferente na sua vida moralmente diante da sociedade.

Pesquisador: *Descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no instituto penal?*

Representante da Assembleia de Deus 1: Aqui a gente vem na terça, foi a hora que a casa nos liberou, na terça de das seis as sete da tarde e a gente vem, entra lá e convida eles pra cultuar a deus e dentro desse culto a gente canta ali uns dois três louvores e a gente trabalha principalmente ensinando as doutrinas da palavra de deus ensinando os ensinamentos que a palavra de Deus instrui pra salvação, pra mudança de vida do homem, transformação do caráter, que a bíblia chama de santificação que é viver na verdade na justiça e esse é o evangelho que agente prega, a gente prega o evangelho de restauração do caráter da pessoa e principalmente da salvação da alma, esse é o nosso foco e é o que a gente por bondade recebeu de Deus e tentar passar pra que outras pessoas também, possam ter esse entendimento né, e buscar em Deus essa mudança, essa transformação e consequentemente alcançar as bênçãos que Deus tem pra aqueles que são fiel e entregam a vida a ele.

Qualquer pessoa participa, inclusive tem muitos deles que vem e a gente, uma expressão que a gente ouve ali muito, ah eu vim só pegar uma palavra, são pessoas que muitas vezes elas querem uma palavra, querem uma oração digamos assim no dia, mas não estão dispostos a assumir um compromisso, uma vida de fidelidade de entrega pra Deus sabe... e presos muitas vezes a tantas situações em que eles estão, e não conseguem se desvencilhar daquilo ali, mas querem ouvir uma palavra, e eles vem, eles vem, eles ouvem a palavra de Deus, choram, saem dali, mas infelizmente não tem forças ne, de se entregar realmente a Deus, e Deus trabalhar na vida deles.

Tem os fiéis e os que só visitam, e esses aí são variáveis né...aqui é uns doze, treze e muda né. E tem uns quatro e cinco aqui nessa galeria que são crentes fiéis, tem um ali que é como pastor. A maioria deles é batizado, são batizados. E alguns estavam desviados e retornaram aqui dentro e estão servindo a Deus e como eu falei pra senhora tem um que é como uma espécie de pastor ali dentro, que quando nós não

estamos, tem uma cela ali dentro essa cela é chamada de igreja, quem fica ali quem mora nessa cela são pessoas crentes e essa cela quando a gente vem pra pregar a palavra todos os demais se reúnem pra ouvir a palavra ali dentro desta cela, que a gente chama ela de igreja, e quando a gente não está eles vão até com uma campanha de oração, uma campanha de consagração durante a semana que eles mesmo pregam a palavra de deus ali dentro e cultuam a deus, e dão continuidade ao trabalho de espiritualidade.

Aqui a gente canta louvores e o que a senhora chama de palestra, nós chamamos de pregação, a gente dá uma palestra com ensinamentos da bíblia.

O trabalho é voluntário, todos os recursos que a gente disponibiliza pra gente vir aqui de bíblias, combustível, tempo, é todo por nossa conta. E também tem o fator do tempo porque a gente trabalha por conta, então toda terça eu tenho que me liberar mais cedo pra mim poder chegar nos horários estipulados pela casa. Eu sou marceneiro, tenho uma empresa de moveis planejados e a esposa funcionária pública tendo que cumprir horário, ela chega em casa as cinco horas, ela só chega e a gente sai.

Pesquisador: *Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação dos presos? Por quê?*

Representante da Assembleia de Deus 1: Acredito, porque eu sou prova viva disso, porque Jesus mudou minha vida eu saí de dentro do sistema carcerário, eu sou uma pessoa ressocializada pelo evangelho, porque a senhora mesmo conhece e falou que o sistema carcerário tem um déficit porque ele não ressocializa a pessoa, ele larga dentro do sistema, entra uma pessoa que praticou um crime comum, e as vezes ele é largado no meio de pessoas que tem uma ficha bem difícil, então ali dentro a tendência é ele se marginalizar ainda mais, eu vejo assim há um déficit em ocupar o tempo da pessoa e propor uma educação para que ela se ressocialize, não sei se a senhora consegue entender. Há uma carência de a pessoa que cometeu um crime entrar e ser ajudada a sair, mas infelizmente muitas vezes não acontece, tem um pastor que de repente a senhora conhece é o pastor Lacir, que é o chamado "FOLHARADA" ele escreveu um livro "milagre na escola do crime", ele relata, que ele fala, que esteve 29 anos preso, ele relata muitas coisas e a respeito dessa carência da pessoa, que ele entra e acaba aprendendo coisas piores então no meu caso foi assim também, mas por bondade eu conheci a palavra de Deus, por bondade de deus eu conheci Jesus, entrei fiquei dois anos e três meses preso e não conseguia me libertar da vida que eu levava, que eu era da drogadição, eu entrei por crime de roubos, mas eu vi e entendi que o que eu estava fazendo da minha vida era algo que estava me prejudicando, que estava me levando cada vez mais pro fundo do poço só que não tinha forças pra sair, então eu me apeguei a Deus e dei ouvidos aos ensinamentos da palavra de Deus que quando eu saí de dentro do sistema carcerário em São Luiz Gonzaga, eu então fui morar com meu pai que é presbítero da igreja e ali eu em Deus busquei forças pela fé pra mim me desvencilhar daquela situação que eu estava vivendo, e se não fosse isso eu não teria conseguido, eu não teria tido forças pra abandonar o vício tudo aquilo que eu vivi.

Pesquisador: *Você acredita que a dimensão da espiritualidade humana considerada no tratamento penal? Por quê?*

Representante da Assembleia de Deus 1: Tem sido trabalhada através dos ensinamentos da palavra de Deus, quando vocês abrem esse espaço pra igreja entrar e fazer esse trabalho de ensinamento da palavra, porque essa questão da espiritualidade o homem tem q ser ensinado doutrinado nessa área então o que a bíblia ensina que o homem sem deus ele ta cego espiritualmente falando, ele ta em trevas na falta de entendimento porque como ele vai saber que é espiritual se ninguém fala pra ele, como é que eu vou saber que eu sou corpo, alma e espírito se ninguém me falou, se eu só entrei no sistema da drogadição, só numa vida errada, pela soberba, pela desobediência... enfim ne como as pessoas, quem vem pra cá não vem porque tá com vida regrada, vem porque ta numa vida totalmente desregrada, então eu acho que isso ai partiria de uma parte de educação, eu entendo que o meio pra uma pessoa entender, é ser doutrinado pelo princípios bíblicos da palavra pra ela entender que é corpo, que ela tem uma alma, e que ela também tem possibilidade de ter vida espiritual e ter comunhão com Deus.

Pesquisador: *Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que poderia compartilhar?*

Representante da Assembleia de Deus 1: Sim, muitos casos que a gente conhece. A gente, aqui mesmo ta vendo pessoas que estão sendo ressocializadas e voltando ao convívio social que é o caso do Claudio, tem aqui o Alexander, e tantos outros que estão em liberdade, a maioria dos que realmente se converteram, que a gente chama de se converter de coração, com um proposito sincero e fiel a Deus, tão bem, estão servindo a Deus, nasceram de novo. Na minha igreja não tem, até mesmo porque em Estância Velha não tem presidio, mas aqui em São Leopoldo, aqui a gente sabe de muitos casos, de pessoas que já saíram e tão bem, são pessoas ressocializadas.

Pesquisador: *Sua denominação religiosa acompanha a vida de pessoas que já saíram do sistema penitenciário?*

Representante da Assembleia de Deus 1: Tem sim, a gente, quando a pessoa sai é uma forma de a gente ajudar, é procurando, que são as necessidades básicas, tentar ajudar a pessoa a arrumar um emprego, reestruturar a vida dela, um aconselhamento. Como a gente é de Estância Velha, alguns não conseguem ir, mas nós comunicamos por WhatsApp, telefone, a gente sempre tá, e tem alguns irmãos que simpatizam, mas o nosso trabalho não é levar ninguém pra nossa igreja, pra nossa denominação, o nosso trabalho é evangelizar eles, pra quando eles saírem, eles irem vive a vida deles, lá no bairro deles ou onde eles moram, buscar uma congregação perto da casa deles, pra eles servirem a Deus lá, nosso trabalho não é juntar pessoas pra levar pra nossa congregação, até mesmo porque não somos de São Leopoldo, então nosso trabalho é simplesmente baseado no amor. E se a gente for entrar, a senhora como estudante de teologia a senhora sabe, que a teologia, chamam de metanoia, que é a mudança de dentro para fora, é o homem ser transformado no caráter, na mentalidade, numa visão. Primeiro a salvação, mas enquanto nós estamos aqui, a gente entende que o homem é imagem e semelhança de Deus, imagem que é espírito e semelhança é moralmente verdade.

A gente não prega placa denominacional, a gente prega valores, a palavra de Deus né, a gente prega a cura emocional, transformação na vida moral da pessoa, a

questão espiritual do relacionamento com Deus, do fruto do espírito, a pessoa ter paz e alegria.

Pesquisador: *Acredita que o sistema penitenciário está preparado para acolher a assistência religiosa no interior das prisões?*

Representante da Assembleia de Deus 1: Sinceramente eu não sei lhe dizer, se eles abrirem a porta pra nós, pra gente entrar, a gente tá disposto, eu acredito que assim como eu muitas pessoas querem entrar e fazer a obra, depende de um apoio, de a gente ter esse apoio, ter esse voto de confiança do sistema, nos apoiar, nos dá esse respaldo, pra gente poder entrar e fazer, porque é uma dificuldade, porque as vezes a gente não pode entrar em determinados lugares, por que tu não tem ali uma credencial, uma identificação naquele local.

Pesquisador: *Quais as dificuldades encontradas, para efetivar a assistência religiosa nas prisões?*

Representante da Assembleia de Deus 1: Nenhuma, o pessoal nos recebe muito bem aqui, até a gente já tá um tempo aqui vindo, alguns já nos conhece, vê que quando o cara chega, ficam meio sabe... mas a gente já vê alguns aqui nos vendo com empatia.

A dificuldade é a gente ter essa liberação, quando eu entrei aqui pela primeira vez, o diretor aqui era o Lauro, que é pastor da nossa igreja, então ele nos deu apoio, ajudou na confecção dessas carteirinhas, para que a gente pudesse entrar. Que nem eu falei pra senhora, a gente tá com essa ONG, que a gente tá criando, que os guri vão fazer evangelismo lá na Penitenciária Estadual De Jacuí- PEJ, eu já não consigo entrar lá porque eu não tenho a identificação, muitos sábados eu poderia ir, o credenciamento eu acho que não é muito difícil, mas eu não to conseguindo, porque eu não consegui ir durante a semana lá fazer esse cadastro, aí eu to com essa dificuldade, que teria que tirar um tempo pra ir lá fazer, que é uma política do sistema.

Pesquisador: *Quais as sugestões que vocês teriam para melhorar a assistência religiosa serviço penitenciário?*

Representante da Assembleia de Deus 1: O espaço é pequeno, porque é uma cela, mas é o que tem.

Representante da Assembleia de Deus 2: Nós gostaríamos, até já foi falado, de ter um domingo por mês se pudesse fazer ao ar livre, na quadra, não sei se a igreja católica, ou alguém vem no sábado eu acho, até a gente já conversou, mas não foi avante, é até um desejo nosso de uma vez no mês fazer num domingo de tarde na quadra, mas daí claro teria música, pessoas pra tocar, trazer alguém, pois as vezes a cela tá cheia daí eles não entram, mas assim se fosse ao ar livre, porque a gente vê em alguns lugares que eles fazem, não seria uma coisa semanal mas se fosse uma vez por mês seria uma coisa boa.

Nessa casa pra nós, eu sei, que nem minha esposa falou, tem uma pessoa que vem, parece um padre, mas no caso a gente teria também a disponibilidade e o sentimento de vir, quem sabe um domingo no mês, a gente vem toda terça mas no domingo do

mês a gente vem fazer um culto especial e poder trazer mais alguns companheiros, algumas pessoas com equipamento de música para cantar e poder abranger os dois espaços né, aquele espaço do lado de lá e esse espaço aqui fechado no pátio.

ANEXO V – ENTREVISTA COM O REPRESENTANTE DA PASTORAL CARCERÁRIA

Roteiro de perguntas

Pesquisador: *Como a sua denominação religiosa vê a assistência religiosa no atendimento penitenciário?*

Representante da Pastoral Carcerária: A característica do Instituto Penal é o sistema semiaberto, então tu não consegue manter muito vínculo com as pessoas, porque bom seria se o se fosse o sistema fechado os resultados seriam melhores né, então tu faz uma visita hoje e amanhã tu não encontra mais a pessoa né, mas mesmo assim é importante, porque as que não estão com carta de emprego estão aqui dentro e ai agente tem aqui, vem trazer uma mensagem de esperança né, Olha tu não tá abandonado, porque dizer para eles assim que o amor de Deus acontece em qualquer situação, agora que ele precisa aceitar nesse período que ele está aqui dentro, que ele cometeu um erro, a gente nunca fala do erro mas que essa passagem ai seria uma passagem de reconciliação, ele se reconciliar primeiro consigo para estar para ele ser digno desse amor de deus né, então a gente vem trazer - mostrar para eles aqui dentro que eles não tão sozinhos né, eles primeiro e nós como católicos, nós olhamos o nosso próximo como irmão né e a gente olha para dizer para eles: olha tu não está sozinho, vocês tem um Deus que te ama, um pai que te ama, que mesmo nessa situação, agora tu tem que aceitar esse amor. Ele aceitar o amor de Deus, ele que tem que se reconciliar né, ele tem que se abrir para esse amor. A graça de Deus acontece à medida que tu se abre para a graça de Deus e é isso que a gente vem mostrar um pouco dentro do presídio é o nosso trabalho.

Pesquisador: *Como você vê a assistência religiosa oferecida dentro do instituto penal de São Leopoldo?*

Representante da Pastoral Carcerária: Pelas pastorais, do que do próprio sistema né. Os institutos penais que estão implantando o ESPERE, já tem vários o daqui já trabalhou com o pessoal daqui o Buque, a Kátia não sei se tu conhece é uma defensora do ESPERE, as pessoas os servidores que fizeram ESPERE elas voltam com uma outra dimensão para fazer o tratamento com o apenado ele volta com um lado humano, de um lado humano e de olhar o apenado como ser humano também e normalmente o pessoa ta ali, o cara que é um inimigo né porque ele sabe que se ele se revoltar a primeira coisa que ele vai fazer vai ser, eu tô aqui na frente né e se for possível vai tirar minha vida, né isso ai é complicado. Foi criado foi desenvolvido por um padre o sistema de ESPERE e ai hoje ainda está sendo implantando em várias partes em São Paulo, no Rio Grande do Sul, inclusive já no sistema penal algumas varas já estão aplicando essa metodologia que é valido, que busca restaurar o crime ou delito né, através dos ciclos de restauração, então ao invés de mandar para o juiz fazer o julgamento e mandar para punir ele vai ele cria um ciclo restaurativo e tudo dentro dessa metodologia existe um coordenador onde ele busca a restauração da pena né? Então isso faria com que muitas pessoas que hoje estão dentro do sistema prisional não precisariam estar.

É porque assim toda a metodologia da ESPERE primeiro ela busca fazer com que o opressor ele reconheça o mau que ele cometeu para vítima, no momento que ele reconhecer tem toda uma técnica que vai reduzida a ele a reconhecer que ele causou um mau na vítima e se a vítima também e, também uma técnica para ela buscar o auto perdão, o perdão se essa vítima conseguir também entender e aceitar esse pedido de perdão por parte do opressor, estabelece também cláusula, estabelece um pacto, ao invés da pessoa ir para a cadeia ele estabelece um pacto, onde as partes tem que cumprir e essa é a grande sacada da ESPERE muitas pessoas que estariam hoje aqui dentro ou que hoje estão aqui dentro, se aplicasse os ciclos de restauração, poderiam ser soltas porque elas tem esse compromisso de cumprir esse pacto. Várias cidades tem adotado, a de Passo Fundo vários, a juíza lá já aplicou vários casos da justiça restaurativa, em São Paulo também já tem vários casos que estão sendo aplicados, a justiça restaurativa e tem vários juizes que são favoráveis a essa linha, mas é toda uma questão de estrutura, tu vai mexer assim com um *lob* que é o sistema judiciário, mas tu imagina quantos vão entrar desse LOB todo, agora que sem dúvida nenhuma isso é a solução que hoje, nós como pastoral, nós como igreja vimos um caminho do mundo sem cárceres, se tu fazer pegar qualquer político hoje numa plataforma que agora não tem eleição que que o político vai dizer, construir presídio, ganhar eleição é construir presídio, mas não adianta construir presídio, tu tem que atacar as causas isso é uma consequência As causas é que tem que ser atacada se tu fizer uma pesquisa, nós fizemos uma pesquisa do ano passado, fizemos um seminário de famílias e encarcerados, a gente entrevistou 100 presos, 70 em Novo Hamburgo e 30 aqui, desses cem presos entrevistados, 76 por cento foram por motivo de droga, então é um número alto né? Então onde é que está a causa? Isso é trabalhado lá quando é criança né, a falta de perspectiva profissional, a educação, a família. Pessoas jovens de família desestruturadas então tudo isso leva ao mundo do crime, infelizmente é isso.

Pesquisador: *Descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no instituto penal?*

Representante da Pastoral Carcerária: A igreja católica hoje, nós temos porque aqui as visitas religiosas são divididas por dia, e cada igreja tem dias determinados ta, então para nós foi designado as quintas-feiras a tarde, das 14h30, então a gente vem todas as quintas-feiras a tarde e inicialmente agente começou fazendo aqui, a ideia era fazer aqui na sala de aula, mas não deu resultado.

Acho que é uma questão assim, tu tens que primeiro criar aquele vinculo que ta mesmo, aquele pouquinho de vinculo, uma relaçãozinha, daí eles começam a ir lá. Então a gente faz no pátio, então hoje não sei se vai ter alguém no pátio lá, mas assim mesmo a gente passa, eu passo nas galerias, vou lá e convido o pessoal para participar e aí eles "Ah já vou" alguns descem, alguns já estão caminho lá, e vão chegando sabe de mansinho e vão conversando e aí tu vai para conversar, normalmente a gente traz um texto do evangelho, a gente trabalha um pouco a palavra de Deus que seja. Todos são convidados e vou dizer mais, o pessoal que hoje segue a linha da Universal são os que mais participam, a Universal hoje ela tem uma estrutura de assistência religiosa muito bom, a gente sabe que por trás disso tem um interesse político né, que o Feliciano ele quer fazer uma bancada forte, a bancada da bíblia, eles querem entrar muito forte e ai eles usam isso aqui para fazer daqui uma ponte política, mas em todo caso eles vem fazer a assistência, aqui dentro tem até

uma capelinha da igreja universal tem um pastor que é um rapaz, eles montaram uma sala lá não aquilo ali eles fazem orações e ai quando vem alguém de fora eles usam aquela salinha, mas tem um próprio rapaz aqui dentro que se diz pastor ai eles fazem as orações deles.

Pesquisador: *Você acredita que a dimensão da espiritualidade humana considerada no tratamento penal? Por quê?*

Representante da Pastoral Carcerária: Sim. Ela é fundamental. Porque justamente isso, para fazer com que as pessoas reconheçam a si, se perdoem e volte o perdão né, se perdoem a si e a partir do momento que elas se perdoarem a si ela vai conseguir a se reconstituir, ela vai ver que ela cometeu um erro e que ela vai se recuperar, ela a grande dificuldade do sistema penitenciário hoje é que ele não recupera por que as pessoas não saem daqui convencidas que erraram, e a pessoa ela tem que usar esse período que estiver aqui reclusa para se convencer, assim seria, que ela errou que ela fez um mal para alguém e que ela está ali ta, para fazer um processo na vida dela que ela está e buscar o arrependimento e sair dali com a promessa de que se eu sair dali e se eu me arrependi uma conversão espiritual né, se eu me arrependi daquilo que cometi eu jamais vou cometer de novo e porque tantos regressos são reincidentes né? Porque não há esse período aqui, não há essa conversão é, esse reconhecimento do erro.

Pesquisador: *Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que poderia compartilhar?*

Representante da Pastoral Carcerária: Aqui não, de Novo Hamburgo é seu Luís que acompanha lá tem vários relatos. Seu Luiz é um que faz a visitação lá ele tem vários relatos, eu não tenho particularmente nenhum, até porque aqui muda muito, dificilmente chega alguém, a rotatividade é muito alta.

Ele participou de um encontro lá que nós temos de formação – e ele disse que queria participar da pastoral carcerária, acho que é interessante. Ele se converteu, no depoimento do dia, em toda a região e varias e vários lugares aí a pastoral carcerária de Porto Alegre, convidou ele para vir aí ele pediu um documento, um ofício do juiz pedindo a liberação para ele participar e o diretor do Instituto Penal não liberou, só o acorde do juiz, daí o juiz, ele fez um ofício pedindo a liberação para participar desse encontro, daí o juiz em uma sexta-feira disse: não vou te liberar, vou soltar, vou soltar, te dar a liberdade.

Pesquisador: *Sua denominação religiosa acompanha a vida de pessoas que já saíram do sistema penitenciário?*

Representante da Pastoral Carcerária: Não tem, porque não tem condições né, não tem estrutura – falta de estrutura.

Pesquisador: *Acredita que o sistema penitenciário está preparado para acolher a assistência religiosa no interior das prisões?*

Representante da Pastoral Carcerária: Depende de diretor, tem diretor que tem certa resistência e dificulta, mas a nível de Brasil inclusive o pessoal da coordenação

nacional pede que toda tem até um formulário, que toda vez que um agente negar da visita que faça esse formulário, que isso vai ser entregue e que isso vai ser questionado lá dentro, Lei especifica que ta garantido, a princípio aqui é bem tranquilo, aqui é bem tranquilo, bem tranquilo mesmo.

No caso, já tem relatos de colegas nosso por exemplo, de que o diretor é ligado a determinada Ceita ou religião, então ele trava obstáculos.

Pesquisador: *Quais as dificuldades encontradas, para efetivar a assistência religiosa nas prisões?*

Representante da Pastoral Carcerária: A maior dificuldade acho que é a sensibilização, não eu acho que é mais das pessoas, sensibilizar as pessoas para participarem se tivesse mais aberto as vezes vem vindo no pátio e fica duas vezes ou três pessoas, eu não sei, eu acho que o cara ainda não, ele não está convertido, ele acha que aqui, ali não é importante para ele.

Eu nunca tive dificuldade, desde que nós iniciamos, porque a pastoral carcerária ela teve assim, uma época ela não funcionou, depois ela esvaziou e depois ela morreu, literalmente morreu, depois o padre começou aos poucos e ainda ela não tem uma consolidação que seria necessário, uma estrutura de assistência a família, a assistência, até inclusive uma estrutura material, então o que agora aqui a gente conseguiu, a gente conseguiu reerguer o conceito da comunidade.

Pesquisador: *Quais as sugestões que vocês teriam para melhorar a assistência religiosa serviço penitenciário?*

Representante da Pastoral Carcerária: A sugestão seria essa, ter uma equipe mais atuante, ter mais pessoas trabalhando aonde agente pudesse principalmente trabalhar o vínculo, a família carcerária, porque a família também é importante.

Eu tive um caso uma vez, mas não aqui em Novo Hamburgo, uma visita que eu fiz lá e o cara estava desesperado para fazer, por que fazia mais de três meses que a mulher e os filhos não foram visitar ta, daí ele me deu o endereço e eu ta, fui lá visitar a família, lá e era aquilo, cheguei lá tinha um cara, e dois assim, eu ta cheguei lá bati palma, e falei: ah fulana? Ta aqui e ele: o que tu quer? Vim visitar e tal, e diz para o magrão lá que ela pairou e quem manda no campinho sou eu... e daqui a pouco a mulher chegou. Oi o que que foi? Falei para ela olha é o seguinte: teu marido está lá e tal com saudade de ti e agora tu já tem outro, e tudo bem, mas ele não deixou de ser pai e eu disse para ela que é importante que ele tenha esse acompanhamento e não perca esse vínculo dos filhos, ela disse ta pode deixar que eu vou levar os meninos. Daí eu fui lá em Novo Hamburgo e ele: Ow e aí? Mas eu não falei porque o que vou dizer para o cara agora? Depois outra vez eu fui lá de novo e ele: sabe minha mulher teve aqui trouxe os guris, e me agradeceu contente e bah me agradeceu a mulher veio e trouxe os meninos e tal.

Pesquisador: *Quais as sugestões que vocês teriam para melhorar a assistência religiosa serviço penitenciário?*

Representante da Pastoral Carcerária: A sugestão seria essa, ter uma equipe mais atuante, ter mais pessoas trabalhando aonde agente pudesse principalmente trabalhar o vínculo, a família carcerária, porque a família também é importante.

Eu tive um caso uma vez, mas não aqui em Novo Hamburgo, uma visita que eu fiz lá e o cara estava desesperado para fazer, por que fazia mais de três meses que a mulher e os filhos não foram visitar ta, daí ele me deu o endereço e eu ta, fui lá visitar a família, lá e era aquilo, cheguei lá tinha um cara, e dois assim, eu ta cheguei lá bati palma, e falei: ah fulana? Ta aqui e ele: o que tu quer? Vim visitar e tal, e diz para o magrão lá que ela pairou e quem manda no campinho sou eu... daqui a pouco a mulher chegou. Oi o que que foi? Falei para ela olha é o seguinte: teu marido está lá e tal com saudade de ti e agora tu já tem outro, e tudo bem, mas ele não deixou de ser pai e eu disse para ela que é importante que ele tenha esse acompanhamento e não perca esse vínculo dos filhos, ela disse ta pode deixar que eu vou levar os meninos. Daí eu fui lá em Novo Hamburgo e ele: Ow e aí? Mas eu não falei porque o que vou dizer para o cara agora? Depois outra vez eu fui lá de novo e ele: sabe minha mulher teve aqui trouxe os guris, e me agradeceu contente e bah me agradeceu a mulher veio e trouxe os meninos e tal.

ANEXO VI – ENTREVISTA COM O REPRESENTANTE DOS SEMINARISTAS DO SEMINÁRIO CONCÓRDIA DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA (IELB)

Pesquisador: *Como a sua denominação religiosa vê a assistência religiosa no serviço penitenciário?*

Representante Seminaristas do Seminário Concórdia IELB: Primeiro que eu nunca imaginei que um dia na minha vida eu estaria visitando presos, nunca passou pela minha cabeça isso, mas então devido aos estudos aqui a gente teve essa oportunidade, essa nova experiência de primeiro momento, assim foi uma situação bem estranha por que você não tá acostumado, a gente não sabia como é que ia ser, como é que é, enfim... então o primeiro dia foi um pouco tenso, você tem uma visão de penitenciária uma visão de cadeia, mas no primeiro dia foi até tranquilo assim, porque a gente viu a realidade que é, e segundo que a importância a gente acaba muitas vezes, eu pelo menos, me colocando no lugar deles e como o Tiago falou, as vezes eles se sentem rejeitados pela sociedade então quem sabe pra alguns a sociedade não tá nem aí pra vida deles assim, então esse trabalho eu acho que tem um lado importante por que como eu disse, eu me coloco as vezes no lugar dele e eu vejo que se eu estivesse lá, no lugar deles, acho que seria importante esse trabalho de alguém ir até lá e levar alguma mensagem pra ti de esperança e de conforto, então acho que esse trabalho tem muito do seu valor.

Pesquisador: *Como você vê a assistência religiosa oferecida dentro do instituto penal de São Leopoldo?*

Representante Seminaristas do Seminário Concórdia IELB: Eu não posso falar sobre outras prisões, mas pelo menos ali eu acho que o que eles podem fazer, eles fazem que é abrir pra gente poder trabalhar lá e eles tem uma cela lá, que é chamada de igreja, que uns presos cederam e eles usam aquela cela pra fazer as ações pra fazer estudo bíblico e tudo mais e eles deixam, a prisão deixa isso acontecer não tem nenhum tipo de retaliação e nenhum tipo de proibição e vai pessoas de outras religiões fazer trabalho, então eu acho que eles são bem abertos e a gente é muito bem recebido pelos funcionários lá e a gente é muito bem tratado pelos funcionários eles sempre estão tratando a gente com sorriso no rosto, estão sempre tratando a gente muito bem então eu acho que o que eles podem fazer está sendo feito e não sei se eles poderiam fazer mais.

A minha experiência pessoal tá sendo bem gratificante e bem desafiadora, porque assim, é difícil você conseguir ganhar confiança dos presos e eu tô tendo esse desafio de ganhar essa confiança e tudo mais e teve um rapaz que ele compartilhou que as pessoas, vão lá pra julgar, não compartilhou pra mim e sim pra um colega, que as pessoas vão lá pra geralmente julgar e eu não tô lá pra julgar ninguém e eu acho que eles já tem quem os julguem, eu tô lá pra mostrar pra eles que Deus ama eles apesar de tudo Deus ama, e é difícil passar essa mensagem pra eles e ser acreditado por eles também, ter com que eles acreditam na gente, que a gente tá lá pra passar essa mensagem, de que Deus ama eles, mas tem alguns que aceitam essa mensagem e

que recebem a gente muito bem, então a gente pensou em começar por eles para que eles possam transmitir essa mensagem para outras pessoas lá dentro e através deles a gente ganhar a confiança dos outros que também estão lá dentro, mas a minha experiência tem sido assim e nesse ponto tem sido gratificante por que a gente recebe um certo crédito de que a gente tá lá pra falar do amor de Deus e também a gente faz amizade e consegue trocar experiência, e viver como uma irmandades, mesmo como cristão e ter esse amor pelo próximo que Jesus ensina, então lá a gente tem essa oportunidade de exercitar esse amor pelo próximo por pessoas que a sociedade já rejeitou, que a sociedade não quer mais, que a sociedade já descartou aquelas pessoas e a gente tá lá pra falar que Deus não descartou essas pessoas.

Pesquisador: *Descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no instituto penal?*

Representante Seminaristas do Seminário Concórdia IELB: Atualmente nós somos em cinco, vai um grupo de 3 numa semana e vai um grupo de 2 na outra semana, então toda semana tem alguém pra fazer esse atendimento e no semestre que vem vai ficar 4, um tá com problema de saúde então ele não vai poder continuar então a gente vai ficar em 4, então toda semana vai ter atendimento, numa semana vai 2 e na outra os outros 2 e isso foi um pedido do próprio diretor do presídio, que a gente não fosse os 5 juntos para não dar um número maior e não ter nenhum tipo de confusão na contagem dos presos, que eles fazem a contagem, então ele pediu para que não fosse num grupo grande que a gente fracionasse o grupo. A gente tem o atendimento em grupo, e antes do atendimento em grupo a gente passa nas celas e convida as pessoas a irem na devoção, a gente faz uma devoção e tem uma das celas chamada de igreja, os presos que moram nessa cela eles abriam para poder receber as pessoas e eles mesmos dão atendimento, fazem oração, fazem cultos lá pros presos, eles fazem isso, então a gente pra ajudar esse trabalho deles, a gente decidiu ajudar esse trabalho deles, então a gente faz esse atendimento junto com eles, a gente faz nessa cela igreja, então as pessoas que querem elas dessem e participa com a gente nessa cela, o devocional acontece nessa cela e não tá mais acontecendo na quadra. Só domingo na parte da manhã nos outros dias da semana se não me engano as outras denominações religiosas iam, então pra não ter esse conflito de muita gente lá dentro a gente ia só no domingo pela parte da manhã. Nós íamos todos domingos praticamente das 08 e meia 09 horas, até umas 11 horas, ficar lá com, eles escutar eles, deixar eles falar as magoas, angustias, a gente não tava lá pra aconselhar, mas sim pra deixar eles falar, porque a gente observou que muitos deles tinham traumas, magoas e raiva de pessoas específicas e culpavam pessoas específicas por causa do motivos de eles estarem lá dentro, é o motivo deles estarem lá dentro, é o motivo do que tinha acontecido com ele, então já no seminário já fomos aconselhados a mais escutar do que falar, e falar que a gente tem um Deus que está conosco em todas as situações, e estava com eles ali, a gente não era aconselhado a falar nem que eles estavam certos e nem que eles estavam errados, porque isso é muito complicado e agente está mais pra escutar e era isso que a gente fazia e eu posso dizer que o trabalho foi muito bom ano passado e muita gente veio conversar com a gente e desabafar, teve caso de pessoas que choraram, teve caso de pessoas que falaram coisas marcantes mesmo sabe, e essa experiência eu levo pra resto da minha vida e junto nesse momento também tinha um padre que fazia uma missa para todos os presos que eram católicos e participavam e a gente até orientava que aqueles

que se sentissem bem e quisessem participar podiam participar e tinham esse diálogo com nós e com os presos e o padre, então essa harmonia tinha lá dentro.

Era na quadra, e quando chovia era numa área coberta, o padre sempre procurava ficar num lugar em que todo mundo pudesse ver e participar e nós fazíamos a mesma coisa, nós sempre procurávamos ficar onde as pessoas pudessem ver o que estávamos fazendo e vim falar com a gente, foi no começo muito complicado a gente ficou até meio receoso e com medo nos primeiros meses, mas depois um foi contando pro outro e eles começaram a procurar agente conversando e até indicando que fulano de tal quer falar com você, então a gente ia e conversava, por que a gente não levava bíblia, não levava nada, agente tava lá pra está com eles.

A gente tava lá por que a gente era cristão e não tava lá pra falar da nossa denominação religiosa, então tá com eles, escutar eles e ficar com eles, a religião naquele momento pouco importava, então era isso a nossa função lá dentro, deixar eles falar, deixar eles se expressar e no meu modo de ver o objetivo foi alcançado pelos resultados que teve, e eu sai com amizades lá de dentro.

Foi marcante tanto pra nos quanto pra eles, tanto que teve um momento depois que eles se ofereceram pra fazer uma confraternização conosco pra se despedir e foi um momento que me emocionou bastante, porque eu não esperava essa atitude deles de agradecimento e valorizar o nosso trabalho pra comparar quando a gente chegou naquela desconfiança, de o que que esses “piá” estão fazendo aqui? Para no final eles abraçar a gente e agradecer por a gente estar ali foi algo que me marcou muito, foi algo que eu falei, poxa a gente foi importante para eles ali e isso foi algo que me marcou.

Por enquanto a gente ta com a seguinte estratégia, a gente tentou ganhar a confiança de todos ali e a gente se apresentou pra todo mundo, só que a gente ainda não conseguiu essa abertura pra todo mundo, ainda do número grande de pessoas que nem a gente falou pra você ai, a gente ainda ta caminhando nesse sentido, então qual a estratégia que a gente tem? A gente tem um grupo de cristãos lá dentro, de pessoas que acreditam em Deus e que sabem que o que elas fizeram foi errado, e elas estão buscando a ressocialização, tão buscando uma mudança de vida então a gente focou um pouco nessas pessoas e a gente ta dando uma instrução pra essas pessoas sobre a bíblia, sobre a palavra de Deus, pra que elas possam conversar com os outros melhor, para que elas possam ajudar os outros na área de ressocialização, enquanto isso a gente também ta aberto pro dialogo, pra conversar com outras pessoas, pra que eles possam desabafar, se eles quiserem conversar, se eles quiserem falar com a gente, a gente está lá pra ouvir o que ele tem pra dizer, então a gente ta com essas duas frentes, uma é de tentar ouvir o que eles tem pra dizer e a outra é de ensinar pra esse grupo de cristãos um pouco mais sobre a bíblia, um pouco mais sobre teologia para que eles possam atender melhor aqueles que estão lá dentro, porque já que eles lá dentro, eles já tem a confiança do pessoal que ta lá dentro, então eu acho que é melhor pra eles conseguirem transmitir o valor de Deus do amor, de Deus do que as vezes nos que estamos lá fora e a gente tem um trabalho temporário também a gente vai fazer o trabalho durante o ano, e depois a gente não vai mais fazer o trabalho, então se a gente puder deixar eles um pouco mais, treinado na palavra de Deus em teologia, eles vão poder continuar esse trabalho mesmo depois que a gente para com ele.

Nós temos um livro chamado sumario da doutrina cristã, que eles pegam os pontos básicos da fé cristã, então a gente instrui aqueles que são cristãos e aqueles que quiserem ouvir, e como é que são os pontos básicos? Por exemplo a trindade, a criação do mundo, a palavra de Deus, a bíblia, e a gente orienta eles dentro desses temas usando com base nesse livro, a gente deu uma cópia pra eles de presente então eles acompanham eles leem e ai a gente tira as dúvidas e faz esse devocional baseado nesse livro, contando no formato mais leve, comentando o tema do livro de uma forma mais livre mas aberto pra perguntas como se fosse um estudo, fazem perguntas e quem quiser perguntar a gente ta lá ajudar pra instruir. Esse grupo no qual a gente instrui eles são em 4 até agora foram 4 no máximo que foram pra esses estudo essa devoção, mas eles se mostram bem interessados em saber, claro que não é um grande número são só 4 mais 3 já é bom mas são bem interessados no nosso estudo.

Pesquisador: *Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação dos presos? Por quê?*

Representante Seminaristas do Seminário Concórdia IELB: Sim, no primeiro momento eu vejo que a gente ta lá pra conversar, a gente não ta lá pra jogar a bíblia na cara igual falamos, pra fazer julgamento, você chega no caso eu já tive algumas conversas, que eu fui lá conversei sobre futebol enfim, os caras vão conversando ai se tu vê que ele vai no ponto de falar sobre uma questão mais espiritual esse é o ponto que você vai agir e tu não precisa chegar e falar pra ele na cara, “oh se tu fizer isso” enfim falar de Deus e se a pessoa chegar a tocar no assunto ai nesse ponto você age e fala o que você tem pra dizer e busca esse caminho acho que é por ai independente do lugar seja em capela seja dentro da cela pode acontecer. Eu também acho importante, acho que também todas as pessoas carecem dessa palavra, que a gente tenta levar pra elas através da conversa e acho importante sim essa dimensão, por que lá dentro a gente não conhece todos, mas a gente acredita que tem aquela pessoa que antes de estar lá frequentava a igreja, era católico, enfim, tinha essa rotina de igreja então não tem porque não ser importante, talvez a pessoa queria ta nessa rotina, queria continuar nessa rotina, mas a situação não permite, então esse trabalho abre uma brecha pra pessoa que ta desacreditada pra quando ela possa sair de lá ela busque de novo esse caminho.

Eu acredito que sim, o ser humano eu acho que hoje em dia, muitos estão olhando por ser humano de uma forma holística, olhando por ser humano como um todo e tem muita resistência pra isso também, muita gente é mais conservadora e acha que não e quem ta no sistema penal tem que sofrer e não pode receber nenhum tipo de alívio ou trabalho, de uma forma holística e eu acho que esse olhar holístico pro ser humano, olhar pro ser humano como um todo é importante, porque a ressocialização a sociedade ela conta com o ser humano nas instituições religiosas também então o ser humano faz parte até teve um padre que falou isso que “o ser humano é homoreligios” ou seja, ele tem sua religião tem sua crença sua descrença ele tem sua opinião formada sobre as questões espirituais ele tem todo um paradigma na sua cabeça sobre isso e o preso também tem esse paradigma, ele tem essa ideia essa ideologia ele tem a doutrina na cabeça dele, a crença ou a descrença, e é importante trabalhar isso pra que ele possa ser reintegrado como um todo e não só trabalhar, e não só fazer a questão do trabalho braçal do emprego, mas que ele possa ser reintegrado a família a religião pra que ele possa ser reintegrado como um todo, então eu acho

importante essa visão holística que as pessoas olhem pro ser humano como um todo e de espaço para religião pra crença ou descrença da pessoa pra que ele possa trabalhar isso com liberdade.

Eu acredito que sim, a gente tem conversado com esse grupo que temos mais afinidade e eles tem colocado dentro do vocabulário deles né, eles são pentecostais, então eles tem o vocabulário bem característico de que eles estão lutando contra a carne, tão lutando contra o diabo, essas coisas, na verdades eles estão lutando contra as tentações da vida fácil, da vida do crime, e eles acreditam que Deus perdoou eles e deu graças pra eles e eles se agarram nessa nova chance pra poder mudar de vida, então eles falam e teve até um que falou assim “é melhor eu ta preso aqui do que na prisão eterna” então ele tem consciência do valor que Deus dá pra ele e é o valor dessa nova chance que ele tem e eu acho que ajuda muito pra que eles possam se ressocializar.

Pesquisador: *Você acredita que a dimensão da espiritualidade humana considerada no tratamento penal? Por quê?*

Representante Seminaristas do Seminário Concórdia IELB: Eu não sei se eu posso responder isso dentro da experiência que a gente tem, por que a gente fica lá pouco tempo, são só uma hora e meia mais ou menos por final de semana que a gente fica lá, mas acho que só a abertura que sistema penal tem pra que todas religiões possam mandar seus representantes lá e fazer essa assistência espiritual já é um bom caminho já é uma boa coisa, então eu acredito que ela é considerada não sei se é considerada muito grande não sei se é dada muita importância pra isso dentro do sistema penal, mas pelo menos ali no presídio de São Leopoldo que a gente trabalha, a gente tem uma autonomia muito grande de trabalho e agente é muito bem tratado, então a gente vê que eles dão valor pra esse tipo de coisa, pelo menos

Sim, contribui bastante, pelo menos o grupo que a gente ta ali trabalhando eles não querem mais aquela vida pra eles, querem melhorar querem ter um outro estilo de vida, então eles buscam nessa espiritualidade encontrar um outro caminho e agente estando ali dentro acho que é um estímulo a mais pra eles pra enfim sair dessa vida e crescer na espiritualidade acho que contribui sim.

Pesquisador: *Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que poderia compartilhar?*

Representante Seminaristas do Seminário Concórdia IELB: Teve um caso marcante pra mim de um senhor que ele tava querendo largar de ser traficante porque a partir do nosso trabalho, conversando com ele e estando do lado dele ele começou a ver que aquilo não tinha futuro ele por conta própria, e falou que depois que saísse da cadeia ele queria que nos ficássemos visitando ele e queria que a gente conhecesse a família dele e pediu pra gente uma bíblia, tanto que a gente foi atrás e conversou com nosso orientador aqui no seminário o professor Paulo Wiker, e ele deu pra nós a bíblia e a gente levou pra esse senhor a bíblia, e os 5 minutos com Jesus que é um livro, onde tem uma mensagem diária e uma pequena oração, a gente deu pra ele e passou nosso telefone, e isso nós não fomos aconselhados a fazer de passar o nosso telefone para as pessoas ali dentro, mas aquele caso específico vimos que era necessário por que a gente sentia um empatia por ele e a gente viu que era

necessário então não foi pra todos os casos, foi pra esse caso, a gente manteve contato por algum tempo ele veio a relatar que tava tendo dificuldade de arrumar outro emprego, que era por ter sido preso, mas ele não queria voltar a vender droga por que ele sabia que aquilo era errado e não queria envergonhar a família dele, e ele falava direto que com a ajuda de Deus ele ia superar, ele ia arrumar um trabalho bom, um trabalho que desse pra sustentar a família dele e isso foi um caso que a gente viu que eu não digo que foi nós, mas que deus trabalha nas pessoas e o Espírito Santo guia e essa ação do Espírito Santo leva a pessoa a mudar de vida e é um caso que eu posso relatar, e um outro caso que eu podia falar é de um jovem que nem sei quantos anos ele tinha, acho que minha idade uns 20 anos, 21, não sei dizer, mas ele duas vezes veio e falou pra mim que ele tava querendo parar de usar droga e eu falei pra ele que eu iria te trazer uma bíblia e ele disse que não queria a bíblia, e ele disse: “não, não, eu não quero a bíblia só quero te falar que eu vou parar de usar droga” e eu me assustei porque eu só queria, eu escutasse ele e eu falei então eu tô com você e depois eu não tive mais contato com ele nas outras vezes que fui eu não vi ele lá dentro, mas essa força de vontade também marcou e são esses dois casos que eu posso relatar que foi marcante pra mim.

A gente teve só lá dentro ai esse do telefone, foi um caso específico por que ele já tava no processo de saída, mas com os outros não até porque o nosso trabalho era específico lá dentro e tinha toda a questão que não podia ter muito contato na questão de celular e essas coisas mais pessoais, mas o que eu quero frisar é que foi muito importante nós estarmos lá por conta que nós estávamos em nome de Deus, mas nós não estávamos lá pra fazer uma pregação, a gente tava lá pra ouvir, e eu senti que esse ouvir foi muito importante por que pouca pra ouvir as pessoas e ainda mais um penitenciário ou pra acreditar que eles estão desacreditador e a gente tava lá pra conversar, ouvir, e isso me marcou muito que hoje a gente não ouve mais as pessoas e esse ouvir acho que foi o gatilho pra gente criar esse laço de amizade com eles e criar esse vínculo e mostrar que a gente tava lá com eles pra superar o desafio deles então acho que isso é marcante.

Pesquisador: *Acredita que o sistema penitenciário está preparado para acolher a assistência religiosa no interior das prisões?*

Representante Seminaristas do Seminário Concórdia IELB: Sim, é importante e eu acho que o sistema, falando do sistema a assistência religiosa em si oferecida não somos só nós lá, tem outras lá, e o sistema pelo que eu vejo ele é bem aberto para as denominações religiosas, e eu acho isso bem importante, para que eles recebam assistência religiosa é importante pra eles, então eu acho legal que tenha essa abertura que a SUSEPE tem essa abertura pra que as pessoas das demais religiões possam visita-los.

Pesquisador: *Quais as maiores dificuldades encontradas, para efetivar a assistência religiosa nas prisões?*

Representante Seminaristas do Seminário Concórdia IELB: Eu acho que a principal dificuldade é criar vínculo com os presos, eles são muito desconfiados e com os poucos que conseguimos conversar, já vimos que a grande questão é o julgamento de pessoas que vão lá pra julgar e eles já tem julgamentos da família, da sociedade, do sistema judiciário e são julgados por todos, e ai as vezes alguém vai lá pra fazer

algum trabalho de assistência espiritual e leva mais julgamento, a gente não quer levar julgamento mas eles sempre estão desconfiados que a gente tá levando algum julgamento, então eu acho que a principal dificuldade da efetividade é a comunicação com os presos de uma forma que haja uma troca de vínculo entre aquele que tá prestando assistência, eu acho q a maior dificuldade é criada talvez pelo próprio prestador de assistência espiritual que em vez de estar lá pra acolher, pra ouvir, pra levar o amor de Deus, tá lá pra julgar e levar mais julgamento, então eu acho que a gente tem essa resistência desse trabalho que é criado pros outros, que também prestam assistência espiritual, não posso dizer quais não possam atacar outros trabalhos não sei qual provocam esse tipo de resistência, não sei, mas eu sei que existe alguns visitantes que provocam esse tipo de resistência ao levar mais julgamentos pra eles. Essa questão da dificuldade que também eu encontrei foi a comunicação mesmo, muitos ali te cumprimentam, e você cumprimenta, mas muitos assim te ignoram e não querem nem saber, enfim, é a questão da desconfiança eu acho que também é um pouco disso, essa é a dificuldade que eu encontrei mas acho que com o tempo isso vai criando um vínculo e o pessoal vai vendo a nossa cara a cada domingo e eles vão meio que querer puxar conversa, enfim, vão tendo essa liberdade, no entanto a dificuldade é a comunicação.

Pesquisador: *Quais as sugestões que vocês teriam para melhorar a assistência religiosa serviço penitenciário?*

Representante Seminaristas do Seminário Concórdia IELB: Como agente tá lá a pouco tempo não sei se a gente tem um visão tão ampla do trabalho, eu acho que é muito bom o que eles fazem lá, pra gente o recebimento que a gente tem e tudo mais, talvez se a gente pudesse ter um diálogo maior com as outras frentes de trabalho, com os outros grupos religiosos que fazem trabalho, pra que a gente pudesse coordenar uma ação integrada pelo menos pra que a gente ouvisse melhor o que os outros fazem, como é que eles conseguem entrar lá dentro como conseguem fazer o trabalho deles, talvez seria uma boa pra nós mesmo, pra que nós pudéssemos aprender melhor como melhorar o nosso trabalho, talvez seria uma sugestão pra nós podermos fazer essa conversa com os outros religiosos, fica meio difícil porque as vezes, os grupos religiosos não são tão abertos a esse diálogo entre religiosos, mas acho que podia ser interessante, se a gente pudesse conversar com eles e vê o que eles fazem de bom pra que a gente possa melhorar o nosso trabalho.

Olha eu sinceramente pelo pouco tempo que a gente tá ali eu não sei, não teria uma sugestão agora quem sabe no final do ano eu teria alguma mas a princípio a gente tenta fazer o nosso trabalho da maneira que a gente é instruído.

Seria bom, no caso já tem a igreja deles que é na cela mas eu não posso dizer porque uma infraestrutura, talvez uma mini capela de orações mas eu não sei se essa é uma estrutura que teria que ter um trabalho permanente, talvez uma capela pra eles possam fazer orações, confessar com padre, com pastor seria uma estrutura, mas como o padre já faz esse trabalho semestralmente de fazer acho que não é uma necessidade, seria um a mais, seria um bônus mas não seria uma necessidade, eu acho que ali é muito bem adequado.

ANEXO VII – ENTREVISTA COM O REPRESENTANTE DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (IURD)

Pesquisador: *Como a sua denominação religiosa vê a assistência religiosa no serviço penitenciário?*

Representante da IURD: Então, o trabalho que nós realizamos ali a muito tempo tem beneficiados, os resultados são visíveis, presos que foram atendidos pelo nosso trabalho por esse método de assistência social, esse método de assistência religiosa através da palavra; entregamos bíblias pra eles, kits higiênicos, realizamos diversas ações sociais, não apenas com eles mas levamos isso para as famílias e estendemos isso para as famílias deles que estão sendo atendidas pelos obreiros e inclusive nós temos um obreiro de uma maneira especial que eu tenho que alinhar aqui com vocês que é o seu Antônio, que tem realizado um trabalho excelente com os apenados de São Leopoldo, e eu tenho resultados de presos que saíram de lá e hoje já estão trabalhando e estão com outra cabeça e estão com a gente lá na universal.

Pesquisador: *Como você vê a assistência religiosa oferecida dentro do instituto penal de São Leopoldo?*

Representante da IURD: O objetivo do trabalho da universal dentro dos presídios hoje, é através das ações sociais que realizamos, de alguma maneira contribui pra ressocialização do preso, para que ele tenha uma outra cabeça, um outro pensamento diferenciado lá dentro, que é ter a família unida e abandonar a criminalidade através desta ações sociais, é que vamos ter um regresso muito grande, eles vão sair do presidio vai voltar a roubar, vai voltar a assaltar, vai voltar a matar, então o objetivo nosso dentro do sistema prisional é de alguma maneira contribuir com a ressocialização desse apenado e fazer dele um homem de família. E quais os métodos que nós usamos? O método principal que nos utilizamos e a ferramenta mais importante desse trabalho é a palavra de Deus, através da palavra de Deus nos conscientizamos eles a terem compromisso com Deus, e naturalmente quem tem compromisso com Deus tem compromisso com a família.

Pesquisador: *Descreva como acontece a assistência religiosa que é dado pela sua denominação no instituto penal?*

Representante da IURD: Lá o trabalho é feito duas vezes na semana e quando temos mais oportunidades realizamos também no final de semana, já o trabalho de assistência social para com os apenados, é de duas vezes na semana, porém no lado de fora nós fazemos um plantão de atendimento para as famílias todos os finais de semana.

Pesquisador: *Acredita que a assistência religiosa contribui com a ressocialização e a recuperação dos presos? Por quê?*

Representante da IURD: Como falei na outra pergunta e é muito parecida, quando uma pessoa tem uma experiência lá dentro com a palavra de Deus, que é essa ferramenta que vai mudar a vida do apenado, a vida dela muda, só que eu vou além

disso, eu posso falar com propriedade que eu sou um ex-presidiário, eu estive preso quatro vezes e meu fim deveria ser a morte ou estar preso até hoje, e eu tive lá dentro a assistência social da igreja universal, eu recebi o incentivo, então não existe uma outra maneira de ressocializar uma pessoa que está atrás das grades se não for com a palavra de Deus, com livros que vão contribuir para melhora da mente dele, porque o cara fica lá ocioso, ele fica preocupado e pensando em muitas coisas ruins e quando nós levamos pra ele um livro, uma bíblia, levamos a literatura para dentro do presídio, nós investimos hoje mais de 1 milhão por ano só com literatura dentro dos presídios. Aqui no Rio Grande do Sul, e estou falando de bíblias e literaturas de diversos formatos para beneficiar a cabeça dele, inclusive nos temos um livro que é “mente de um viciado” que justamente a mente de uma pessoa que venceu o vício e como ela pensava, então eles descobrem como eles podem também vencer o vício e é através da fé, então a única maneira do preso ser ressocializado e reintegrado à sociedade, a única forma disso acontecer é através desse trabalho social e espiritual que fazemos lá dentro, nós fazemos a linha dos cultos, prestamos assistência social pra eles mas levamos eles a consciência do compromisso com Deus, quando esses presos tomam ciência de que é possível a vida deles mudar, eles olham pra nós e veem que é possível e eles veem os resultados dos outros que também largaram o crime, então eles estão optando em largar o crime e voltar a viver na sociedade com outra cabeça e assim a gente vai ter resultados de homens que a gente tem aqui no estado do Rio Grande do Sul são mais de 400 em um ano de trabalho, apenas e isso sem contar os outros anos, de um ano pra cá nós tem 400 presidiários que largaram a vida do crime, não estão mais roubando, matando, assaltando e nem estuprando, através do nosso trabalho e isso não é apenas um projeto é um programa, nós temos isso com provas e essas pessoas estão na igreja e elas largaram o crime por causa dessas atividades.

Pesquisador: *Você acredita que a dimensão da espiritualidade humana considerada no tratamento penal? Por quê?*

Representante da IURD: Isso aí é uma faca de dois gumes, podemos até falar que 50% considera, e aí a gente tem uma resistência muito grande na outra parte e nem todo mundo vê dessa maneira. Os diretores que conseguem enxergar que a única maneira de restaurar e ressocializar um preso é através da assistência religiosa, pode ver que o presídio dele é diferente, é só fazer uma pesquisa que vai ver, aquele presídio é um ambiente e o local, tudo que é feito tem ali dentro é diferente, já o local que não tem essa amplitude e esse investimento da parte do diretor, porque a gente tem essa resistência, hoje a gente consegue, e eu acredito que 60 até 70% consegue entender isso, até reiterando o que eu falava dos 50 eu acho que os 70% consegue ver, 70% da SUSEPE consegue enxergar a importância, o superintendente levando pro Dr. Ângelo da Dr. Ane, inclusive o secretário Xime faz questão de todas as entrevistas dele citar isso, sendo pontuado a assistência religiosa dentro dos presídios é a única maneira de ressocializar um preso, porque de outra maneira não existe, a gente tem visto de perto que a única coisa que o agente faz é transportar o preso de um lado para o outro, ele não faz outra coisa a não ser de alguma maneira levar ele pro juiz, pra resolver alguma coisa pessoal dele que é obrigado e é direito do preso, mas a parte de ressocializar é uma ou outra casa, sem assistência religiosa que consegue através de cursos e atividades que se a senhora for fazer um levantamento a maioria não tem nada e a universal e o nosso trabalho vem com esse objetivo, fazer com que o trabalho de ressocialização aconteça e os presos sejam transformados, e detalhe hoje 70% da SUSEPE vê que isso é importante esse trabalho.

Pesquisador: *Você tem relatos de casos de recuperação de presos a partir da assistência religiosa que poderia compartilhar?*

Representante da IURD: Num espaço lá em São Leopoldo mesmo, nós temos uma catedral e dentro dessa catedral, nós temos uma sala e essa sala nós damos assistência social para as famílias, todas as famílias que recebem atendimento ali, elas recebem uma cesta básica, recebem roupas, recebem assistência tanto espiritual como social e todos os presos que recebem a liberdade definitivamente, não só os que vão a passeio, vocês sabem q tem os dias de passeio mas o detalhe do dia do passeio é que antes de retornarem pra casa prisional, eles vão para igreja e quando saem definitivamente ainda que com a tornozeleira eletrônica, eles vão lá na universal e nós encaminhamos eles para fazer um curso para poder arrumar um emprego. Esses dias mesmo um rapaz saiu e nós conseguimos um emprego pra ele e hoje ele já não é mais a mesma pessoa, inclusive o nome dele é Joao por incrível que pareça, ele mora em Montenegro e ele estava recluso em São Leopoldo e hoje ele está com outra cabeça, tá vivendo e trabalhando, abriu o próprio negócio, é uma coisa simples, mas hoje tem pessoas virando empresário, hoje ele vende churrasquinho e conseguimos junto com seu Antônio, e as portas se abriram para ele e hoje é um outro homem e isso é resultado do nosso trabalho, além disso em todo estado nós temos aproximadamente 400 salas, salas estas em todas as cidades do Rio Grande do Sul, o preso quando sai de lá ele pode procurar uma Universal, e dentro de todas as igrejas Universal tem uma sala exclusiva para atender a família e um ex-presidiário.

Pesquisador: *Sua denominação religiosa acompanha a vida de pessoas que já saíram do sistema penitenciário?*

Representante da IURD: Nós temos hoje 400 salas espalhadas em todo estado, onde tem uma igreja universal dentro dela, tem uma sala e nessa sala nós damos uma assistência social e espiritual para as famílias e pra todos os egressos, detalhe, todos os presos quando saem do presídio eles só ganham uma folha dando a eles a liberdade para eles pegarem um ônibus, e esse ônibus eles chegam apenas na rodoviária e nós temos a nossa central da UNP que é aqui na catedral (cita o endereço) mas se ele tiver lá em Erechim nós também temos lá, uma igreja e se ele tiver em Frederico, Três Passos, Passo Fundo nós temos uma universal dentro da cidade e nós temos ali um espaço e nesse espaço é realizado um café pra ele, e é encaminhado para fazer documento, eles recebem uma cesta básica, pra poder chegar em casa pra não ter que roubar de primeira mão e detalhe, eles não tem passagem e nós damos pra ele ir pra qualquer lugar do estado e até pra outro estado, nós damos passagem, o preso se provar pra nós que ele realmente quer mudar de vida, nós botamos ele no ônibus e mandamos ele pra São Paulo, Belo Horizonte, Caxias do Sul, pra onde ele quiser, então nós temos em todo estado, eu não conheço até hoje alguma religião ou instituição que faça isso, que recebe um preso de um presídio e da comida, roupa, que encaminha ele pra um médico, até pra trabalho e que ainda tem a coragem de pegar ele e botar dentro de um ônibus pagar a passagem dele e mandar pro lugar que ele está falando, então nós temos esse local e detalhe, as famílias são acompanhadas por várias pessoas capacitadas, são grupos e além de projeto Universal nos presídios, nós temos outros projetos que se estende pra eles inclusive o nome do projeto se chamado projeto RAAB é um projeto composto só por mulheres que atendem mulheres que foram violentadas, estupradas, mulheres que foram abandonadas pelo marido e elas são psicólogas, elas são como se fosse

psiquiatras que atendem essas mulheres e de alguma maneira oferecem para elas toda assistência emocional, espiritual e também financeira, porque elas recebem todo tratamento necessário e como é de mulher para mulher, elas se sentem à vontade para contar o que tá acontecendo, então dentro da igreja universal nós temos diversos projetos ligados ao projeto nos presídios, hoje nós temos um projeto que faz o ex-presidiário sair e nós temos lá um projeto para ele fazer um curso de dança, teatro, ele pode fazer e nós temos uns 45 cursos gratuitos e profissionalizantes com certificados que é um projeto EVG esse projeto nós temos um prédio oferecendo esse curso a família do presidiário e o presidiário pode fazer esses cursos e nós temos isso na mão para oferecer para 40 mil presos.

Pesquisador: *Acredita que o sistema penitenciário está preparado para acolher a assistência religiosa no interior das prisões?*

Representante da IURD: Pelo menos aqui no Rio Grande do Sul eu tenho certeza que estão preparados, eles só precisam entender a dimensão do trabalho religioso, por que eles tem condições, só que por conta de tradições a gente vê uma resistência, queríamos fazer muito mais, o nosso projeto é fazer muito mais do que já se faz, mas como a gente tem os embargos, as tradições culturais da nossa cidade, as pessoas acham que a gente não tá indo para poder ressocializar, só que a gente tem provas, a gente tem resultados concretos que é possível mudar aquela situação, nós somos um braço do governo dentro da casa prisional, a partir do momento que eles não conseguem enxergar isso a gente não vai conseguir fazer nada e a sociedade vai sofrer, por que um preso que é ressocializado não vai matar ninguém...

Pesquisador: *Quais as maiores dificuldades encontradas, para efetivar a assistência religiosa nas prisões?*

Representante da IURD: Problema é que vou levar umas cinco horas para responder isso né, mas tudo bem, hoje a maior dificuldade que nós temos no sistema prisional aqui no Rio Grande do Sul é a nível de tradição, porque eles não reconhecem, e eu até já falei em outra pergunta, porque o nosso trabalho é importante e a maioria não reconhece e se reconhecesse a gente conseguiria ressocializar muito mais pessoas. E qual a dificuldade hoje? A dificuldade que nós consideramos, as rotinas que existem nos presídios de passar pelo sistema de segurança de revista e a gente tem consciência só que mesmo conhecendo, nosso dia a dia, nós somos tratados com indiferença, nós não levamos drogas, nós não levamos celulares, nós não levamos nada para causar um problema no presídio, pelo contrário o nosso trabalho dentro do presídio, nós estamos quebrando a criminalidade, um preso que se batiza nas águas ele não vai mais pedir celular, ele não vai mais pedir drogas, ele não vai mais fazer nenhum esquema para poder contribuir com o andamento do presídio, ele vai ser uma pessoa diferente é menos um que vai assaltar, que vai roubar, então nós temos a dificuldade. Hoje não é com os diretores, não é com os chefes de segurança, hoje nossa maior dificuldade é com os agentes penitenciários que ainda não entenderam que o projeto universal nos presídios é um braço do governo para contribuir com aquele presídio, e detalhe, se eles soubessem que nós representamos mesmo, daria muito mais valor para nós porque nós queremos fazer, se pudéssemos transformávamos aquele presídio e transformávamos aquele lugar, transformávamos a sala daquele agente, fazíamos até um spa para eles se permitissem, mas como eles olham agente com outros olhos, então a gente não vai poder fazer mais como deveria, mas hoje a

gente tem a dificuldade porque na cabeça de um agente penitenciário nós fazemos o café, nós levamos alguma coisa em troca de um benefício, só que nós passamos pela mesma revista que uma mãe uma esposa um familiar de preso passa igual, e o que nós queremos é apenas pregar a palavra de deus, hoje eu posso pontuar aqui que a nossa maior dificuldade é com os agentes penitenciários que ainda não entenderam que o nosso objetivo é melhorar aquela cadeia e transformar aquele ambiente em melhor.

Pesquisador: *Quais as sugestões que vocês teriam para melhorar a assistência religiosa serviço penitenciário?*

Representante da IURD: Ai é uma pergunta que eu realmente gostaria q cada diretor do estado fizesse pra mim, nós temos diversas sugestões, a primeira é permitir que nós realizássemos em todas as casas prisionais a construção de um espaço multiuso, esse espaço multiuso ele feito cultos duas ou três vezes por semana se permitirem cinco vezes que não seria mal porque é pra beneficiar e nesses dias nos realizaríamos cursos, poderíamos também fazer curso redução pela leitura, os presos poderiam através de uma biblioteca que nos instalaríamos ali dentro, cursos e atividades sócio educativas, palestras com respeito a família, colocaríamos ali um projetor mostrando pra ele o outro lado da moeda, então nós temos a sugestão primeira é permitir que a universal nos presídios no nosso caso nos dessem um espaço e não importa o tamanho para que a gente possa construir ali um espaço multiuso e a partir dali iniciar as atividades sociais, com as famílias, com os agentes, com os presos nas galerias e na grande maioria do que já fazemos mesmo é a forma de melhorar e já fazemos isso com intensidade mas se eles intender que a gente pode entrar com esse espaço e construir mais espaço de ressocialização aquela casa seria diferente, a sugestão hoje seria permitir que realizamos dentro das casas prisionais pelo menos um espaço multiuso de ressocialização e reintegração social através dele a gente vai expandir lá dentro as atividades os cursos as reuniões e até mesmo um local pra poder fazer cursos até pros agentes através de parcerias que temos, então com respeito a SUSEPE levando pro trabalho religioso pra assistência religiosa eu penso que deveria ter uma equipe como já tem no DTP, mas uma equipe especifica para atender a assistência religiosa como acontece lá em são Paulo que tem uma coordenadoria que tem um diretor para a ressocialização, então se aqui tivesse um diretor ou uma pessoa responsável por esse departamento seria muito importante, por que ai agente teria alguém pra lutar por nos dentro da SUSEPE, nós estamos lutando sozinhos pra ser uma referência pra nós, e enquanto não tiver uma referência lá dentro de um próprio da SUSEPE pra lutar por nos agente vai ficar trabalhando ai dando soco em ponta de faca e eu penso que deveria ter um departamento de assistência religiosa para essa parte social e religiosa de todas as igrejas que temos aqui no estado.

ANEXO VIII – ENTREVISTA COM O PRIVADO DE LIBERDADE CONVERTIDO, DAVI³⁸⁴

Roteiro de perguntas

1. Qual é a tua igreja?
2. Costuma frequentar as atividades da sua igreja na reclusão?
3. Com que frequência participa das atividades religiosas na reclusão?
4. Descreva sua participação?
5. Quais são seus planos ou seu projeto de vida para depois que sair da prisão?
6. Além da assistência espiritual, você e sua família recebem algum outro tipo de apoio da ou das igrejas durante o seu aprisionamento?
7. Pretende continuar a frequentar a igreja depois de sair da prisão?
8. Que sugestões você teria para melhorar a assistência religiosa no Serviço Penitenciário?
9. Quando o senhor se tornou evangélico lá PEJ?

Entrevista com o privado de liberdade convertido – DAVI (nome fictício)

Pesquisador: *Qual é a tua igreja?*

Davi: Assembleia Deus

Pesquisador: *Costuma frequentar as atividades da sua igreja na reclusão?*

Davi: Sim, eu e minha esposa.

Pesquisador: *Com que frequência participa das atividades religiosas na reclusão?*

(x) todos os dias da semana

(..) uma vez por semana, na minha igreja

(..) uma vez por semana numa igreja que simpatizo mais

Pesquisador: *Descreva sua participação?*

Davi: A função é cuidar dos presos "o rebanho de Jesus" - Eu chamo de pastor, dirige o grupo, organiza, a escolha das campanhas era dada por ele, agora ele dividiu as

³⁸⁴ Davi é nome fictício, para preservar a identidade do entrevistado.

tarefas entre os demais, uma ira organizar um dia de atividades, em uma saída temporária dão continuidade a rotina. Seguir Jesus, não aquela pessoa, as pessoas, são o exemplo o espelho, mas que a fé deles deve estar em Jesus.

Pesquisador: *Quais são seus planos ou seu projeto de vida para depois que sair da prisão?*

Davi: 2020- É aberto- confia em Deus. Deus me escolheu, me libertou, eu congrego na assembleia de Deus, mas prega Jesus e não a placa. Acredita que tem uma missão, quando Jesus lhe deu mais vida, na recuperação da overdose. Tem que dar bom testemunho.

Voltaria para fazer missão dentro nos presidio. Tenho desejo de continuar a missão, não só com os presos, mas no hospital, aos mendigos, prostitutas, levar Jesus para todos para os menos favorecidos. O desejo é pregar o evangelho. Tenho vontade de fazer um curso de teologia. Projeto é trabalhar e servir os projetos Deus e 2024 a liberdade condicional.

Pesquisador: *Além da assistência espiritual, você e sua família recebem algum outro tipo de apoio da ou das igrejas durante o seu aprisionamento?*

Davi: Alguns irmãos sempre ajudaram a esposa com rancho, com dinheiro para pagar luz. A minha esposa se converteu também durante a reclusão do mesmo ano, de 2008. Em 2009 fomos batizados na PEJ.

Pesquisador: *Pretende continuar a frequentar a igreja depois de sair da prisão?*

Davi: Sim, só vai parar no céu, nada o separa mais de Jesus.

Pesquisador: *Que sugestões você teria para melhorar a assistência religiosa no Serviço Penitenciário?*

Davi: Acredita que ter assistência da rua, não só na área espiritual, mas ter mais trabalho. Tem muitos que não são religiosos, não tem religião, mas não querem estar mais no crime, falta a oportunidade.

Que a igrejas, poderia ter mais o desejo de vim dentro do Sistema, Deus me chamou para visitar, o espaço, a vida daqueles que estão no cárcere... ir pregar o evangelho a todas a criatura.

Eu devo pensar que cada um faz sua parte e cuida dos outros.

Percebe muita rivalidade entre as Igrejas, que elas deveriam se unir para atingir mais pessoas, coma proposta que todos servissem a Jesus, para fazer a obra de Deus juntos, sem se julgar. A nossa luta está sendo contra a carne e o sangue, não contra principados e protestados religiões, não perdendo o foco, lutando uns contra os outros (efésios 6, 10)

Pesquisador: *Quando o senhor se tornou evangélico lá PEJ?*

Davi: Foi em janeiro de 2008, não lembro o dia, que foi numa segunda feira, mas não lembro a data do mês, e pra mim poder ir pra lá, foi Deus que me levou porque eu nunca sonhei ou pensei em um dia ser evangélico, que minha vida era só maldade, um homem sem Deus e no crime é só maldade, e como eu usava droga, eu tive três overdoses, e eu via meu corpo congelado na cama, eu via minha alma indo embora, ali dentro da prisão... três dias aconteceu isso: sexta, sábado e domingo. Ai no domingo minha esposa foi lá me vê, eu ainda tava meio perturbado da droga, eu dormi, e aí tive de novo aquela overdose, e acordei, mas meio perturbado, meio confundido, vendo coisas, era a perturbação da droga, a gente quando usa sai do mundo natural, a gente vai pro mundo espiritual e daí falei pra minha esposa, e ela também era macumbeira, minha esposa incorporava e tudo, ia no cemitério, abria as covas do defunto e comia os pedaços do defunto... é o espirito, o espirito quando toma conta da tua mente, ele toma conta do teu corpo, assim é Jesus, se nós ter a mente de Cristo, ele toma conta do nosso corpo, nós temos uma sã consciência, liberto desse espirito, só fazer a maldade, assim diz a bíblia, o diabo vem pra matar e destruir e Jesus vem nos dá a vida, e vida com abundância, então falei pra minha esposa: mãe; eu chamo ela de mãe hoje, mas antes eu não chamava, e detestava ela, eu conheci ela por telefone, dentro da cadeia, eu nunca tinha visto ela na rua, e quando eu vi ela assim “meu Deus eu nunca vou ficar com essa mulher” eu falava pros presos tudo, falei pra ela que eu ia pros irmãos no domingo, daí ela mandou eu criar vergonha na cara e ir, só que aquela palavra que ela me falou me atingiu, ai eu só consigo “ah eu não vou ir” daí no fim da visita, terminou a visita eu fui usar drogas de novo, tive outra overdose, Deus me despertou no outro dia, quase meio dia, queria que não botasse, mas a gente tem arma no sistema, eu tinha dois facão que a gente fazia pra se defender de facção, daquelas coisas... e daí tinha um comparsa meu, fui tomar um banho e voltei e disse pra ele “bah mano eu vou lá pros crentes, lá pros irmãos porque isso aqui não vai me salvar só que vai me salvar é Deus” ele me chamava de negão ai ele disse “bah negão todo dia tu tá falando disso ai”, ai eu disse “não eu vou ir” e descii pros irmão, e quando descii minha esposa foi me vê na quarta feira ai eu dizia p ela “depois da visita eu vou ir” porque é uma outra vida, de eu sair das trevas e Jesus me levou pra luz, então quando eu cheguei dentro da igreja, ali com os irmãos, orando, jejuando, lendo a bíblia, dando glória a Deus e aleluia, clamando a Deus, era uma vida diferente, e eu só falava em matar e roubar, destruir, de trair ser traído, enganar e ser enganado, só desgraça só coisa ruim, é isso que penso, a vida do preso é assim, só planejar o mau, mente satânica, mente diabólica, só planejando o mau e então ela foi quarta, daí ela mesmo sendo macumbeira, depois que terminou a visita, ela falou pra mim “fica até domingo, ai domingo tu sai” então tá, ai na sexta eu tive um encontro, Jesus teve um encontro comigo e ai eu comecei a sentir algo que eu nunca senti na minha vida, foi uma alegria assim que, que eu nunca tive na minha vida, então a minha esposa foi cinco visitas lá me vê nos irmão, e ai parou, mas nessas cinco visitas, na terceira visita eu acho que Deus me batizou com o espirito santo, sabe que existe no evangelho?... e quando Deus me batizou com o espirito santo, eu nem sabia que existia, isso pra mim foi uma coisa que nem minha mãe, nem minha esposa, nem minha filha, nem meus irmãos, nem nada na terra, nem fora da terra, que é algo que eu sinto até hoje, que não tem como explicar, é só quem tem ele, só quem tem Jesus verdadeiramente dentro de si e não consegue explicar, a alegria que a gente tem com Jesus dentro da gente, e ali eu comecei a ser liberto, como eu tive aquele baque assim, Deus me libertou e minha vida foi transformada como da noite pro dia, da água pro vinho, minha esposa se assustou, como ela era da religião, daí treva e luz não tem como ima virado, e ai fazia quinze dias que ela não vinha, ai desliguei ela, daí não

entra mais né... e antes de eu me batizar eu fiz um propósito com Deus, eu disse Deus, e naquele tempo aquela rejeição que tinha dela, Deus começou a mudar, começou a botar um desejo de amar, que eu não sabia o que era amar, eu sabia o que era uma paixão doida louca, “sou louco por ti” “eu te adoro”, mas eu aprendi que a gente tem q adorar e amar só Deus e amar o nosso próximo como a nós mesmo e assim desliguei minha esposa, fiz um propósito com Deus, se Deus levasse ela de volta, nós não ia manter relação até nós casar e dois meses depois Deus levou ela, ela voltou, só que daí com o tempo, ficamos quase um ano sem manter relação, mas a gente não aguentou e quebramos o propósito com Deus, mas Deus teve misericórdia de nós, passou o tempo, casamos lá dentro e hoje é amor que tenho pela minha esposa, daquela rejeição, hoje eu dou minha vida pela minha esposa, então isso é algo que só Deus que tem pra dá pra gente, é um amor que não tem como explicar, o amor de Deus por nós, só temo que aceitar... minha esposa se converteu, hoje ela é dirigente do circo geração e dirigente do coral do circo de geração. Hoje graças a Deus, nós somos convertidos. Hoje moro, eu, meu enteado e ela; minha filha é com outra mulher e já é casada, tem 24 anos.

De lá pra cá venho seguindo, bem difícil, mas é bom, tem guerra, tem vale, tem deserto, tem luta tem perseguição, mas é bom, porque Jesus não disse assim “oh vocês vão sentar, vão ter sombra, água fresca, bolachinha” não, ele disse “oh pelo meu nome vocês vão ser perseguidos, injuriados, caluniados, apedrejados, preso e mortos pelo meu nome. O mundo vai odiar vocês, por causa do nome de Jesus” então isso Jesus deixou pra nós, não é facilidade, claro que os bens naturais vai vim ao natural, uma coisa que a gente tem q trabalhar e a gente vai conquistar o que Deus tem pra nós, mas o mais importante irmã não é o ouro e a prata, o mais importante é nós ter a salvação da nossa alma, é nós ter paz num mundo de guerra de tribulações, mas ter paz, que a bíblia diz que “mil cairão do teu lado, e mil a tua direita, mas tu não vai ser atingido” então Jesus diz que “no mundo tereis aflições mas seja bom homem” Jesus venceu e nós vamos vencer.

Um dia quando os irmão Vanderlei, eles faziam culto ali, onde é a igreja hoje, só que é uma cela normal, tinha os presos ali, de tudo... só que era tudo sujo, ele fritavam as coisas, imagina fritando as coisas ali numa cela pequena, e ai um dia eu tô ali, escutando os irmão pregar e to falando com Deus, e eu me vim em cima da cama, daquela cama que tem aqui, eles cultuando e eu me vi pintando a cela de branco, e eu comecei a chorar, antes a cela era suja, da última vez que pintei era rosa e branca. E ai eu fiquei orando a Deus e me vi, no culto mesmo pintando de branco, só que eu pensando assim depois, não pode mudar porque é uma cor padrão e passou uns dois dias, na outra semana, não lembro o certo, sei que foi numa quinta-feira o irmão chegou, esse o representante, nós morava lá na cela 13, tava eu e o Anderson lá os outros irmãos tinham ido embora, ele perguntou quantos irmão tinha, tinha uns irmãos ali, só que no dia tinha cinco, eu dei os nomes dele, ai ele falou “tá nós vamos dá uma cela pra vocês” ai eu perguntei qual, ele disse que era a 13, ai eu disse “não, é a oito” se for a oito é porque nós vamos pra lá, só que daí eu disse pra ele “só que lá quem vai mandar é Deus não é vocês e não é eu é Deus e a igreja” ai ele disse “não, lá é tu q vai cuidar” então tá, ai ele veio e disse “ah amanhã vocês podem se mudar pra lá” ai viemos, lavamos tudo com lava jato e convidamos os irmãos pra vim, só que ai os irmão não quiseram, porque ali é uma igreja, nós somos diferentes, não só na veste, mas no nosso falar, e tem que ter o brilho de Jesus na nossa vida, nós temos que chegar no lugar onde não tem Jesus e eles verem a diferença em nós, eles sentirem

não a nossa presença, um exemplo é eu chegar aqui e senhora vê simplesmente um homem, a senhora sentir diferença, algo diferente na minha vida e daí os irmãos queriam levar televisão, andar de qualquer jeito aí eu disse “não irmão, tu quer ficar aqui com nós, tu é crente, veio da rua crente, então aqui tu não tem televisão, tu não usa isso, tu não usa droga, tu não mata, tu não rouba, tu não anda com palavras malditas que não convém, palavra que não edifica não sai da tua boca, fala de Jesus, fala da família, fala coisa boa... se tu quiser assim, tu não usa bermuda, não usa boné, não anda sem camisa, daquela geral tu não pega nada e não dá nada, tem regra dez horas nós estamos na cama, tal hora nós vamos orar, se tu aceitar assim tu fica, se não...” então todos que estão ali tem uma regra, dez horas nós todos estamos dormindo e falamos coisas boas e hoje tem então a igreja, daí como era pra pintar ela eu “bah e agora?” Não tinha dinheiro pra pintar, eu não tava trabalhando e daí um preso veio e me deu um dinheiro, aí vim aqui falei pro seu Marcio, e aí orei a Deus aí eu disse “e aí seu Marcio, eu posso pintar a cela?” E aí ele perguntou que cor, daí eu disse branca e ele “branca? Toda?” Aí eu disse toda, nós vamos pintar branca e azul, aí pintei de branca e azul e porta por dentro de azul, só não pintei por fora, daí deixei padrão como é a cadeia, e hoje então, é Deus não é pelo homem é por Deus, Deus abriu a porta e aqui nós estamos, e cada vez vai aumentando o rebanho de Jesus.

ANEXO IX – ENTREVISTA DO PRIVADO DE LIBERDADE CONVERTIDO, VANDERLEI ABADI

Roteiro de perguntas

1. Apresentação
2. O senhor conseguiu traçar um projeto de vida dentro do instituto penal?
3. A partir de que momento o senhor começou a frequentar as atividades religiosas durante o aprisionamento?
4. Como foi para mudar a concepção sobre a importância de Deus através da religião enquanto estava preso?
5. Qual era seu contexto familiar?
6. Quando os pais se separaram, você continuou recebendo assistência deles?
7. O senhor teve oportunidade de estudar?
8. O senhor desejou fazer algum curso, de tirar certificado?
9. Quando se envolveu com o crime?
10. Quando constituiu família?
11. Quais pessoas que considera, que ajudaram na sua vida depois da prisão?
12. Durante a prisão tinha materiais pessoais, roupas... ou ficou muito debilitado?

Entrevista com privado de liberdade convertido – Vanderlei Abadi

Vanderlei Abadi: Meu nome é Vanderlei Abadi Soares, tenho 43 anos de idade, fui dependente químico, dos 14 anos aos 25 anos de idade, e tive entrada no sistema prisional, estive preso por quatro anos pelos crimes de 157, que é roubo a mão armada e pelo de 155 que é furto através de arrombamento, e dentro do presídio do sistema penitenciário eu pude conhecer o evangelho através de missionários que iam pregar a palavra de Deus naquele lugar, e foi aí onde eu pude dar crédito a palavra de Deus e encontrar uma saída pra aquela vida que eu estava levando.

Pesquisador: *O senhor conseguiu traçar um projeto de vida dentro do instituto penal?*

Vanderlei Abadi: Eu tinha, mas também tinha receio de não conseguir, mas eu tinha o projeto de retomar minhas atividades, de retomar minha vida, conquistar um trabalho... lógico que com o passar do tempo, com o conhecimento do evangelho eu tive esse esclarecimento melhor, de constituir uma família, sobre ter uma vida moral, restituída perante a sociedade, mas na época quando eu estava dentro do sistema, eu estava com meu entendimento, podemos dizer assim, bem deturpado, eu não tinha

essa consciência, mas quando eu conheci o evangelho, isso foi algo que me ajudou muito a identificar esses valores que eu tinha que ter pra minha vida, tenho que ter né, que são bases que nos trazem.

Pesquisador: *A partir de que momento o senhor começou a frequentar as atividades religiosas durante o aprisionamento?*

Vanderlei Abadi: Eu comecei a ter um entendimento do evangelho, comecei a ver no evangelho uma mudança de conseguir me libertar daquela situação que eu estava enfrentando, que era a reclusão, que eu tinha muito medo, tanto que eu quando sai do sistema carcerário eu procurei a ir pro lado do meu pai, porque meu pai é presbítero da igreja, pra que ele me auxiliasse, me orientando pela palavra, me ajudando e aconselhando, pra que eu não voltasse as más companhias que eu tinha e consequentemente voltasse a praticar crimes e retornasse novamente pra dentro do sistema que é o que a gente como recluso via que as pessoas não conseguiam se manter livres, alguns saiam e dava um período e eles regressavam.

Pesquisador: *Como foi para mudar a concepção sobre a importância deus através da religião enquanto estava preso?*

Vanderlei Abadi: Eu quando criança ia a igreja, só que eu nunca tive uma experiência de fé, eu não tinha fé, eu não acreditava, eu ia porque meu pai me levava, então quando eu sai da casa do meu pai aos 14 anos, eu comecei a fazer o que eu achava que era bom ai comecei entrar na drogadição, comecei a roubar, mas ai eu fui parar dentro do sistema penitenciário e dentro do sistema um dia, numa noite, teve ali dentro do presídio central uma tentativa de fuga dos presos, eles fazem túneis pra fugir e a guarda descobriu, e os presos ficaram sem saber quem teria sido a pessoa que havia denunciado aquilo ali, então naquele dia, eu tive uma experiência que eu chamo de sobrenatural, eu vi dentro daquela cela da galeria, primeira do B de onde eu estava, uma pessoa posses de um demônio que é chamado de demônio “chucavera” que é o demônio conhecido como o da morte, e eu vendo aquela pessoa ali toda retorcida, eu nunca tinha visto aquilo ali, porque a minha experiência até então era com o crime, com droga, mas nessa questão espiritual eu nunca tinha visto, eu nunca tinha tido experiência com isso sabe, e naquela noite aqueles líderes ali da galeria, eles por ordem daquele demônio, mandaram que todos saíssem daquela cela, que aquele demônio ia caminhar no nosso meio e ele ia identificar a pessoa que tinha delatado a tentativa de fuga, então aquele demônio começou a caminhar pelo nosso meio, e a cada vez que aquele demônio passava por mim as minhas pernas começaram a tremer, começou assim... eu comecei a sentir algo que não era desse mundo, não era normal sabe, parece algo que queria me dominar, ai passou uma vez, passou duas e eu vi que aquele demônio já com outra pessoa também incorporada, ele dizia que iria derrubar o delator, ele dizia “eu vou derrubar o safado” que era a pessoa que tinha delatado, e eu vi que aquele demônio ia me derrubar, e se aquele demônio me derruba, naquela noite eles me matavam ali, com certeza, eles iam me enforcar, porque era uma prática deles, ainda mais uma pessoa que entregou, e no tempo que tive no central eu vi pessoas serem mortas ali dentro, então eu tenho convicção que Deus me livrou da morte naquele dia sabe, então na terceira vez que ele veio com força e vi que não ia me segurar em pé, eu lembrei do que meu pai dizia “pra trás de mim satanás” e nesse momento já não teve nenhuma influência mais sobre mim aquela ação maligna entendeu? Então naquela noite... não foi a noite que me converti,

“ah aceitei Jesus como salvador”, mas naquela noite eu pensei comigo, se existe esse demônio que eu senti, que é algo sobrenatural, então Deus existe também, então daquele dia nasceu algo no meu coração que eu costumo testemunhar que é a fé, que aí eu passei a acreditar que realmente existe Deus e diabo, existe céu e inferno, então eu comecei a dar crédito pra palavra de Deus, então eu comecei a ouvir o evangelho com mais atenção, mais temor, e foi um marco na minha fé porque dali em diante eu comecei a conhecer o poder de Deus.

Pesquisador: *Qual era seu contexto familiar?*

Vanderlei Abadi: Eu morava com meu pai e minha mãe até os seis anos de idade, aonde meu pai e meu pai acabaram se separando e então eu fiquei com meu pai, ele casou novamente, casou com uma senhora que tinha dois filhos, uma menina de colo e um menino que tinha uns quatro anos, então eu me criei come eles, e morei com meu pai até aos quatorze anos e sai da casa do meu pai e vim morar em Novo Hamburgo, sozinho com primos e foi onde eu comecei a ter contato com a droga, más influencias e comecei a tomar escolhas negativas pra minha vida.

Tenho uma irmã, hoje me comunico com ela, e meu pai teve duas filhas com a nova esposa, e minha mãe teve um casal de filhos com outro relacionamento que ela teve também. Tenho contato com eles, a gente se relaciona, tem até duas irmãs minha, filhas do meu pai desse novo relacionamento, que são pessoas formadas em direito, uma delas promotora de justiça que é minha irmã mais nova Daniele e do lado da minha mãe o Tainã e a Pamela, e tenho dois irmãos de criação que foram criados pelo meu pai, que é o Jorge e a Denise... ao todo são 7 irmãos.

Pesquisador: *Quando os pais se separaram, você continuou recebendo assistência deles?*

Vanderlei Abadi: Eu entendo, eu não culpo eles, mas isso aí foi um fator que me levou a desenvolver um déficit na minha vida de educação, porque meu pai trabalhava e as vezes ficava com minha madrasta, ela com dois filhos... e eu fui indo pra rua, então com seis/sete anos eu já vendia picolé na rua, então eu já me criei cometendo pequenos delitos, eu já roubava garrafa... e não fui educado, não fui corrigido, meu pai da maneira que ele pôde até os quatorze anos ele me criou e proveu pra mim alimentação e roupas, e hoje com meus filhos eu ajo bem diferente, porque a base de uma boa estrutura é a educação, eu penso e vejo pessoas que nem meus irmãos que tiveram uma boa educação não passaram pelo o que eu passei.

Pesquisador: *O senhor teve oportunidade de estudar?*

Vanderlei Abadi: Sim, estudei até a sétima série, enquanto eu estava na casa do meu pai aos trancos e barrancos eu ia indo, eu rodei um ano na segunda série, e até aos quatorze anos eu consegui completar a sétima série, e aí quando eu saí, eu parei, porque eu não conseguia ter cabeça em continuar, eu tinha que trabalhar nas fábricas de calçados aqui em Novo Hamburgo e estudar a noite, até tentei no primeiro ano, mas depois não tive cabeça. Aí foi quando comecei a ter contato com maconha no início, depois conheci a cocaína e aí cada vez fui me afundando mais, aí depois comecei a tomar muita bebida alcoólica então foi uma sequência de vícios que eu fui adquirindo que cada vez me prejudicou mais.

Pesquisador: *O senhor desejou fazer algum curso, de tirar certificado?*

Vanderlei Abadi: Quando adolescente não, eu fiz depois com dezoito anos, eu fui pro quartel, até os dezoito naquela época era registrado na delegacia tudo em papel, não existia esse sistema computadorizado, então não apareceu no sistema, mas eu tive umas sete entrada tudo por pequenos furto, por roubo de pequenas coisas, eu entrava e saía, entrava e saía... morava com meus primos e depois fui pra cidade de Sapiranga com um tio meu, e ai morei meu ano com meu tio, daí eu saí e fui morar em pensão, comecei a morar em pensão, ai nessas pensões eu pagava pra morar, em uma pousada digamos assim, e ali eu comecei a não conseguir me manter trabalhando porque eu usava droga e aí eu comecei a roubar, pequenos furtos, mas ainda não foi tão agravante pra mim porque depois, com dezoito anos eu me alistei, e ai minha vó queria que eu ficasse no quartel, e eu pra agradar ela fiquei, foi aí que eu dei uma segurada, fiquei dois anos no quarto, que ali eu consegui, eu me drogava e tudo, usava maconha e bebida, porque lá em São Luís não tinha muita cocaína, então aquilo ali conseguiu me segurar mais um pouco.

Pesquisador: *Quando se envolveu com o crime?*

Vanderlei Abadi: Quando eu saí do quartel, eu já estava com a minha mentalidade totalmente deturpada, então eu saí e aí eu vim pra cá, tentei trabalhar no início, arrumei um trabalho, trabalhei numa empresa a Copesul, uma empresa de montagem de andaime de carteira assinada, mas não consegui me manter por causa da droga, continuei na cocaína ai que eu comecei a roubar, ai comecei me afundar mais, usar frequentemente, ai comecei só roubar e usar droga.

Pesquisador: *Quando constituiu família?*

Vanderlei Abadi: Eu constitui família após já estar livre e servindo a Deus, congregando, ai eu conheci a minha esposa dentro de uma igreja, minha esposa é filha de casal cristão e eu sem conhecer o evangelho eu tinha meus relacionamentos fora do casamento, então quando eu conheci o evangelho, conheci a palavra de Deus, eu entendi que eu precisava me casar, que eu precisava construir uma família, e foi princípios que eu aprendi já educado na palavra de Deus, que eu casei com a minha esposa, a gente já ta casado a quinze ano, casamos em 2004, e tenho um filho de doze anos uma filha de oito anos, graças a Deus estamos bem, cada vez melhor.

Pesquisador: *Quais pessoas que considera, que ajudaram na sua vida depois da prisão?*

Vanderlei Abadi: As pessoas mais próximas de mim hoje é meu pai, que mora aqui, veio do interior pra cá, tem alguns primos também que me ajudaram, onde morei com um deles, antes de casar... E alguns amigos, mas o que a gente pode contar mesmo é família, pai, esposa.

Pesquisador: *Durante a prisão tinha materiais pessoais, roupas... ou ficou muito debilitado?*

Vanderlei Abadi: Eu fiquei bastante debilitado, material eu não tive nada, esse tempo que eu tive dentro do sistema eu vivia igual um mendigo, eu não tinha nada, a não ser

o que o sistema oferecia, e naquela época a comida do central era muito ruim, daí tu comia ela e logo depois já tava com fome de novo, então o recurso que a gente fazia, arrumava uma cebolinha, um tempero e refogava e fazia com azeite e dava um melhorada, então foi um período assim... uma experiência bem forte pra minha vida aquilo ali, porque ali dentro do sistema eu passei bastante frio, passei fome, isso pra mim foi uma escola, porque graças a Deus eu consigo valorizar o que eu tenho, porque eu já sei o que é não ter.

QUESTIONÁRIO – Vanderlei Abadi

Tabela 1: *Tempo total de reclusão:* dois anos e três meses, nos presídios Central, Santana do Livramento e São Luiz Gonzaga. A liberdade condicional foi cumprida em Estância Velha

Tabela 2: *Recebe visitas de familiares?* (x) sim () não. Recebi duas visitas dos meus pais durante todo o tempo de reclusão, pois moravam distantes.

Tabela 3: *Se você iniciou a reclusão no regime fechado, informe se recebeu assistência religiosa no estabelecimento penal em que esteve:* (x) sim () não. Recebi a visita de um padre.

Tabela 4: *Se você respondeu sim, considera importante receber assistência religiosa na reclusão?* (x) sim () não

Tabela 5: *Responda por quê?* Hoje sim, mas na época eu não tinha entendimento, se eu tivesse ouvido sobre Deus antes, talvez tivesse despertado.

Tabela 6: *Tem interesse em receber?* (x) sim () não

Tabela 7: *Antes da reclusão, você frequentou alguma igreja?* (x) sim () não

Tabela 8: *A qual igreja pertence?* Assembleia de Deus

Tabela 9: *Recebe assistência religiosa no regime semiaberto?* (x) sim () não. Fui convertido dentro do presídio São Luiz Gonzaga.

Tabela 10: *Você participa das celebrações que são oferecidas no Estabelecimento Penal?* (x) sim () não

Tabela 11: *Se respondeu sim, diga qual frequência:*

() todos os dias da semana

(x) uma vez por semana, na minha igreja

(x) uma vez por semana numa igreja que simpatizo, mas não sou filiado

() uma vez por mês

() somente em datas religiosas ou comemorativas

() uma vez por ano

AVALIAÇÃO SOCIAL

1. Se possui a documentação necessária para o exercício da vida civil, conforme dispõe o artigo 23, inciso VI, da Lei de Execução Penal? Caso negativo, indicar as providências tomadas para obtenção dos documentos faltantes.

O senhor Vanderlei, perdeu seus documentos quando ainda estava no presídio, conseguir emitir segunda via de seus documentos pessoais, e esse ano foi a primeira vez que votou após sua saída da prisão.

2. Informar se foi atendido pelo setor social durante o aprisionamento e se houve necessidade de intervenção, bem como as medidas adotadas.

Não foi atendido por nenhum setor pessoal, prática que não existia naquela época.

3. Informar se foi oportunizada atividade laboral ou escolar. Caso positivo, qual foi o desempenho?

Não teve, o condicionado tinha dificuldades, pois saiu da casa de pai ainda adolescente.

4. Descrever o contexto familiar, social e profissional do apenado, bem como suas fontes de sustento.

O senhor Vanderlei saiu da casa dos seus pais aos 14 anos, começou a trabalhar e conseqüentemente largou a escola, trabalhava em fábricas de calçados sempre de carteira assinada, antes da prisão. Hoje após sua saída, é casado e tem dois filhos, sua fonte de renda é através de uma microempresa de móveis planejados o qual sustenta sua família.

5. Indicar quem são as pessoas próximas, com os respectivos nomes, bem como as mais importantes, descrevendo como se relaciona com elas.

Seu Vanderlei cita sua família, que está com ele desde a sua saída, sua esposa, seus dois filhos e também seu pai que hoje mora na mesma cidade.

6. Indicar se recebeu suporte familiar, afetivo e material enquanto recluso, indicando de que forma ocorreu.

O suporte que o senhor Vanderlei recebeu foi mínimo, seus pais eram separados, e moravam distante do presídio em ele estava condicionado, durante todo o tempo preso, recebeu apenas duas visitas de seus pais, onde cita que era as únicas pessoas que tinha.

7. Descrever quais os planos para o futuro, pessoais e profissionais, quando ainda preso.

O senhor Vanderlei mostra sua vontade em terminar os estudos, ele diz que iniciou um estudo em bacharel em teologia em uma faculdade não reconhecida pelo MEC, mas parou, hoje está fazendo o EJA em busca de terminar seus estudos e começar a fazer uma faculdade. Ele relata também a sua vontade em prosseguir seu trabalho voluntário de assistência aos presos, pois vê esperança naquelas pessoas.